

Universidades por Projeto

**três universidades globais no campo
do Urbanismo no Brasil**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

LEANDRO DE SOUSA CRUZ

UNIVERSIDADES POR PROJETO
TRÊS UNIVERSIDADES GLOBAIS NO CAMPO DO URBANISMO NO BRASIL
(2008-2019)

Brasília
2020

LEANDRO DE SOUSA CRUZ

UNIVERSIDADES POR PROJETO

TRÊS UNIVERSIDADES GLOBAIS NO CAMPO DO URBANISMO NO BRASIL
(2008-2019)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Teoria, História e Crítica.

Orientadora: Profa. Dra. Elane Ribeiro Peixoto.

Brasília

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

FICHA CATALOGRÁFICA

UNIVERSIDADES POR PROJETO

TRÊS UNIVERSIDADES GLOBAIS NO CAMPO DO URBANISMO NO BRASIL

(2008-2019)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Resultado da Avaliação: _____

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Elane Ribeiro Peixoto
PPG-FAU-UnB (orientadora)

Profa. Dra. Ana Fernandes
PPGAU-FAUFBA (membro externo)

Prof. Dr. Carlos Benedito de Campos Martins
PGSOL-UnB (membro externo)

Profa. Dra. Maria Fernanda Derntl
PPG-FAU-UnB (membro interno)

Prof. Dra. Luciana Saboia Fonseca Cruz
PPG-FAU-UnB (membro suplente)

Brasília
2020

para J., M., L.

AGRADECIMENTOS

Considerando que não pode haver justiça, no mundo em rede, sem que todos os integrantes de uma atividade sejam registrados, devo começar reconhecendo que este trabalho, desenvolvido ao longo de cinco anos, não poderia mesmo ter sido uma tarefa solitária. Onde houver qualidade, por certo estarão presentes as contribuições que recebi, de modo que chega a ser tentador afirmar que a pesquisa chegou ao estágio atual disfarçada de ação coletiva.

Sou extremamente grato à professora Elane Peixoto por ter aceitado orientar a pesquisa. A precisão de seus comentários, desde a montagem do anteprojeto e durante todo o processo, bem como a erudição e a tranquilidade com as quais transita pelos campos de conhecimento, ofereceram-me um lugar seguro de onde pude investir nas reflexões da tese. Foi especialmente gratificante o último ano, quando pude estar mais presente no PPG-FAU-UnB e me beneficiar das sessões de orientação, das atividades do grupo de pesquisa *Cidades Possíveis* e dos encontros na disciplina *Cidade Contemporânea*, junto ao professor Carlos Henrique Lima.

Também sou extremamente grato às professoras Ana Fernandes e Carolina Pescatori e ao professor Carlos Benedito Martins, membros da banca no Exame de Qualificação, pela avaliação rigorosa, consistente e generosa do material. À professora Ana Fernandes soma-se mais um agradecimento, pelo sentido dado à formação, bem como pela convivência de muitos anos que me oferece base empírica para entender a noção de “Estado de Grande”. À professora Carolina Pescatori, pelas indicações de bibliografia e reorientação da abordagem sobre os estudos de caso, no esforço de não conduzir a polaridades fáceis. A presença do professor Carlos Martins foi fundamental para a pesquisa, pois deu norte à leitura da obra de Luc Boltanski e levou a uma necessária iniciação, ainda que apressada, à de Pierre Bourdieu. Para além disso, sua produção acadêmica tornou-se uma das premissas do trabalho, considerando o debate sobre a formação de um sistema transnacional de ensino superior. Antecipo, ainda, os agradecimentos à professora Maria Fernanda Derntl por ter aceitado participar da banca final.

Deste ponto em diante, os agradecimentos poderiam se confundir com um recenseamento das cidades e universidades por onde passei. Deixo meus agradecimentos aos colegas com os quais pude compartilhar, no *campus* e na rua, inquietações e urgências da pesquisa. Em território goiano, incluindo Brasília, agradeço especialmente a Ana Flávia Rêgo Mota e Camila Gomes Sant’anna, junto a Ana Colantoni, Adriana Farias, Ana Clara Giannecchini, Ana Elisabete Medeiros, Danilo Santos, Diego Luna, Francisco Júnior, Guilherme Borges, Hannah Zuquim, Ítalo Oliveira, João Paulo Huguenin, Josué Sene Capuchinho, Karine Oliveira, Laila Loddi, Letícia Loder, Lucas Brasil, Lucas Felício, Maribel Fuentes, Pedro

Britto, Sued Ferreira e Técio Martins. Em Salvador, meus agradecimentos a Adriana Lima, Aline Barroso, Aline Figueirôa, Ana Carolina Bierrenbach, Angela Franco, Camille Lordelo, Daniel Marostegan, Gabriela (Gaia) Pereira, Glória Cecília Figueiredo, Ícaro Vilaça, Ida Pela, Joaquim Nunes, José Carlos Huapaya, Juliana Nery, Junia Mortimer, Liana Viveiros, Luis Guilherme Albuquerque, Mayara Araújo, Pedro Henrique Macêdo, Sanane Sampaio, Thais Rosa e Wagner Moreira. Dos intervalos em Recife, nos Ilhéus, no Rio de Janeiro e em São Paulo, agradeço a acolhida e as contribuições valiosas de Iris Lucas, André Luiz Araujo, Priscila Gonçalves, Cristhiano Aguiar e Nádia Moura.

Contei com a generosidade de muitos agentes envolvidos nos programas de colaboração analisados na pesquisa. O contato mais longo se deu com as lideranças comunitárias de sete coletivos e comunidades em Salvador, interlocutores do grupo de pesquisa *Lugar Comum* nas disputas urbanas, políticas e intelectuais sobre o Direito à Cidade. Agradeço especialmente a Maria Lucianne Lobato (Lôra), Ana Caminha e Sandra Regina Santos, juntas a Alex Sandro Lima (Leco), Cícero Mello, Claudenice Almeida, Cleide Santos, Derivaldo Cardoso (Neguinho), Gilmário Pereira, Jecilda Mello (Pró Cida), Jenilton Santos, José Eduardo Ferreira Santos, Joseval de Jesus (Tito Lama), Luciene dos Santos, Luis Damasceno, Maísa Pereira de Jesus, Marcos Antônio Ribeiro, Maria Helena Ramos Belos, Roque Oliveira, Vânia Machado, Vera Lúcia Teixeira e Vilma Soares Ferreira Santos. Dentre os estudantes com quem tive a oportunidade de conviver no curso do intercâmbio entre UFBA e UCL, agradeço as contribuições e questionamentos de Alessandra Schmidt, Beatrice Oliveira, Blanca Matte, Caroline Liu, Débora Araújo, Delano Aguiar, Dervin Osbourne, Dvora Avramzon, Elisete (Lis) Vidotti, Hannah Collins, Huanxiang Chen, Leonardo Stanziola, Thiscianne Pessoa e Yolanda Lopez.

Sou igualmente grato a professores, profissionais e pesquisadores vinculados aos projetos de colaboração analisados, pelos comentários e interesse em acompanhar o desenvolvimento da pesquisa. À equipe da DPU: Alexandre Frediani, Andrea Rigon, Federica Risi, Ignacia Ossul, Julian Walker e Vanessa Mendes. Aos envolvidos nas atividades do *Studio-X New York*, *Studio-X Rio* e *Columbia Global Center Rio*: Gavin Browning, Pedro Rivera, Raul Corrêa-Smith e Teresa Borges. E a Ana María Durán Calisto e Felipe Correa, coordenadores do *The South America Project*.

Em diferentes ocasiões apresentei a pesquisa em atividades acadêmicas ou encontros informais, quando recebi críticas, sugestões e indicações de bibliografia relevantes. Agradeço, pelas contribuições: Amélia de Farias Panet Barros, Angélica Benatti Alvim, Fernando Luiz Lara, Henri Acselrad, Ivan Manoel Rezende do Valle, José Tavares Correia de Lira, João Marcos de Almeida Lopes, Lídia Quiêto Viana, Luiz Manuel do Eirado Amorim, Marcio Cotrim Cunha, Maria Dulce Picanço Bentes Sobrinha, Maria Lucia Refinetti Martins, Margareth da Silva Pereira, Paola Berenstein Jacques, Paulo Afonso Rheingantz, Renato Anelli, Rodrigo Santos de Faria, Sérgio Moraes Rego Fagerlande e Thais de Bhanthumchinda

Portela. A Sylvia Ficher e Pedro Paulo Palazzo, agradeço pelas contribuições ao primeiro esboço do anteprojeto de pesquisa. A Luciana Saboia, pela disponibilidade em conversar e por compartilhar suas reflexões sobre internacionalização e rotinas de pesquisa em universidades estrangeiras. A Eduardo Rossetti e Ricardo Trevisan, pelos encontros breves que, de tão frequentes, somaram-se em uma forma de orientação para a tese e para a vida acadêmica como um todo.

Nos que são de casa encontrei o conforto e o impulso, agindo como se nem fizessem parte do que levou a este projeto, como se ele não tivesse iniciado há muito mais tempo, da certeza de que filhas e filhos das classes trabalhadoras temos o direito de usufruir da universidade pública e gratuita, este espaço singular de onde é possível lançar-se na aparência do mundo. E mais um agradecimento a Juliano Carvalho, meu grande companheiro.

Por fim, não somente cumpre como também me agrada registrar que esta pesquisa contou com financiamento da CAPES, através da concessão de bolsa de estudos, entre janeiro de 2016 e março de 2019. Beneficiou-se ainda de licença para capacitação, autorizada pela Faculdade de Arquitetura da UFBA, no período entre os fevereiro de 2019 e 2020, quando pude retornar a Brasília para fazer a redação definitiva do texto. Iniciada em 2015, a pesquisa foi desenvolvida durante período de convulsão política. Nos momentos em que as instituições ameaçam parar de funcionar normalmente, sua dimensão corpórea fica evidenciada na atuação dos que se comprometem com sua função pública e com a defesa e ampliação da democracia. Aos representantes institucionais e funcionários do PPG-FAU-UnB, UFG-Regional Goiás e FAUFBA, manifesto meus sinceros agradecimentos, por me permitirem dispor das condições necessárias à realização do trabalho. Começamos, então.

CRUZ, Leandro de Sousa. **Universidades por Projeto**: três universidades globais no campo do Urbanismo no Brasil. 216 f. il. 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

RESUMO

Esta tese analisa um conjunto de experiências de colaborações acadêmicas entre três universidades globais – Harvard University, Columbia University e University College London – e instituições no Brasil, no desenvolvimento de atividades de pesquisa, oficinas, ateliês de projeto e consultoria urbana. Parte-se do pressuposto que as universidades globais, ditas de Classe Mundial, circulam com bastante destreza em um sistema de educação superior que está além das fronteiras territoriais, numa esfera multiescalar que atravessa os poderes local e nacional. Considera-se, ainda, que a formação em Urbanismo e Planejamento nos grandes centros, atualmente, impõe a necessidade de se adquirir prática na atuação transfronteiriça, como parte das exigências do mundo do trabalho, adquirindo as habilidades para a atuação global. A matriz analítica das *Cités*, formulada por Luc Boltanski junto a Laurent Thévenot e Ève Chiapello, serve de referência para se construir um quadro com os principais valores, perfis e dispositivos que estão em jogo, nas situações em que se realizam as atividades de colaboração, considerando que elas se estruturam em rede e visam, em princípio, à sua ampliação e aos benefícios para o bem comum que se pode obter com o compartilhamento de ideias e de experiências. Constrói-se, assim, o que se chama, nesta pesquisa, por “Universidade por Projetos”, como uma nova relação entre a vida acadêmica e a rotina de inserir-se em projetos de pesquisa os mais variados quanto possível, em um ritmo marcado pelo tempo do mercado, o que impede maiores investimentos críticos e a construção de redes de solidariedade mais sólidas. Partindo das contribuições de Pierre Dardot e Christial Laval, a análise de como estes projetos se inserem nas estruturas de pesquisa mostrou como a governamentalidade neoliberal, enquanto uma racionalidade, está assentada na lógica empresarial e concorrencial das unidades acadêmicas. A partir dos estudos de caso, foi possível identificar que as atividades de pesquisa aplicada vêm se mostrando instrumentais a esta racionalidade, tendendo a legitimar a atuação de multinacionais e do Estado na condução do território, sem abrir oportunidades para maior participação popular. Também foram identificadas expressões de contracondutas, como alternativas a este processo mais amplo, que se destacam, antes de tudo, pela potencial inserção dos movimentos sociais em redes de colaboração acadêmica.

Palavras-chave: Educação Superior. Ensino de Arquitetura e Urbanismo. Urbanismo Contemporâneo. Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo.

CRUZ, Leandro de Sousa. **Projective Universities**: three global universities in the field of Urbanism in Brazil. 216 f. il. 2020. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Graduate Program in Architecture and Urbanism; Faculty of Architecture and Urbanism, University of Brasília, Brasília, 2020.

ABSTRACT

This thesis analyzes a group of academic collaborations experiences related to three global universities – Harvard University, Columbia University, and University College London – and Brazilian institutions, whether in the development of research activities, workshops, design studios and urban consultancy. It is assumed that global universities, so-called World Class, navigate with cunning abilities in a higher education system that is beyond territorial boundaries, in a multi-scale domain that crosses local and national powers. It is also considered that training in Urbanism and Planning in significant centres, currently, imposes the need to acquire skills in cross-border operations, as part of the demands from the work world, acquiring the skills for global practice. The Cités analytical framework, formulated by Luc Boltanski with Laurent Thévenot, and Ève Chiapello, serves as a reference to build a frame with the main values, profiles and devices that are usually at stake for those the situations in which collaboration activities are carried out. These research activities are considered as structured in a network, directed towards its expansion, benefiting the collective domain with the sharing of ideas and experiences. This way, the “Projective University”, as it is called in this Thesis, represents a new relationship between academic life and the routines of being inserted in research projects as varied as possible, at a marked pace due to the time of the market world, which inhibits greater critical investments and the construction of more solid networks of solidarity. Based on the contributions of Pierre Dardot and Christian Laval, the analysis of how these projects fit into the research structures showed how neoliberal governmentality, as rationality, is strongly established on the entrepreneurial and competitive logic of academic units. From the case studies, it was possible to identify that the applied research activities have been instrumental to this rationality, tending to legitimize the role of multinationals and the State in conducting the territory, without opening opportunities for greater popular participation. Expressions of counter-conduct were also identified, as alternatives to this broader process, which stand out, above all, for the potential insertion of social movements in academic collaboration networks.

Key words: Higher Education. Architecture and Urbanism Education. Contemporary Urbanism. Research in Architecture and Urbanism.

LISTA DE FIGURAS

[n.i.]	<i>Bandeira Ocidental no Espaço Israel Pinheiro</i> . Eixo Monumental, Brasília, Brasil.	18
[n.i.]	<i>Bandeira Ocidental</i> na entrada do <i>Gund Hall</i> . Rua Quincy, Cambridge, Estados Unidos.	21
Fig. 1	Diagrama apresentado pelo SPAE, ilustrando a rede de instituições a serem envolvidas	26
Fig. 2	Página do endereço eletrônico da GSAPP.	31
Fig. 3	Capas de livros da GSD sobre Urbanismo Ecológico.	32
[n.i.]	<i>Bandeira Ocidental</i> ao lado do casarão onde funcionou o <i>Studio-X Rio</i> , entre 2011 e 2017. Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil.	43
Fig. 4	Redesenho e tradução do diagrama da tripla hélice das Universidades de Classe Mundial (UCM).	63
[n.i.]	<i>Bandeira Ocidental</i> na entrada do <i>Avery Hall</i> . Avenida Amsterdã, Nova Iorque, Estados Unidos.	79
Fig. 5	Diagrama ilustrando a rede internacional de telefone, material encontrado no arquivo de Le Corbusier para a revista <i>L'Esprit Nouveau</i> .	89
Fig. 6	Ilustrações do Studio-X Global Network Initiative, numa versão do endereço eletrônico do programa em 2010.	93
Fig. 7	Ilustrações do Studio-X Global Network Initiative em 2014, com as dez sedes globais e do Studio-X Pop-Up Shenhen.	94
Fig. 8	Diagrama representando as equipes que integravam o projeto The South America Project (SAP).	95
Fig. 9	“Quem nós somos § Mapa de Engajamento” (“Who we are § Engagement map”) da The Bartlett-DPU, ilustrando o alcance global de suas atividades desde o ano 2000.	97
Fig. 10	Páginas do jornal “Cidade Comum – Aprendendo Juntos”, produzido ao final do Intercâmbio Cidade Comum.	98
Fig. 11	Capa e página interna do documento “The IIRSA Workshops; Portfolio of Projects; Spring 2012-Fall 2013”	104
[n.i.]	<i>Bandeira Ocidental</i> na entrada da <i>The Bartlett School Development Planning Unit</i> (DPU). Praça Tavistock, Londres, Inglaterra.	131
Fig. 12	Receita destinada à pesquisa na GSD, no período entre 2010-2018.	142
Fig. 13	Principais áreas de atuação do DFID.	161
[n.i.]	<i>Bandeira Ocidental</i> na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUUFBA). Rua Caetano Moura, Salvador, Brasil.	179

LISTA DE GRÁFICOS

Gráf. 1	Evolução do financiamento internacional para pesquisa em Harvard (em US\$ milhões).	67
Gráf. 2	Orçamento consolidado da Harvard University – distribuição das fontes.	139
Gráf. 3	Distribuição das fontes de orçamento na Harvard University e em quatro unidades acadêmicas (2018).	140
Gráf. 4	Variação no orçamento geral da Harvard GSD, entre 2012-2018 (eixo vertical em milhões de dólares).	140
Gráf. 5	Distribuição percentual das fontes que compõem o orçamento da Harvard GSD, entre 2008-2018.	141
Gráf. 6	Laboratórios, Centros e Iniciativas de Pesquisa em Harvard GSD (2007-2019).	143
Gráf. 7	Principais entidades financiadoras das pesquisas desenvolvidas na GSD (ca.2000-2018)	147
Gráf. 8	Orçamento consolidado da Columbia University – distribuição das fontes.	148
Gráf. 9	Laboratórios de Pesquisa na Columbia GSAPP (2004-2019).	149
Gráf. 10	Centros e Iniciativas de Pesquisa na Columbia GSAPP (2004-2019).	150
Gráf. 11	Orçamento consolidado da University College London – distribuição das fontes.	151
Gráf. 12	Entidades financiadoras de pesquisa na UCL	152
Gráf. 13	Aumento no orçamento da DPU entre 1979-2010 (eixo vertical em £ milhões).	158
Gráf. 14	Entidades financiadoras das atividades de pesquisa na The Bartlett-DPU desde meados dos anos 1990.	160

LISTA DE QUADROS

Quad. 1	Proporção de estudantes estrangeiros por unidade em Harvard (2018-2019)	67
Quad. 2	Unidades, Centros e Escritórios da Harvard University fora dos Estados Unidos.	68
Quad. 3	Receita do DRCLAS, entre 1999-2018	70
Quad. 4	País de origem das principais corporações e fundações financiadoras do DRCLAS.	71
Quad. 5	Sedes dos Columbia Global Center e Studio-X fora dos Estados Unidos.	74
Quad. 6	Dados sobre os Columbia Global Centers (CGC) no mundo.	75
Quad. 7	Programas de Colaboração Acadêmica ofertados aos estudantes da Columbia University.	75
Quad. 8	Países com os quais a UCL mantém parcerias de pesquisa.	77
Quad. 9	Categorias do estágio “Antropologia e naturalidade da cidade por projetos”.	88
Quad. 10	Categorias do estágio “Princípio de julgamento e hierarquia dos seres na cidade por projetos”	101
Quad. 11	Categorias do estágio “Formas de justiça da cidade por projetos”.	114

ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	The Architectural Association School of Architecture
ACCS	Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade (UFBA)
AECOM	Architecture, Engineering, Consulting, Operations, and Maintenance; AECOM Technology Corporation
ANPARQ	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo
ANPUR	Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional
Bartlett; The Bartlett	The UCL Bartlett Faculty of the Built Environment
BISS	Bartlett International Summer School: The Production of the Built Environment
BM; GBM	Banco Mundial; Grupo do Banco Mundial
CGC	Columbia Global Center(s)
CGT	Columbia Global Thought
DPU	The Bartlett Development Planning Unit
DRCLAS	The David Rockefeller Center for Latin American Studies
ETH-Zürich	Eidgenössische Technische Hochschule Zürich
FAUFBA	Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia
FAU-UnB	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília
FAU-USP	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
GSAPP	Columbia University Graduate School of Architecture, Planning and Preservation
GSD	Harvard Graduate School of Design
HABI; HABI-Sehab	Superintendência de Habitação Popular da Secretaria de Habitação de São Paulo
Habitat UNI	UN-Habitat's Partnership with Universities Worldwide
ILAS	Institute of Latin American Studies (Columbia University)
IIRSA	Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana
LaUAs	Landscape as Urbanism in the Americas
LILP	Lincoln Institute of Land Policies
MIT	Massachusetts Institute of Technology

MSc SDP	Master Programme in Social Development Practice (The Bartlett-DPU); <i>Master em Práticas de Desenvolvimento Social</i>
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OFU	The Harvard GSD Office for Urbanization
OMC	Organização Mundial do Comércio
ONU	Organização das Nações Unidas
PPGAU-FAUFBA	Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA
PPGFAU-UnB	Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-UnB
Projetar	Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa do Projeto
PUC-Rio	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUCE	Pontificia Universidad Católica del Ecuador
SAP	The South America Project (Harvard GSD)
SeNAU	Seminário Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
SEPEPUR	Seminário de Avaliação do Ensino e da Pesquisa em Estudos Urbanos e Regionais
SLUM Lab; S.L.U.M. Lab	Sustainable Living Urban Model Lab (Columbia GSAPP)
SPAE	São Paulo Architecture Experiment
UCL	University College London
UCLA	University of California, Los Angeles
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFG	Universidade Federal de Goiás
UN-Habitat	Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (United Nations Human Settlements Programme)
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (The United Nations Organization for Education, Science and Culture)
WB; WBG	World Bank; World Bank Group
WTO	World Trade Organization
YSOA	Yale School of Architecture

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	8
ABSTRACT	9
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE GRÁFICOS	11
LISTA DE QUADROS	12
ABREVIATURAS E SIGLAS	13
[nota prévia – sobre a arte de fincar bandeiras]	18
[1] INTRODUÇÃO	21
1.1 Internacionalização e Formação de um Sistema Transnacional de Educação Superior	28
1.2 O Urbanismo, Visto do Norte	29
1.3 O Marco Teórico das <i>Cités</i> e a Universidade por Projetos	32
1.4 Hipótese Central, Objetivos e Justificativas.....	33
1.5 Apresentação Geral dos Estudos de Caso.....	35
1.3.1 <i>The South America Project (SAP) e Landscape as Urbanism in the Americas (LaUA)</i>	35
1.3.2 <i>Studio-X Rio</i>	37
1.3.3 <i>Intercâmbio Cidade Comum</i>	38
1.6 Caminhos Metodológicos e Principais Fontes.....	40
1.7 Estrutura da Tese	41
[2] CAPÍTULO I – A UNIVERSIDADE EM TRÂNSITO NO SISTEMA TRANSNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR	43
2.1 Globalização, Produção do Conhecimento e a UNIVER©IDADE.....	46
2.2 Imperativos da Internacionalização: Conceitos, Políticas e Modelos.....	54
2.3 Aspectos do “Modelo Global Emergente” e a Presença das Universidades em Solo Estrangeiro	63
2.4 Ações de Internacionalização a partir de Três Universidades Globais	65
2.1.1 <i>Harvard University</i>	65
2.1.2 <i>Columbia University</i>	72
2.1.3 <i>University College London</i>	77

[3] CAPÍTULO II –COLABORAÇÕES ACADÊMICAS NA UNIVERSIDADE POR PROJETOS: PROSELITISMO, EMPREENDEDORISMO ACADÊMICO E SUSPENSÃO DA CRÍTICA	79
3.1 Pesquisa em Rede e o Proselitismo da Disposição a Colaborar	87
3.2 Portfólio de Atividades, Empregabilidade e Empreendedorismo Acadêmico.....	100
3.3 Formação de Novos Projetos e Suspensão da Crítica	113
3.4 Diferencial de Mobilidade e Assimetrias.....	123
[4] CAPÍTULO III –A PESQUISA APLICADA EM URBANISMO COMO DISPOSITIVO DA GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL	132
4.1 A Governamentalidade Neoliberal nos Centros e Laboratórios de Pesquisa.....	138
4.2 Pesquisa Aplicada, Condutas e Contracondutas na Produção do Território.....	164
4.3 Pesquisa como Atividade e Pesquisa-Ação	176
CONCLUSÕES	179
REFERÊNCIAS	191
APÊNDICES	217
Apêndice A	217
Apêndice B	217
Apêndice C	217

– Você acha – perguntou Karl – que eu também vou conseguir um emprego?

– Com toda a certeza – disse Fanny –, pois é o maior teatro do mundo. Que feliz coincidência, estaremos juntos novamente! Em todo caso depende de que posto você vai conseguir. Pois também seria possível que, mesmo estando nós dois empregados aqui, não conseguíssemos nos ver nunca.

– Será que realmente é tudo tão grande assim? – perguntou Karl.

– É o maior teatro do mundo – disse Fanny de novo –, é bem verdade que eu mesma ainda não o vi, mas algumas das minhas colegas que já estiveram em Oklahama dizem que ele é quase sem limites.

Franz Kafka,
O desaparecido ou Amerika

[nota prévia – sobre a arte de fincar bandeiras]



Bandeira Ocidental no Espaço Israel Pinheiro. Eixo Monumental, Brasília, Brasil.

À esquerda, sob as árvores, o *Espaço Israel Pinheiro* (1994), obra de Oscar Niemeyer, onde se realizou uma edição das conferências *Landscape as Urbanism in the Americas*, em março de 2016. À direita, em segundo plano, o *Mastro Especial da Praça dos Três Poderes* (1972), obra de Sergio Bernardes, e as torres anexas do *Congresso Nacional* (1960), de Oscar Niemeyer.

Nesta e nas demais páginas de abertura das seções da Tese, apresentam-se montagens com a obra *Bandeira Ocidental* (*Western Flag*, 2017), de John Gerrard, fincando-as nos locais onde se realizaram as colaborações analisadas como estudos de caso.

A imagem da capa mostra um detalhe da obra *Bandeira Ocidental* (*Western Flag*, 2017), do artista irlandês John Gerrard. Para ser mais preciso, trata-se de uma captura de imagem de uma vídeo-instalação. A obra simula o hasteio de uma bandeira sobre o ponto onde foi escavado o primeiro grande poço de petróleo do mundo, em Spindletop, nos Estados Unidos da América. Na extremidade da haste há sete furos, como as sete listras vermelhas da bandeira imperial, de onde se expele uma fumaça do que restou do poço, agora extinto para fins comerciais.

Sua primeira exibição, em 2007, se deu no pátio da *Somerset House*, em Londres, um antigo palácio de governo que hoje abriga funções culturais. Naquele mesmo ano foi reproduzida em Viena e mais recentemente ainda, em 2019, instalada no *Museo Nacional Thyssen-Bornemisza*, em Madri, Espanha, para coincidir com a realização da Conferência da ONU sobre o Clima (COP25).

Para Guilherme Wisnik, a obra perde força por se tratar de uma animação digital, o que rebaixaria seu alcance crítico. (WISNIK, 2018, p. 51-53) Acreditamos que a virtualidade da *Bandeira Ocidental* serve à problematização desta tese, em que são analisados casos de colaboração acadêmica entre duas universidades dos Estados Unidos e uma inglesa – *Harvard University*, *Columbia University* e *University College London* – que nos últimos dez anos tiveram participação no campo do Urbanismo no Brasil, com experiências de pesquisa aplicada, oficinas, estúdios de projeto, consultoria, exposições, entre outras atividades. Leves em um sistema de educação superior que desafia as bases nacionais das instituições universitárias, mas valendo-se de suas consolidadas reputações no cenário internacional, elas participam de um complexo processo de transferência de ideias e modelos, e não apenas de Urbanismo.

Nas aberturas de todas as seções desta Tese são apresentadas montagens, com a *Bandeira* instalada nos locais onde aconteceram as atividades de colaboração que compõem os estudos de caso da pesquisa. A falta de um responsável por tê-la fincado, a ausência do explorador, do missionário, de um colonizador ou de uma musa que a carregue em meio aos insurgentes faz pensar se a bandeira já não se encontrava nestes espaços há muito mais tempo.

[1]
INTRODUÇÃO



Bandeira Ocidental na entrada do *Gund Hall*. Rua Quincy, Cambridge, Estados Unidos.

O edifício conhecido como *Gund Hall* (1972) é obra dos arquitetos John Andrews e Anderson Baldwin, sede da *Harvard University Graduate School of Design* (GSD).

O que podemos fazer hoje, se estivermos verdadeiramente preocupados em favorecer a internacionalização da vida intelectual? Acreditamos com freqüência que a vida intelectual é espontaneamente internacional. Não há nada mais falso. A vida intelectual, como todos os outros espaços sociais, é o lugar de nacionalismos e imperialismos, e os intelectuais veiculam, quase tanto quanto os outros, preconceitos, estereótipos, idéias pré-concebidas, representações muito sumárias, muito elementares, que se alimentam dos acidentes da vida cotidiana, das incompreensões, dos mal-entendidos, das feridas (por exemplo, aquelas que o fato de ser desconhecido em um país estrangeiro pode infligir ao narcisismo).

Pierre Bourdieu

As Condições Sociais da Circulação Internacional de Idéias, 2002 [1990].

Em declaração à revista *Forbes*, em 1997, Peter Drucker acreditava estar perto o fim dos grandes *campi* universitários, como instalações físicas que concentram as atividades de ensino, palestras e cursos acadêmicos regulares. Eles sobreviveriam como “reliquias” no prazo de trinta anos, segundo o administrador, considerando que os avanços nas telecomunicações diminuiriam, sensivelmente, a necessidade da mobilidade física para quem desejasse fazer parte do mundo acadêmico. Considerava, ainda, que os índices de matrículas sofreriam forte redução, levando a uma crise nas universidades, posto que as famílias não poderiam investir tão alto na educação superior, cujas anuidades aumentando, cada vez mais, se aproximariam dos custos de moradia. (DRUCKER, LESNER e JOHNSON, 1997)

O prazo da prescrição apontada por Drucker ainda não expirou, mas, até o momento, nada poderia estar mais distante da realidade, dada a importância que os estabelecimentos universitários continuam tendo como lugar de formação, pesquisa e de participação na vida pública, autorizados a conferir diplomas, status e legitimidade institucional. As razões para que esta previsão não se tenha cumprido são variadas, por se tratar de um campo tão complexo em sua relativa autonomia e nas relações que estabelece como o campo do poder, para usar os termos bourdianos. (BOURDIEU, 1996) Em uma apresentação inicial como esta, no entanto, cabe arriscar a simplificação de que, ao final dos anos 1990, ainda não era tão evidente. No imaginário, a assimilação da teoria do “capital humano”, na busca por reconhecimento e garantia de emprego, nas avaliações e nas políticas mais alvissareiras sobre o futuro da educação, do trabalho, e do desenvolvimento humano como um todo.

A entrada da educação superior como serviço passível de ser oferecido em escala global, a partir dos anos 1990, foi acompanhada de outro sentido de valorização, a do investimento pessoal, numa lógica competitiva em busca de melhores posições no mercado de trabalho e, embora esta segunda motivação

não seja uma novidade, e de distinção. Famílias, empresas, profissionais independentes e governos nacionais seguem investindo vultosas somas de dinheiro em formação terciária, aperfeiçoamento e cursos de capacitação, tanto presenciais quanto à distância. Trata-se de um mercado global, que desde o começo dos anos 2000, conta com investimentos e despesas da ordem dos trilhões de dólares, envolvendo desde empresas de capital aberto às seculares e prestigiadas universidades europeias e norte-americanas (SOUSA SANTOS, 2010). Se mesmo isto não puder servir como indício, as polêmicas recentes em torno das declarações de representantes políticos com relação à sua formação acadêmica, falsamente atribuídas a grandes universidades nos Estados Unidos, não deixariam dúvidas sobre a importância que ainda lhes é atribuída.

A experiência da vida universitária assegura, ou ao menos promete, um lugar certo para o exercício do livre pensar, do embate de ideias, de experimentações no limite da capacidade técnica e da radicalidade do pensamento, para o encontro com a alteridade e o necessário aprendizado sobre o lidar com a diferença, tanto mais importante num mundo em que a capacidade de comunicação em tempo real, entre vizinhos ou antípodas, é um dado quase inquestionável. Numa virada imprevista para muitos que se impressionaram com a revolução informacional, as tecnologias que permitem a realização de cursos à distância e a conexão entre localidades distintas não impediram o aumento da mobilidade acadêmica numa escala planetária.

Nos campos da Arquitetura, do Urbanismo e do Planejamento, a universidade enquanto instituição e o *campus* como sua lógica moderna de implantação no território vêm adquirindo centralidade em alguns debates. Seja pela sua importância estratégica, localizada em áreas nobres do tecido urbano, seja como potencial catalizadora de novos investimentos para áreas de expansão do mercado imobiliário, a Universidade vem sendo apresentada como modelo de intervenção urbana capaz de representar aspirações cívicas e impulsionar o desenvolvimento urbano. Se a declaração de Drucker não se realizou ainda como profecia pouco importa, mesmo porque não foi esta sua intenção, mas ela enseja a estabelecer uma apreciação sobre as formas como as universidades dão suporte ao trânsito de ideias e pessoas.

As universidades continuam sendo o lugar para onde convergem interessadas e interessados na vida acadêmica e onde se aposta em sua capacidade de promover desenvolvimento local e mesmo regional. Aqui se trata de investimentos de longa duração, que justificam sua implantação em supostos descampados como se deu com a fundação da *Universidade de Brasília* nos anos 1960 ou da *Education City*, no Qatar, cujas obras foram iniciadas ao final dos anos 1990. Em ambos os casos, mobilizaram-se o imaginário das cidades universitárias modernas e múltiplos esforços práticos para sua realização.

O debate que se propõe realizar a partir desta tese está centrado em situações em que universidades estrangeiras se mostram como importantes agentes, em parceria com instituições brasileiras, realizando atividades de pesquisa aplicada, ensino, projeto, oficinas ou consultoria nos campos do Urbanismo e do Planejamento. A natureza das parcerias, assim como das instituições envolvidas, é bastante diversa, compreendendo universidades de diferentes portes, poder público, Organizações Não Governamentais (ONGs), coletivos e associações comunitárias, agências de governo e investidores privados. Tamanha variedade de agentes supõe uma aparente indefinição do objeto estudado, que poderia mesmo se confundir com outras práticas do urbanismo em produção nas grandes metrópoles brasileiras, não fosse o papel das universidades nos casos estudados. Com isso, a Universidade assume lugar central nesta pesquisa, que nos permitirá entender melhor as particularidades destas ações e quais são as contribuições que podem ser aventadas a partir delas.

A construção do problema desta pesquisa de Doutorado começou a ser mobilizada durante a pesquisa anterior, no Mestrado em Arquitetura e Urbanismo do PPGAU-FAUFBA, (CRUZ, 2013), em que se investigava a produção de Habitação de Interesse Social no Brasil, desde os anos 1990, dando atenção ao que foi desenvolvido em estruturas de governo e através de mutirões autogeridos nos estados da Bahia e de São Paulo. Tomou-se conhecimento de um volume expressivo de colaborações, iniciadas por volta de 2007-2008, entre a Superintendência de Habitação Popular da Secretaria de Habitação de São Paulo (HABI), sob coordenação da arquiteta Elisabete França, e universidades estrangeiras de grande porte, tais como Harvard, Columbia, *Eidgenössische Technische Hochschule Zürich* (ETH-Zürich), *Massachusetts Institute of Technology* (MIT), *University of California, Los Angeles* (UCLA) e *Berlage Institute*. (FRANÇA e COSTA, 2012; SERAPIÃO, 2012; 2016a). Muito embora essas instituições e fatos não tenham seguido como estudos de caso para esta pesquisa em seu desenvolvimento final, serviram de referência para a indicação de um recorte temporal de análise sobre a atuação de universidades estrangeiras no Brasil, iniciado em 2008, considerando sua proximidade com um maior afluxo geral de outras universidades atuando no país no campo do Urbanismo¹ e que coincide, ainda, com o aumento

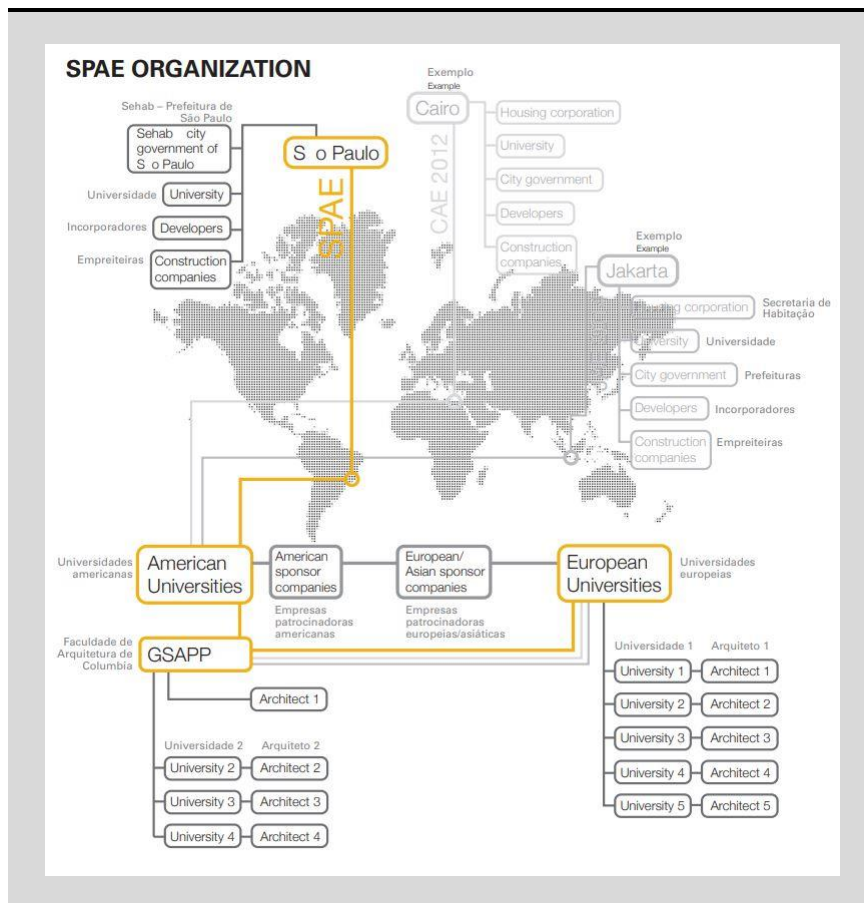
¹ Apenas para mencionar outros casos, considere-se a participação de Marc Angélil e Rainer Hehl, da ETH-Zürich, não apenas em São Paulo, como também no Rio de Janeiro e na região amazônica; (ANGÉLIL, HEHL e SOMETHING FANTASTIC, 2011; 2013; 2014) experiências da *Architectural Association School of Architecture* (AA) em São Paulo, Rio de Janeiro e Recife; (ARCHITECTURAL ASSOCIATION SCHOOL OF ARCHITECTURE e UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2014; BRANDÃO, AMORIM e BRASILEIRO, 2016) atividades da *Yale School of Architecture* (YSOA) em Brasília e em São Paulo, voltadas ao estudo sobre mercado imobiliário; (FARLEY e BERKE, 2011; BIRMAN e BALD, 2017) a participação de membros da Escola de *Design* da *University of Pennsylvania* em atividades no Porto do Rio de Janeiro e na proposta de um Consórcio Urbano para a cidade de São Paulo; (UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA, 2012; 2015) a colaboração entre o grupo de pesquisa *Metrópole Fluvial*, da FAU-USP, e a *Universidade de Princeton*; (GANDELSONAS e DELIJAICOV, 2018) uma oficina de projeto entre o *Politécnico de Milão* e a FAU-UnB; (SABOIA e DERNTL, 2014) a colaboração entre o grupo de pesquisa *Lugar Comum*, da FAUFBA, e a *École Polytechnique Fédérale de Lausanne* (EPFL), entre tantas outras parcerias que ainda poderiam ser mencionadas. Em comum a todas está a ocorrência, em cidades brasileiras, de oficinas, ateliês ou estúdios para a realização de projetos de Arquitetura e Urbanismo ou para a elaboração de Planos, na esfera do Planejamento

de interesses do capital transnacional, em função do *boom* de *commodities*, no território sul-americano. (ACSELRAD, 2018; ARBOLEDA, 2015a; 2015b; 2017; BRENNER, 2018). Os interesses sobre o Brasil foram intensificados, ainda, pela proximidade de grandes eventos esportivos, mobilizando universidades e escritórios de Arquitetura e Urbanismo, incluindo professores ligados aos departamentos analisados nos estudos de caso, pelo interesse em desenvolver propostas no Brasil. (MACHADO, 2016)

Neste mesmo contexto que serviu como mobilizador inicial da pesquisa que gerou esta tese, uma das parcerias entre a HABI e a *Columbia University* foi desenvolvida como um grande projeto de atuação da Prefeitura de São Paulo junto a outras universidades de todo mundo, numa estrutura em rede que deveria incorporar, ainda, outros profissionais, incorporadoras e construtoras. O diagrama do projeto, intitulado *São Paulo Architecture Experiment* (SPAE), serviu como instigador para o que foi desenvolvido como *Universidade por Projetos*, título desta tese (Figura 1).

Figura 1

Diagrama apresentado pelo SPAE, ilustrando a rede de instituições a serem envolvidas.



Fonte: Brillembourg, França, Zacarias e Klumpner. (2012, p. 7)

Urbano e Regional, com a participação de professores, pesquisadores, estudantes e profissionais, brasileiros e estrangeiros.

Para França, aquele era um momento em que já se havia consolidado, no Brasil, um “pensamento urbanístico próprio”, resultado do acúmulo de experiências pioneiras – como as desenvolvidas por Carlos Nelson nos anos 1970 – e de ações em grande escala como as do Programa Favela-Bairro e do Programa Guarapiranga, nos anos 1990. Desenvolve-se no país, segundo a autora, uma cultura de projeto que “[...] reconhece as preexistências territoriais como resultado dos esforços coletivos realizados pelas famílias que constroem suas casas, e que também são atores da construção da cidade.”(FRANÇA, 2012, p. 22; 24). A posição da autora leva a entender que o compartilhamento de ideias no campo do Urbanismo, atualmente, dá como superada a crise das “ideias fora do lugar”, como também insere as experiências no Brasil com protagonismo no debate internacional. O volume de projetos desenvolvidos pela HABI no formato de oficinas com estudantes e profissionais (da própria Superintendência e das universidades) foi de grande vulto, assim como sua farta documentação e visibilidade alcançada através de publicações, exposições e artigos em periódicos especializados. Deve-se destacar, ainda, que cumpriu com um dos interesses da Prefeitura com a realização da empreitada, na medida em que capacitou técnicos e inseriu o órgão como instituição de referência para consultorias a outros países, a ver o processo de colaboração entre a Prefeitura de São Paulo na cidade de Durban, na África do Sul. (MUNICIPAL INSTITUTE OF LEARNING e ETHEKWINI MUNICIPALITY, 2014)

Do universo de possibilidades de investigação – que vão desde contratos de cooperação internacional, formalizados, até visitas de campo de estudantes que mais se assemelham a roteiros turísticos – escolheu-se trabalhar com casos de três unidades acadêmicas de universidades estrangeiras² que se mostraram relevantes pelos seguintes motivos: no caso da *Universidade de Harvard*, por conta de seu alcance na escala continental, analisando dois projetos de pesquisa desenvolvidos na *Escola de Design* (GSD, na sigla original); no caso da *Universidade de Colúmbia em Nova Iorque*, pela atuação de sua *Escola de Arquitetura, Urbanismo e Preservação* (GSAPP, na sigla original) junto à Prefeitura do Rio de Janeiro, com a instalação de um centro cultural na cidade; e no caso do *Colégio Universitário de Londres* (UCL, na sigla original), por se tratar de uma experiência em que representantes dos movimentos sociais participam como agentes diretos das atividades, em um projeto de colaboração entre o grupo de pesquisa Lugar Comum, da *Universidade Federal da Bahia* (UFBA), e a *Unidade de Planejamento para o Desenvolvimento* (DPU, na sigla original) da universidade inglesa. Nos Apêndices desta tese constam

² Neste parágrafo, por se tratar de uma primeira apresentação, as unidades acadêmicas e suas respectivas universidades foram apresentadas em tradução livre. Ao longo de todo o texto, no entanto, dar-se-á preferência a tratá-las pelo nome original, em inglês, ou pela sigla que as designam: GSD para *Harvard University Graduate School of Design*; GSAPP para *Columbia University Graduate School of Architecture, Planning, and Preservation*; e DPU para *The Bartlett School Development Planning Unit*, da *University College London*. A fim de evitar repetições, serão usados os termos “unidades” ou “unidades acadêmicas” (em letras minúsculas) para tratá-las em conjunto, ou “Escola” e “Unidade” (com inicial maiúscula) quando for o caso de se referir a alguma delas em específico.

levantamentos das atividades destas unidades no Brasil e em outros países da América Latina, incluindo aquelas atividades centrais para esta pesquisa.

Os estudos de caso foram selecionados a partir de um levantamento sobre a atuação de universidades estrangeiras no campo do Urbanismo no Brasil e permitem lançar uma perspectiva crítica sobre como vêm se dando as relações de colaboração acadêmica que envolvem uma atuação direta em campo, seja com planos e projetos urbanísticos, seja através de oficinas de projeto e conferências com finalidade mais estritamente acadêmica. A seleção também foi realizada de modo a que se pudesse ver, em um mesmo cenário crítico, os motivos para seguir investindo e disputando o lugar das universidades, algo que, acredita-se, pode assegurar que as universidades não sejam apropriadas, definitivamente, como lugar de formação de uma “Nobreza do Mercado”.

1.1 Internacionalização e Formação de um Sistema Transnacional de Educação Superior

A reflexão de Pierre Bourdieu, na epígrafe desta Introdução, alerta para a desnaturalização do domínio internacional da vida intelectual e convida a refletir sobre as implicações do fenômeno em sua expressão mais recente. Um primeiro problema consiste em situar os estudos de caso no contexto mais amplo da internacionalização da educação superior, ou se poderia chamar, desde já, como transnacionalização, antecipando que os exemplos selecionados dão uma mostra de sua capacidade de relacionar instituições e agentes de países distintos, numa esfera de colaboração que supera as colaborações bilaterais e ultrapassam os espaços dos campi universitários (PANIZZI, 2002, p. 17) e, até mesmo, a soberania dos Estados nacionais.

A crise das universidades face aos riscos de perda de autonomia em função das aproximações com os interesses do Estado, ou da lógica de mercado, não são novas, (KERR, 2005). Deve-se notar, no entanto, que a expressão mais recente desta crise também diz respeito às consequências da globalização e se mostra tanto mais importante quando considerado que o lugar das universidades neste contexto não foi devidamente explorado no campo das ciências sociais (MARTINS, 2015), mesmo por autoras e autores que se debruçaram sobre os impactos da globalização na produção do conhecimento. Por este motivo, a obra de Boaventura de Sousa Santos se constitui como importante marco teórico da bibliografia crítica sobre a universidade contemporânea. Em “Pela Mão de Alice”, o autor identifica três crises na universidade contemporânea: de hegemonia, porque sua condição social “deixa de ser considerada necessária, única e exclusiva”; de legitimidade, porque sua condição social “deixa de ser

consensualmente aceite”; e institucional, porque sua condição social não pode mais “garantir os pressupostos que asseguram sua reprodução”. (SOUSA SANTOS, 1999, p. 165-166). Ainda segundo o autor, a dimensão institucional das contradições vai se confirmar, mais tarde, como aquela sobre a qual recaíram os maiores esforços para a solução da crise. A saída para garantir a reprodução social da universidade, num contexto de “diminuição” do Estado, estava dada nos encaminhamentos de organismos multilaterais que tiveram papel forte na construção de um imperativo sobre a internacionalização, a exemplo do Banco Mundial, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a Organização Mundial do Comércio (OMC): descapitalização das universidades públicas, em paralelo a uma abertura maior os mercados nacionais, e posterior construção de um mercado universitário transnacional. (SOUSA SANTOS, 2010)

As universidades se mostraram tão mais importantes no contexto da globalização, quando consideradas dentro da “Sociedade de Informação” ou da “Sociedade em Rede”, para usar os termos de Manuel Castells, porque se espera que possam atuar como máquinas, ou engrenagens, do desenvolvimento econômico. (CASTELLS, 1994; 2011) Um impedimento para esta expansão da economia baseada no conhecimento foi apontado nas próprias universidades, mantida em um paradigma institucional que não favorecia a expansão via mercado. O desenvolvimento da tese, no entanto, visa a mostrar como o paradigma empresarial não deixa de estar presente – se não altera profundamente a natureza institucional das universidades, está assentada como uma racionalidade que conduz os rumos da instituição e a forma como se lida com as atividades de ensino e pesquisa. (LAVAL, 2019)

O surgimento de sistemas de classificação de universidades em escala mundial, representado pelos numerosos ranqueamentos, cada vez mais importantes no debate público, somado ao aprofundamento do processo de desterritorialização das instituições leva Carlos Benedito Martins a considerar a formação de um “sistema transnacional de ensino superior” (MARTINS, 2015). Acredita-se ser este o caso do universo empírico com qual a pesquisa lida. Tratam-se de universidades globais, com atuação histórica fora de seus países-sede, que gozam de uma quase inquestionável reputação no cenário internacional, mas que não estão, por isso, menos inseridas em uma acirrada disputa por posição, status e fontes de recursos financeiros.

1.2 O Urbanismo, Visto do Norte

Como o universo empírico da pesquisa trata apenas de colaborações no eixo Norte-Sul, deve-se presumir a questão da dominação cultural como um de seus questionamentos. Considerou-se,

inicialmente, dar enfoque às expressões do urbanismo contemporâneo que estariam em trânsito através dos projetos de colaboração – fosse tanto como discurso quanto como prática – reconhecendo sua inserção em uma dinâmica transnacional. Os territórios conectados pelas atividades dos estudos de caso compreendem desde cidades pequenas a grandes metrópoles no Brasil e no exterior, o que implica, especialmente no caso das cidades brasileiras, considerar sua dimensão fragmentária, expressa nas contradições entre seu tamanho, os vazios urbanos construídos em função da especulação imobiliária e a profunda desigualdade de acesso a espaços e a direitos por parte dos moradores (SANTOS, 2009). A constelação desta rede de territórios só poderia ser representada através de um mapeamento multiescalar, tendo-os inseridos em um contexto de urbanização extensiva ou de redes transnacionais de cooperação interurbana, (MONTE-MOR, 2005; BRENNER, 2004) em que redes de cidades tendem a formar espaços virtuais de trocas econômicas e culturais, constituindo lugares de “semi-soberania”, desconsiderando as fronteiras políticas (MARTIN, 2014), onde a própria noção de centro está sob ameaça.

O desenvolvimento desta pesquisa, no entanto, optou por centrar em como as atividades no campo do Urbanismo se inserem nas atividades de pesquisa aplicada das unidades acadêmicas analisadas. Acredita-se que mesmo a produção do Urbanismo em contextos estritamente acadêmicos pode ser considerada uma expressão do *Urbanismo Transnacional*, nos termos de Clara Irazábal. As experiências analisadas, numa leitura de conjunto, transcendem “fronteiras e localidades”, envolvem agentes que se encontram em diferentes escalas de poder, do local ao global, e podem apontar desafios ao campo, com a criação de novos temas e abordagens. (IRAZÁBAL, 2012, p. 75-78)

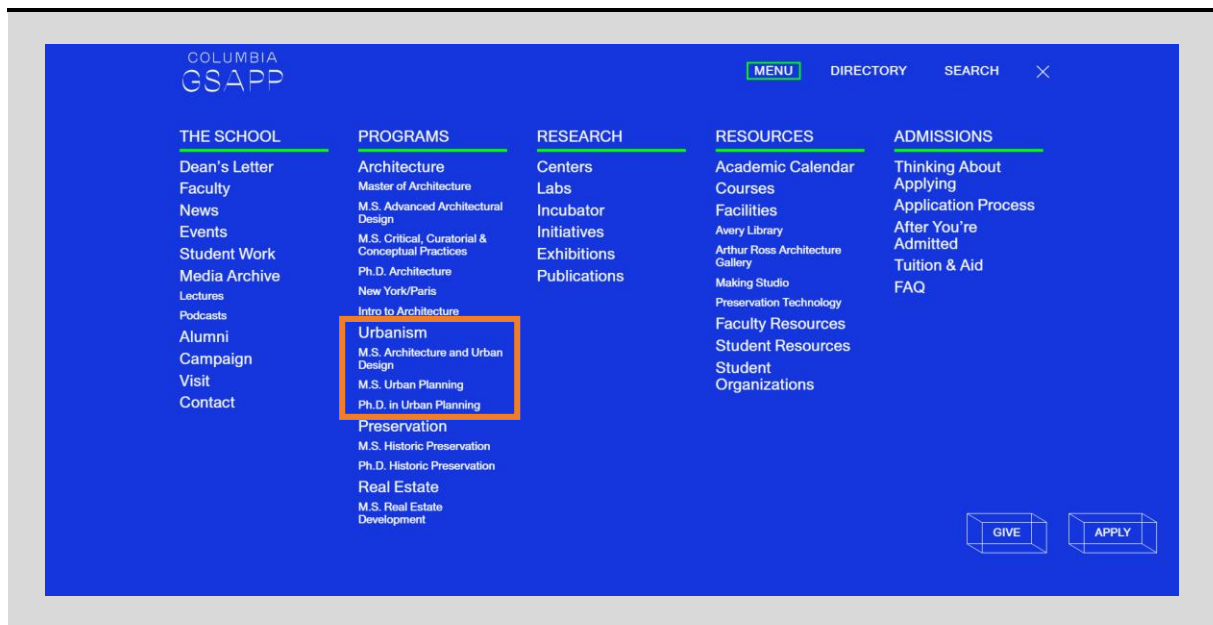
Deu-se uma pequena mudança de abordagem, entre o anteprojeto de pesquisa e seu desenvolvimento final, nesta Tese. Passou-se de um interesse em analisar a produção contemporânea do Urbanismo no Brasil para uma análise que dá mais especificidade ao universo empírico, pois trata-se de formas de colaboração acadêmica através de projetos de pesquisa no campo do Urbanismo, estabelecidas no eixo Norte-Sul. Esta mudança se justificou por dois aspectos, sendo que para ambos pode-se questionar o modo como os centros de formação do Norte Global entendem o campo do Urbanismo e como se relacionam com outros lugares de produção do Urbanismo como campo disciplinar e como prática. Por um lado, os anos que se seguiram à crise financeira de 2008-2009 foram acompanhados por uma “redescoberta” da dimensão “social” da Arquitetura e do Urbanismo. (McGUIRK, 2014) O debate continua com vigor, considerando, especialmente, a crítica de que as contribuições foram muito pouco além de elevar, para o status de celebridade, alguns arquitetos e escritórios que souberam se aproveitar de certo oportunismo e de uma dose de demagogia para ganhar visibilidade. (MASSAD, 2016; 2017; 2018) Independentemente disto, o que se viu neste processo foi um aumento de atividades de pesquisa

dedicadas a entender os processos de urbanização no Sul Global e buscar estratégias para seu enfrentamento. Embora isto não seja uma novidade completa nas unidades acadêmicas analisadas, especialmente no caso da DPU, foi visível sua maior aproximação com as realidades da América Latina, África e Sudeste Asiático em suas rotinas de ensino, pesquisa e atividades extracurriculares. Em todos os casos, a pesquisa aplicada mostrou o caminho instrumental para buscar a aproximação com estas realidades.

Outra transformação significativa, sobretudo no contexto norte-americano, se fez sentir na introdução do termo “Urbanismo” (*Urbanism*) para reunir duas construções disciplinares – as do Planejamento Urbano e do Projeto (ou Desenho) Urbano – que, até por volta dos anos 1990, foram mantidas separadas, tanto na prática profissional quanto na estrutura dos sistemas de educação (Figura 2). A junção resulta do entendimento de problemas comuns: a escala de operação que se altera significativa e passa para o global, incorporada como uma preocupação na formação de novos profissionais, a emergência de novos atores, especialmente as multinacionais, e a recuperação do tema das cidades novas em processos de urbanização no Sul Global e no Oriente Médio. (ALLEN, 2012; BLAU, 2014)

Figura 2

Página do endereço eletrônico da GSAPP. Em destaque, o agrupamento das formações em *Architecture and Urban Design* e em *Urban Planning* na categoria “Urbanism”.



Fonte: Columbia GSAPP (modificado). Disponível em: <<https://www.arch.columbia.edu/#menu>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

A virada para o Urbanismo é visível, ainda, nas expressões de novas abordagens com relação ao campo da Paisagem, a exemplo dos debates em torno do *Landscape Urbanism* (WALDHEIM, 2006a, 2016) e das aproximações entre os estudos urbanos, Ecologia, as agendas ambientais e a teoria crítica. O modo como essas aproximações se deram não poderia ser melhor representada do que no esforço da GSD em

ganhar liderança institucional na condução destes debates. O ingresso de professores como Mohsen Mostafavi, Anita Berrizbeitia, Neil Brenner, Charles Waldheim e Gareth Doherty, dentre outros, assinalaram e hoje, estabelecidos na instituição, confirmam um interesse da Escola em disputar a centralidade deste debate do ponto de vista intelectual. Não somente por ter atraído para a Escola acadêmicos de formações e nacionalidades distintas, mas também porque eles assumiram um papel importante na disseminação destes debates mundo afora, especialmente na América Latina e na Ásia. Todo o processo de organização de eventos e de preparação de traduções (Figura 2) pode ser referido aos comentários de Pierre Bourdieu, sobre as condições sociais da circulação internacional de ideias, e entendido como uma estratégia acertada de ganhar não apenas por centralização, mas também por disputa por áreas de influência.

Figura 3

Capas de livros da GSD sobre Urbanismo Ecológico. Traduções para o espanhol e o português de “Urbanismo Ecológico”, livro que marcou a emergência do debate na GSD, entre 2009-2010; e da edição bilingue “Urbanismo ecológico em América Latina = Urbanismo Ecológico na América Latina”, resultado do aprofundamento do debate na região.



Fonte: Mostafavi e Doherty (2014a; 2014b) e Mostafavi, Doherty, Correia e Calisto. (2019)

1.3 O Marco Teórico das *Cités* e a Universidade por Projetos

Dois aspectos que se mostraram evidentes, no começo da pesquisa, levaram à aproximação ao marco analítico das *Cités*, criado pelo sociólogo francês Luc Boltanski junto ao economista Laurent Thévenot e à socióloga Ève Chiapello. (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991; 2006; BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009; 2011) De um lado, o entendimento de que as atividades de colaboração entre estas universidades e as parceiras locais, no Brasil, indicava que elas não poderiam ser entendidas fora de uma estrutura em

rede. Um outro aspecto estava na transitoriedade destas atividades, marcada pelo curto prazo de sua realização, e a defesa de certa cultura empreendedora nos argumentos utilizados para justificar a realização das atividades.

A primeira aproximação se deu, portanto com a *Cité por Projetos*, esboçada por Boltanski e Chiapello em “O Novo Espírito do Capitalismo”, (2009, p. 138-161) isto é, um conjunto de regulações morais sobre como se devem dar as relações no mundo “conexionista”, ou em rede, que se mostrou fundamental para entender os valores em questão para a realização das atividades. Foi necessário um aprofundamento sobre o tema, especialmente sobre a formulação anterior das *Cités*, como “metafísicas políticas” que estão arraigadas no coletivo das sociedades ocidentais, orientando a construção de argumentos em situações de disputa (BOLTANSKI e THÉVENOT, 2006).

As categorias que compõem este modelo analítico serviram a esta tese como seu principal referencial teórico para a identificação dos valores em jogo nos projetos de colaboração e, conseqüentemente, para a construção de aspectos que mereciam uma leitura crítica para levantar as suas principais contribuições e prejuízos. O Capítulo 2, intitulado “Colaborações Acadêmicas na Universidade por Projetos: Proselitismo, Empreendedorismo Acadêmico e Suspensão da Crítica” aprofunda o debate. A apropriação da matriz analítica das *Cités*, elaborada por Luc Boltanski e outros, permite entender a “lógica de justificação” que leva sujeitos e instituições a se engajarem na atuação global na universidade, de onde se construiu a expressão “Universidade por Projetos”. Reunindo-se esses três eixos de problematização, chegou-se à formulação do principal problema de pesquisa, enunciado a seguir, como sua hipótese central.

1.4 Hipótese Central, Objetivos e Justificativas

Trabalha-se com a hipótese central de que a atuação de universidades estrangeiras, a partir do que se observa no campo do Urbanismo no Brasil dos últimos dez anos, é orientada pela lógica de justificação da “*Cité por Projetos*”, como definida por Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009). Cada uma das atividades se constitui como um projeto, ou seja, uma oportunidade de estabelecer vínculos que levam a novos projetos, num movimento em que os indivíduos circulam por instituições e lugares de forma intensa sem, necessariamente, estabelecer com eles uma construção estável e duradoura. Esta prática se assenta numa estrutura em rede e a criação incessante de novos vínculos é fator indispensável para que as grandes universidades internacionais mantenham sua posição competitiva dentro deste mercado.

Como objetivo principal desta pesquisa, busca-se evidenciar este processo para questionar o lugar que a Universidade nele ocupa, identificar as transformações nas práticas acadêmica e profissional que emergem, e o papel que a pesquisa em Urbanismo ocupa nestes processos. As universidades do mundo anglo-saxão – sobretudo as de grande porte, como as que são analisadas nesta pesquisa – têm uma dinâmica muito distinta no que se refere às formas de financiamento e ao modo como o ensino e a pesquisa são integradas ao currículo. Levando isto em conta, esta pesquisa visa à construção de uma crítica a um aspecto sensível da produção contemporânea do Urbanismo no Brasil, na complexa rede multiescalar de territórios, instituições e agentes financiadores, em situações em que as esferas pública e privada se confundem e a reserva necessária entre ambas se mostra comprometida frente aos interesses de grandes empresas. De forma alcançar o objetivo geral, foram desenvolvidas etapas intermediárias, com as seguintes finalidades:

- Compreender as formas de inserção das universidades analisadas – Harvard University, Columbia University e University College London – no sistema transnacional de educação superior;
- Entender quais são os valores em jogo nos projetos de colaboração internacional, no campo do Urbanismo, através das justificativas usadas para sua realização, nos depoimentos de participantes (em entrevistas existentes) e nos textos que relatam as experiências;
- Entender a lógica das atividades de pesquisa nas unidades acadêmicas analisadas, bem como as principais transformações por que passaram nos últimos dez anos.

Ao final do desenvolvimento da pesquisa, entende-se que sua justificativa está na possibilidade de inserir-se e ampliar os debates relevantes no campo:

- Ampliar o debate sobre o Urbanismo, como vem sendo discutido e produzido na fronteira entre Academia e prática profissional, apontando a existência de agentes com grande poder de determinação sobre seus rumos;
- Promover debate sobre as cooperações acadêmicas no campo da Arquitetura e do Urbanismo, com vistas a avaliar as possibilidades para sua continuidade e expansão, considerando formas de cooperação que envolvam mais universidades latino-americanas;
- Avançar na discussão sobre as oficinas de projeto como atividades experimentais, avaliar sua contribuição para o desenvolvimento de propostas de urbanização de assentamentos informais e incluir a dimensão ética neste debate.

1.5 Apresentação Geral dos Estudos de Caso

Escolheu-se não trabalhar exclusivamente com projetos de colaboração internacional estabelecidos a partir de uma vinculação institucional *à la lettre*. Como parte da lógica da Universidade por Projetos, interessa a muitas destas instituições, justamente, a fluidez dos vínculos. A particularidade de cada estudo de caso vem como mostras das possíveis relações entre as universidades estrangeiras e instituições no Brasil, permitindo problematizar os aspectos estruturantes das relações e do urbanismo, produzidos nestes ambientes de colaboração.

Ao longo do texto, dar-se-á preferência às atividades de colaboração analisadas pelo termo “projeto”, de modo a reforçar a dimensão projetiva, de acordo com a leitura de Boltanski e Chiapello (2009). No entanto, a fim de evitar repetições, elas também poderão ser tratadas como “programas” de pesquisa, indicando o alcance que atingem, em função da sua capacidade de ampliar a rede de sujeitos e de atividades.

1.3.1 *The South America Project (SAP) e Landscape as Urbanism in the Americas (LaUA)*

No caso da Harvard University³, estudam-se duas atividades realizadas em dois programas vinculados à GSD: o *South America Project (SAP)*, coordenado por Felipe Correa e Ana María Durán entre 2011-2014; e o programa *Landscape as Urbanism in the Americas (LaUA)*, iniciado em 2016, com coordenação geral de Charles Waldheim. Cabe antecipar que, apesar de serem criados com objetivos bem estabelecidos, a natureza conexionista destes programas não apenas permite como estimula alterações ao longo de seu desenvolvimento, o que leva – a depender da oportunidade que se apresenta – a incorporar novos elementos de pesquisa, novos pesquisadores e novos projetos.

Ambos os programas se constituem como redes, cujas atividades principais estão ligadas à pesquisa aplicada em projeto. No caso do SAP, o programa teve como mote inicial apresentar propostas alternativas para o grande plano de Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA)⁴ e estudar o que Felipe Correa define como “urbanismo de extração”. Uma síntese do conjunto de pesquisas desenvolvidas pelo SAP pode ser apreciada na publicação posterior de Felipe Correa (2016) – um volume com um notável levantamento sobre extração de recursos, infraestrutura e ações sobre o território sul-americano. A rede era definida como uma “pesquisa aplicada transcontinental”, composta

³ Grande parte dos dados foram obtidos através dos endereços eletrônicos dos respectivos projetos – *South America Project* <<http://www.sap-network.org>> e *Landscape as Urbanism in the Americas* <<http://landscapeurbanismamericas.net>> – além de consultas ao endereço eletrônico da Harvard GSD <<http://www.gsd.harvard.edu>>.

⁴ A IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) é um grande programa transnacional, iniciado no começo dos anos 2000, com vistas a elaborar projetos de infraestrutura que visam a estreitar as relações comerciais entre os países signatários e ampliar a participação no comércio internacional.

por membros vinculados a Harvard e a outras instituições de países sul-americanos – no Brasil, participaram como membros efetivos professores da FAU-USP (Angelo Bucci e Alexandre Delijaicov) e da PUC-Rio (Gabriel Duarte e Otávio Leonídio).

As linhas de investigação propostas pelo SAP cobriam os grandes temas: (a) Integração de Infraestrutura na América do Sul; (b) Urbanismo de Extração de Recursos; (c) Histórias da Paisagem Construída Sul-Americana; e (d) Precedentes do Planejamento Continental⁵. Interessa interrogar, com relação às ações desenvolvidas pela SAP (disciplinas criadas, exposições, material publicado), como foi organizado o conjunto de pesquisas e como os coordenadores avaliam seu impacto na condução do IIRSA; as fontes de recursos para a pesquisa e os meios utilizados para se ter acesso às informações; e a dimensão do quanto estas atividades são dispositivos da “governança mundial”, considerando que parte destas pesquisas expõem dados e lançam agendas da ação sobre o território e a exploração de recursos. (CORREA, 2014; 2016).

Assim, outros apoiadores foram se constituindo ao longo da duração do SAP. Este foi o caso do projeto *The Petropolis of Tomorrow*, ao qual a equipe da SAP se integra, ainda que esse tenha sido criado no âmbito da Rice University’s School of Architecture, com financiamento da Shell Company, e também incluiu departamentos de outras universidades nos Estados Unidos – California College of the Art’s Urban Works Agency, Cornell University’s Department of Architecture – e a PUC-Rio como colaboradora local. Felipe Correa criou ainda outros projetos, todos dentro do SAP: *Surplus Housing*, financiado pela empresa do ramo imobiliário Landinvest; e dois projetos de investigação sobre instalação de infraestruturas de mobilidade em grandes cidades, um deles sobre Quito, e outro sobre a cidade de São Paulo.

A mesma lógica perpassa o programa *Landscape as Urbanism in the Americas*. Em primeiro plano, poderia ser resumido tão simplesmente como um conjunto de palestras e encontros para se debater “o potencial de se tratar da paisagem como um meio de intervenção urbana nos contextos social, cultural, econômico e ecológico específicos das cidades latino-americanas”. (LANDSCAPE AS URBANISM IN THE AMERICAS, [2016]) A instalação do programa se deu em 2016, com eventos em Cambridge e com a programação de atividades em Brasília, Cidade do México, Medellín, Santiago do Chile e Buenos Aires. No que se refere ao funcionamento das atividades dentro do LAUA, destaca-se o grande número de instituições envolvidas em cada um de seus eventos – universidades, escritórios de arquitetura locais, agências governamentais, entidades públicas e agentes privados – e o fato de que está inserido na estrutura do Office for Urbanization (OFU) da GSD, um escritório sediado na universidade. Esse

⁵ A partir do endereço eletrônico que documenta a pesquisa: *SAP – The South America Project*. Disponível em: <<http://www.sap-network.org>>. Acesso em 28 mar. 2018.

“desenvolve cenários urbanos especulativos e projetivos através de projetos de pesquisa em projeto financiados”, com a perspectiva de “diminuir a distância entre a inovação em projeto e o impacto na sociedade”⁶. Integrado ao OFU, as ações do programa LAUA, nos seminários em cidades latino-americanas, também se constituem, portanto, como oportunidade de captar recursos que cubram o financiamento das atividades das pesquisas aplicadas.

No desenvolvimento das atividades, foram criadas cerca de 17 disciplinas (tanto de Seminários teóricos quando estúdios de projeto), realizadas mais de 20 palestras e exposições, seis livros editados, um livro autoral e 23 oficinas de projeto, além de dois endereços eletrônicos que registraram o desenvolvimento das atividades, ainda acessíveis pela Internet⁷.

1.3.2 *Studio-X Rio*

Com relação às atividades da *Columbia University*, estudam-se as atividades realizadas no âmbito do *Studio-X Rio*, centro cultural que funcionou entre 2011-2018 na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro. As sedes do Studio-X funcionam como um misto de centro cultural, *think tank* e ateliê para oficinas de projetos, organizados em uma rede vinculada à Columbia University. Tratamos, aqui, de um caso que partiu de uma iniciativa local, em Nova Iorque, coordenada por Mark Wigley e Gavin Browning (BROWNING, 2010), que passa a ser referência para as ações globais da GSAPP e, mais adiante, como estratégia de ação global da universidade como um todo.

O grande tema em questão nas atividades do Studio-X (não apenas em sua sede no Rio) poderia ser resumido como a *prática global de Arquitetura e Urbanismo* e o *trabalho em rede*. Isto é tanto mais evidente não apenas pela própria lógica de funcionamento e pelas premissas do Studio-X, como também porque essa era e continua sendo uma das preocupações de Mark Wigley, idealizador da rede global de *think tanks* (WIGLEY, 2001; 2007; WIGLEY e CHEN, 2014). Entre a preparação e o começo desta pesquisa, chegou-se a contar com dez sedes da rede, distribuídas em grandes cidades – Amã, Pequim, Istambul, Joanesburgo, Mumbai, Nova Iorque, Santiago do Chile, Tóquio, Rio de Janeiro e São Paulo. Atualmente, a página do endereço eletrônico oficial registra apenas seis dentre as dez mencionadas anteriormente, após o fechamento dos centros em Nova Iorque, Santiago do Chile, Tóquio e São Paulo⁸.

⁶ Ver apresentação do Office for Urbanization em seu endereço eletrônico. Disponível em: <<http://officeforurbanization.org>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

⁷ O endereço eletrônico do projeto The Petropolis of Tomorrow sair do ar em meados de 2019

⁸ A página principal do *Studio-X Global Network* mantém o Rio de Janeiro entre suas sedes, apesar de as atividades terem sido encerradas em 2017 (Disponível em <<https://www.arch.columbia.edu/studio-x>>. Acesso em: 11 ago. 2018). Desde 2013, a Avery Library vem montando uma base de dados sobre as atividades e pesquisas correlatas aos temas dos Studio-X, que ainda se encontra em fase de expansão (Disponível em: <<http://guides.library.columbia.edu/studio-x>>. Acesso em: 11 ago. 2018). Curiosamente, um *blog* do Studio-X na

Uma das premissas de cada sede do Studio-X está na obrigação de se consolidar como um centro de debates arquitetônicos na cidade em que se instala. Aos diretores locais cabem tarefas como organização geral, curadoria e promoção das atividades e buscar continuidade do apoio de patrocinadores locais, sem os quais não se garante a manutenção das sedes. Numa atuação que flerta entre as atividades de arquiteto e urbanista, curador, consultor e agitador cultural, podemos ver a figura de Pedro Rivera, nos anos em que conduziu a coordenação geral do Studio-X Rio, alinhando-se com as premissas da rede.

As atividades desenvolvidas pelo Studio-X Rio foram as mais distintas: exposições, mesas redondas e publicações; além dos ateliês e oficinas de projeto. O Studio-X vinculou-se a grandes empresas e órgãos públicos, sobretudo nos primeiros anos de funcionamento do Studio-X até a realização da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas no Rio de Janeiro (2016), quando contaram com o apoio da Fundação Roberto Marinho e da EBX. Mais do que apoio do empresariado local e de ONGs, que também colaboraram com projetos específicos— como o guia e a exposição *Ciclo Rotas Centro* (2013) —, a criação e manutenção do Studio-X Rio contou com forte apoio da Prefeitura do Rio de Janeiro. A manutenção de uma agenda de eventos, somada à visibilidade da cidade em virtude das Olimpíadas, concorreram para a decisão, em 2013, de instalar o Columbia Global Center (CGC) no Rio de Janeiro⁹, como base das relações entre a universidade e o Brasil.

A comemoração dos cinco anos de atividade do Studio-X Rio foi marcada por certa mudança nos debates promovidos pela casa. Nota-se uma inflexão no teor dos debates, que se tornam mais vinculados às pautas dos movimentos sociais e a uma postura crítica aos processos de urbanização. Há farta documentação das atividades e material produzido pelo próprio Studio-X Rio, que contabilizou, ao final de suas atividades em 2017, mais de 200 palestras, 65 exposições, 40 oficinas de projeto, entre outros eventos.

1.3.3 *Intercâmbio Cidade Comum*

A ênfase dada à participação ativa dos movimentos sociais é um elemento de interesse central neste estudo de caso, que envolve a *University College London*. Trata-se das atividades realizadas no programa de intercâmbio desenvolvido entre o grupo de pesquisa Lugar Comum, do Programa de Pós-graduação

plataforma *tumblr* cujas páginas ainda não foram excluídas da Internet, mostra-se como uma fonte importante de pesquisa, de onde se pode acessar o histórico de atividades realizadas em todas as sedes, incluindo aquelas que já foram encerradas (Disponível em: <<http://studiox-global.tumblr.com/>>. Acesso em: 11 ago 2018).

⁹ O CGC Rio de Janeiro foi criado em 2013, como parte da estratégia geral de atuação da Columbia University na América Latina, servindo de apoio às atividades dos pesquisadores da própria Columbia além de atuar junto a universidades locais, ONGs e instituições públicas e privadas.

em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, e o *Master em Social Development Practice, da The Bartlett-DPU* (Development Planning Unit). Realizado entre 2016-2019, este é o caso que pode ser mais bem circunscrito em termos de cooperação acadêmica entre instituições, no formato de intercâmbio. A cada ano, realizou-se um ou dois encontros, onde equipes de professores e estudantes de ambas as instituições se encontram para desenvolverem, durante duas semanas¹⁰, atividades de pesquisa-ação, documentadas em publicações com textos produzidos pelos professores, equipes de estudantes e/ou membros dos coletivos participantes. Em Salvador, o intercâmbio acontecia como segundo módulo da disciplina “Política, Democracia e Direito à Cidade”, coordenada por Ana Fernandes junto ao PPGAU-FAUFBA - ofertada no âmbito da Pós-graduação, de formato aberto, integrando ensino e extensão. Essa disciplina é voltada tanto para estudantes quanto profissionais, sem pré-requisito de titulação acadêmica - e se constitui como lugar de integração das pesquisas e reflexões do grupo de pesquisa liderado por essa pesquisadora. Em Londres, constitui-se como o módulo de atividade de campo na disciplina “*Social Development in Practice*”, tendo como público principal os estudantes regulares do *Master em Social Development Practice* (MSc SDP), vinculado ao The Bartlett-DPU, e se insere numa prática estabelecida de atividades no exterior da instituição - o intercâmbio com previsão de quatro anos, no Brasil, foi antecedido por experiências no Quênia e na Tanzânia¹¹.

As atividades desenvolvidas no *Intercâmbio Cidade Comum*¹² se assemelham ao que a própria *University College* e outras universidades desenvolvem como cursos de verão (*Summer Schools*), um modelo tradicional em universidades europeias e dos Estados Unidos e especialmente caro à Bartlett¹³. Em geral, estas atividades não precisam de apoio financeiro complementar, como é o caso do estudo de

¹⁰ Nos dois primeiros anos ocorreu apenas um encontro anual, ocasiões em que a equipe da UCL realizou as atividades em Salvador, junto à equipe da UFBA. Em 2018 se realiza a primeira experiência de dois encontros anuais, nos dois sentidos do fluxo, o que inclui a visita de representantes de movimentos sociais de Salvador, professores e estudantes da UFBA a Londres, para a realização das atividades na capital britânica.

¹¹ Sobre as atividades de campo do MSc SDP no exterior, ver endereço eletrônico do programa. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/bartlett/development/programmes/postgraduate/msc-social-development-practice/overseas-fieldwork>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

¹² Outra clara distinção entre este caso e os demais está no seu público a ser atingido ou, melhor dizendo, na inexistência de um público que precisasse de um título que lhe servisse como marca. Toma-se a liberdade, nesta Tese, de chamar a colaboração entre Lugar Comum e DPU de “Intercâmbio Cidade Comum” por este nome ter sido adotado ao final da experiência, entre os participantes, dando nome ao jornal que foi produzido no último ano do Intercâmbio.

¹³ Credita-se à Bartlett as primeiras experiências com *Summer Schools* voltadas tanto para cursos de Arquitetura, no começo dos anos 1970 (em parceria com a Architectural Association, então dirigida por Alvin Boyarsky), quanto para os estudos urbanos e do ambiente construído, na organização das 17 edições da Bartlett International Summer School (BISS), iniciadas em 1979 (SUNWOO, 2009; COLOMINA, 2011; MARICATO, 2011). Tanto a Bartlett quanto a AA aspiravam a um alcance internacional e se fazem valer ainda hoje desse marco histórico para marcar sua distinção. O interesse de ambas as instituições pela “Arquitetura Tropical” e pelo então chamado “Terceiro Mundo” está na origem do que viria a se tornar, mais tarde, o Development Planning Unit (DPU) da Bartlett School (WAKELY, 1983; WAKELY, LEVY e YEP, 2014).

caso em questão, por se tratar de um componente cujo custo está incluído nas inscrições ou anuidades dos programas. Estamos tratando, aqui, de um formato mais tradicional, centrado na realização de oficinas de projeto, mas que parece garantir o espaço mais livre para o enfrentamento crítico, para a constituição de pautas mais abertas, menos instrumentalizadas pelos agentes financiadores, de fato, mais coletiva, onde os moradores dos lugares estudados e outros agentes mais vulneráveis não são tratados simplesmente como “objeto de estudo” ou de investigação.

Ao longo dos quatro anos, foram publicados quatro volumes com os resultados dos trabalhos dos estudantes, lideranças comunitárias e professores envolvidos, um último volume deve ser publicado em 2020. Cada encontro entre as equipes, com duração aproximada de 10 a 15 dias, era entremeadado por palestras e mesas de debate com pesquisadores da UFBA, de outras universidades e representantes do poder público. O último ano do Intercâmbio foi marcado pela realização de quatro Rodas de Conversa, encontros organizados pelas equipes mistas em que as lideranças comunitárias apresentaram suas demandas a representantes do poder público, com pautas que foram articuladas em torno de temas que reuniram duas ou mais entre as sete comunidades que participaram do intercâmbio.

1.6 Caminhos Metodológicos e Principais Fontes

A pesquisa tem caráter qualitativo, portanto, interessa proceder a uma interpretação crítica sobre a construção das colaborações e seus resultados. Com relação ao texto da tese propriamente dito, buscase, como apontado por Ragin, (1994 *apud* OLIVEIRA, 2015) uma “[...] linguagem natural, discursiva e na busca do conhecimento em profundidade, na investigação do significado, objetivando o refinamento e a elaboração de imagens e conceitos, ‘dar voz’ e avançar teorias”. Ainda de acordo com as observações de Oliveira sobre a pesquisa qualitativa, entende-se que os poucos casos selecionados não constituem um problema, uma vez que importa mais alcançar um grande número de atributos, fazendo-se valer da intuição, do aprofundamento sobre os casos e da leitura cuidadosa de sua produção, em um movimento em que pesquisador e objeto de pesquisa estão intimamente relacionados.

Para tanto, foram empreendidas revisões bibliográficas para entender o estado da arte no que tange à internacionalização do ensino superior, preparando-se para a leitura crítica dos documentos originais ou como forma de aprofundar a reflexão teórica. Aprofundou-se a leitura da obra de Luc Boltanski, antes muito restrita a “O Novo Espírito do Capitalismo”, expandindo-a para “De la Justification” “De la Critique”, bem como para interlocutores no Brasil, no campo das ciências sociais, e leitores do campo da Arquitetura e do Urbanismo, independentemente de sua origem.

Conjuntos de relatórios e de outros documentos institucionais relativos às universidades foram

importantes para entender: a estrutura organizacional das universidades analisadas em relação à sua posição global; suas estratégias de atuação em outros países, incluindo no levantamento relatórios dos escritórios que as representam no Brasil; relatórios financeiros. Semelhante levantamento foi realizado com relação às unidades acadêmicas, incluindo os relatórios anuais e “*Factbooks*” da GSD e boletins anuais da GSAPP, não sendo localizado nenhuma documentação equivalente na DPU.

A partir de anuários, relatórios internos de pesquisa e boletins informativos das unidades acadêmicas, foi possível ter uma compreensão ampla sobre suas dinâmicas de pesquisa, os discursos que justificam sua presença global, e elaborar diagramas e gráficos, incluindo cronologias que mapeiam suas relações com o Brasil e outros países da América Latina (Ver Apêndices). Foram consultados: anuários “Platform”, da GSD (entre 2008-2013; 2014-2017), anuários “Abstract”, da GSAPP (entre 2004-2010; 2012-2018), e anuários “The Bartlett Review” (entre 2016-2018) e boletins “DPU News” (entre 2000-2019). A pesquisa ainda se fez valer, evidentemente, da produção bibliográfica e da documentação dos projetos de colaboração, através dos livros, artigos em periódicos e endereços eletrônicos, que serão indicados ao longo dos capítulos, especialmente, nas análises do Capítulo 2.

1.7 Estrutura da Tese

Esta introdução buscou apresentar como se deu a construção da pesquisa, o contexto mais amplo dos debates sobre educação superior, as disputas em torno do campo do Urbanismo, como premissas que ajudam a construir a problematização em torno do universo empírico. Apresenta-se também a hipótese geral, os objetivos e expectativas de criação de debate que se espera alcançar, bem como os caminhos metodológicos da tese. Adotou-se a postura de desenvolver as análises sobre os estudos de caso ao longo de todos os capítulos, incluindo essa opção nesta introdução, que os apresentou de uma forma geral.

O Capítulo 1 busca entender as estratégias de atuação em escala global das universidades pesquisadas e como elas se relacionam com as atividades desenvolvidas no Brasil. Antecede esta discussão uma reflexão sobre o estado da educação superior no contexto da globalização, as dinâmicas em torno da definição de conceitos, políticas e modelos de internacionalização, para chegar no debate mais recente, apresentando os aspectos do chamado “Modelo Global Emergente” que parece se aproximar ao status das instituições que acolheram os projetos de colaboração analisados.

No Capítulo 2, central no desenvolvimento da hipótese desta pesquisa, faz-se uma apresentação pormenorizada do contexto de criação da matriz analítica das *Cités*, evidenciando sua importância para

a Sociologia contemporânea. Segue-se o núcleo central, em que se desenvolvem a leitura sobre as categorias desta matriz à luz do que se obteve como material empírico – documentos, publicações, entrevistas existentes com os participantes dos projetos, além de dados colhidos da participação direta em um dos projetos analisados.

O terceiro e último capítulo volta a atenção para as unidades acadêmicas em que foram desenvolvidas as atividades, compreendendo como as atividades de pesquisa foram reorganizadas nos últimos dez ou quinze anos, de modo a ser ajustarem às novas demandas colocadas pela inserção das universidades no contexto global. A análise toma como referência a discussão em torno da “governamentalidade neoliberal”, de Pierre Dardot e Christian Laval, (2016) que permite discutir como a lógica do mundo empresarial e da concorrência estão presentes nas unidades e pode, inclusive, informar a abordagem da pesquisa e da formação acadêmica.

Finaliza esta tese uma seção com as Conclusões, sem pretensões de encerrar o debate, onde retomam-se as principais questões apresentadas ao longo de seus capítulos, no esforço de síntese crítica ao que foi estudado, apontando para as principais contribuições que os programas de colaboração demonstram oferecer, assim como os principais obstáculos, materiais e simbólicos, que ainda precisam ser enfrentados para que se potencialize sua finalidade maior, de fazer convergir recursos intelectuais e humanos para a compreensão dos desafios do Urbanismo no Brasil, em termos de formação e de possibilidades de construção de uma relação agonista entre Universidade e sociedade civil.

[2] CAPÍTULO I
A UNIVERSIDADE EM TRÂNSITO
NO SISTEMA TRANSNACIONAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR



Bandeira Ocidental ao lado do casarão onde funcionou o *Studio-X Rio*, entre 2011 e 2017. Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil.

[...] A universidade é uma entidade com forte componente territorial bem evidente no conceito de *campus*. Essa territorialidade, combinada com o regime de estudos, torna muito intensa a copresença e a comunicação presencial. As novas tecnologias de informação e de comunicação vêm pôr em causa esta territorialidade. [...] O que falta saber é, por um lado, em que medida estas transformações afetarão a pesquisa, a formação e a extensão universitária nos lugares e nos tempos em que elas se tornarem disponíveis e facilmente acessíveis, e, por outro lado, o impacto que terá a sua ausência nos lugares e nos tempos onde não estiverem disponíveis ou, se disponíveis, dificilmente acessíveis. [...]

Boaventura de Sousa Santos
A Universidade no Século XXI: Para uma Reforma Democrática e Emancipatória da Universidade, 2010 [2004].

Este capítulo busca inserir as experiências de colaboração internacional – via intercâmbios e outras atividades que implicam em mobilidade acadêmica – no contexto mais amplo da internacionalização da educação superior. O recorte inicia-se nos anos 1980, até quando a internacionalização acontecia de forma mais comedida, trazendo o debate até a situação atual, quando se encontra altamente intensificado e observa-se a constituição de um competitivo sistema de educação em escala transnacional, dominado simbolicamente por grandes e consolidadas universidades, notadamente aquelas com sede nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália¹⁴. Este fato é simultâneo à expansão de empresas que investem, com fins lucrativos, na ampliação de mercados e das modalidades de oferta de serviços educacionais, representadas por grandes conglomerados educacionais vinculados à lógica de mercado e que se distanciam, portanto, da lógica tradicional das universidades, em que a produção de conhecimento é tratada como um bem comum e a educação como um direito universal.

Não se desconfia, aqui, de certa natureza intrinsecamente “internacional” das universidades desde sua origem, nem será o caso de reconstruir este histórico, consolidado em trabalhos de referência (KERR, 2005). Interessa perceber a novidade no fenômeno das últimas décadas em que as universidades, antes entendidas por sua relevância pública e orientadas para o social e para o *ethos* científico¹⁵ (MERTON, 1973), tornam-se “um vasto campo de valorização do capitalismo educacional” (SOUSA SANTOS, 2010,

¹⁴ Isto será objeto de discussão mais adiante, neste mesmo capítulo, mas deve-se destacar, de antemão, que desde o aumento da visibilidade dos ranqueamentos globais, novas universidades asiáticas passaram a disputar esta posição de prestígio.

¹⁵ Refere-se aqui à definição clássica do Robert Merton sobre os quatro imperativos do *ethos* científico – universalismo, “comunismo”, desinteresse e ceticismo organizado (MERTON, 1973, p. 270-278) – ciente, no entanto, das críticas e disputas sobre a Sociologia da Ciência, desde Bourdieu, que “procura a comunidade científica e descobre o mercado” (HOCHMAN, 1994; BOURDIEU, 1975; 1983) a algumas das polêmicas mais recentes lançadas por Bruno Latour.

p. 21).

Ao longo do texto, subentendem-se dois trânsitos da universidade contemporânea, em vista da globalização do ensino superior. Um deles está relacionado à dimensão institucional da universidade, buscando entender quais foram as principais transformações que vieram como resultado do imperativo para a internacionalização e que a reposicionaram no contexto atual de transnacionalização. O outro trânsito, parte do mesmo processo, busca entender as diferentes formas de participação das universidades que se entendem como globais em solo estrangeiro, com diferentes estratégias de territorialização, seja através da criação de *campi*, da instalação de escritórios que representam a instituição no exterior, ou mesmo na demarcação de sua presença através das atividades de colaboração internacional.

O capítulo se inicia com uma exposição geral dos processos de globalização do final do século XX, refletindo sobre a lógica neoliberal mais recente, implicando novos desafios lançados à universidade, que, hoje, converte direitos universais em serviços pagos a serem prestados por instituições privadas. Este quadro, marcado pela privatização dos “serviços” educacionais – ainda que de forma indireta – abrange a produção, circulação e comercialização do conhecimento produzido em ambiente acadêmico. Discute-se, em seguida, os imperativos à internacionalização das universidades, a partir de uma retórica de inevitabilidade, com foco no papel de organizações internacionais – tais como o Banco Mundial, a UNESCO e a OCDE, entre outras.

2.1 Globalização, Produção do Conhecimento e a UNIVER©IDADE

Desde as últimas décadas do século XX, as universidades se mostraram tão mais importantes quando consideradas indissociáveis da “Sociedade de Informação” ou da “Sociedade em Rede”, para usar os termos de Manuel Castells, porque se espera que atuem como máquinas, ou engrenagens, do desenvolvimento econômico (CASTELLS, 1994; 2011). Uma vez incluídas no projeto maior de globalização neoliberal, elas figuram como agentes relevantes para a construção ideológica de organizações como o Banco Mundial ou a OMC e de suas propostas para a reforma do ensino, como impulsionadoras do “capital humano” e consequente melhorias econômicas gerais para as nações. Produção de conhecimento e economia caminham juntas e em desenvolvimento progressivo, portanto, torna-se corrente uma paráfrase da máxima de Harvey Molotch, entendendo “As Universidades como

Máquina de Crescimento"¹⁶.

Não é novidade que certos eventos, processos e dinâmicas de atividades da vida humana, em determinados contextos, revelam a insuspeita convivência de regiões distintas. Se não simultaneamente, partes muito distantes do globo mantiveram trocas e tiveram suas rotinas entrecruzadas e articuladas em lógicas de causa e efeito em momentos distintos. As grandes navegações dos séculos XV e XVI costumam ser apontadas como exemplo primeiro desta articulação em escala planetária.

Busca-se uma aproximação, no entanto, com as análises sobre o processo de globalização de fins do século XX, cujas narrativas passam tanto pelo imaginário mais alvissareiro – a multiculturalidade, a valorização da diversidade e a integração do mundo, das pessoas e das economias – quanto pelas perspectivas mais alarmantes, com críticas e exposição de seus efeitos destruidores sobre o território, as subjetividades, a organização e precarização do trabalho. Uma leitura apressada levaria, facilmente, a uma narrativa linear do desencanto com relação à globalização, como se ela fosse pouco além de um momento histórico em que “as elites de todo o mundo” se uniram. Em vez disso, faz-se uma leitura, ainda que breve, a partir de três autores – Octavio Ianni, Saskia Sassen e Manuel Castells – que, em meados dos anos 1990, se esforçaram em compreender aspectos da globalização com diferentes graus de otimismo e pessimismo, sendo possível ler, em todos, a complexidade do fenômeno sem polaridades fáceis.

Em duas obras de referência publicadas entre 1993 e 1995¹⁷, portanto em meio a uma tomada de consciência e exercício de interpretação sobre o fenômeno mais amplo, o sociólogo brasileiro Octavio Ianni deu contribuições para entender as principais características da globalização como um “processo civilizatório”, lançou questões sobre as novas formas de exercício de poder, em escala planetária, assim como sobre as novas formas de produção e disseminação do conhecimento nesse novo contexto (IANNI, 2006; 2013).

Um primeiro e incontornável aspecto da globalização, apontado por Ianni, está em reconhecer que, embora desde o século XIX tenham ocorrido grandes avanços no campo tecnológico e das comunicações, de relevância histórica mundial, é somente após o fim da Segunda Guerra Mundial que se dá início à “mundialização de relações, processos e estruturas de dominação e apropriação,

¹⁶ Sobre este aspecto, ver Ross (2012), Mills (2012) e, para uma análise mais alarmante, sobre os riscos de as Instituições de Ensino Superior entrarem em crises cíclicas como as do mercado financeiro, ver Palumbo e Scott (2018).

¹⁷ Trata-se do ensaio “A sociedade global”, de 1993 (IANNI, 2013) e o estudo de cunho teórico “Teorias da globalização”, de 1995 (IANNI, 2006).

antagonismo e integração”. A Guerra Fria emerge, para Ianni, como um momento definidor da disputa não apenas de dois regimes políticos, mas de dois processos civilizatórios. A globalização, em fins do século XX, é entendida como uma expansão, por todo o mundo, do processo civilizatório capitalista, dominante após a crise do socialismo. Assim como Castells (2011), destacou que todas as esferas da vida são alcançadas pelos efeitos da globalização, num determinado ciclo do capitalismo em que este “atinge uma escala propriamente global” (IANNI, 2013, p. 36; 38). Trata-se de uma expansão com tendência ubíqua, mas que se dá com diferentes intensidades.

Nesta nova geografia do poder em escala planetária, aponta como suas principais características: a energia nuclear como “poderosa técnica de guerra”; a revolução informática a partir das conquistas da eletrônica, que capacita os donos do poder para comunicar e influenciar as populações; a organização de um sistema financeiro internacional, com bases nos países dominantes; as relações econômicas mundiais sob a força de grandes empresas e conglomerados; a reprodução ampliada e universalizada do capital pressionando as nações socialistas; o inglês como língua franca; e o ideário predominante do neoliberalismo nos diversos setores da vida humana. (IANNI, 2013, p. 57-58)

Corporações e conglomerados multinacionais deram os traços principais da sociedade global, de modo que são criadas novas formas de poder. O Estado nacional se enfraquece e é redefinido, na medida em que começa a circular a noção de “Estado supranacional”, além do surgimento e do fortalecimento de Organizações não Governamentais (ONGs) e instituições multilaterais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial (BM), que mobilizam, em diferentes escalas, questões de ordem política e econômica. Nota-se, inclusive, certo otimismo do autor sobre os futuros desdobramentos da globalização, ainda em meados dos anos 1990. Àquela altura, Ianni não fez uma crítica direta à atuação de organizações internacionais, mesmo consideradas como parte de um processo civilizatório, ao não destacar a violência e o caráter de dominação deste processo (IANNI, 2013, p. 42).

Outro elemento marcante da globalização e, a princípio, também promissor, está na desterritorialização, enquanto perda de fronteiras, laços e referências, que atinge todos os níveis da vida social, incluindo a produção e difusão do conhecimento. Ideias e pesquisadores circulam e trabalham em cooperação em uma escala maior e com muito mais rapidez, algo que fica expresso de forma bastante evidente nos estudos de caso desta pesquisa. O aceleração do tempo e a sobreposição de escalas trazem uma questão que atinge o cerne das ciências sociais, evidenciando sua falta de aporte metodológico para analisar os fenômenos na escala do global, pois eles subvertem uma relação, antes tida como inequívoca, isto é, o circuito indivíduo (sujeito do conhecimento), sociedade e nação.

Uma última contribuição importante a ser destacada, considerando os agentes envolvidos nesta pesquisa, está na observação de Ianni, sobre um grupo social formado no âmbito da globalização, constituído pelos denominados “intelectuais orgânicos”, imprescindíveis para a expansão deste processo civilizatório. São elas e eles que dão forma, cor e movimento à aldeia global. Por estes intelectuais, o autor entende “[...] pesquisadores, analistas, estrategistas, executivos, consultores, assessores, técnicos, especialistas, *juniors* e *seniors*, formados nos mais diferentes campos do saber [...]” (IANNI, 2006, p. 128, grifos do autor), que atuam orientados segundo uma racionalidade instrumental.

O ensino e a pesquisa tanto produzem novos conhecimentos e suscitam até mesmo problemas teóricos novos, como preparam quadros para empresas transnacionais e organizações públicas multilaterais. Forma-se toda uma numerosa e complexa categoria de intelectuais cosmopolitas, atuando desde as universidades, centros e institutos de ensino e pesquisa, além de atuarem também a partir de empresas privadas e organizações públicas operando em escala mundial. São intelectuais orgânicos do cosmopolitismo, da economia política da sociedade global. Expressam algumas das possibilidades mais avançadas dos objetivos, interesses, tarefas de países dominantes, associados e dependentes, empresas nacionais e transnacionais, organizações públicas multilaterais. Em vários casos, apresentam-se como heróis civilizadores descolados de qualquer vínculo nacional, político, econômico, social, cultural ou outro. São uma das expressões mais avançadas, exacerbadas, da *desterritorialização*. Tecem a idéia do mundo com base das possibilidades e exigências da razão instrumental. [...] (IANNI, 2013, p. 96-97, grifo do autor)

Ianni destaca, ainda, a importância do Banco Mundial na globalização, especificamente no que se refere à ocidentalização do mundo, ao interferir no campo educacional. Educação e desenvolvimento econômico caminham em paralelo, com uma perspectiva de desenvolvimento e progresso associados à lógica ocidental.

Com relação à geografia do poder na globalização, Ianni destaca que os “[...] centros decisórios [estão] dispersos em empresas e conglomerados movendo-se por países e continentes, ao acaso dos negócios, movimentos do mercado, exigências da reprodução ampliada do capital. [...]” (IANNI, 2013, p. 38). Não chega a se aprofundar, no entanto, sobre as dinâmicas que levam aos processos de territorialização nem a importância que algumas cidades vão adquirir, fenômeno sobre o qual se debruça a socióloga Saskia Sassen, com a tese sobre a “cidade global”. Para Sassen, as transformações decorrentes de diferentes crises nos anos 1970 e 1980 levaram a uma dualidade complexa no que tange à geografia e à composição da economia global, formando “[...] uma organização espacialmente dispersa, embora globalmente integrada, da atividade econômica”¹⁸ (SASSEN, 1991, p. 3), o que atribui novo papel

¹⁸ Tradução livre: “[...] a spatially dispersed, yet globally integrated organization of economic activity.”

estratégico às grandes cidades.

Para a autora, “[...] é possível entender a ordem global ao analisar porque estruturas chave da economia mundial estão *necessariamente* situadas em cidades.”¹⁹ (SASSEN, 1991, p. 4, grifo da autora). Seu interesse não está tanto na questão do poder de grandes corporações sobre os governos e economias, nem na concentração de poder de organizações como o Fundo Monetário Internacional, como se vê em Ianni (2013), mas, antes, na produção de serviços e inovações financeiras.

A autora observa duas importantes transformações com a globalização: a crise do estado-nação como o continente das práticas sociais e a erosão da correspondência entre nação e o território nacional. Isto lhe permite entender que o fenômeno da globalização implica a possibilidade de que certos processos ou entidades, localizados em determinado território, sejam, na verdade, o lugar do global. (SASSEN, 2007, p. 4) As “cidades globais” configuram um dos muitos processos recentes que, ainda enraizados em territórios e em domínios institucionais construídos em termos quase estritamente nacionais, são entendidos como parte da dinâmica da globalização porque envolvem, ao mesmo tempo, redes transfronteiriças e entidades que conectam múltiplos atores e processos locais ou “nacionais” (SASSEN, 2007, p. 5-6).

As cidades continuam sendo importantes na medida em que beneficiam – com suas infraestruturas e arquiteturas – a operação de serviços especializados. No entanto, estas operações, ainda que especializadas no território, solicitam uma nova hierarquia, afinal trata-se de um sistema multiescalar. Com a tese sobre a cidade global, Sassen estuda a “arquitetura organizacional da economia global”, propondo que esta economia contém as condições para sua enorme dispersão e mobilidade geográfica, assim como uma forte concentração territorial de recursos necessários para a gestão e o atendimento desta mesma dispersão. Identifica, ainda, a formação incipiente de “sistemas urbanos transnacionais” que seriam, em parte, uma “estrutura organizacional para transações de além-fronteiras” (SASSEN, 2007, p. 27-28).

Por mais que pareçam remeter a estratégias anteriores de imperialismo, de controle a distância das províncias, os sistemas urbanos transnacionais resultam de “[...] privatizações, desregulações, novas tecnologias de informação, abertura de economias nacionais para empresas estrangeiras e a crescente participação de atores econômicos nacionais em mercados globais.”²⁰ (SASSEN, 2007, p. 28) Tudo isso

¹⁹ Tradução livre: “[...] we may be able to understand the global order only by analyzing why key structures of the world economy are *necessarily* situated in cities.”

²⁰ Tradução livre: “[...] privatization, deregulation, the new information technologies, the opening up of national economic actors in global markets. [...]”.

passando por domínios políticos, culturais, sociais e criminais. Para além dos domínios mais estritamente econômicos, a autora sinaliza para o crescimento dos mercados internacionais de arte e a classe transnacional de curadores, assim como formas de arregimentação política não-formais, a exemplo de redes de ativismos de direitos humanos, causas ambientais, dentre outras (SASSEN, 2007, p. 29).

A nova organização hierárquica do poder conduz a uma normatividade que acaba absorvida pelo poder privado, devidamente instalado na esfera pública, colaborando para desnacionalizar agendas de estados nacionais. Certos componentes do estado nacional passam a ser o lugar institucional de operações de poderosas dinâmicas constituídas pelo capital global. (SASSEN, 2007, p. 40). Na mesma “classe”²¹ de atores que operam além das suas fronteiras de origem, constituem-se aqueles que circulam em arenas internacionais antes exclusivas aos estados nacionais, tratando de disputas internacionais e políticas contestatórias, especialmente nas ONGs, ligados às pautas dos povos indígenas, de imigrantes e de refugiados, num contexto em que emerge a grande classe global dos “despossuídos”. Destaque-se que tanto em “The Global City” (SASSEN, 1991) quanto em “A Sociology of Globalization” (SASSEN, 2007), a autora dá atenção especial às “redes transnacionais de representantes de governo” e às “elites transnacionais”, de onde poder-se-ia entender a atuação de acadêmicos e profissionais como os identificados nesta pesquisa, pondo em suspeita a suposto cosmopolitismo destes profissionais que operam em escala transnacional:

[...] Embora essa nova classe profissional transnacional possa se abrir para a diversidade de culinárias e de paisagens urbanas, a condição específica que a constitui como classe global é uma lógica de utilidade bastante estreita: a busca por lucros. Este não é, por si só, um impulso cosmopolita, embora possa levar os profissionais globais a se tornarem um pouco mais mundanos. [...] (SASSEN, 2007, p. 176)²²

Em “A sociedade em rede”, primeiro livro da trilogia sobre “A Era da Informação”, Manuel Castells se volta para a revolução informacional e a sociedade informacional, esta última organizada em torno das redes. A tecnologia é o ponto de partida de sua investigação, considerando um processo de revolução tecnológica em curso e que molda este mesmo processo. O autor dedica-se a compreender a formação de redes que conectam as economias nacionais e se tornam interdependentes, criando novas formas

²¹ Sassen usa o termo “classe” como “uma primeira agregação de variedades de grupos sociais que estão começando a se agregar como formas sociais globais reconhecíveis” (SASSEN, 2007, p. 164, tradução nossa).

²² Tradução livre: “[...] Although this new transnational professional class may open up to diverse cuisines and urban landscapes, the particular condition that constitutes it as a global class is a rather narrow utility logic: the drive for profits. In itself this is not a cosmopolitan drive, even though it may help global professionals become a little more worldly. [...]”.

de construção do conhecimento e de comunicação, despertando renovada atenção às questões identitárias e mesmo novas dinâmicas para o crime organizado, entre outras esferas. A revolução tecnológica e o contexto social em que ela se desenvolve não podem ser dissociados, diz Castells, afinal “[...] o grande progresso tecnológico que se deu no início dos anos 70 pode, de certa forma, ser relacionado à cultura da liberdade, inovação individual e iniciativa empreendedora oriunda da cultura dos *campi* norte-americanos da década de 1960. [...]” (CASTELLS, 2011, p. 43, grifo do autor).

A tecnologia, lembra ainda o autor, diz respeito à capacidade de tornar as coisas reprodutíveis. A natureza da revolução informacional mostra-se ainda mais rápida do que as transformações anteriores, dada a natureza do que se reproduz – o conhecimento – e pelas formas de sua reprodução, aceleradas pela internet e pela computação. O cerne da transformação contemporânea está nas “tecnologias da informação, processamento e comunicação” (CASTELLS, 2011, p. 68).

O que caracteriza a atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento/comunicação da informação, em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso. [...] (CASTELLS, 2011, p. 68).

Para Castells, as redes são a nova morfologia das relações sociais, cuja lógica, uma vez difundida, transformou os processos produtivos, experiência, poder e cultura. É notável o otimismo com que o sociólogo observa esta nova formação, suas propriedades associativas, a ampliação de possibilidades de conexão, antes imprevisas ou, ao menos, difíceis de serem realizadas. Não deixa de destacar, também, que ela implica em uma constante luta para estar dentro das redes, através da capacidade de deter e ampliar as conexões, servindo como uma alerta para a manutenção de processos de exclusão. A instabilidade vai afetar drasticamente o mundo do trabalho, afinal a globalização leva a uma maior fragmentação dos trabalhadores, maior insegurança e à “flexibilização” do trabalho, ou sua precarização.

[...] Nesse cassino global eletrônico capitais específicos elevam-se ou diminuem drasticamente, definindo o destino de empresas, poupanças familiares, moedas nacionais e economias regionais. O resultado na rede é zero: os perdedores pagam pelos ganhadores. Mas os ganhadores e os perdedores vão mudando a cada ano, a cada mês, a cada dia, a cada segundo e permeiam o mundo das empresas, empregos, salários, impostos e serviços públicos. [...] (CASTELLS, 2011, p. 68).

A produção de conhecimento e o lugar das universidades no contexto da sociedade em rede são últimos aspectos importantes a serem destacados neste primeiro capítulo da tese. Para Castells, a revolução tecnológica informacional originou-se e difundiu-se no período histórico em que se deu uma importante reestruturação global do capitalismo. Em sua leitura, a incapacidade de assimilar e usar os princípios do

informacionalismo das novas tecnologias de informação levaram ao colapso do bloco soviético, isto é, de um modelo “alternativo” do estatismo (CASTELLS, 2011, p. 49-50). Como essa reestruturação do capitalismo foi o fator mais relevante para a formação, consolidação e difusão da revolução tecnológica da informação para outros setores da vida humana, Castells acha apropriado chamar o novo sistema econômico e tecnológico de “capitalismo informacional” (CASTELLS, 2011, p. 55).

Ao contrário de perspectivas mais alarmistas sobre o impacto desta revolução sobre a forma de produção do conhecimento, como a de Peter Drucker, Castells percebe que a lógica virtual não faria das universidades nem das escolas instituições obsoletas. Por mais que, àquela altura, a oferta de cursos em formato virtual já estivesse se ampliando, Castells adianta que seria possível imaginar, em último caso, que a formação à distância seria apresentada mais como uma segunda opção, podendo ser mais usada como formação de adultos, do que como substituta das instituições de educação superior (CASTELLS, 2011, p. 486-487). Uma perspectiva ainda mais acertada está na observação de que a produção do conhecimento andaria em conjunto com a competitividade e a produtividade das empresas. Assim, por mais que a comunidade científica sempre tenha se constituído como internacional, ou mesmo global, no Ocidente, sempre estiveram e continuarão sujeitas a interferências de ordem política e econômica que darão centralidade a certos países em detrimento de outros.

[...] A maioria das descobertas das pesquisas acabam difundindo-se por todas as redes planetárias de interação científicas, mas existe uma assimetria fundamental no tipo de temas escolhidos para pesquisa. Problemas que são fundamentais para os países em desenvolvimento, mas oferecem pouco interesse científico geral, ou não têm um mercado promissor, são negligenciados pelos programas de pesquisas dos países predominantes. [...] (CASTELLS, 2011, p. 166)

Como em outros momentos da obra em questão, Castells faz questão de apontar as ambivalências do processo de globalização, mesmo com relação às possibilidades de transferência de tecnologia. A inserção de universidades e centros de pesquisa a uma rede muito mais complexa levou ao deslocamento da lógica da pesquisa e desenvolvimento de uma base nacional para outra lógica, a das “redes globais e multilocalizadas”. Esta última observação apresenta um aspecto extremamente relevante para entender não apenas o cerne desta pesquisa, sobre as formas de colaboração acadêmica no campo do Urbanismo no Brasil, como também o fenômeno mais amplo. Permite discutir como o próprio discurso sobre a internacionalização da educação superior passa de um debate estritamente acadêmico, centralizado no que as universidades entendiam como relevante, para um amplo debate onde intervêm outros agentes com interesses de mercado.

No contexto de crise da Universidade moderna que vem sendo apontada desde, pelo menos, os anos 1960, vê-se a entrada de forças do mercado que tensionam não apenas sua autonomia, mas mesmo as

relações entre Estado e universidades, características da segunda metade do século XX. A ênfase caindo sobre o papel que as instituições devem cumprir com relação à economia nacional, assim como os compromissos assumidos com a grande indústria e o mundo das finanças leva a uma imposição de lucro crescente e de disputa por inovação que já apresenta graves consequências. A transformação da produção do conhecimento em mercadoria por levar à constituição de uma espécie de UNIVER©IDADE, com pouco espaço para o entendimento da produção acadêmica como um bem comum.

Recentemente, universidades e instituições tecnológicas em países do Norte começam a produzir ensino superior em massa como se fora uma mercadoria para exportação. Enquanto os seus produtos tecnológicos e culturais afogam nações em desenvolvimento, tomados como meros mercados consumidores cujo destino é pagar *royalties* e remeter lucros, direitos de propriedade intelectual protegem conhecimento e produção artística de países industrializados. Em tal cenário, precisamos construir um tipo diferente de internacionalismo acadêmico, longe dos usos atuais da ciência & tecnologia e da arte & cultura como dispositivos de distanciamento social e político entre países, culturas e povos. (ALMEIDA FILHO, 2007, p. 251, grifo do autor)

2.2 Imperativos da Internacionalização: Conceitos, Políticas e Modelos

A retórica em torno da internacionalização das universidades, desenvolvida desde os anos 1980, é bastante persuasiva. Todavia, é preciso cautela para não permanecer inerte frente a esta realidade, ora reafirmando certa disposição histórica, quase natural das universidades em serem cosmopolitas e internacionais, ora colocando este imperativo como um fenômeno contemporâneo que deve ser aceito sem questionamentos, como uma necessidade imposta pelo processo de globalização para a qual não se apresenta qualquer alternativa senão manter-se alinhado com os fluxos dominantes. Numa visão geral, sem intenção de esgotar o tema, consideram-se aqui três conjuntos de discursos como “imperativos”, no sentido de certa exortação à busca da internacionalização, direcionada a instituições universitárias e a sistemas nacionais de educação superior. Eles são formulados por pesquisadores, intelectuais ou por organizações multilaterais com grande poder de influência sobre o debate, e podem ser organizados em torno de conceitos, políticas e modelos de internacionalização.

Um primeiro conjunto de discursos vem da própria constituição deste campo de pesquisa, tornado importante a ponto de justificar a instalação de observatórios e centros de pesquisa dedicados exclusivamente ao fenômeno²³. As disputas em torno dos conceitos de internacionalização se deu – e

²³ A exemplo do *Cross-Border Education Research Team (C-BERT)*, mantido através de uma parceria entre a State University of New York at Albany e a Pennsylvania State University; e do *Center for International Higher Education*, sediado na Lynch School of Education, do Boston College, e dirigido por Philip Altbach, um dos pesquisadores mais respeitados e citados nos debates sobre internacionalização da educação superior. Considere-se ainda o

segue em curso – através de um longo e bem documentado debate, que ganha intensidade a partir dos anos 1980, passando por inúmeras ampliações e revisões conceituais. Um primeiro aspecto a ser destacado está no caráter de novidade no uso do termo “internacionalização”, antes mais restrito ao campo da ciência política, que passa a integrar os debates sobre educação para descrever uma mudança significativa na natureza das universidades e nas suas formas de colaboração com instituições de outros países. Assim os termos “internacionalização” – e, mais tarde, “transnacionalização” – foram empregados para substituir noções anteriores como “educação internacional” e “colaboração internacional”. (DE WIT, 2013; KNIGHT, 2004; 2014; LARSEN, 2016)

Mais do que uma simples mudança de denominação, o que se altera é o sentido dado às formas de participação na comunidade acadêmica internacional. No começo do debate, ainda nos anos 1980, dava-se ênfase às “atividades e estratégias” associadas às IES, centrando-se nas instituições (KNIGHT, 2004; LARSEN, 2016). Na década seguinte ocorre uma mudança “ontológica significativa”, em que a internacionalização passa de resultado das ações que se encontravam na periferia das estratégias das instituições para ser entendida como um processo buscado de forma ativa, inicialmente como resposta a um fator externo e, com o passar do tempo, como uma demanda inerente mesmo ao estatuto das instituições (MARGINSON, 2011; LARSEN, 2016). Uma definição abrangente vem de Jane Knight, no esforço em reunir as contribuições dos anos 1990, entendendo internacionalização como “[...] o processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural ou global na proposta, funções e oferta da educação pós-secundária”²⁴, seja em nível institucional, setorial ou nacional (KNIGHT, 2003, p. 2).

Marianne Larsen, por sua vez, identifica como as definições iniciais de Jane Knight e Hans de Wit, amplamente divulgadas, apresentam certa dimensão normativa e uma perspectiva linear de internacionalização, como um estágio a ser alcançado, a partir de uma condição de insuficiência das instituições (LARSEN, 2016). Em contrapartida, Larsen prefere trabalhar com a noção de transnacional, porque ela reflete uma “compreensão mais flexível e fluida do nosso mundo global, levando nossa compreensão para além do Estado-nação” (LARSEN, 2016, p. 6).

Em muitos casos, a introdução dos termos “transnacionalização” e “educação transfronteiriça” (*cross-border education*) vem como forma de relacioná-los às escalas de atuação e aos riscos a elas vinculados, denotando, ainda, forte vinculação destes discursos com o mundo empresarial. Embora pareçam

lançamento, em 2019, do acervo digital latino-americano sobre internacionalização, criado por universidades brasileiras e argentinas. O acervo é parte das atividades da *Red de Investigadores y Gestores en Internacionalización de la Educación Superior de América Latina* (REDALINT), que buscam formular um posicionamento crítico com relação ao fenômeno da internacionalização.

²⁴ Tradução livre do original: “[...] the process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions or delivery of post-secondary education.”

equivalentes, subentende-se que o transfronteiriço é um passo a mais no estágio de escalada ao global, a almejada situação em que não importam mais a localização dos pontos nem sua posição dentro de um campo de forças. Em termos de mudança de postura institucional, a transnacionalização aparece como mudança estratégica das instituições. Para além do *status* e da posição dentro do campo da educação superior, busca-se também maior sustentabilidade financeira em um mercado global competitivo.

Com uma perspectiva mais crítica, Mário Luiz Azevedo aponta que a atenção excessiva dada à transnacionalização, valorizando as possibilidades de se conquistar um mercado internacional, sublima questões de grande relevância para a boa administração do ensino em escala nacional, podendo provocar, dentro de sistemas de educação superior nacionais, tensões próprias do mundo das mercadorias (AZEVEDO, 2015b, p. 87). Azevedo e outros autores traçam uma linha mais evidente entre os fenômenos de internacionalização e transnacionalização, onde o primeiro está carregado do sentido humanista, prioriza a integração entre instituições e culturas, promove solidariedade entre os povos, formando um “campo” no sentido bourdiano. A transnacionalização, por seu turno, estaria intimamente relacionada à globalização, onde predominam os interesses das empresas transnacionais, e adquire o sentido da expansão capitalista de transformação da educação superior em mercadoria, promove-se a disputa acirrada que amplia as desigualdades e forma, assim, um mercado (AZEVEDO e CATANI, 2013; AZEVEDO, 2015a; 2015b).

É notável como se desconsidera, nos discursos mais entusiasmados sobre o tema – sejam de pesquisadores da área ou dos documentos de organizações multilaterais – as particularidades menos desejáveis do fenômeno mais recente. Nega-se ou sublima-se que a educação superior vem sendo vista, cada vez mais, como um negócio e como uma mercadoria, inserida em um mercado de cifras muito altas, relacionado e muitas vezes dependente das flutuações do mercado financeiro. Isto reforça a leitura de Lima e Contel sobre a recorrência, nos debates sobre internacionalização, de agentes interessados em comunicar apenas os aspectos positivos, da prevalência de “abordagens apologéticas” e da escassa produção de textos mais críticos, entre outros elementos (LIMA e CONTEL, 2011, p. 12-13). Entendendo que o debate carece de conceituação mais precisa, os autores trabalham com as noções de “internacionalização ativa” e “internacionalização passiva”, apropriando-se das leituras de Milton Santos sobre o fenômeno da globalização, de modo a inserir este debate em uma “geopolítica do conhecimento” (LIMA e CONTEL, 2011).

Contribuições como as dos pesquisadores brasileiros, acima mencionados, reforçam ainda a necessidade apontada por Carlos Martins de se promover maior aproximação da Sociologia com este debate (MARTINS, 2015, p. 292). A noção mesma da formação de um “sistema transnacional” de

educação superior parece oportuna para deslocar o debate estritamente conceitual, que gira em torno de termos neutros, visando a uma formação de consenso, para politizar o debate e conseguir relacioná-lo de forma mais crítica às estruturas de poder (MARTINS, 2015).

Do ponto de vista da formulação de políticas, organizações internacionais multilaterais como UNESCO, Banco Mundial, OCDE e OMC tiveram um papel bastante relevante e costumam ser apontadas como um dos grupos de agentes mais influentes nas definições dos debates sobre a internacionalização, merecendo estudos integrativos e específicos sobre as formas de atuação de cada uma delas (PEREIRA e PRONKO, 2015; MAUÉS, 2019; MAUÉS e SOUSA, 2018; RIBEIRO, 2006; BORGES, 2009). É evidente que não se trata de uma atuação isolada, dado que as tomadas de decisão sempre passam pela aprovação das instituições nacionais, bem como são medidas pelas condições de cada país e dos interesses em jogo na construção de uma política de educação superior. Deve-se considerar, de partida, que estas organizações não tiveram força de mudar radicalmente o debate, nem de impor políticas que intervissem diretamente na soberania de países e de seus sistemas de educação. Pelo contrário, costuma-se destacar como sua influência sobre agendas públicas efetivas sempre foram adaptadas e repensada por atores locais (MARTINS, 2015), como se dá, aliás, em todo processo de trânsito de ideias.

Com relação à *Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura* (UNESCO), costuma-se apontar que ela foi perdendo, paulatinamente, o papel que chegou a assumir como determinadora da agenda sobre educação, em escala global, até os anos 1970 (PRONKO, 2015, p. 91). A UNESCO foi um importante agente, junto a outras organizações, responsável na construção do discurso que alinhava educação ao desenvolvimento econômico, ao ponto de afirmar-se como mediadora dos financiamentos revertidos para os países mais pobres, com a finalidade de redução da pobreza e das desigualdades sociais. O estudo realizado por Marcela Pronko mostra que a partir dos anos 1970, representantes dos países centrais, liderados pelos Estados Unidos, iniciaram um forte questionamento às ações da organização, dentro de um quadro mais amplo de disputa por poder na *Organização das Nações Unidas* (ONU).

No fundo, as reivindicações dos países do Terceiro Mundo, canalizadas pela Unesco na década de 1970, particularmente a proposta de uma nova ordem econômica internacional, que se refletia na nova ordem mundial da informação e comunicação (Nomic), resultavam inaceitáveis para a agenda neoconservadora que o presidente Ronald Reagan tentava levar adiante desde o governo dos Estados Unidos. A retirada desse país da Unesco foi seguida, no ano seguinte, pela retirada do Reino Unido e de Singapura, o que teve forte impacto no já reduzido orçamento da instituição, acentuando a enorme distância entre o amplo mandato da Unesco e seus modestos recursos [...] (PRONKO, 2015, p. 93-94)

Para Karen Mundy (2007 *apud* PRONKO, 2015, p. 95), os anos 1980 marcam o fim do “multilateralismo

distributivo” na política internacional, quando as organizações multilaterais passam a adotar formas mais disciplinadoras e defensivas de se relacionar com a diversidade de países envolvidos nas amplas discussões sobre o rumo da educação superior. Enfrentando forte redução de recursos, a UNESCO perde seu papel enquanto o Banco Mundial e a OCDE ganham poder na definição de orientações de políticas educacionais, na distribuição de financiamentos e na criação de índices de avaliação. Como consequência, a pauta da educação como direito universal, embora tenha se mantido presente nas afirmações da UNESCO, ganha lugar periférico neste debate.

Na convenção de Dakar, no Fórum Mundial de Educação (2000), evidenciou-se o não cumprimento das metas indicadas dez anos antes, no mesmo Fórum e realizado em 1998, e daí a crítica às generalidades e dificuldade das metas estabelecidas para os países²⁵. Ainda segundo Vior e Cerruti, por mais que a educação apareça no documento como um “direito humano fundamental”, não são dadas indicações sobre como os orçamentos devem se alinhar a esta prerrogativa (VIOR e CERRUTI, 2015, p. 123). O domínio no BM sobre a matéria só se ampliou, ficando a UNESCO e a UNICEF disputando entre si suas competências.

Não obstante, deve-se destacar o papel da UNESCO em manter-se na defesa da educação como direito, mesmo num cenário em que, ao menos com relação à educação superior, esta pauta esteja enfraquecida. A realização de fóruns e encontros regulares dão a importância de sua existência e mostram-se como o lugar de onde pode se avaliar, criticamente, os desdobramentos do processo de transformação do conhecimento em mercadoria, bem como de onde se insiste em pautar, entre outras questões, a autonomia universitária, uma agenda ética para o ensino superior e os compromissos das instituições universitárias com a sociedade como um todo (BERNHEIM e CHAUÍ, 2008).

Com relação ao Banco Mundial, sua atuação no campo internacional da educação se inicia ainda nos anos 1960, período em que começa a conceder empréstimos voltados para a difusão da educação técnica e profissional. Interessava, naquele período, a formação de mão de obra qualificada para grandes obras de infraestrutura nos países em desenvolvimento (PRONKO, 2015, p. 90-91), orientação mantida até os anos 1980. Suas perspectivas mudaram sensivelmente, ao longo do tempo, sobretudo com relação à educação superior. No entanto, pode-se dizer, em linhas gerais, que a organização “[...] se tornou uma instância central na legitimação de um olhar econômico sobre a educação e defendeu-a como elemento propulsor do desenvolvimento econômico [...]” (MELLO, 2015, p. 154).

Entre os anos 1980 e 1990, o Banco deu prioridade para os ensinos básico, técnico e profissionalizante,

²⁵ O relatório de David Berk (2002) aponta muitos problemas nos projetos apoiados pelo Banco Mundial, entre 1990-2000, e um deles merece atenção, aqui – os projetos não deram evidências de que a educação reduziu a pobreza e contribuiu para o crescimento econômico.

entendendo que eles impactavam muito mais num sistema de produção, onde a industrial compreendia boa fatia do PIB dos países hegemônicos. Sua ênfase, neste período, estava em dar recomendações sobre como investir de forma mais eficaz os recursos públicos, sem considerar as particularidades de cada país. Com relação às universidades, entendia-se que elas passavam por uma “crise”, decorrente da sua dependência dos financiamentos públicos dos governos e da massificação do ensino superior, que levou a um aumento significativo do número de ingressos de estudantes (THE WORLD BANK, 1994, p. 1-2).

Concluía-se que as universidades não conseguiriam manter o padrão de oferta, seguindo o modelo tradicional, problema que se apresentava como sendo ainda mais sério nos países em desenvolvimento. Criticava-se o modelo europeu de universidade, por ser muito dependente do Estado; este modelo não se mostrava apropriado, considerado muito caro para os países em desenvolvimento. Indicava-se, assim, a criação de instituições não universitárias para atender à reforma, mais orientadas para as necessidades do mercado. Associava-se a esta orientação, o incentivo à expansão do ensino superior privado.

Os documentos do Banco Mundial dos anos 1990 insistem na mudança de abordagem que priorizou a formação de “mão-de-obra” do imediato pós-Guerra, para seguir a orientação de formação de “capital humano”. As transformações mais gerais no mundo do trabalho, o novo equilíbrio entre as atividades industriais e de serviços demandavam mão de obra com maiores recursos de capital intelectual. As demandas do mercado e da indústria também mudaram. Os avanços, muito rápidos, exigiam cada vez mais andar lado a lado com os investimentos e o progresso da pesquisa.

Estas preocupações começam a aparecer com mais relevância na metade final da década de 1990 e se intensificam no começo dos anos 2000. Em *“Priorities and strategies for education”* (THE WORLD BANK, 1995), o BM apontava para os efeitos das mudanças no mundo do trabalho, em função de transformações na economia, da integração da economia mundial, das mudanças tecnológicas e das migrações em massa, sendo que elas alteraram o modo de encarar a educação no mundo²⁶. A educação precisava responder às necessidades da economia, formando profissionais adaptáveis e com capacidade de adquirir novas habilidades. Reconhecia, no entanto, que as transformações tecnológicas levaram ao aumento das desigualdades, na medida em que a formação passava a ser um elemento de diferenciação. (THE WORLD BANK, 1995, p. 24-25). Também nos anos 2000, mudou-se a forte inclinação

²⁶ Reconhece-se, apoiando-se em documento da OECD, que as finalidades da formação também vão sendo alteradas com as novas transformações. Assim as formações básicas e mesmo a secundária estão ficando cada vez mais generalistas, levando à continuação da formação acadêmica e profissional em instituições de ensino superior, já considerando a necessidade de uma contínua atualização na educação continuada. (THE WORLD BANK, 1995, p. 26-27).

do BM em recomendar apenas o investimento na educação primária. As recomendações passam a sugerir uma visão holística de investimento, incluindo o ensino superior, e debate-se com mais vigor as questões de aprendizagem

O BM segue indicando a importância da educação como instrumento de luta contra a pobreza. Outro documento chave para entender a atuação do Banco Mundial, de 2002 – “Constructing Knowledge Societies” – aborda questões semelhantes quando elabora um quadro das transformações no trabalho, nas pesquisas e nas relações com o desenvolvimento econômico (THE WORLD BANK, 2002, p. 1). Este documento mostra a mudança de ênfase que o Banco Mundial dava ao ensino superior. Agora o foco passa para o ensino superior como um veículo para se conseguir o crescimento econômico e a redução da pobreza, acrescentando-se aí a perspectiva de que o investimento em ensino superior seja um caminho para os países mais pobres a participarem na economia mundial do conhecimento, para não correrem o risco de marginalização numa disputa global “altamente competitiva” (THE WORLD BANK, 2002, p. XVIII-XIX).

O sumário executivo do documento apontava para seis tendências da Educação Superior: a importância crescente do conhecimento como instrumento de desenvolvimento econômico; o surgimento de ambientes sem fronteiras para a oferta de ensino superior; mudanças na informatização e acesso virtual ao ensino; a ascensão do mercado – inclusive de um mercado global; a demanda por empréstimos para a Educação Superior; a valorização da educação para além de sua dimensão de capital humano, considerada também e a educação como um “bem público global” (THE WORLD BANK, 2002, p. 3). As recomendações, neste documento, são mais precisas, chegando a indicar o percentual do PIB a ser investido em educação. Percebe-se uma preocupação maior, desenvolvida ao longo dos anos 1990, de desenvolver instrumentos e meios mais precisos para avaliar os impactos do investimento em educação. Pode-se ler, neste texto, o papel do Estado em oferecer as condições para a expansão do mercado educacional.

Quando se detém sobre as prioridades de empréstimos para projetos, elas não se alteram significativamente: incentivar a criação de outros modelos de instituição e de universidades privadas; aumentar a relevância (adequação às dinâmicas do mercado de trabalho) e a qualidade da educação; obter mais eficiência na utilização dos recursos; garantir a equidade com a possibilidade de suporte aos estudantes mais necessitados. A novidade está na ênfase dada a ciência, tecnologia da informação e inovação.

No começo dos anos 2000, a questão da internacionalização da Educação Superior está mais evidente. Já se considerava a existência de um mercado de ensino superior internacional e os problemas dele decorrentes: problemas de acreditação, da qualidade do ensino oferecido e, evidentemente, das

barreiras comerciais, o “*brain drain*” e a destinação do conhecimento e a emergência de novos atores no sistema educacional. Relatórios encomendados pelo Banco Mundial assinalam o tom de que a competitividade no campo do ensino é um fato inescapável, como resultado da globalização. Isto ajuda a reforçar a importância do Estado como a instância a oferecer suporte para o desenvolvimento das economias, auxiliando inclusive o próprio setor privado na área do ensino.

Os documentos das organizações multilaterais apresentam um discurso operativo, marcado pela assimilação dos paradigmas do final do século passado, que incluem a sociedade informacional, as redes, a competitividade como motor para se alcançar a excelência no ensino global. Se no caso do Banco Mundial ainda se nota o interesse em promover estudos independentes, através de consultores e pesquisadores da área, a atuação de organismos como a OCDE e a OMC instalam de forma ainda mais pragmática a assimilação de uma lógica de mercado, deixando pouca margem para a construção de alternativas. Diversos autores indicam que estas duas últimas agências foram ainda mais importantes na consolidação de um discurso que se repercute na indicação de políticas para a educação superior como um serviço, e não mais como um direito (MAUÉS e SOUZA, 2018; RIBEIRO, 2006; BORGES, 2009). Contribuíram de forma decisiva no processo de privatização da universidade e na definição de uma agenda de reforma global da educação superior, servindo de veículo para a disseminação da lógica empreendedora e competitiva no cerne das redefinições institucionais da universidade (LAVAL, 2019).

Um último conjunto de imperativos da internacionalização pode ser apontado na construção de modelos de universidade e de internacionalização. Um primeiro caso a ser destacado, embora não tenha sido criado como modelo, do ponto de vista operativo, está no Processo de Bolonha, marco importante na institucionalização de um espaço supranacional para a educação superior e instrumento de suma relevância para a criação e consolidação do Espaço Europeu de Educação Superior (EEES). As ambições do acordo de Bolonha foram bastante altas e tinham, como precedentes, outros esforços de integração política, cultural e econômica dos países europeus. Sua implantação levava em conta o cenário indicado pelos organismos internacionais e eram, também, uma forma de reação dos sistemas nacionais de educação superior europeus, com suas seculares universidades, ao avanço das universidades estadunidenses, australianas e chinesas no mercado internacional.

O Processo de implantação não foi isento de críticas, que passaram por grandes questões como: o incentivo à privatização das universidades europeias, a falta de clareza com relação aos financiamentos e ao cumprimento dos acordos, perdas de autonomia e de diversidade de formação, ausência de democracia e falta de transparência nas decisões, além de ter enfrentado, em países como Espanha e Itália, a dificuldade de aceitação do corpo docente e de pesquisadores do inglês como língua franca (MELLO, 2011). Deve-se destacar, no entanto, que sua realização trouxe, como principais contribuições,

a integração dos sistemas nacionais europeus e a consolidação da União Europeia como um todo, promoveram intensa mobilidade de estudantes, professores, pesquisadores e pessoal técnico-administrativo e serviu, ainda, para dar nova visibilidade à produção acadêmica europeia. Considera-se, aqui, como um “modelo”, entendendo que teve forte apelo e influência nas reformas universitárias da América Latina, incluindo-se transformações relevantes da educação superior no Brasil (ALMEIDA FILHO 2007; MELLO e DIAS, 2011).

Outros casos consistem, mais claramente, de construções de “modelos”, no sentido que serviram de parâmetros comparativos e estabeleceram critérios de diferenciação das universidades em escala global. Aqui nota-se forte articulação entre pesquisadores da área e os organismos multilaterais, especialmente o Banco Mundial, que ajudaram a constituir um debate em torno das “*World-Class Universities*” (SALMI, 2009; ALTBACH e SALMI, 2011). Passados mais de quinze anos do começo do debate, seu entendimento continua gerando incompreensões, devido à falta de clareza mesma dos documentos mais oficiais, gerando interpretações interessadas e dúvidas sobre sua real utilidade. O termo surgiu para legitimar e estabelecer critérios para eleger as universidades consideradas as melhores numa escala global, assimilando, portanto, o contexto de disputa para validar as instituições, cujas condições permitem colocá-las no jogo e lhes dar maior visibilidade.

Segundo Jorge Salmi, um dos principais articulistas deste debate, justifica-se a construção desta referência pois, até pouco tempo, trabalhava-se com uma noção muito difusa de que viriam a ser as universidades de elite, o que conferia reputação quase inquestionável às universidades da chamada “*Ivy League*”, as universidades de Cambridge e Oxford, no Reino Unido, e a Universidade de Tóquio, no Japão (SALMI, 2009, p. 15-16). Destaque-se que a criação do termo acompanhou o desenvolvimento e crescimento da importância dos ranqueamentos. Ainda que reconheça as limitações metodológicas dos “rankings” e de sua vinculação a um nicho muito estrito de usuários aptos a ingressar na educação superior de elite, Salmi argumenta a favor de esquemas de classificação:

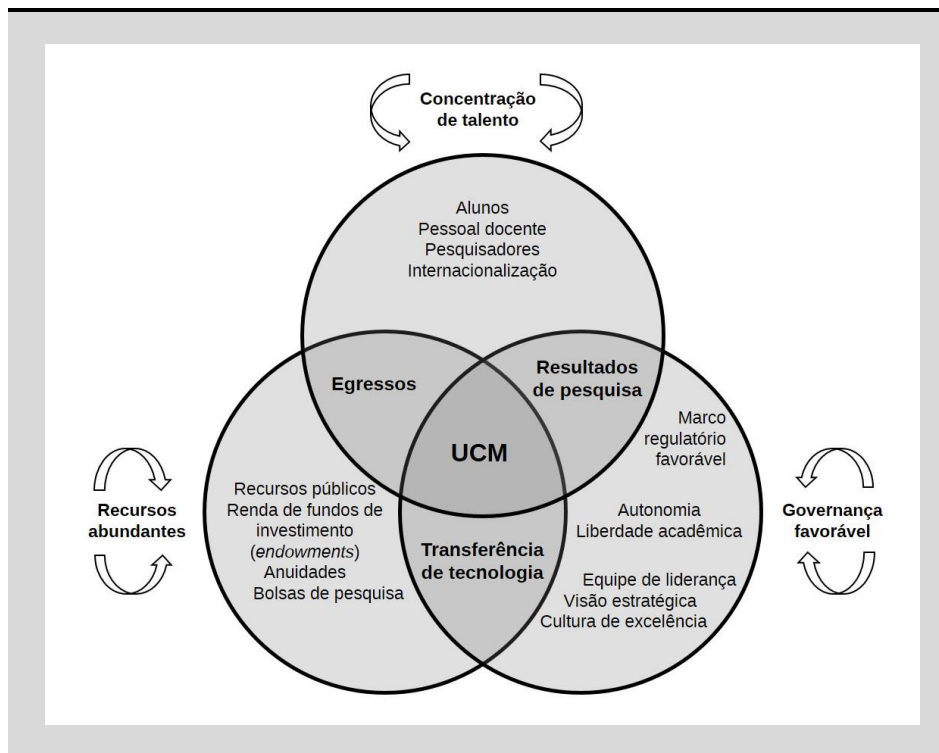
Não obstante as sérias limitações metodológicas de qualquer exercício de classificação [...], as universidades de classe mundial são reconhecidas, em parte, por seus resultados acima da média. Elas produzem graduados bem qualificados e disputados no mercado de trabalho; conduzem pesquisas de ponta, publicadas nas principais revistas científicas; e no caso de instituições orientadas para a ciência e a tecnologia, contribuem para inovações técnicas por meio de patentes e licenças. (SALMI, 2009, p. 17)²⁷

²⁷ Tradução livre do original: “Notwithstanding the serious methodological limitations of any ranking exercise [...], world-class universities are recognized in part for their superior outputs. They produce well-qualified graduates who are in high demand on the labor market; they conduct leading-edge research published in top scientific journals; and in the case of science-and-technology-oriented institutions, they contribute to technical innovations through patents and licenses.”

O autor empreende um esforço para definir os aspectos das “universidades de classe mundial”, reunindo tanto as metodologias dos ranqueamentos quanto de estudos acadêmicos. Por fim, elenca três elementos básicos que lhes são comuns (Figura 4): a alta concentração de pessoas de destaque (estudantes, professores e corpo técnico-administrativo); a existência de muitos e variados recursos financeiros, públicos ou privados; e uma governança favorável, flexível, de visão, basicamente, empresarial.

Figura 4

Redesenho e tradução do diagrama da tripla hélice das Universidades de Classe Mundial (UCM). Apresentado por Jorge Salmi em “The Challenge of Establishing World-Class Universities”



Fonte: Elaboração própria, a partir de Salmi (2009, p. 8)

A introdução dos ranqueamentos, que dão visibilidade ao estrato superior das universidades, expande a geografia desta análise, desperta o interesse pela disputa nos níveis institucional, setorial e pode mesmo interferir nas políticas nacionais de educação superior. No entanto, reforça ainda mais o estabelecido, afinal a própria lógica dos ranqueamentos foi iniciada pelas universidades dentro dos Estados Unidos, e eles foram, de algum modo, o modelo para os primeiros ranqueamentos. Portanto, os critérios estão em acordo com o que essas mesmas universidades de elite tinham como capital adquirido.

2.3 Aspectos do “Modelo Global Emergente” e a Presença das Universidades em Solo Estrangeiro

Como apontado por alguns autores, forma-se um novo *locus*, ou paisagem do ensino superior (MARGINSON, 2007; MARTINS, 2015), onde as universidades estão submetidas a diferentes forças, não somente as mais tradicionais, internas ao campo acadêmico e aos sistemas nacionais, como também às injunções de um competitivo e dinâmico mercado global. Analisando os níveis de competição global e local do ensino superior, a partir de Pierre Bourdieu, Simon Marginson entende que não se perde, por completo, a particularidade do campo, de modo que a hierarquia de posição das universidades continua sendo muito mais estável, no tempo, se comparada com as flutuações nas posições de liderança em mercados de outra natureza (MARGINSON, 2006, p. 7).

Isto não impede de considerar, no entanto, que os ranqueamentos de universidades de elite, cujos resultados são cada vez mais aguardados e disputados, tenham poder de influenciar as instituições na disputa por reconhecimento, bem como por aumento no fluxo de estudantes estrangeiros e de financiamentos de todas as partes do mundo. Criados por volta dos anos 1930, nos Estados Unidos, como forma de auxiliar os estudantes e suas famílias a escolherem as universidades para as quais eles se candidatariam (ALMEIDA-FILHO, 2012, p. 220), os ranqueamentos globais de universidades ganharam prestígio e aumentaram em número desde a globalização da educação superior, quando se abre um mercado acirradamente competitivo. Ainda de acordo com Almeida-Filho, a emergência dos ranqueamentos, nos últimos anos, teve como consequência quase imediata novos reagrupamentos de universidades que antes funcionavam como órgãos distintos – como no caso da França – e gerou maior investimento em centros de pesquisa, como no caso da Alemanha (ALMEIDA-FILHO, 2012, p. 220).

Entende-se que a necessidade de atestar o “impacto global” das instituições altera essa relativa independência, fazendo com que as grandes universidades precisem atender também aos interesses do grande capital e submeter-se às flutuações do mercado de estudantes internacionais.

[...] Tudo leva a crer que a emergência dos *rankings* globais transformou o ensino superior num acirrado espaço de competição manifesta e (ou) latente, em busca de prestígio acadêmico e social, e a reconversão desse reconhecimento em captação de recursos financeiros para as instituições que o integram. No contexto atual, certamente, cada instituição de ensino superior possui a liberdade de estabelecer seus objetivos e missões acadêmicas. No entanto, tudo leva a crer que nenhuma delas comanda inteiramente seus próprios destinos, uma vez que elas constituem parte de um vasto e complexo sistema nacional e global marcado por uma crescente luta concorrencial. (MARTINS, 2015, p. 305, grifo do autor)

Associado à emergência dos ranqueamentos, nota-se uma construção, ainda que difusa, do chamado “Modelo Global Emergente”. Ele não deixa de ter caráter normativo, ainda que não seja alicerçado por documentos de organismos internacionais, e reúne os atributos das universidades que afirmam ter um “impacto global” com suas atividades, especialmente as de pesquisa.

As campanhas de arrecadação de fundos para as grandes universidades, de cifras bilionárias, cada vez mais são orientadas em função disto. Inseridos numa dinâmica econômica de grandes cifras, a criação e manutenção de um fluxo de estudantes para manter a folha de pagamentos em dia altera a paisagem da educação superior. Isto vai ser mais delicado, evidentemente, naqueles substratos de universidades menos consolidadas e que dependem em grande parte deste afluxo. Ainda assim, nota-se, nas últimas décadas, uma pressão maior para que as universidades globais marquem a sua presença física em território estrangeiro.

2.4 Ações de Internacionalização a partir de Três Universidades Globais

Em estudo sobre universidades nos Estados Unidos, Childress aponta para o fato de que existe uma distância entre a elaboração e a execução dos planos de internacionalização. Com relação às estratégias de internacionalização, estas parecem ser variadas, mas tendem a constituir um Plano institucional. O planejamento de atuação internacional, no entanto, não necessariamente estará vinculado a um *plano estratégico* propriamente dito. Consta-se que esta prática é válida para as universidades que disputam por inserção no mercado global, pois as que nele estão consolidadas operam diferentemente.

As três universidades propostas para estudo são consolidadas, a ponto de terem visibilidade e impacto sobre o campo da educação superior antes de isto ter virado uma grande questão. Em todos os casos, no entanto, os esforços e ações com vistas a não apenas consolidar como ampliar esta atuação foram significativos e implicaram em investimentos de diferentes capitais para sua execução. As descrições permitem entender a variedade de ações adotadas. A internacionalização, uma realidade nelas dada e vivida como parte da rotina institucional, extrapola um plano institucional e pulveriza-se em centros múltiplos de ação, que contam com relativa autonomia, levando, por exemplo à criação de centros que atuam globalmente sem vínculo pleno com a universidade.

2.1.1 Harvard University

A Universidade de Harvard não dispõe de um documento sistematizado como um Plano de Internacionalização, ou Plano Estratégico. Sua ação institucional com vistas à internacionalização se concentra nas ações da vice-reitoria para assuntos internacionais. No panfleto “One Harvard One World” (HARVARD UNIVERSITY, 2019) a instituição aponta para seu alcance mundial, com ações em todos os continentes, destacadas as macrorregiões e o projetos de referência em cada uma delas. A instituição apresenta sua política como sendo o:

[...] resultado de uma estratégia simples de engajamento com o mundo: atrair estudantes e professores de destaque, não importando de que parte do mundo eles se originem, e permitindo-lhes perseguir seus interesses em ensino e

pesquisa, não importando onde eles possam vir a ser lideranças.²⁸ (HARVARD UNIVERSITY, 2019).

Harvard University apresenta-se como a universidade com maior alcance global, em termos de número de estudantes e professores estrangeiros. Um levantamento aponta que, entre os anos de 2016 e 2017, os estudantes, professores e funcionários da instituição viajaram para mais de 160 países²⁹. Somente em 2018, registrou-se um total de 8.760 viagens internacionais. Suas atividades de internacionalização compreendem centros de pesquisa localizados nos Estados Unidos com alcance internacional, escritórios regionais, centros internacionais (a exemplo do DRCLAS, com sede no Brasil), além da atuação de cada departamento ou unidade, autônomos para estabelecerem vínculos com países e instituições estrangeiras. As muitas *Harvard Summer Schools* também são elemento importante deste processo de internacionalização, somada à plataforma HarvardX, de ensino à distância, e o *Radcliffe Institute*, unidade semiautônoma dedicada a explorar a pesquisa em nível de pós-graduação para estudantes e professores, tradicionalmente disposta a dar suporte para pesquisadores estrangeiros.

A maior parte dos estudantes estrangeiros em Harvard vem da China, Canadá, Índia, Coreia do Sul e Reino Unido, numa taxa crescente, para a maioria dos países citados, desde 2007. Destaque-se que entre 2012-2013 a China ultrapassou o Canadá e manteve sua posição como o país de origem do maior número de estudantes na instituição. Com relação ao Brasil, em 2018, a universidade contava com 125 estudantes, 150 pesquisadores e um corpo de 1.683 ex-estudantes³⁰.

Numa leitura mais ampla, o percentual de estudantes estrangeiros teve um média de aumento quase regular entre 2005 e 2018, marcando pequenas quedas entre os anos de 2009-2010 (0,2%) e entre 2017-2018 (0,1%). Nos dois últimos anos indicados, a universidade contabilizava quase 24% de estudantes estrangeiros em seu quadro. A *Graduate School of Design* (GSD), sobre a qual se debruça esta pesquisa, figura como a unidade que abriga o maior percentual de estudantes estrangeiros (53%) dentro da universidade (Quadro 1).

²⁸ No original: “[...] result of a simple strategy for engagement with the world: to attract talented students and faculty, whatever part of the world they might come from, and to empower them to pursue their teaching and research interests, wherever around the world they might lead.”

²⁹ Embora esta definição seja bastante contestável, corresponderia à quase totalidade dos 193 países- membros da ONU. Ver em: <https://nacoesunidas.org/conheca/paises-membros/>

³⁰ Dados levantados a partir de HarvardWorldwide. Disponível em: <<https://worldwide.harvard.edu/worldwide-data>>. Acesso em: 14 mar. 2019.

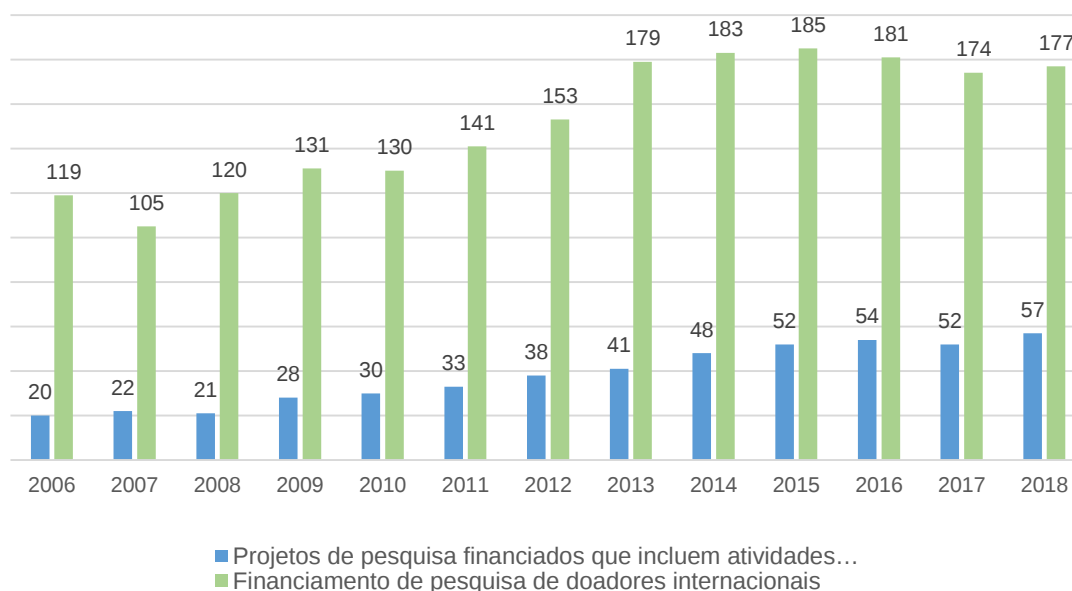
Quadro 1
Proporção de estudantes estrangeiros por unidade em Harvard (2018-2019).

Harvard College	12%
Extension School	13%
Divinity School	14%
Medical School	18%
School of Dental Medicine	19%
Graduate School of Education	20%
Law School	24%
Business School	33%
Graduate School of Arts and Sciences	34%
T. H. Chan School of Public Health	37%
Kennedy School of Government	47%
Graduate School of Design	53%

Fonte: Harvard Worldwide.

Também o interesse por quadros de professores estrangeiros aumentou significativamente, chegando a 38% do quadro, o que inclui professores ocupando cargo de direção em seis das doze faculdades ou institutos que conferem diplomas. Os interesses na internacionalização passam pela disponibilidade de financiamento para Harvard University. O financiamento de fontes internacionais representa parte importante da receita, como se vê no gráfico abaixo, girando em torno de 150 milhões de dólares ou mais desde 2012 (Gráfico 1).

Gráfico 1
Evolução do financiamento internacional para pesquisa em Harvard (em US\$ milhões).



Fonte: Harvard Worldwide.

Em levantamento finalizado em março de 2019, foram identificados 28 centros, unidades ou escritórios fora dos Estados Unidos vinculados à Harvard University (Quadro 2). As unidades mais antigas, ainda em funcionamento, são o *Centro de Exploração Arqueológica de Sárdis*, na Turquia e o *Centro de Estudos sobre o Renascimento Italiano*, em Florença, ambos criados ao final dos anos 1950. Com relação aos outros 26 centros, foram criados a partir de meados dos anos 1990, justamente no período em que se intensificou o debate sobre a internacionalização. Com relação à América Latina, a atuação mais direta se dá através das unidades do *David Rockefeller Center for Latin American Studies* (DRCLAS) e nos centros de pesquisa da *Harvard Business School* (HBS) em São Paulo e em Buenos Aires.

Quadro 2		
Unidades, Centros e Escritórios da Harvard University fora dos Estados Unidos.		
criação	unidade / centro / escritório	país
1958	Archaeological Exploration of Sardis. Sárdis.	Turquia
1959	Villa I Tatti Harvard University Center for Italian Renaissance Studies. Florença.	Itália
1994	Vietnam Fulbright Economics Teaching Program. Ho Chi Minh.	Vietnã
1996	Botswana Harvard Partnership. Gaborone.	Botswana
1999	HBS Asia-Pacific Research Center – Hong Kong.	Hong Kong
2002	DRCLAS Chile Regional Office. Santiago do Chile.	Chile
2002	HBS Japan Research Center. Tóquio.	Japão
2003	HBS Europe Research Center. Paris	França
2006	DRCLAS Brazil Office. São Paulo.	Brasil
2006	HBS India Research Center. Mumbai.	Índia
2008	Center for Hellenic Studies in Greece. Náuplio.	Grécia
2009	Africa Academy for Public Health. Dar es Salaam.	Tanzânia
2010	Harvard Center Shanghai. Xangai.	China
2010	Harvard T.H. Chan School of Public Health India Research Center. Mumbai.	Índia
2010	HBS Latin America Research Center – Buenos Aires. Buenos Aires.	Argentina
2012	DRCLAS Mexico Office. Cidade do México.	México
2013	HBS Middle East and North Africa (MENA) Research Center. Istambul.	Turquia
2014	HMS Center for Global Health Delivery – Dubai. Dubai.	Emirados Árabes Unidos
2015	HBS Latin America Research Center – São Paulo. São Paulo.	Brasil
2015	HBS Singapore Office.	Singapura
2015	HBS Dubai Office. Dubai.	Emirados Árabes Unidos
2015	HBS Tel Aviv Office. Tel Aviv.	Israel
2016	Center for African Studies Africa Office. Joanesburgo.	África do Sul
2016	Richard Rogers House at Wimbledon – GSD, Wimbledon. Londres.	Reino Unido
2017	Center for Middle Eastern Studies Tunisia Office. Tunes.	Tunísia
2017	The Lakshmi Mittal South Asia Institute India Office. Déli.	Índia
2017	HBS South Africa Office. Joanesburgo.	África do Sul
2018	HBS Mexico Office. Cidade do México.	México
28 unidades, centros ou escritórios		20 países
(12 deles vinculados à HBS – Harvard Business School)		

Fonte: Harvard Worldwide; Harvard Business School Global; Harvard Business School (2018); Harvard University (2019).

Os projetos de colaboração acadêmica de Harvard com o Brasil analisados nesta pesquisa aconteceram já no contexto de funcionamento do DRCLAS. O centro foi criado em 1994, em Cambridge, onde ainda

hoje se encontra sua sede principal, e desde então foram criadas sedes locais em Santiago do Chile (em 2002), que se mantém como escritório regional do Centro, em São Paulo (em 2006) e na Cidade do México (em 2012). O Centro tem como missão, exposta em seus relatórios anuais:

[...] ampliar o conhecimento sobre as culturas, economias, histórias, meio ambiente e questões contemporâneas da América Latina, promover a cooperação e o conhecimento entre os povos das Américas e contribuir com a democracia, progresso social e desenvolvimento sustentável em todo o hemisfério³¹. (HARVARD UNIVERSITY; DRCLAS, 2000)

Os objetivos principais do DRCLAS consistem em viabilizar a realização de atividades de ensino e pesquisa da Universidade de Harvard que tratam de assuntos da América Latina; além de integrar a Universidade a instituições no continente. Ao longo de seus vinte e cinco anos de atuação, promoveu um grande número de atividades culturais e acadêmicas, com eventos, publicações e projetos de pesquisa e de serviço público junto a instituições de todo o continente. Sua capacidade de atuação se expandiu consideravelmente neste período, o que já se percebe a partir da criação dos três centros locais na América Latina, e pode ser avaliado também a considerar o aumento significativo da receita, que passou da casa dos 2 milhões no começo dos anos 2000 para 10 milhões de dólares nas últimas declarações registradas nos relatórios anuais (Quadro 3).

³¹ No original: “[...] to increase knowledge of the cultures, economies, histories, environment, and contemporary affairs of Latin America, foster cooperation and understanding among the peoples of the Americas, and contribute to democracy, social progress, and sustainable development throughout the hemisphere.”

Quadro 3

Receita do DRCLAS, entre 1999-2018.

período	receita (US\$)
1999-2000	2.185.615
2000-2001	(*)
2001-2002	3.389.937
2002-2003	(*)
2003-2004	6.240.331
2004-2005	5.823.436
2005-2006	6.158.849
2006-2007	6.601.127
2007-2008	7.124.592
2008-2009	8.736.635
2009-2010	10.003.784
2010-2011	10.793.430
2011-2012	11.274.087
2012-2013	10.275.234
2013-2014	10.832.863
2014-2015	10.141.245
2015-2016	10.386.850
2016-2017	(*)
2017-2018	(*)
total	119.968.015

Relatórios Anuais do DRCLAS. Obs.: (*) indica os anos em que o resumo financeiro não constava nos relatórios anuais disponíveis no endereço eletrônico do Centro.

O DRCLAS promove e financia atividades compreendidas entre a realização de pesquisas de campo de estudantes, professores e pesquisadores da instituição, ou seja, em atividades mais pontuais, a grandes programas que envolvem uma complexidade maior de agentes e instituições envolvidas – como é o caso das atividades no campo do Urbanismo analisadas nesta pesquisa. Numa leitura mais geral sobre as principais corporações e fundações apontadas como fontes de recursos para o DRCLAS³², nota-se uma correspondência entre os países de origens das instituições e as sedes do Centro – Estados Unidos, Chile, Brasil e México (Quadro 4).

³² Foram consideradas aquelas instituições apontadas nas listas de parceiros do DRCLAS – sejam corporações, fundações ou organizações. Um levantamento mais exaustivo de todas as fundações e doações mencionadas ao longo dos relatórios anuais pode alterar o quadro. No entanto, o fato de elas merecerem destaque nos relatórios anuais aponta para sua maior relevância no quadro institucional e financeiro do Centro.

Quadro 4

País de origem das principais corporações e fundações financiadoras do DRCLAS.

país de origem	n	principais organizações / empresários
EUA	32	J.P. Morgan; International Bank of Miami; Fidelity Management & Research Co.; Integrated Finance Limited, LLP; Exxon Corporation Time Warner, Inc.; UBS Warburg; outras...
Chile	10	Grupo Periodístico El Mercurio; Banco de Chile; Codelco; Compass; D&S; outras...
Brasil	8	Fundação Lemann (Jorge Paulo Lemann); Fundação Haddad (Claudio Haddad); Fundação Maria Cecília Souto Vidigal; Petrobras; outras...
México	4	Alfa Corporativo; CineMex; Grupo Altex; Vitro S.A. de C.V.; Fundación Kaluz A.C.
Argentina	3	Banco General de Negocios; Grupo Los Grobo
Venezuela	2	Venevisión International; Corporación Andina de Fomento
Alemanha	1	Deutsche Bank Quality of Life Markets / Deutsche Bank
Bolívia	1	Saxxon
El Salvador	1	TACA International Airlines
Espanha	1	Banco Santander S.A.
Holanda	1	ABN AMRO Bank
Liechtenstein	1	Luksburg Foundation (Andrónico Luksic)
Peru	1	Corporación Custer CPG S.A.
República Dominicana	1	Fundacion Propagas
Uruguai	1	Banco Comercial

Fonte: Relatórios Anuais do DRCLAS entre os períodos 1999-2000 e 2017-2018.

Ainda em 1997, criou-se no DRCLAS o *Corporate Center Program*, com vistas a contribuir com corporações dos Estados Unidos e de países latino-americanos do setor de negócios. O Programa passou por mudanças no período de 2007-2008, com o novo nome *Friends of the Center Program*, congregando não apenas as corporações, como também as doações individuais e de Fundações. Muda também a demonstração da receita anual do Centro, que passar agrupar todos numa rubrica mais geral de “doações”.

As atividades da Harvard University no Brasil ganham impulso desde a criação do *DRCLAS Brazil Office* em São Paulo, em 2006, mas se iniciam muito antes. É possível ter uma ideia das principais instituições e indivíduos envolvidos ao longo dos anos no centro. A Petrobras figura como uma das corporações colaboradoras entre 2002 e 2005, junto a outras instituições, voltadas para educação e filantropia, como Associação Primeira Chance, Colégio Bandeirantes, Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Instituto Arapyáú, Serviços Educacionais Anchieta, Fundação Lemann e Fundação Haddad. Note-se que, já nos relatórios anuais do começo dos anos 2000, destaca-se a participação dos empresários Jorge Lemann e Claudio Haddad, cujas doações – individuais ou através da criação de programas de bolsas – constam como uma das mais importantes fontes de recursos para o Centro. A participação de suas respectivas

fundações foi de suma importância para o desenvolvimento de dois projetos analisados nesta pesquisa, vinculados à GSD – o *South America Project* (SAP) e o programa de conferências *Landscape as Urbanism in the Americas* (LAUA).

2.1.2 *Columbia University*

Semelhante ao que se dá com Harvard, a Columbia University também não segue um documento único de política de internacionalização, como um Plano Estratégico, ainda que o tema seja acompanhado de perto não somente pela presidência da instituição como de seu *Senate*, órgão de caráter consultivo, que dá indicações sobre as políticas da Universidade. As unidades, departamentos e centros de pesquisa da instituição contam com considerável reconhecimento e atuação internacional, especialmente em questões de relações internacionais e diplomacia. Destaque-se, no entanto, que a instituição monta uma estratégia mais efetiva de atuação frente à questão da internacionalização, no início dos anos 2000. A gestão de Lee Bollinger, Presidente da Universidade desde 2002, se inicia com a prerrogativa de fazer da Columbia uma “Universidade Global”. As matérias do periódico *Columbia Daily Spectator* dão uma mostra de como essa estratégia foi sendo construída e recebida pela própria comunidade acadêmica.

Se em Harvard, como visto anteriormente, podemos relacionar o início de uma estratégia global da universidade aos interesses das corporações com as quais a universidade estava implicada, sobretudo na América Latina, no caso da Columbia University, investe-se no capital acumulado pela própria instituição em questões de diplomacia e de relações internacionais. A instalação dos *Columbia Global Centers* foi facilitada pela atuação da *Columbia School of International and Public Affairs* (SIPA), num momento em que a SIPA, por seu lado, precisava de respaldo da universidade para ganhar maior autonomia, deixando de estar vinculada administrativamente à *Faculty of Arts and Science* (FAZ). (RESMOVITS, 2008) Em entrevista ao jornal, o então diretor da SIPA, John Coatsworth afirmou:

Parece natural que a SIPA [Escola de Relações Internacionais e Públicas] tenha um papel importante na criação desses escritórios globais, mas seria contrário ao próprio modelo se a SIPA fosse, de algum modo, vista como monopolizadora ou buscando interesses privados.³³ (COASTWORTH *apud* LEVI, 2009, p. 7)

As matérias do *Columbia Daily Spectator* mostram as transformações da Columbia no que se refere ao investimento em sua internacionalização, através dos *Global Centers*. Nas palavras de Kenneth Pruit, diretor do escritório responsável pela criação dos centros, naquele momento tratava-se de expandir as relações bilaterais para uma escala de relações globais, portanto conectadas (LEVI, 2009). Foram realizadas atividades estratégicas para marcar o papel de liderança da universidade em questões de

³³ Tradução livre do original: “It makes sense for SIPA,[the School of International and Public Affairs] to play an important role in creating these global offices, but it would be contrary to the model itself if SIPA were in any way to be seen as monopolizing or pursuing private interests.” (COASTWORTH *apud* LEVI, 2009, p. 7)

política internacional, como a organização dos *World Leaders Forum*, em atividade desde 2003, e a criação do escritório *Columbia Global* como núcleo de orientação e integração das atividades globais da Universidade. Mais recentemente, seguem em curso outras ações de impacto global – os chamados *Columbia World Projects*, vinculados à campanha de financiamento global da instituição, o “Columbia Commitment”.

A decisão sobre investir no caráter “global” da instituição, apoiada na criação dos *Columbia Global Centers* (escritórios globais fora dos Estados Unidos), se deu num momento em que havia considerável pressão para saber se a Columbia seguiria ou não os rumos de outras instituições americanas, criando *campi* novos fora do país, como fez a New York University em Abu Dhabi (RESMOVITS e SCHNEIDER, 2010). Os *Global Centers* foram apontados como um investimento de baixo custo, se comparados com as ações vultosas para a criação de unidades inteiras no exterior. Eles foram comemorados como uma realização da integração de ações antes individuais das unidades e tiveram, como foco, servir de apoio à realização de atividades de pesquisa dos acadêmicos, financiadas pelos governos locais e dos Estados Unidos, assim como por investidores privados locais. (LEVI, 2009; RESMOVITS e SCHNEIDER, 2010)

Essa opção deu margem a certa apreensão, pois conjecturou-se se não seria uma iniciativa tímida, comparada aos investimentos de outras instituições. Gerou, ainda, certa insatisfação porque, de qualquer modo, reduziu o investimento dentro das unidades sediadas no tradicional *campus* Morningside em Nova Iorque. Também já se anunciava a expansão da Columbia University para outras áreas dentro da cidade de Nova Iorque, com o *campus* Manhattanville, planejado desde o começo dos anos 2000 e previsto para ser finalizado em 2030. Com projetos arquitetônicos de escritórios celebrados como Renzo Piano Building Workshop e Diller Scofidio + Renfro, soma-se a questões como a possível gentrificação do local, no West Harlem, e críticas sobre os limites das grandes universidades em se tornarem proprietárias e agentes poderosos no mercado imobiliário (MARCUSE e POTTER, 2005).

As sedes dos *Columbia Global Centers* (CGC) foram instaladas a partir de 2009 e conta-se, atualmente, com nove unidades. No primeiro ano foram estabelecidas as unidades em Amã e Beijing, seguidas por Mumbai e Paris (em 2010), Istambul e Nairóbi (entre 2011-2012), Santiago do Chile (em 2012), Rio de Janeiro (em 2013) e, mais recentemente, na Tunísia (em 2018). A decisão pela criação dos Centros costuma partir da existência de relações anteriores entre a Columbia University e o país em questão (LEVI, 2009). A instalação de um CGC no Rio de Janeiro, por exemplo, aparece anunciada por volta de 2010, para a qual servia de estímulo o fato de que já estavam em andamento as atividades do Studio-X Rio e, embora sem a mesma ênfase, as atividades do Studio-X São Paulo Lab.

A estratégia de criação dos centros Studio-X, sob coordenação geral de Mark Wigley, como uma estratégia de ação global da *Graduate School of Architecture, Planning, and Preservation* (GSAPP)

caminhou junto à política da universidade como um todo, durante a gestão de Bollinger, o que facilitou a rápida e consistente instalação de ambos os centros no Rio de Janeiro (tanto o Studio-X Rio como o CGC Rio). Considerando as unidades, centros e sedes onde a instituição se faz presente, a Columbia University conta com 18 instalações fora dos Estados Unidos (Quadro 5).

Quadro 5

Sedes dos Columbia Global Center e Studio-X fora dos Estados Unidos.

ano	centro	país
2009	Columbia Global Centers Amman. Amã.	Jordânia
2009	Columbia Global Centers Beijing.	China
2009	Studio-X São Paulo Lab (encerrado em 2013)	Brasil
2009	Studio-X Amman / Amman Lab. Amã.	Jordânia
2009	Studio-X Beijing.	China
2010	Columbia Global Centers Mumbai.	Índia
2010	Columbia Global Centers Paris.	França
2011	Studio-X Mumbai.	Índia
2011	Studio-X Rio. Rio de Janeiro	Brasil
2011	Studio-X Tokyo / Tokyo Lab (encerrado em 2013)	Japão
2012	Columbia Global Centers Istanbul. Istambul.	Turquia
2012	Columbia Global Centers Nairobi. Nairóbi.	Quênia
2012	Columbia Global Centers Santiago. Santiago do Chile.	Chile
2013	Columbia Global Centers Rio de Janeiro.	Brasil
2013	Studio-X Istanbul. Istambul.	Turquia
2013	Studio-X Santiago Research Cell. (encerrado em 2013)	Chile
2014	Studio-X Johannesburg. Joanesburgo.	África do Sul
2018	Columbia Global Centers Tunis. Tunes.	Tunísia
18 centros		11 países

Fonte: Columbia Global; Columbia Global Centers; Studio-X Research Guide; Browning (2010).

A princípio, parece uma ação mais tímida do que se viu na Harvard University, mas o “impacto global” da instituição pode ser entendido com mais precisão a partir do *Columbia Global Directory* (CGD), que apresenta quatro categorias de relações entre a universidade e a comunidade global – Centros, Institutos, Programas e Iniciativas. Considerando-se, numa leitura preliminar, as quatro grandes categorias, 156 estão ligados à América do Sul, incluindo-se aí certas sobreposições do núcleo central dos Columbia Global Centers e as unidades no Rio de Janeiro e em Santiago do Chile, assim como a iniciativa geral do Studio-X Global Network e a sede do Studio-X Rio. Em avaliação realizada pelo Senate da Columbia University, destaca-se a facilidade com que demonstram conseguir boas condições para implantação dos Centros Globais (Quadro 6).

Quadro 6

Dados sobre os Columbia Global Centers (CGC) no mundo.

localização	fundação	área (m ²)	pessoal	notas sobre financiamento do imóvel-sede
CGC Oriente Médio Amã, Jordânia	03/2009	4.200	33	disponibilizado para a Columbia University por parceiros locais
CGC Leste asiático Beijing, China	03/2009	800	6	disponibilizado para a Columbia University por 4 anos por doador local (renovável por mais 4 anos)
CGC Europa Paris, França	03/2010	2.100	14	sediado no Reid-Hall, propriedade da Columbia University desde 1964
CGC Ásia meridional Mumbai, Índia	03/2010	200	10	centro paga aluguel com valor de mercado
CGC Turquia Istambul, Turquia	11/2011	300	3	centro paga aluguel com valor de mercado
CGC América Latina (I) Santiago do Chile	03/2012	400	2	centro paga aluguel com valor de mercado
CGC África Nairóbi, Quênia	01/2012	1.300	35	centro paga aluguel com valor de mercado
CGC América Latina (II) Rio de Janeiro, Brasil	03/2013	200	n/d	disponibilizado para a Columbia University por 1 ano e meio pelo Gabinete do Prefeito do Rio

Fonte: O'HALLORAN, CHOW, MILLER, E SUN, 2013.

Com relação ao escritório de programas globais, o *Columbia University Global Programs*, cuja função é orientar os estudantes na escolha de atividades de intercâmbio, destaca-se a grande oferta de programas, em torno de 150 opções distribuídas em 44 países. Algumas atividades não estão vinculadas a uma nação específica ou podem ser realizadas em mais de um país ao longo do intercâmbio (que varia de um período até um ano acadêmico completo). Dentre as opções, 22 dos programas são coordenados pela própria Columbia University fora dos Estados Unidos (Quadro 7).

Quadro 7

Programas de Colaboração Acadêmica ofertados aos estudantes da Columbia University.

país	programas	programas coordenados pela Columbia University
Reino Unido	16	1
Espanha	11	–
China	9	3
França	7	5
Itália	7	3
Israel	6	–
África do Sul	5	–
Argentina	5	–
Chile	5	–
Japão	5	2
Austrália	4	–
Brasil	4	1
México	4	1
Rússia	4	–

Alemanha	3	2
Coreia do Sul	3	–
Hungria	3	–
Irlanda	3	–
Jordânia	3	1
Nova Zelândia	3	–
Costa Rica	2	–
Grécia	2	1
Índia	2	–
Marrocos	2	–
Peru	2	–
República Checa	2	–
Senegal	2	–
Suíça	2	–
Vietnã	2	–
Tunísia	2	2
Bolívia	1	–
Camarões	1	–
Cuba	1	1
Dinamarca	1	–
Equador	1	–
Gana	1	–
Holanda	1	–
Indonésia	1	–
Mongólia	1	–
Polônia	1	–
Quênia	1	1
Sérvia	1	–
Tanzânia	1	–
Turquia	1	–
Não especificado	14	–
45 países	150 programas	22 programas

Fonte: Columbia University Global Programs.

Em 2018 foram comemorados os cinco anos de criação do *Columbia Global Center Rio* (CGC Rio). Nas palavras do diretor do Centro, Thomas Trebat, as conquistas foram de programas acadêmicos, projetos de pesquisa, diálogo em torno da política; impactos individuais em Nova Iorque e pelo mundo todo. O diretor ainda destaca que a principal contribuição gira em torno da garantia de acesso à educação de qualidade para todos, sendo esta uma ação em que as grandes universidades no mundo podem assumir um papel de relevo.

As atividades desenvolvidas pelo Centro aumentaram expressivamente ao longo dos anos, registrando

14 em 2013 e 67 em 2017. No total, de acordo com o Relatório “Retrospect and Prospect”, que apresenta um balanço do Centro entre 2013 e 2018, foram desenvolvidas mais de 200 atividades.

2.1.3 University College London

Diferentemente de Harvard e Columbia, a University College London (UCL) conta com um documento integrativo de Plano Estratégico para ação global, muito embora a visibilidade e alcance globais não cheguem a ser uma novidade para a instituição. Este plano, na verdade, marca uma mudança de rumo nas políticas da universidade com relação à sua atuação no campo internacional. A UCL manteve dois *campi* fora do país-sede: um na Austrália, sediado em Adelaide, que funcionou entre 2008-2015, e outro no Qatar, sediado na *Education City*, da Qatar Foundation, em funcionamento desde 2012 e planejada para encerrar suas atividades em 2020. Manteve também, entre 2010-2015, atividades de ensino no Cazaquistão, junto à Universidade Nazarbayev. Ao longo do período analisado, a abordagem da UCL muda sensivelmente. Mantém-se a importante tarefa de recrutar estudantes estrangeiros, buscando diminuir o impacto físico de sua presença. O documento “UCL 2034” expressa a intenção de investir na escolha mais cuidadosa de parcerias e locais onde deve centrar os interesses de internacionalização, demonstrada pela grande concentração e pouca variedade de países com os quais estabelece vínculos fortes de parcerias (Quadro 8).

Quadro 8	
Países com os quais a UCL mantém parcerias de pesquisa.	
EUA	12
China	5
França	5
Alemanha	5
Japão	4
Austrália	3
Canadá	3
Itália	3
Grécia	2
Qatar	2
Rússia	2
Arábia Saudita	2
África do Sul	2
Coreia do Sul	2
Brasil	1
Equador	1
Egito	1
Indonésia	1
Israel	1
Quênia	1
México	1
Singapura	1
Tailândia	1
Emirados Árabes Unidos	1
Região – Europa	3
24 países	
Fonte: UCL Global Engament	

Apesar das diferentes formas de atuação, as três instituições partem de uma lógica de formação dos

estudantes, com a perspectiva de que eles possam atuar globalmente.

O caso da UCL mostra-se apropriado para esta pesquisa, como um contraponto às atividades desenvolvidas pelas outras universidades, porque não aposta na criação de nenhum centro ou escritório local, responsável pela representação institucional e como forma de captação de recursos. Sua presença no campo do Urbanismo no Brasil apresenta-se em outra ordem, com uma finalidade mais estritamente acadêmica e de formação dos estudantes, o que põe em destaque a relativa autonomia do intercâmbio *Cidade Comum*, objeto de estudo desta pesquisa, posto que ele não esteve relacionado diretamente a financiadores privados nem às determinações do campo financeiro. Isto não implica em desvincular por completo a *University College London* das estruturas de um campo de poder, bastando considerar que, em outros territórios, sua atuação se fez sentir de forma mais incisiva, como na implantação de um *branch campus* no Qatar. A complexidade dos estudos de caso, entendidos em uma intrincada relação de forças entre atores e instituições locais, nacionais e transnacionais, reforça que a atuação social pode ser analisada com maior complexidade se entendida para além da teoria dos campos, razão pela qual a pesquisa se apoiou na teoria da justificação e das *Cités*, de Boltanski, como um caminho para entender com mais propriedade o processo de formação das parcerias acadêmicas, objeto desta tese.

[3] CAPÍTULO II
COLABORAÇÕES ACADÊMICAS NA UNIVERSIDADE POR PROJETOS:
PROSELITISMO, EMPREENDEDORISMO ACADÊMICO
E SUSPENSÃO DA CRÍTICA



Bandeira Ocidental na entrada do *Avery Hall*. Avenida Amsterdã, Nova Iorque, Estados Unidos.

O edifício conhecido como *Avery Hall* (1912) é obra de Charles Follen McKim, do escritório McKim, Mead, and White, sede da *Columbia University Graduate School of Architecture, Planning, and Preservation* (GSAPP).

Nas universidades medievais da Europa, os acadêmicos estavam acostumados a empregos intermitentes. A língua franca do latim permitia aos estudiosos e clérigos itinerantes encontrar trabalho contingente em centros de ensino distantes de suas regiões e países de nascimento. "Estudiosos errantes", ou *goliards*, normalmente não afiliados a universidades, eles participaram extensivamente do movimento – em geral, não supervisionado – de ideias e pessoas instruídas [...]. Essa cultura de aprendizagem cosmopolita desapareceu quando forças seculares e nacionalistas vieram à tona. [...] [N]os últimos anos, à medida que as universidades estão cada vez mais expostas à justiça bruta do mercado, vemos a vida institucional [dos acadêmicos] sendo determinada mais pelo ritmo das transformações do que pelo cumprimento de expectativas profissionais estáveis e regulares.³⁴

Andrew Ross

Nice Work if You Can Get It: Life and Labor in Precarious Times, 2009.

Em “O Novo Espírito do Capitalismo”, Luc Boltanski e Ève Chiapello descrevem uma visão de mundo – a *Cité par Projet* – aproximada à realidade em fins do século XX, em que os indivíduos se encontram predispostos a estar sempre em atividade, formando e servindo de meio para a constituição de novos elos. Situam-se em alguma posição dentro de uma ou mais redes, conscientes dos lugares ocupados, de onde podem compreender e avaliar a posição dos demais e da hierarquia que os organiza. Experimentam a vida como expansão do movimento, da apresentação dos cartões de visita e do engajamento em novos projetos, encadeados com rapidez, muitas vezes sobrepostos de forma a não comprometer o engajamento em projetos seguintes. Esta condição lhes exige leveza e flexibilidade. Devem esquecer a timidez e abandonar grandes pretensões de ascensão individual. O mais importante é conseguir transitar entre diferentes atividades. Aqui, o mundo foi construído para acolher esta nova forma de vida. Não chega a ser uma questão, para os que se adequam, a estabilidade do emprego, da família ou da profissão. Importa adquirir para si as habilidades para se articular em elos e redes. Para aqueles em posição de destaque, como gestores de projetos, cabe-lhes garantir as condições para que os colaboradores sejam empregáveis, isto, estimulá-los a manterem-se em atividade, portanto, visíveis na rede. A realidade da *Cité por Projetos* é a ideologia do Ocidente próspero, acolhedor de todos, onde

³⁴ Tradução livre do original: “In the medieval universities of Europe, academics were accustomed to intermittent employment. The lingua franca of Latin enabled itinerant savants and clerics to find contingent work in centers of learning far from their regions and countries of birth. ‘Wandering scholars,’ or *goliards*, who were usually unaffiliated with universities, partook widely of the largely unmonitored movement of ideas and educated people [...]. This cosmopolitan culture of learning faded as secular and nationalist forces came to the fore. [...] [I]n recent years, as universities are increasingly exposed to the rough justice of the market, we have seen their institutional life driven more by the rate of change than by the observance of custom and fixed, professional expectations.” (ROSS, 2009, p. 189, grifo do autor).

todos têm uma ou mais chances; o grande teatro, cuja plateia com anônimos na penumbra, serve de antessala para as conversas animadas no *coffee break*, o lugar do *networking*. Aquele que desaparece das redes ou que permanece em sua periferia, sem dar provas de sua existência, pode ser dado como morto.

Com a publicação de “O Novo Espírito do Capitalismo”, Luc Boltanski e Ève Chiapello finalizaram uma extensa pesquisa que buscou responder por que motivos, desde os anos 1970, o capitalismo não apenas se regenerou e se fortaleceu, como também sua crítica, até então bastante combativa, foi enfraquecida, trazendo como grave consequência a manutenção ou mesmo o aumento das desigualdades. Os autores partem de uma consideração elementar: por mais que se tenha consolidado uma nova literatura sobre a gestão empresarial, que amplia a autonomia dos trabalhadores e valoriza sua liberdade de criação, o capitalismo não mudou radicalmente em sua natureza, posto que continua como fonte das mesmas quatro ordens de indignação que acompanharam seu desenvolvimento histórico: de desencanto e de inautenticidade; de opressão; de miséria e de desigualdades; e de oportunismo e egoísmo (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 72-73).

O “novo espírito” ao qual se referem diz respeito a uma nova fase ou, em seus termos, a uma nova ideologia que dá as “justificações” para o engajamento no capitalismo”, gestada na passagem entre meados dos anos 1960 e os anos 1990. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 39) Partindo do marco teórico dado por Max Weber e atualizado por Albert Hirschman, os autores entendem o *espírito* como “[...] o conjunto de crenças associadas à ordem capitalista que contribuem para justificar e sustentar essa ordem, legitimando os modos de ação e as disposições coerentes com ela. [...]” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 42). Ainda de acordo com este marco teórico, as razões para este engajamento são assimiladas pelos indivíduos tanto em busca de satisfação e lucro pessoal, como também em uma postura de quem entende que suas ações contribuem para um bem comum e, portanto, para a felicidade coletiva.

Para os autores, os ciclos que envolvem a manutenção e as transformações do capitalismo são mobilizados por situações em que se põe em evidência a relação de forças dos agentes sociais, que mobilizam justificações que respaldam a manutenção de uma dada situação, formulam críticas a partir de indignações de ordem pessoal, mediadas por valores mais abstratos que respondem pelo interesse coletivo, ou ainda, estabelecem acordos entre as partes que estão em disputa. As transformações serão tanto mais intensas quanto mais girarem em torno de polêmicas, notadamente aquelas que ganham visibilidade pública. A justificação é um modelo de regulação social (VÉRAN e CORRÊA, 2016, p. 206) que emerge em situações de disputa, de conflito, ou de demonstração da legitimidade moral, para sustentar uma dada situação ou para responder à crítica. (BOLTANSKI e

CHIAPELLO, 2009, p. 56; BOLTANSKI, 2016, p. 151) A realização de uma operação crítica, por sua vez, se mostra na capacidade dos indivíduos em “[...] não aceitar[em] estados ocupados por eles e/ou por outros *actantes* (entes humanos e/ou não humanos determinantes em uma situação) [...]”, (WERNECK, 2016, p. 156, grifo do autor) gerando a insatisfação que mobiliza, por sua vez, uma argumentação orientada para o estabelecimento da justiça. O regime de justificação torna-se inútil fora de situações de tensão e conflito, muito embora elas sejam muito mais comuns do que se imagina, acontecendo regularmente, como parte do cotidiano do trabalho, das relações familiares ou da vida acadêmica. Boltanski costuma lembrar, ainda, que situações de disputa podem levar não a um resultado que gira em torno de vencedores e perdedores, mas à convergência para um acordo, tornando-se, assim, situações de formação de compromissos e de relativização. (BOLTANSKI, 2016, p. 151)

A particularidade do “novo espírito” está na forma como a crítica responsável pelo dismantelamento do mundo industrial foi completamente absorvida pelo capitalismo. Para os autores, a crítica mais radical dos anos 1960-1970 foi absorvida pelo próprio sistema capitalista, que aprendeu a internalizar essas críticas e construir, a partir delas, os instrumentos necessários a um novo regime de justificação, com um novo sistema de valores e idealizações. Criticava-se no mundo industrial, entre outros aspectos, a rigidez da hierarquia nas instituições (da fábrica à família), a dificuldade de realizar mudanças em curto prazo e a falta de autonomia nas relações sociais, de trabalho e mesmo nas relações pessoais. O trabalhador, no novo espírito, é antes de tudo um sujeito livre, portanto único responsável pelo seu próprio sucesso, lembrando que perderam-se estruturas como as dos sindicatos ou mesmo da existência de emprego fixo. Uma das principais virtudes esperadas dos trabalhadores – na condição de colaboradores – está em ser inovador, como os artistas ou cientistas³⁵.

[...] As pessoas não farão carreira, mas passarão de um projeto a outro, pois o sucesso em dado projeto lhes possibilitará acesso a outros projetos mais interessantes. Como cada projeto dá oportunidade de conhecer novas pessoas, há possibilidade de ser apreciado pelos outros e, assim, poder ser chamado para outro negócio. Cada projeto, diferente, novo e inovador por definição, apresenta-se como uma oportunidade de aprender e enriquecer competências que se tomam trunfos na busca de outros contratos. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 125)

Parte central de “O Novo Espírito do Capitalismo” se dedica a apresentar que estava em formação, nos anos 1990, um conjunto de valores que orientava a vida dos indivíduos, que poderiam ser reunidos numa espécie de gramática de valores, idealizações e aspirações com relação ao bem comum, de modo

³⁵ Isso despertou o interesse em entender as transformações na universidade contemporânea a partir deste referencial, entendendo que certa lógica empresarial, se está presente na sociedade como um todo, não escaparia ao âmbito universitário.

a que se estabelecesse, mesmo dentro do cenário desfavorável, uma ordem de justiça que tornasse a condição contemporânea do capitalismo suficientemente plausível e justificável. Respondem por estas gramáticas de valores as chamadas “*Cités*”, que podem ser descritas, resumidamente, como ordens morais superiores, disponíveis a todos os sujeitos políticos, mesmo que as tenham adquirido através de um “conhecimento tácito”, por “metafísica difusa”, (VANDENBERGUE, 2006, p. 336) que orientam, mesmo sem poder de determinação, a ação dos indivíduos. Formuladas por Boltanski junto ao economista Laurent Thévenot, as *Cités* se consolidaram como “[...] marca distintiva da sociologia pragmática francesa [...]” (VÉRAN e VANDENBERGHE, 2016, p. 12). Marcam uma ruptura³⁶ com a chamada “Sociologia Crítica”, de base bourdiana, por entender que os indivíduos são dotados de reflexividade e comportam-se menos de acordo com as disposições de classe ou de grupo social do que em função de uma “pragmática das situações”, isto é, com sua capacidade de lidar com os julgamentos e valores em questão. A formulação das *Cités* parte do pressuposto de que, no processo de elaboração das justificações ou críticas, em situações em que se declara, por uma das partes, que há uma injustiça, os atores recorrem a formulações políticas enraizadas na cultura Ocidental, que lhes fornecem uma gramática de princípios e critérios de avaliação e de comparação, oferecendo-lhes parâmetros para a avaliação do caso.

[...] Este modelo pode ser entendido de duas maneiras: como uma teoria da justiça, compatível com vários construtos da filosofia política, e como uma capacidade cuja existência deve ser pressuposta se tivermos que explicar como os membros de uma sociedade complexa criticam, desafiam instituições, argumentam um com o outro, ou convergem para um acordo. [...] (BOLTANSKI e THÉVENOT, 2006, p. 15)³⁷

Em “*De la justification*”, (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991; 2006) obra que concentra a elaboração do modelo analítico das *Cités*, Boltanski e Thévenot constroem uma genealogia do capitalismo, a partir de obras de filosofia política, e entendem haver situações exemplares em que as relações de força estavam “mais ou menos neutralizadas”, constituindo-se, assim, como ponto de apoio normativos. (BOLTANSKI et al, 2014, p. 221) Com isso, chegaram a seis *Cités* que se consolidaram historicamente e ainda hoje são utilizadas como recursos para a formulação de críticas e justificações. Para cada uma, dentre outros

³⁶ Junto a outras de Boltanski, notadamente “*Les Cadres*” e “*La Denonciation*” e “*L’Amour et la Justice comme Compétences*” (1990) são o esforço em liberar-se das noções de habitus, campo e disposições, marcas do pensamento bourdiano, mas que, para Boltanski, tinham levado a uma aplicação dogmática, que não conseguia chegar na escala das situações para entender a complexidade dos fenômenos sociais, assim como deixavam um ponto cego no que se refere às situações em que, mesmo em um contexto de disputa, as partes convergem para um acordo.

³⁷ No original: “[...] This model can be viewed in two ways: as a theory of justice compatible with various constructions of political philosophy and as a capability whose existence must be presupposed if we are to account for the way the members of a complex society criticize, challenge institutions, argue with one another, or converge toward agreement. [...]”

elementos, conta-se com um “princípio superior comum”, isto é, um atributo ou valor a que todos aspiram, que serve de medida para a grandeza dos indivíduos e como referência para o que deve ser alcançado como um “bem comum”. Também para cada uma dessas gramáticas os autores apontaram qual seria a obra de filosofia política que mais representa o seu conjunto de valores. Faz-se a transcrição de um resumo das seis gramáticas, dado por Boltanski e Chiapello, por entender que seria difícil estabelecer uma síntese mais adequada:

Na *cidade inspirada*, a grandeza é a grandeza do santo que ascende a um estado de graça ou do artista que recebe inspiração. Ela se revela no próprio corpo preparado pela ascese, cujas manifestações inspiradas (santidade, criatividade, senso artístico, autenticidade...) constituem a forma privilegiada de expressão. Na *cidade doméstica*, a grandeza das pessoas depende de sua posição hierárquica numa cadeia de dependências pessoais. Numa *fórmula* de subordinação estabelecida com base num modelo doméstico, o vínculo político entre os seres é concebido como uma generalização do vínculo de geração que conjuga tradição e proximidade. O "grande" é o mais velho, o ancestral, o pai, a quem se deve respeito e fidelidade, aquele que concede proteção e apoio. Na *cidade da fama*, a grandeza só depende da opinião alheia, ou seja, do número de pessoas que concedem crédito e estima. O "grande" da *cidade cívica* é o representante de um coletivo cuja vontade geral ele exprime. Na *cidade mercantil*, o "grande" é aquele que enriquece pondo no mercado concorrencial mercadorias muito desejadas que passam com sucesso pela prova de mercado. Na *cidade industrial*, a grandeza se baseia na eficácia e determina uma escala de capacidades profissionais. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 57, grifos dos autores)

Acrescenta-se a estas seis metafísicas políticas a *Cité por Projetos*, em “O Novo Espírito do Capitalismo”, que melhor representa a natureza distinta das formas de construção ideológica que impelem ao engajamento no capitalismo contemporâneo. A vida passa a ser medida pela capacidade de mudar, de adaptar-se, de não criar laços duradouros, nem efetivo. Este novo mundo ao qual o “novo espírito” convida a partilhar, representado pela figura das redes que conectam e fazem interagir, oferece mais oportunidades a quem se livrar das amarras do mundo industrial. Multidão de empregados assalariados, ou mesmo os desempregados, passaram a ser vistos como empreendedores autônomos que assumem os riscos do jogo, tornam-se livres para engajar-se em tantos projetos quanto possível e são auditores de seu próprio desempenho.

A cidade por projetos apresenta-se, assim, como um sistema de injunções que pesam sobre um mundo em rede, incitando a só formar elos e estender suas ramificações respeitando princípios da ação justificável, próprios aos projetos. Os projetos são um entrave à circulação absoluta, pois exigem certo engajamento, embora temporário e parcial, e pressupõem, por parte dos outros participantes, um controle das qualidades que cada um põe em prática. [...] As cidades apresentam-se então como formas coercitivas que limitam as possibilidades de ação em certo mundo cuja lógica elas abraçam e também

legitimam. A cidade por projetos não é exceção. Ela coage a rede para submetê-la a uma forma de justiça que, no entanto, salvaguarde o seu teor e valorize as qualidades do fazedor de rede, o que nenhuma das cidades já estabelecidas tinha condições de fazer. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 138).

Nota-se que a realização de atividades de pesquisa e inovação, em grandes universidades, depende cada vez mais da capacidade de captação de recursos externos e da formação de redes de pesquisadores e instituições, que se expandem para além das fronteiras territoriais dos países onde as universidades foram criadas. Esta realidade mostra-se tanto mais aguda para universidades de elite, em países centrais, mais precisamente para aquele grupo de professores e pesquisadores que ainda não obtiveram – ou não buscam – a estabilidade nos quadros funcionais das instituições. Sua permanência nos quadros docente e de pesquisadores está atrelada, muitas vezes, à sua capacidade de conseguir recursos que deem subsídios às atividades de pesquisa na instituição, sejam eles públicos ou privados.

Parte-se do debate consolidado sobre o gerenciamento empresarial das universidades e de sua operacionalidade (CHAUÍ, 1999; ARONOWITZ, 2001; BOUSQUET, 2008) e sobre o condicionamento para captação de recursos via projetos de pesquisa (TROUCHE e COURBIÈRES, 2014), para entender como a universidade contemporânea incorporou a “moral da rede” (BOLTANSKI, 2001; BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009), que orienta as ações dos atores do mundo acadêmico. Neste quadro, os projetos de pesquisa e de colaboração internacional podem ser entendidos pelo seu homólogo dos “projetos” no campo da administração e da gestão contemporânea, empregados por Boltanski e Chiapello para caracterizar a *Cité por Projetos*, uma gramática que orienta a ação social em função de um bem comum, tendo o interesse em promover ligações e realizar atividades como uma de suas premissas. É de interesse central desta pesquisa mostrar, através da expressão “Universidade por Projetos”, que está em curso uma nova relação dos acadêmicos com seu trabalho, assim como dos departamentos e unidades com relação ao financiamento de pesquisa. O recorte empírico, no campo do Urbanismo, permite entender como se dão estas relações num contexto em que as atividades acadêmicas e o mundo da prática profissional se cruzam com bastante intensidade, com a finalidade de formar e treinar gerações de profissionais com um perfil que oscila entre o acadêmico, consultor e empreendedor, engajados em uma atuação transnacional e cosmopolita.

A partir dos textos da literatura da nova gestão empresarial, não mais se valoriza a estabilidade das carreiras, ocorre um abandono ou desmerecimento da estabilidade em função dos estímulos à inovação, mudança e à possibilidade de todos se comportarem como empresários dentro de uma empresa. Há uma distribuição de poderes, supostamente levando à perda das hierarquias dominantes de período anterior. No caso das universidades, como vimos, assiste-se a esse fenômeno em pelo menos

duas escalas. Às universidades como um todo, solicita-se e permite-se que tenham mais autonomia para captar fontes de recurso e financiamento sem depender do Estado nação, podendo, para isso, associar-se a diversas outras instituições. Esta mudança alcança os professores e gestores de unidades e departamentos nas universidades, que se tornam, assim, responsáveis pela sustentabilidade financeira de suas trajetórias individuais e institucional. Neste “Novo Espírito”, acadêmicos e profissionais estão livres das amarras anteriores, até mesmo da tradição e da identidade institucionais, podendo buscar de forma autônoma novos financiamentos e de atuação, aproximando universidade e prática profissional. Na verdade, mais do que “livres”, todos são impelidos a internalizar esta compreensão da autonomia, dado que não se oferecem mais a garantia de disciplinas, estabilidade de emprego nem recursos para financiamento da pesquisa “desinteressada”.

Não se pretende reproduzir exatamente as categorias nem buscar correspondência direta para cada uma delas no recorte empírico desta pesquisa. Em vez disso, as categorias da *Cité* por Projetos foram utilizadas para delinear aspectos relevantes da Universidade por Projetos, lembrando do recorte empírico em situações de colaboração internacional. Ao que interessa especificamente a esta pesquisa, busca-se entender como as ações das três universidades estudadas – Harvard, Columbia e University College London – em solo brasileiro são parte de uma estrutura maior, em rede, inseridas em um plano de ações de internacionalização de suas respectivas instituições, com vistas à manutenção de sua posição na disputa entre as universidades ditas globais. Como experiência da lógica do funcionamento em rede, cada atividade de colaboração se justifica como a possibilidade de formar novos pontos de conexão. O longo prazo de cada uma das ações não é levado em conta, assim como não se tem uma reflexão sobre os impactos sobre a vida prática. O impacto mais relevante, na verdade, é a construção de novos vínculos.

[...] O *projeto* é a oportunidade e o pretexto para a conexão. Ele reúne temporariamente pessoas muito diferentes e apresenta-se como um *segmento de rede fortemente ativado* durante um período relativamente curto, mas que permite criar laços mais duradouros, que permanecerão adormecidos, mas sempre disponíveis. [...] [É] um *bolsão de acumulação* temporário que, sendo criador de valor, dá fundamento à exigência de ampliar a rede, favorecendo conexões. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 135, grifos dos autores)

3.1 Pesquisa em Rede e o Proselitismo da Disposição a Colaborar

No estágio concebido como da “Antropologia e Naturalidade na cidade por Projetos”, estão reunidas duas categorias do modelo analítico. A “dignidade das pessoas” responde pela dimensão antropológica desta visão de mundo. Deve ser identificada através de um atributo enraizado na natureza humana,

compartilhado por todos como “[...] uma mesma humanidade, que se expressa em uma capacidade comum de se elevar a serviço do bem comum. [...]” (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991, p. 178) Trata-se, ainda, de um princípio de justiça que deve, obrigatoriamente, incluir todos os indivíduos para que se assegure a todos a possibilidade de aspirar ao estado de grande (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 160), isto é, uma posição de “legitimidade moral” elevada que serve de referência aos demais indivíduos. A “figura harmoniosa da ordem natural”, por sua vez, é designada a partir de “[...] *realidades* que correspondem ao princípio da equidade. [...]” (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991, p. 180, grifo dos autores). São uma “forma ideal”, acessível a todos, que pode ser tomada como referência para avaliar a distribuição equilibrada dos estados de legitimidade moral dos indivíduos. No mundo conexionista, a rede aparece como a “figura harmoniosa” de uma ordem natural, que simplesmente se impõe aos indivíduos como uma forma de organização universal, comum a todos e presente em todas as sociedades, representando tanto ligações informais quanto aquelas mais claramente estruturadas. O atributo humano comum a todos, por sua vez, é a necessidade de ligar-se, de estabelecer conexões, um traço da natureza humana que, por princípio, não impede que qualquer pessoa possa se inserir em redes, dominar a arte de estabelecer conexões e servir de apoio e estímulo aos demais indivíduos (Quadro 9). (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 160-162)

Quadro 9

Categorias do estágio “Antropologia e naturalidade da cidade por projetos”.

categoria	definição (Boltanski e Thévenot)	na <i>Cité por Projetos</i>
Dignidade das pessoas	Atributo humano comum; Inclui todos os indivíduos.	Necessidade de ligar-se < <i>Dignidade das pessoas</i> >.
Figura harmoniosa da ordem natural	Forma ideal que corresponde ao princípio de equidade.	A rede < <i>Figura harmoniosa da ordem natural</i> >.

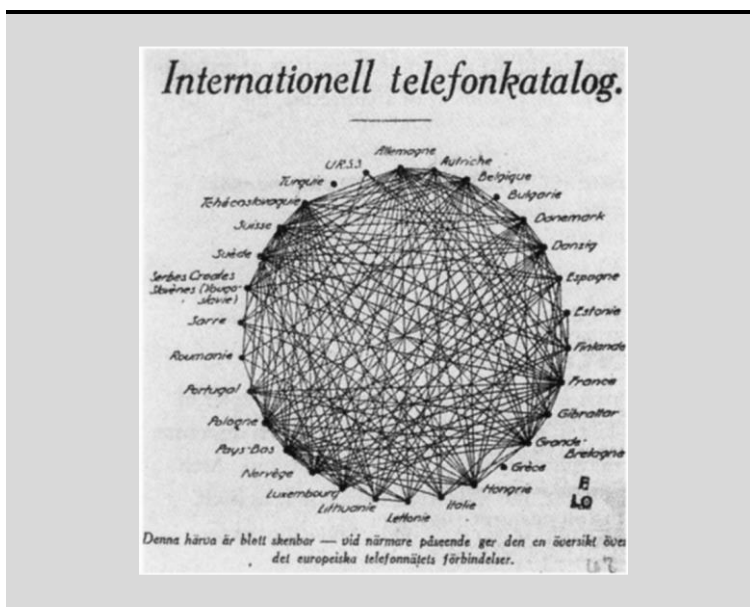
Fonte: Elaboração própria, a partir de “De la Justification” e “O Novo Espírito do Capitalismo”. Fontes: Boltanski e Thévenot (1991, p. 178, 180; 2006, p. 141-143) e Boltanski e Chiapello. (2009, p. 160-162)

O recorte empírico mostra como as redes estão naturalizadas na vida acadêmica. Em situações de internacionalização, essa expressão ganha ainda mais evidência e pode ser considerada, ela mesma, um dispositivo de justiça que promete acesso amplo aos benefícios da internacionalização. A rede se firma como aquilo que dá forma a uma predisposição natural dos indivíduos em fazer contato, em buscar conexões, beneficiando-se e servindo a uma contribuição comum, uma expansão de si próprio a uma escala internacional e o benefício da produção do conhecimento que também se expande. Em todos os projetos analisados como estudos de caso, tem-se a rede como um elemento organizador que permite o entendimento da totalidade dos envolvidos ou meta a ser alcançada.

Inicia-se a exposição a partir do Studio-X, por conta da importância do tema das redes para Mark Wigley, idealizador e coordenador geral nos primeiros anos de funcionamento do programa, criado no âmbito

da Columbia GSAPP. O tema geral das redes e de sua presença no debate teórico em Arquitetura e Urbanismo mereceu a atenção de Wigley, a exemplo do que se vê nos artigos “Network Fever” e “The Architectural Brain” (WIGLEY, 2001; 2007), em que o autor esboça uma historiografia operativa sobre a presença das redes no discurso arquitetônico, desde passagem entre os séculos XIX e XX. Arquitetos como Le Corbusier (Figura 5), Constantinos Doxiadis e Buckminster Fuller emergem como heróis que dão pré-condições para a emergência das figuras do “arquiteto global” e da prática em rede, de alcance planetário.

Figura 5: Diagrama ilustrando a rede internacional de telefone, material encontrado no arquivo de Le Corbusier para a revista *L'Esprit Nouveau*. Ilustrado por Mark Wigley em “Network Fever”.



Fonte: Wigley (2001, p. 99).

Em “Network Fever” (WIGLEY, 2011), Wigley não apenas celebra a figura da rede analisando as situações de pioneirismo como aponta para uma necessária investida sobre o assunto, notando que muito do debate ainda se encontra presente, como um eco mal refletido. E aponta para a necessidade de investigar com mais propriedade as relações entre a disciplina arquitetura e o mundo eletrônico.

A mensagem é clara. Nenhum lugar escapa da rede. Um mapa com todas as redes que passam por determinado espaço seria insuportavelmente denso. Aparentemente, as redes invisíveis ameaçam os meios visíveis de definir o espaço, dissolvendo as paredes dos edifícios. A arquitetura de fronteiras, paredes, portas e fechaduras dá lugar a senhas, segurança eletrônica, criptografia de chave pública e certificados de segurança. De fato, a ideia de um espaço ocupado por redes ou sobreposto por elas foi substituída por aquela de redes coincidentes, nas quais o espaço físico aparece apenas como um artefato frágil ou um efeito. O espaço propriamente dito só pode ser visto

quando capturado na rede. [...] (WIGLEY, 2001, p. 83)³⁸

Com as propriedades dos textos-manifestos, Wigley destaca a ubiquidade das redes e a urgência em tratar de sua relação com a arquitetura. “[...] Elas são o nosso meio, sempre presentes, ainda que invisíveis, como a água para um peixe. [...]” (WIGLEY, 2007, p. 30). A complexidade do assunto está expressa em sua escala, de redes “trans-planetárias”, que de tão amplamente difundidas geram “superconcentração”. Para o autor, a naturalidade da rede deve constar como um princípio para a redefinição da Arquitetura enquanto disciplina, algo que já estava ensaiado em artigo anterior (WIGLEY, 1991). Em sua visão, ela deveria ser entendida como um sistema horizontal, acessado a partir de qualquer ponto e que permite movimentações transversais em todas as direções (ou sentidos). Esta “condição de rede”, por assim dizer, implica ainda numa mudança de perspectiva com relação à postura dos arquitetos:

Em vez de pensar nos efeitos mais recentes das redes globais sobre a arquitetura, podemos pensar na arquitetura singular de todas as redes e na condição de rede de todas as arquiteturas. Talvez possamos até considerar a noção de que arquitetos são criaturas de rede. Se o arquiteto é antes de tudo um intelectual público, alguém que trata o ambiente construído como um meio articulado e reflexivo, essa é uma forma de inteligência de rede. Muito antes de qualquer arquiteto falar sobre redes, a maneira mesmo como eles falam e o efeito de sua fala estão em rede. De fato, o arquiteto pode ser nada mais que um ponto de concentração visível em um sistema de rede menos visível. (WIGLEY, 2007, p. 30).³⁹

A partir dos textos mencionados, nota-se o seu interesse em defender a inter-relação entre os campos da arquitetura, comunicações, biologia e cibernética, numa perspectiva ampliada do debate arquitetônico, que será ecoada mais tarde, quando assume a direção da GSAPP, na montagem de laboratórios de pesquisa experimentais. Wigley ingressa como professor na Columbia University em 2000, durante o período em que Bernard Tschumi ocupava o cargo de diretor da Escola. Durante a

³⁸ Tradução livre do original: “The message is clear. Nowhere escapes the net. A map of all the webs passing through any particular space would be impossibly dense. Invisible networks seemingly threaten visible means of defining space, dissolving the walls of buildings. The architecture of borders, walls, doors, and locks gives way to that of passwords, fire walls, public key encryption, and security certificates. Indeed, the idea of a space occupied by networks or superimposed by them has been replaced by that of overlapping networks within which physical space only appears as a fragile artifact or effect. Space itself can only be seen when caught in the net. [...]” (WIGLEY, 2011, p. 83).

³⁹ Tradução livre do original: “Instead of thinking about the latest effects of global networks on architecture, we might think about the curious architecture of all networks and the networked condition of all architectures. Perhaps we might even want to consider the thought that architects are network creatures. If the architect is first and foremost a public intellectual, someone who treats the built environment as an articulate and reflective medium, this is a form of network intelligence. Long before any architects talk about networks, the very way they talk, and the effect of the talking, is networked. Indeed, the architect might be nothing more than a visible point of concentration in a less visible network system.” (WIGLEY, 2007, p. 30).

gestão de Tschumi, entre 1988 e 2003, a GSAPP assume posição de liderança entre as escolas de arquitetura de elite não apenas nos Estados Unidos, como no mundo, estabelecendo-se como um lugar de forte investigação crítica e, sobretudo, pela inovação em trazer as ferramentas digitais para os estúdios de projeto e por incorporar, mesmo que por curtos períodos, jovens arquitetos com alguma experiência prática no corpo docente (TSCHUMI e DAVIDSON, 2003). Com relação a este período, Joan Ockman aponta que não apenas na Columbia, assim como em outras escolas de arquitetura dos Estados Unidos, “[...] uma vanguarda de arquitetos experimentais que antes operavam nas margens da cultura arquitetônica estava encontrando caminhos de superar o abismo entre a academia e a prática do mundo-real. [...]” (OCKMAN, 2012, p. 25)⁴⁰.

Logo após o afastamento de Tschumi da direção da GSAPP, Wigley assumiu o cargo interinamente, por um ano, e terminou sendo selecionado para o cargo efetivo de direção (SCHWARZ, 2004). De forma geral, o ingresso de Wigley como diretor da GSAPP foi bem recebido, anunciado como um momento de maior interação entre os departamentos da escola, historicamente isolados e assim mantidos durante a gestão anterior. A ênfase da investigação tecnológica e a presença de jovens profissionais no corpo docente também foi mantida, ou mesmo intensificada com Wigley, a partir dos laboratórios experimentais na sede, em Nova Iorque, e na implantação da rede global Studio-X. A cobertura sobre sua entrada na direção e as atividades desenvolvidas foram acompanhadas de perto pelo jornal *Columbia Daily Spectator*. A ênfase de Wigley na integração de diferentes áreas dentro da própria escola, suas capacidades de comunicação e sua receptividade com relação às mudanças disciplinares alinhava-se, indubitavelmente, à moral do mundo conexcionista:

Wigley descreveu sua visão sobre uma escola mais flexível como a criação de um ambiente, no qual estudantes e professores serão expostos a muitas ideias, eventos e turmas distintas. Ele disse esperar, sob essa abordagem, que os estudantes adquiram as habilidades e informações necessárias para desafiar a maneira como o mundo encara a Arquitetura e o Urbanismo.

“Nós não apenas damos aos estudantes o que há de mais atualizado, nós também os convidamos a mudar o seu campo, a redefini-lo”, disse. “Esta escola é uma espécie de laboratório internacional para se testar ideias experimentais sobre o futuro de nosso campo”. (SCHWARZ, 2004, p. 5)⁴¹

⁴⁰ Tradução livre do original: “[...] a vanguard of experimental architects who had previously operated on the margins of architectural culture was finding ways to overcome the gulf between academia and real-world practice. [...]”.

⁴¹ Tradução livre do original: “Wigley described his vision of a more flexible school as the creation of a setting in which students and professors will be exposed to many different ideas, events, and classes. He said he hoped that under this approach, students will acquire the skills and information they need to challenge the way the world thinks about architecture and urban planning. § ‘We give students not only the up-to-date, but invite them to

A aposta de Wigley com o Studio-X e outras ações junto à GSAPP tinham, como interesse comum, deixar para trás a estrutura que ele considerava hierarquizada, dos estúdios de projeto na sede em Nova Iorque, e experimentar um “modelo de rede horizontal” com alcance global (WIGLEY, 2010, 188-189). Na primeira apresentação sobre o Studio-X em uma edição do anuário *Abstract*, é notável a predisposição da GSAPP em aprender com o mundo. Para o idealizador do Studio-X, aquelas regiões que passavam por intensos processos de urbanização tinham muito a ensinar à GSAPP, e não se considerava outra possibilidade senão a de que a recíproca seria verdadeira e que, portanto, logo em breve todos estariam reunidos, ou conectados, formando o que costuma chamar de “cérebro coletivo” (WIGLEY, 2010, p. 189):

[...] [O] mundo a que servimos está mudando tão rapidamente que formas inteiramente novas de criatividade, de domínio do conhecimento e de responsabilidade são solicitadas. Com todos os seus reconhecidos pontos fortes e seu sucesso duradouro, a GSAPP tem tanto a aprender quanto a oferecer com os novos padrões globais. China, Oriente Médio, Leste Europeu, América Latina e África são lugares chave para novas formas de pensar e de onde se podem lançar questões urgentes. A ambição da GSAPP é estabelecer a mais significativa rede global de ensino, pesquisa e comunicação sobre o ambiente construído no mundo. Esse think tank global deve se basear na profunda convicção de que as partes do mundo que estão passando por maiores transformações têm mais a nos ensinar. Centros estabelecidos de poder e de conhecimento devem aprender com os novos centros, que por sua vez aprendem uns com os outros. [...] (WIGLEY, 2009, p. 222)⁴²

O interesse de Wigley em fazer das sedes do Studio-X centros de apoio à pesquisa da comunidade acadêmica da *Columbia University* e, além disso, lugar de desenvolvimento de pesquisas experimentais na escala do global não foi plenamente alcançada, ao menos assim ele dá a entender em um breve depoimento registrado em uma matéria do jornal *Columbia Daily Spectator*. Os centros acabaram se tornando mais lugares de “reflexão, produção e comunicação”, enquanto na área de pesquisa pouco foi realizado, considerando as condições possibilitadas (COONEY, 2013, p. 3). A expansão dos *Columbia Global Centers*, anunciada em 2013, aparecia como uma possibilidade de intensificar esta comunicação que não foi, assim, tão intensa quanto a planejada por Wigley.

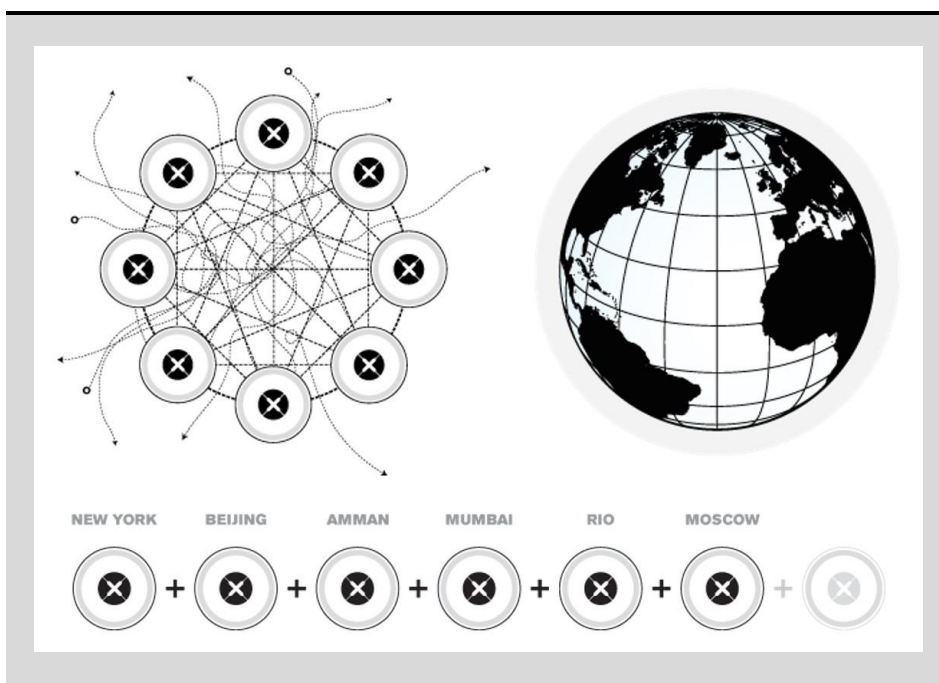
change their field, to redefine it,' he said. 'This school is sort of an international laboratory for testing experimental ideas about the future of our field.'" (SCHWARZ, 2004, p. 5)

⁴² Tradução livre do original: “[...] [T]he world we serve is changing so rapidly that whole new forms of creativity, expertise, and responsibility are needed. For all its considerable strengths and ongoing success, GSAPP has as much to learn from the new global patterns as it has to offer. China, the Middle East, Eastern Europe, Latin America, and Africa are key sites for new ways of thinking and urgent questions to address. It is the ambition of the GSAPP to establish the world’s most decisive global network of teaching, research, and communication about the built environment. Such a global think tank must be based in the deep conviction that those parts of the world that are changing the most have the most to teach us. Established centers of power and wisdom must learn from the new centers, which in turn learn from each other. [...]” (WIGLEY, 2009, p. 222)

Esta expansão para o global também foi expressa nas representações em rede das quais Wigley se fez valer em seus artigos e na imagem criada para o Studio-X (Figuras 6 e 7), talvez como forma de responder à pergunta feita por ele ainda em 1998, no artigo “Whatever Happened to Total Design?”. Não custa lembrar que, àquela altura, ele já demonstrava a consciência de que o *design* total “[...] é uma fantasia sobre o controle, sobre arquitetura como controle.”⁴³ (WIGLEY, 1998).

Figura 6

Ilustrações do Studio-X Global Network Initiative, numa versão do endereço eletrônico do programa em 2010.

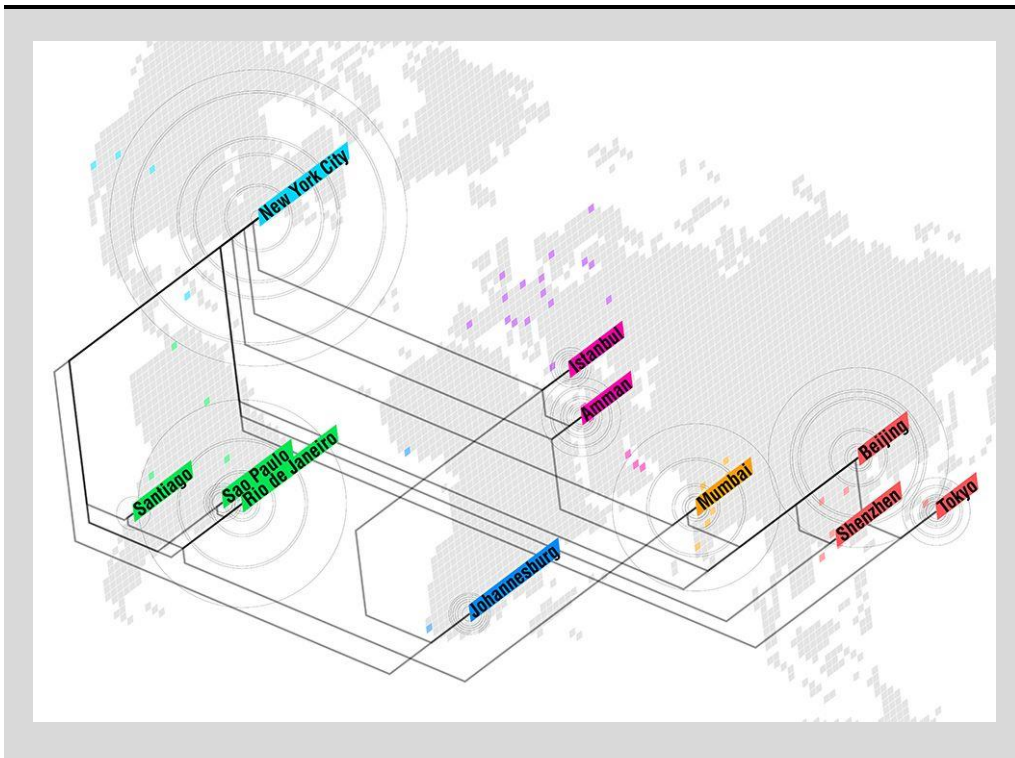


Fonte: Studio-X Global Network Initiative (modificado). Disponível em: <http://www.arch.columbia.edu/studio>. Acesso em: 22 jun. 2010.

⁴³ Tradução livre do original: “[...] is a fantasy about control, about architecture as control.” (WIGLEY, 1998). A versão do artigo consultada para esta pesquisa, disponibilizada no endereço eletrônico da revista *Harvard Design Magazine*, não está paginada.

Figura 7

Ilustrações do Studio-X Global Network Initiative por volta de 2014, com as dez sedes globais e do Studio-X Pop-Up Shenhen.

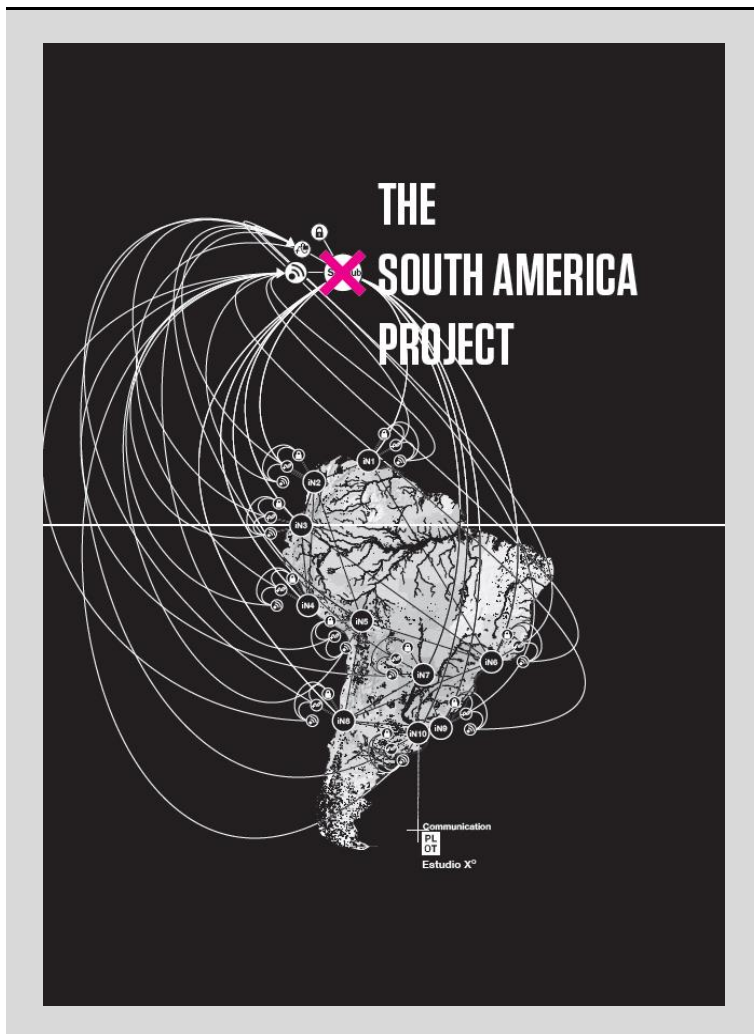


Fonte: Lígia Nobre. Disponível em: <<http://ligianobre.org/index.php/plataformas/sao-paulo-lab/>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

A escala de atuação da *Harvard University Graduate School of Design* (GSD) não é menos modesta, como um todo, mas para esta pesquisa analisam-se apenas projetos de colaboração na escala do subcontinente sul-americano – um território com o qual a unidade mantém, historicamente, relações de proximidade (SILVETTI, 2011). Felipe Correa e Ana María Durán Calisto, coordenadores do programa *The South America Project* (SAP), entendiam-no como uma “rede autônoma de projeto e pesquisa” que serviria como uma “plataforma” de colaboração entre arquitetos e projetistas de diversas localidades, campos disciplinares e instituições, constituída como uma rede “multidisciplinar, transnacional e interinstitucional” (Figura 8). Destacam, ainda, a importância que o projeto ou as “visões projetivas” podem cumprir como elemento promotor da integração entre os domínios da paisagem (ou ecologia), cidade, arquitetura e infraestrutura. O SAP se apresenta, por fim, como capaz de canalizar a criatividade e as contribuições dos “melhores profissionais e estudantes” de todo o mundo, sobretudo da América do Sul (CORREA e CALISTO, 2012, p. 203).

Figura 8

Diagrama representando as equipes que integravam o projeto The South America Project (SAP).



Fonte: The South America Project.

Em linhas gerais, os pesquisadores envolvidos trabalhavam de forma autônoma, não necessariamente em seu país de origem, e o encontros promovidos nas instituições participantes ou em bienais serviram de ocasião para a coletivização das investigações – não tinham, portanto, o apelo ao “tempo real” das atividades do Studio-X. As representações em rede, no entanto, também são recorrentes no material produzido pelo SAP, ilustram a capilaridade que alcançaram, cobrindo dez países, com pesquisadores trabalhando ora em equipes menores ora coletivamente. A principal instância de atividade integrativa, reunindo todos os membros, girou em torno das chamadas “Oficinas do IIRSA”, cujo objetivo era reunir propostas alternativas de integração das infraestruturas na América do Sul, atravessando as fronteiras nacionais, marcando uma proposição crítica ao conjunto de projetos previstos na Iniciativa para a Integração da *Infraestrutura Regional Sul-Americana* (IIRSA). Neste caso havia uma hierarquia tendo, de

um lado, a GSD como centro integrador destas oficinas, sob coordenação de Correa, Calisto e o então estudante Victor Muñoz Sanz; e do outro, dez centros na sub-rede do SAP.

A rede de pesquisadores e a colaboração aberta entre todos também está presente no programa *Landscape as Urbanism in the Americas* (LAUA). O alcance foi menor, se comparado ao SAP, pois tratou-se de um conjunto de conferências realizadas em cinco metrópoles latino-americanas (Medellín, Santiago do Chile, Brasília, Cidade do México e Buenos Aires). Em cada um dos eventos, houve algum nível de interação entre pesquisadores dos diferentes países envolvidos sendo mais forte, no entanto, a integração entre escritórios, arquitetos e urbanistas e instituições que lidam com projetos de urbanismo, paisagem e do território. Sem que isto seja considerada uma generalização, também foram convidados acadêmicos e outros pesquisadores que contribuíram com reflexões sobre o estado do debate acerca da paisagem na América Latina, de modo a responder à questão geral lançada por Charles Waldheim: haveria, na América Latina, uma virada de interesse e estudos em torno do *Landscape Urbanism*, como afirmado no endereço eletrônico do programa:

[...] Com o intuito de estabelecer uma rede que conecte escritórios e instituições influentes e inovadoras em todo o continente, Landscape as Urbanism in the Americas congrega uma série de discussões sobre o potencial da paisagem como meio de intervenção urbana nos contextos sociais, culturais, econômicos e ecológicos, específicos das cidades latino-americanas. (LANDSCAPE AS URBANISM IN THE AMERICAS, [2016])⁴⁴

Com relação ao *Intercâmbio Cidade Comum*, resultado da colaboração entre a The Bartlett School e a Faculdade de Arquitetura da UFBA (FAUFBA), a formação e ampliação de redes não se apresentou, nos primeiros anos do intercâmbio, como elementos ordenadores da atividade. Não se pode considerá-la um elemento que ordena a sua realização desde o princípio, como se viu nos casos anteriores, ao ponto de ser usada na apresentação gráfica como metáfora que representa a integração entre os atores envolvidos. Provavelmente, em função de se tratar de uma estrutura muito menor, se comparada aos demais estudos de caso. A rede, enquanto figura natural que ordena as ações internas ao grupo, tornou-se mais evidente nos dois últimos anos do intercâmbio, pensada como forma de articulação dos atores envolvidos da colaboração.

Considerando a instância da unidade à qual o *Master* com o qual foi feita a parceira, a *Development Planning Unit*, é possível entender melhor a elaboração de uma rede ampla, de alcance global, que atua

⁴⁴ Tradução livre do original: “[...] Aiming to establish a network that connects influential and innovative practices and institutions across the continent, Landscape as Urbanism in the Americas convenes a series of discussions on the potentials for landscape as a medium of urban intervention in the specific social, cultural, economic, and ecological contexts of Latin American cities.” (LANDSCAPE AS URBANISM IN THE AMERICAS, [2016]). Texto de apresentação da equipe (*People*) no endereço eletrônico do programa *Landscape as Urbanism in the Americas*.

principalmente, de acordo com a apresentação oficial da unidade, “[...] com a capacitação de governos nacionais, autoridades locais, ONGs, agências de apoio humanitário e negócios, trabalhando por um desenvolvimento socialmente justo e sustentável no Sul global.”. O mapa abaixo, obtido de um panfleto de divulgação da DPU, ilustra o alcance almejado, além de ser um importante elemento, como em todos os casos analisados, para atrair os futuros estudantes (Figura 9). O engajamento global, por fim, se mostra como uma justificação importante para atrair tanto acadêmicos quanto instituições e outros investidores, dando a medida do “impacto global” das grandes universidades estrangeiras.

Figura 9

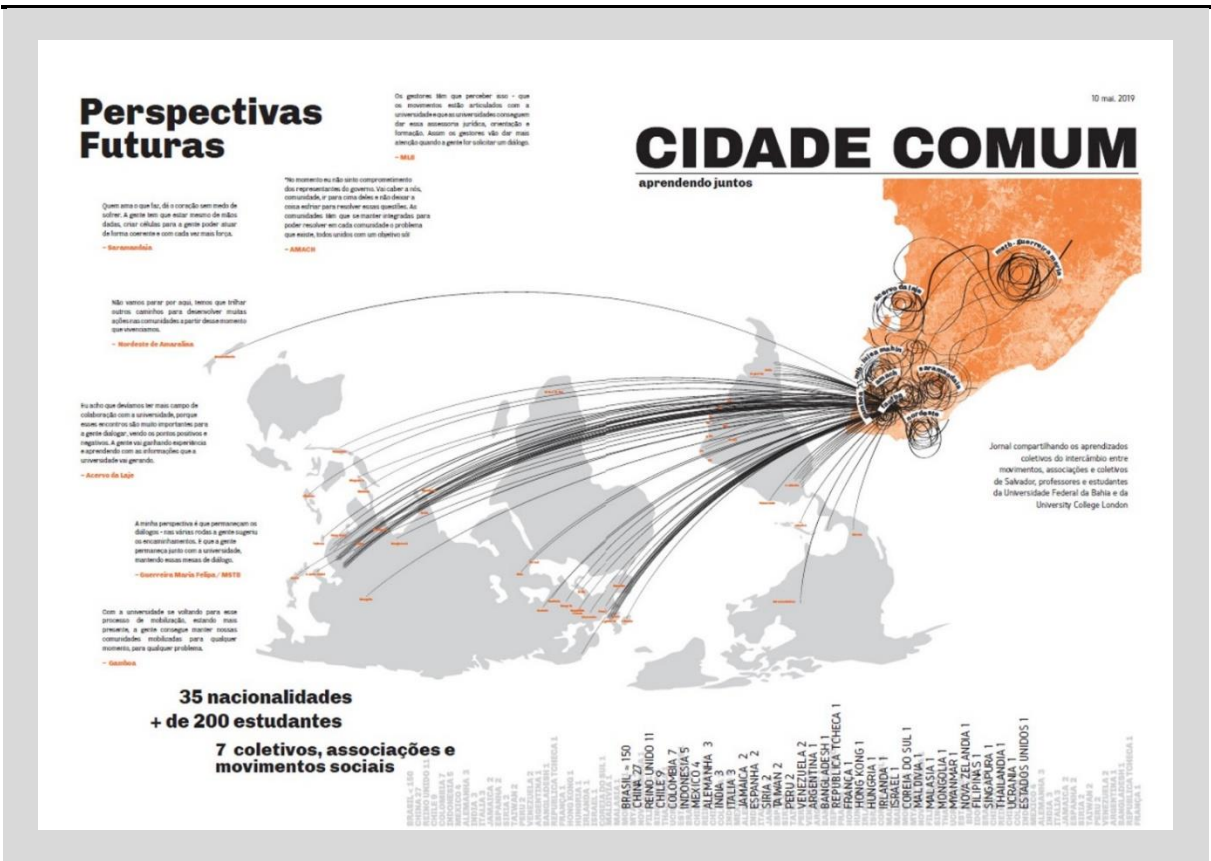
“Quem nós somos § Mapa de Engajamento” (“Who we are § Engagement map”) da The Bartlett-DPU, ilustrando o alcance global de suas atividades desde o ano 2000.



Fonte: UCL.

O intercâmbio aconteceu ao longo de quatro anos, entre 2016 e 2019. Além da participação do autor desta pesquisa nos três últimos anos do intercâmbio, a leitura dos relatórios produzidos mostra que a formação de redes, como um discurso interno ao projeto, fica mais evidente na edição de 2018, quando se elabora a formulação de uma plataforma para discussão continuada sobre o direito à cidade entre as lideranças comunitárias envolvidas diretamente em todo o processo (Figura 10).

Figura 10
 Páginas do jornal “Cidade Comum – Aprendendo Juntos”, produzido ao final do Intercâmbio Cidade Comum.



Fonte: Grupo de pesquisa Lugar Comum.

Destaque-se, no entanto, que a reformulação constante dos planos de trabalho levou a uma dinâmica da rede de pesquisadores e lideranças comunitárias envolvidos. Entre o primeiro e segundo anos, integraram-se lideranças de outras três comunidades da cidade de Salvador, que seguiram participantes até o quarto e último ano. As dinâmicas de cada comunidade e mesmo dentro do quadro docente da FAUFBA e da DPU também implicaram em entradas e saídas da rede de colaboradores mais frequentes do intercâmbio. A disposição a colaborar e as virtudes tiradas deste processo, no entanto, também estão expressos nos produtos que documentam a realização do intercâmbio, assim como a constante preocupação em dar a autoria dos textos a todos que colaboraram em sua produção, o que, às vezes, gera verdadeiros impasses no momento da citação:

[...] Como resultado, a primeira atividade da nossa aprendizagem ativa compartilhada gerou uma série de discussões sobre o potencial desse trabalho conjunto entre universidade e sociedade civil organizada, para apoiar e expandir lutas coletivas pelo direito à cidade em Salvador. Grupos de trabalho começaram a identificar, problematizar e desenvolver instrumentos particulares para ação coletiva que poderiam emergir dessa colaboração entre universidade e coletivos urbanos, tendo em vista possibilidades de aprofundar e impulsionar demandas de direitos coletivos à cidade. [...] (FREDIANI,

VERMEHREN, RIGON, WALKER, FERNANDES, PEREIRA, FIGUEIREDO e ESPINOSA, 2018, p. 9)

Destaque-se ainda que, neste caso, assim como em outros tantos levantados ao longo da pesquisa, uma diferença fundamental está no público alcançado e nas fontes de financiamento. No caso dos projetos que envolveram Harvard University e Columbia University, tratam-se de projetos que buscam uma grande visibilidade para o que se desenvolve e para os patrocinadores das atividades, de modo que seu conteúdo flerta com a exposição típica das estratégias de *marketing*. Isto não atribui, em princípio, uma visão negativa ou que desconsidera a realização de projetos de colaborações menores, com semelhante capacidade de intervenção crítica. A questão que parece se esboçar, na análise dos estudos de caso, está no grau de autonomia dos pesquisadores envolvidos.

Por mais que as redes estejam sendo vinculadas quase naturalmente às virtudes da horizontalidade, perda de hierarquias, maior domínio de autonomia, vê-se que o mais importante segue sendo uma avaliação cuidadosa do poder de intervenção dos atores envolvidos. Não chega a ser um contrassenso ao que se expõe com a categoria da “dignidade das pessoas” no mundo conexcionista, que abriga uma ambivalência intrínseca – ao mesmo tempo que todos os indivíduos estão tem como atributo natural a disposição a se conectar, elas e eles seguem autônomos para decidir onde se envolverão. Como indicado anteriormente por Boltanski e Thévenot, esta é uma categoria que pode ser buscada, ingenuamente, como parte de uma verdade e pura natureza humana. A leitura dos estudos de caso ajuda a desnaturalizar essa perspectiva mais ingênua.

Em conversa com atores envolvidos no Studio-X Rio, por exemplo, comentou-se sobre as dificuldades de convencer professores do quadro permanente da Columbia University a participarem das atividades da rede global. Questionou-se o alto investimento em atividades externas, à custa da diminuição de investimentos nas sedes⁴⁵. Ademais esta parece ter sido uma questão mais ampla, compartilhada por muitas universidades que criaram campi externos ou escritórios de apoio à pesquisa no exterior – ao fim e ao cabo, os pesquisadores mais respeitados das instituições de elite não demonstraram grande interesse em deslocar recursos humanos e físicos dos laboratórios nas sedes das universidades para áreas novas, receando perder em qualidade (ROSS, 2009). Merece algum destaque, portanto, os esforços de Pedro Rivera em conseguir articular a programação na sede do Rio de Janeiro com a produção acadêmica desenvolvida em Nova Iorque, na GSAPP, o que nem sempre foi facilitado. Acontece com a Columbia University o que se aponta em outros casos, isto é: as universidades instalam centros avançados ou campi fora do país sede. Todavia, os pesquisadores e núcleos de pesquisa mais

⁴⁵ O mesmo questionamento foi feito por Arindam Dutta, a partir de sua experiência como professor do MIT (DUTTA, 2015).

estáveis preferiram não se arriscar nestes postos que implicavam desterritorialização, justamente por temer a afetação da qualidade da produção acadêmica. As disposições dos quadros de professores e pesquisadores mais estáveis, no quadro docente das instituições globais, é mais conservadora, ou cuidadosa, do que as recomendações dos manuais de gestão. A desterritorialização, no caso da implantação de sedes do Studio-X, não pode prescindir da atuação de um curador ou curadora local, hábil o suficiente para conseguir mobilizar recursos financeiros e humanos que visem à manutenção de uma programação contínua de atividades. Assim a Columbia consegue manter ativos e em expansão constante os vínculos com redes em diferentes escalas.

A relação com o quadro de professores e pesquisadores da Columbia University foi menos intenso do que se poderia esperar de uma situação como a proposta pelo programa Studio-X no Rio de Janeiro, não muito diferente do que se deu nas demais sedes. As poucas articulações mais efetivas, na inserção de programas de pesquisa e ateliês da Columbia GSAPP na programação do Studio-X Rio mostram o grande esforço promovido pelo curador local, Pedro Rivera, que buscava promover os “saltos” em áreas difíceis de serem exploradas. A importância de sua participação como coordenador local também pode ser verificada pelo fato de ter continuado, mesmo após o fechamento do espaço que servia de sede ao Studio-X como o contato local para os assuntos ligados à GSAPP no Rio de Janeiro e sua participação, como professor convidado, em um ateliê da GSAPP em 2019.

A falta de uma “predisposição a colaborar” pode faltar dos dois ou mais lados do esforço de colaboração. Apesar de Pedro Rivera e Priscila Coli terem mantido uma programação intensa ao longo dos sete anos de funcionamento, destacando-se, inclusive, no quadro geral dos outros Studio-X, não deixa de impressionar que poucos membros de grandes universidades públicas no Rio de Janeiro e em Niterói se envolveram diretamente nas atividades. A participação maior, em termos de colaboração com outras instituições universitárias, se deu com membros da PUC-Rio. A experiência no Intercâmbio Cidade Comum também ilustra esta ambivalência. Apenas dois membros da DPU participaram ativamente, coordenando e preparando as atividades do módulo em Londres. Quando criada a situação de receber a equipe de Salvador em Londres, o quadro foi ainda mais reduzido, mostrando o quão inesperado parecia ser a situação criada. O último ano em Salvador já antecipou esta questão: o engajamento de professores e pesquisadores da DPU foi menor, em função de alguns deles já estarem mais envolvidos com os novos projetos que haviam sido iniciados recentemente.

3.2 Portfólio de Atividades, Empregabilidade e Empreendedorismo Acadêmico

Um segundo conjunto, compreendendo sete categorias das *cités*, foi reunido como o estágio do

“Princípio de julgamento e hierarquia dos seres na cidade por projetos”. Elas concentram questões da maior relevância para as *cités*, visto que abrangem o elenco de sujeitos e objetos disponíveis nas gramáticas, os qualificadores que estabelecem a hierarquia e a posição dos sujeitos de acordo com sua ordem de grandeza, e as relações consideradas adequadas ou não entre os seres e os objetos (Quadro 10). (BOLTANSKI e THÉVENOT, 2006, p. 140-144; BOLTANSKI e CHIAPELLO, p. 139-154)

Quadro 10

Categorias do estágio “Princípio de julgamento e hierarquia dos seres na cidade por projetos”.

categoria	definição (Boltanski e Thévenot)	na Cité por Projetos
Princípio superior comum	Estabelece equivalência entre os seres.	Atividade, Projetos, Ampliação da rede, proliferação de elos, <Princípio superior comum>.
Relações naturais entre os seres	Verbos que unem adequadamente os sujeitos e objetos.	Conexão <Relações naturais entre os seres> Conectar-se, Comunicar-se, Coordenar-se, Ajustar-se aos outros, Depositar confiança.
Estado de grande	Serve de referência ao coletivo; quase inalcançável.	Empenhado, Cativante, Móvel <Estado de grande> Entusiasta, Envolvido, Flexível, Adaptável, Polivalente, Em evolução, Empregável, Autônomo, Não prescrito, Sabe engajar os outros, Sabe ouvir, Tolerante, Dá empregabilidade.
Repertório de sujeitos	Lista de “personagens”, devidamente qualificados e ordenados.	Mediador, Gerente de projeto <Repertório dos sujeitos> Coach, Especialista, Cliente, Fornecedor, Inovador.
Repertório de objetos e dispositivos	Ajudam a objetivar a grandeza das pessoas envolvidas.	Todos os instrumentos de conexão <Repertório de objetos e dispositivos> Tecnologias novas, Relações informais, Relações de confiança, Parceria, Acordos, Alianças, Terceirização, Redes de empresas, Empresas em rede, Malha, Laço, Sinapses, Neurônios, Projetos.
Estado de pequeno	Destina-se à autossatisfação.	Não engajável <Estado de pequeno> Inadaptável, Não inspira confiança, Autoritário, Rígido, Intolerante, Imóvel, Local, Enraizado, Apegado, Status (tem), Garantia de emprego (prefere a).
Decadência da cidade		Fechamento da rede <Decadência da cidade> Corrupção, Privilégios, Apadrinhamento, Máfias.

Fonte: Elaboração própria, a partir de “De la Justification” e “O Novo Espírito do Capitalismo”. (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991, p. 177-181; 2006, p. 140-144; BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 139-154)

O “princípio superior comum” dá a medida pela qual se julgam os seres e os objetos, sendo também a categoria que permite criar parâmetros de julgamento sobre a grandeza das pessoas – se tendem ao “estado de grande” ou à pequenez – estabelecer a gramática das relações entre os seres, assim como identificar os repertórios de sujeitos e de objetos relacionados às *Cités*. Os “grandes” em uma *cité* são personagens ideais, que representam um estado quase inalcançável de legitimidade moral. São guardiões, por assim dizer, do princípio superior comum e da boa condução das relações sociais, seres exemplares de como se conduzir a vida, orientada em função do bem comum. Os “estados de pequeno”,

por sua vez, representam os comportamentos menos desejáveis, que concorrem para a decadência da *cité*, isto é, para a o desvirtuamento de uma gramática moral, e quase sempre podem ser vinculadas a posturas que só levam à satisfação pessoal ou de um pequeno grupo.

Na *Cité por Projetos*, o princípio superior comum está nas atividades, ou projetos, que têm por finalidade, “[...] gerar projetos ou integrar-se em projetos iniciados por outros.”. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 141) Os manuais da nova gestão empresarial incentivam a mobilização dos executivos a montarem seus portfólios de atividades, em substituição à estabilidade do vínculo único a uma empresa. Assim, cada indivíduo é responsável por administrar sua própria carreira. A noção de atividade se opõe ao trabalho, equivalente no mundo industrial. Ao contrário de estabilidade, fixidez e hierarquia do mundo anterior, o novo espírito do capitalismo traz uma nova relação com o labor, valorizando a variedade e mudança de atividades com as quais os trabalhadores se envolvem, a flexibilidade e a leveza e a autonomia.

[...] O horizonte de um fim inevitável e desejável, portanto, acompanha o *engajamento* sem afetar o entusiasmo. [...] [O] conhecimento do fim é acompanhado pela esperança de que um projeto novo suceda àquele que termina, de que ele já esteja em gestação no tecido dos elos estabelecidos no presente, mesmo que ainda se ignore a forma que assumirá, de tal modo que a tensão entre o engajamento exigido e o resultado anunciado mostra -se superável. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 142, grifo dos autores)

A grandeza dos indivíduos e das instituições está na sua capacidade de abrir novas conexões e projetos, ou inserir-se em projetos existentes. Tudo isso, no entanto, sem levar para o oportunismo, assim, o estado de grande será correspondente àqueles que, além dos atributos pessoais, têm a capacidade de engajar os outros e de dar-lhes a empregabilidade. Mesmo atividades vistas, a princípio, como desinteressadas ou sem vislumbre de lucro pessoal, como o trabalho filantrópico, entra nesta conta, na medida em que permite a criação e expansão de uma rede de contatos e de atividades. Contrariando uma noção de estabilidade do mundo industrial, na *Cité por Projetos* os indivíduos são livres para se engajar ou não nos projetos, não porque a garantia seja externa de lhes dar outras atividades, mas porque eles mesmos, como sujeitos móveis, polivalentes e autônomos, engajam-se em diversas atividades para garantir a própria empregabilidade.

O repertório encontrado nos estudos de caso levou a um reagrupamento das categorias em aspectos que se mostram centrais para entender o que se chama, aqui, de *Universidade por Projetos*. Os programas de colaboração internacional correspondem a este princípio superior comum, a escala de medida para a grandeza dos acadêmicos no contexto de globalização, ou de um “sistema transnacional” de educação superior, servindo de indicativo se os atores estão ou não “em atividade”, bem como a sua grandeza com relação à capacidade de expandir as conexões, servir de inspiração e garantir a

legitimidade moral desta gramática de ação na vida acadêmica. Estes projetos são entendidos como “dispositivos transitórios”, ou seja, os envolvidos são postos em atividade para que se abram possibilidades de inserção em outros projetos existentes ou mesmo a possível criação de novos elos e atividades. A grandeza dos indivíduos, grupos de pesquisa e mesmo instituições é medida pela capacidade de engajamento em diferentes atividades, qualificadas ainda por sua variedade e quantidade. Na Universidade por Projetos, cada um é responsável pela construção de um *Portfólio de Atividades* para si e, no caso dos indivíduos em posição de coordenação, estes se tornam responsáveis, ainda, por garantir a construção dos portfólios dos colaboradores. Além da transitoriedade, os projetos devem ser tão adaptáveis quanto os indivíduos. No curso de sua realização, devem estar abertos o suficiente para acolher mudanças, incorporação de novos agentes e mesmo de projetos inteiramente novos. É esta flexibilidade, adaptabilidade e a construção de um perfil “multitarefa” confere empregabilidade para os acadêmicos. Um terceiro aspecto a ser destacado, que dá conta de entender as amplas transformações por que passam as universidades, é o que se chama de empreendedorismo acadêmico. O recorte empírico mostra como esta visão de mundo empresarial está presente na via acadêmica não apenas de forma difusa, mas também na própria lógica institucional da criação de centros de pesquisa, alguns deles funcionando como escritórios de projeto ou unidades para captação de recursos.

Não se procedeu a uma leitura muito atenta dos “personagens”, algo que poderia ser alcançado se fosse feita uma análise das biografias e currículos dos atores envolvidos, ou se houvesse maior investimento nas entrevistas. Por estas mesmas questões, não se deu atenção especial a aspectos desqualificadores, dado que a interação da pesquisa com os envolvidos não foi suficientemente homogênea para se ter elementos suficientes de todos os estudos de caso. Embora tenham sido colhidos alguns relatos sobre comportamentos inadequados dentro das atividades de colaboração, estes foram mais comuns através de agentes externos, de participantes eventuais das atividades, assim como membros que já não tinham relação próxima com os programas analisados. Isso mostra a necessidade de maior imersão da pesquisa nas “situações”, para poder estabelecer uma relação de confiança que abra espaço a este tipo de relato, ou um afastamento temporal e institucional dos atores envolvidos diretamente nas atividades, de modo a facilitar uma apreensão crítica mais acurada e livre de possíveis constrangimentos ou impedimentos de sua empregabilidade.

Um primeiro caso a ser apresentado é o *The South America Project (SAP)*, que teve como objetivo inicial, que reunia todos os integrantes, a apresentação de propostas alternativas para o grande plano de

*Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana (IIRSA)*⁴⁶. Embora se apresentasse como proposta alternativa, reproduzem a própria lógica de organização do IIRSA, orientado em função de portfólio de grandes projetos de infraestrutura para o subcontinente. Aqui entra em questão uma ampla transferência de ideias que passam pelos campos da administração (do planejamento empresarial estratégico, para ser mais preciso) que é absorvido pelo campo do Planejamento Regional e que termina, assim, por orientar o desenvolvimento das atividades deste programa de pesquisa em projeto. Parece estranho que não se tenha questionado o fato de o SAP reproduzir a estrutura do IIRSA e, conseqüentemente, de sua leitura do território e da inserção dos projetos de integração (Figura 11).

Figura 11

Capa e página interna do documento “The IIRSA Workshops; Portfolio of Projects; Spring 2012-Fall 2013”.



Fonte: The South America Project (2013).

Não obstante, a natureza conexcionista do SAP vai muito além desta incorporação da lógica empresarial do Planejamento Regional do IIRSA. A organização do SAP foi feita em torno de dez sub-redes de pesquisadores, que desenvolveram oficinas de projeto e pesquisas acadêmicas entre 2012-2013, buscando integração entre equipes de países diferentes, reunidas posteriormente no portfólio “The IIRSA Workshops. Portfolio of Projects. Spring 2012-Fall 2013” (THE SOUTH AMERICA PROJECT, 2013).

⁴⁶ A IIRSA (Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana) é um grande programa transnacional, iniciado no começo dos anos 2000, com vistas a elaborar projetos de infraestrutura que visam a estreitar as relações comerciais entre os países signatários e ampliar a participação no comércio internacional.

Ao final de 2013, o SAP contabilizou 131 participantes, que desenvolveram 23 projetos colaborativos, envolvendo 11 países, com o apoio de 43 fontes de financiamento, incluindo entidades públicas e privadas⁴⁷. Este número se amplia, considerando que continuaram sendo desenvolvidas novas atividades, pelo menos até 2019, lideradas em boa parte por Felipe Correa e que continuaram sendo vinculadas ao SAP, a exemplo da publicação, em 2018, de “São Paulo: Uma Biografia Gráfica”, financiado pela *The Haddad Foundation* (CORREA, 2018) e das muitas exposições relacionadas a esta pesquisa, realizadas na Virgínia, em São Paulo, Londres e Seul.

Ao final de 2013, os projetos não chegaram a ser apresentados oficialmente ao IIRSA nem à COSIPLAN. Sua divulgação pública se deu, sobretudo, através de matérias em revistas (especialmente na argentina *PLOT*), exposições e debates no âmbito acadêmico e em museus. Configurou-se mais como um mote para a investigação, donde deve-se destacar as habilidades de Correa em continuar reativando e ampliando a rede, seja com membros de sua formação inicial, seja incorporando novos pesquisadores, instituições e financiadores para projetos de pesquisa e publicações. A lógica da Universidade por Projetos leva a atribuir a um programa como o SAP o caráter de um “bolsão de acumulação”, como a prerrogativa para se constituírem novos projetos, mantendo os pesquisadores em atividade, assim como leva à construção de novos vínculos no interior da rede. Assim, outros apoiadores foram se constituindo ao longo da duração do SAP. Este foi o caso do projeto *The Petropolis of Tomorrow*, ao qual membros do SAP se integram, ainda que este tenha sido criado, originalmente, no âmbito da *Rice University’s School of Architecture*, através do *Shell Center for Sustainability*, com financiamento da *Shell Company*. Esse projeto também integrou departamentos de outras universidades nos Estados Unidos – *California College of the Art’s Urban Works Agency*, *Cornell University’s Department of Architecture* – e do Brasil, tendo a PUC-Rio como colaboradora local. Outro exemplo de ampliação da rede vem com o *Surplus Housing*, pesquisa coordenada por Felipe Correa, financiada pela incorporadora imobiliária Landinvest, consta como parte do conjunto de atividades dentro do SAP, como disciplina do quadro da GSD e como atividade do escritório *Somatic Collaborative*⁴⁸, fundado por Correa e Anthony Acciavatti.

É importante destacar a atuação de Felipe Correa em outros projetos de pesquisa em que se combinam a atividade acadêmica, de consultoria e a de coordenador do escritório *Somatic Collaborative*, que também resultaram em livros sobre a Cidade do México; sobre uma proposta para o metrô em Quito, e uma “biografia gráfica” de São Paulo. Nota-se o interesse de Correa, com suas publicações, em se

⁴⁷ De acordo com postagem no blog do programa The South America Project em 19 out. 2013. “SAP completes its first interim Symposium”. Disponível em: <<http://www.sap-network.org/2013/10/sap-completes-its-first-interim.html>>. Acesso em: 28 jun. 2019. Ver também matérias publicadas nas edições 15 e 16 da revista *PLOT*.

⁴⁸ Nota sobre o escritório *Somatic Collaborative*.

inserir numa genealogia de livros de Arquitetura e Urbanismo, tendo grandes cidades como protagonistas – especialmente aquelas produzidas nos anos 1970 que marcaram de forma definitiva os estudos urbanos, como a Los Angeles de Reyner Banham (2013), a Las Vegas de Robert Venturi, Denise Scott Brown e Steven Izenour (2003), bem como a Nova Iorque de Rem Koolhaas (2008). Da parte de Correa, constitui-se uma agenda de pesquisa sobre a urbanização no território sul-americano, mas que padece em virtude da pressa imposta pela lógica por projetos e que, de longe, parece repetir uma fórmula que não avança numa reflexão crítica, tampouco, leituras realmente particularizadas sobre cada caso, questão que será retomada mais adiante.

Correa demonstra ter as habilidades do “integrador de redes”, uma vez que assume liderança no projeto iniciado com bolsa concedida a Ana María Durán Calisto. Soube promover saltos, na medida em que buscou relações tanto com a própria equipe de projeto quanto com outros agentes, realizando projetos levados para o seu escritório *Somatic Collaborative*. Foi capaz, ainda, de reativar a projeto de pesquisa em outras situações, inclusive a partir de outro *Loeb Fellow* – Ramiro Almeida, no ano de 2013, que resultou no livro “*A Line in the Andes*”. Da parte de Ramiro Almeida, após o período como Fellow, trabalhou com tecnologia e inovação no MIT Lab em pesquisas que o levaram a criar uma empresa *spin-off* do MIT, a Optimus Ride.

O trabalho na Universidade por Projetos, do ponto de vista do trabalhador, pressupõe acumular as competências de professor, pesquisador, empreendedor e de operador acadêmico. Assiste-se à criação de dispositivos diversos que, ainda que não indiquem uma completa conversão da universidade como empresa, convergem para uma valorização da dimensão prática na formação, incorporando ONGs que se consolidam como escritório dentro da instituição – o caso do *Urban-Think Tank*, primeiro associado à GSAPP através do SLUM Lab, depois inserido no Departamento de Arquitetura da ETH-Zürich; a relação próxima entre as atividades de pesquisador e professor de Felipe Correa que se desdobram na captação de clientes para seu escritório, *Somatic Collaborative*; e a instalação de um escritório de urbanização dentro da arquitetura institucional da GSD, o *Office for Urbanization*, desenvolvendo pesquisa aplicada com financiamento externo, em um modelo que mescla o laboratório de pesquisa com escritório de planejamento estratégico para desenvolvimento urbano.

O caso do *Urban-Think Tank* (U-TT), neste contexto, é bastante singular. Mesmo não sendo um estudo de caso central nesta pesquisa, merece alguma discussão pela forma como seus criadores transitaram por universidades e atividades de consultoria até se estabelecerem, desde 2012, na ETH-Zürich. Misto de escritório e laboratório de pesquisa, foi criado em 1993 por Alfredo Brillembourg, como a ONG *Caracas Think Tank* (CCSTT), ganhando ampla evidência desde o final da década, pela realização de atividades de pesquisa de forma autônoma e em colaboração com universidades venezuelanas,

investigando soluções arquitetônicas e urbanísticas para áreas de urbanização informal (AWAN, SCHNEIDER e TILL, 2011). Por volta de 1998, junta-se ao escritório o austríaco Hubert Klumpner, com quem Brillembourg estudou na Columbia University. A partir disso, a UTT passa a ter alcance ainda maior, articulando as atividades de escritório, participação em exposições e intensificando a proximidade com a academia. No começo dos anos 2000, montam o projeto “*Caracas Case and the Culture of the Informal City*” (O Caso Caracas e a Cultura da Cidade Informal, em tradução livre), financiado pelo governo alemão, que compreendia um conjunto de atividades de projeto arquitetônico e urbanístico associadas a ações artísticas. Essas atividades, realizadas ao longo de seis meses, resultam no livro “*Informal City: Caracas Case*”, publicado em 2005. Neste mesmo período, destaca-se a realização de duas propostas seminais que serviram de cartão de visitas da U-TT em suas empreitadas em outros países e instituições – o *Gimnasio Vertical* e o *Metro Cable* – ambos propostos para a cidade de Caracas e que serão apresentados como solução para muitas cidades. Os urbanistas passam a atuar como consultores urbanos, com autoridade para difundir e realizar novas experiências de urbanização de favelas.

Entre 2007-2008, o U-TT se mantém em Caracas, mas atua também na Columbia GSAPP, a convite de Mark Wigley, onde criam o SLUM Lab. Entre as primeiras atividades do laboratório, constam a participação em São Paulo, junto à Superintendência de Habitação (HABI), com oficinas de projeto envolvendo estudantes da Columbia com funcionários da HABI. Dessas oficinas, resultaram propostas para as comunidades de Paraisópolis e Grotão, documentadas nas primeiras edições do jornal *SLUM Lab* e em publicações da Prefeitura de São Paulo. Interessa destacar a fluidez com que os coordenadores do U-TT circulam entre territórios e instituições. Permaneceram na GSAPP entre 2008-2010, sem vínculo efetivo, quando desenvolveram ateliês de projeto internacionais no Brasil, na Holanda e na Jordânia. A partir de 2010, instalam-se em Zurique, onde continuam desde então como professores permanentes, o SLUM Lab deixa de ser laboratório, dando nome à revista e aos ateliês realizados em todo o mundo envolvendo um número maior de universidades, comparando-se às primeiras edições. Criado inicialmente como um laboratório de pesquisa, o SLUM Lab sempre adotou uma postura pragmática, que aposta na relação com a realidade prática, em busca de soluções inovadoras para enfrentar as questões da cidade no Sul Global. Brillembourg e Klumpner destacam, com frequência, sua atuação como sendo autônoma, articuladores ou integradores entre academia e mundo real, entre teoria e prática, na construção de uma “caixa de ferramentas” para intervir sobre a cidade existente.

Os autores costumam apontar a busca por inovação em suas atividades, levando consigo os casos de sucesso obtidos ao longo de suas experiências em escritório e no mundo acadêmico. Em seu catálogo de projetos e soluções tecnológicas, apresentam as experiências com ginásios verticais, teleféricos

ligando morros em cidades com relevo acidentado, ocupados em processo de urbanização informal ou escadarias feitas com elementos pré-fabricados. Não chega a causar comoção, dado que as soluções apresentadas fazem parte de um repertório da segunda metade do século XX em arquitetura e urbanismo, se considerarmos as experiências de Lina Bo Bardi ou João Filgueiras Lima, o Lelé, apenas para apontar duas contribuições da arquitetura moderna brasileira. Aqui pode-se levantar um aspecto apontado por Boltanski e Chiapello na categoria da grandeza dos indivíduos na *Cité por Projetos*, em que se aponta os riscos de se desenvolverem comportamentos oportunistas num mundo orientado por esta moral. Mais importante do que realmente trazer novas contribuições ou de aprofundar a reflexão sobre experiências existentes, a estratégia do U-TT está em conseguir visibilidade para seus produtos, sempre atrelado a seus nomes enquanto autores, mesmo quando se referindo ao U-TT como um “coletivo”.

Ademais, as mudanças da U-TT, circulando entre instituições e territórios, se aproximam da prática mesma dos grandes escritórios de Arquitetura e Urbanismo de atuação global, que mantêm sedes em grandes cidades em todo mundo, favorecendo-se do funcionamento em rede para buscar novos projetos e continuar com seus nomes vinculados a esses territórios. Também assumem, como se vê na trajetória de Felipe Correa, as qualidades associadas à busca por se tornar um grande na *Cité por Projetos*, mas, neste caso, gerando como consequência certos comportamentos inadequados, associados ao que Boltanski e Chiapello chamam de *redeiro*, “[...] a personagem oportunista que, possuindo todas as qualidades necessárias a esse mundo, delas se vale de maneira puramente egoísta. [...]” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 364). No caso do U-TT, é evidente a necessidade de ter uma marca forte, facilmente comunicável em escala global, não necessariamente pondo em questão as qualidades, afinal eles mesmos se dão a autoridade de definir o que fazem como pesquisa de alta qualidade.

Não foi objeto desta pesquisa avaliar situações de conflito entre membros com relação aos aspectos de autoria. A questão do oportunismo pode ser avaliada em outros aspectos. O oportunismo se mostra, em casos semelhantes ao que se estuda na pesquisa, na forma como os departamentos de arquitetura estabelecem as áreas de estudo. Parecem estar mais preocupados em “sondar” o que se pratica nos principais centros e adotam isso sem muita reflexão crítica, nem reflexão sobre a identidade de seus pesquisadores e da instituição como um todo. Trata-se, ao fim, de uma sondagem de mercado, para não se manter atrás dos principais avanços no campo nem das condições mais favoráveis para atrair novos estudantes. Assim, toda a “redescoberta” do social em fins do século XX não foi tão simplesmente uma virada crítica frente ao desgastado debate sobre a atuação de “arquitetos estrela” em grandes cidades mundiais. Ela também deve ser pensada como uma saída possível para a crise que as

universidades poderiam enfrentar. As movimentações sobre os interesses vão mais de acordo com as flutuações do mercado.

Com relação ao Studio-X, em entrevista para esta pesquisa, Pedro Rivera destaca a horizontalidade na relação entre Wigley e os coordenadores gerais da rede Studio-X com os coordenadores locais. Cada responsável contava com liberdade para montar a programação de acordo com suas possibilidades e interesses e havia uma comunicação constante e bem articulada entre todos. Realizava-se uma reunião anual, na sede da Columbia GSAPP, como forma de avaliar e reforçar parcerias entre as sedes, sendo a comunicação entre eles aberta o tempo todo. A programação do Studio-X Rio, entre 2010-2017, se destacou como uma das mais ativas na rede. Foi encerrada mais em virtude dos interesses da Prefeitura do Rio de Janeiro, principal financiadora da proposta, do que pelo interesse da própria *Columbia University*.

A ocasião permitiu a Rivera inserir-se em um circuito internacional de exposições e ateliês internacionais com outras instituições, uma vez associado a uma grande universidade com um departamento do porte da GSAPP. Neste caso, a ausência de vínculos formais e impeditivos permitiu-lhe, também, realizar atividades com outras universidades dentro do próprio Studio-X, a exemplo de debates e atividades com equipes da ETH-Zürich, cujo resultado foi integrado à exposição *"Tactical Urbanism"*, no MoMA, além de atividades com a PUC-Rio e o instituto holandês *Het Nieuwe Instituut*.

As atividades do *Landscape as Urbanism in the Americas* e do intercâmbio entre UFBA e UCL, por sua vez, podem ser entendidas em um quadro mais tradicional da inserção de estudantes, bem como pesquisadores e profissionais recém-formados, em atividades que lhes garantem a "empregabilidade" no circuito acadêmico e da prática profissional. No caso do *Intercâmbio Cidade Comum*, trata-se, como cada um dos demais ateliês que compuseram os outros programas, de uma experimentação prática da atividade profissional. A brevidade dos encontros, girando em torno de duas semanas, corresponde não apenas à contingência de ser atividade curricular, mas cria a expertise para futuros trabalhos de consultoria para agências de governo, organismos multilaterais ou ONGs, que corresponde ao perfil básico de atuação dos graduados no *Master em Social Development Practice*.

Deve ser dada atenção, ainda, à importância que as visitas a campo podem ter para o quadro de professores e profissionais vinculados à DPU, aproximando-se das expectativas em torno da criação das conferências do LAUA. Os encontros são também a oportunidade para novos contatos de pesquisa e de colaboração institucional, considerando que as atividades são parte de unidades – a DPU, no caso da MSc SDP, e o *Office for Urbanization*, no caso da GSD – e, portanto, visam à empregabilidade dos pesquisadores associados e ao aporte de recursos financeiros às instituições.

O caso das conferências merece atenção, pois servem como forma de manter o vínculo de recém-egressos da GSD. Apesar da coordenação geral ser de Charles Waldheim, as conferências colocam em evidência jovens profissionais latino-americanos, com o estabelecimento por parte deles de vínculos locais, dando-lhes visibilidade em seus países de origem e ampliando para eles as possibilidades de realização de novos projetos. Parte deles tem um portfólio de atividades anterior a ser exposto. Para estudantes de pós-graduação e jovens professores e pesquisadores, tanto no Brasil quanto nas universidades que compõem os estudos de caso, apresenta-se uma nova dinâmica de inserção e consolidação profissional.

[...] Hoje em dia, o percurso para uma carreira acadêmica profissional é muito menos flexível e mais institucionalizado. Os estudantes de pós-graduação fazem parte de um sistema cada vez mais regimentado e sofisticado. Aprendem rapidamente a dominar as variáveis de solicitação de bolsas, controle de custos de viagens, protocolos de entrevistas de emprego e de como transformar uma tese acadêmica em livro, assim como a navegar no circuito expansivo de palestras e conferências. Tais atividades moldam e marcam sua experiência acadêmica de muitas formas e têm uma influência constitutiva em suas carreiras. (OCKMAN, 2014, p. 79)⁴⁹

Jovens profissionais que ingressam no mundo acadêmico e aspiram a uma posição mais segura se dividem entre as atividades de ensino e pesquisa, prática em escritório, consultoria, curadoria e organização e participação de eventos. A passagem entre instituições e territórios leva em conta não apenas a virtude de conectar-se e promover saltos, como também, e talvez mais importante, construir um portfólio que pode lhe servir como um futuro contrato mais estável. Mesmo em situações de relativa estabilidade, a construção de novos elos segue sendo extremamente relevante, para que seja possível realizar uma empreitada de maior investimento intelectual. Também partindo de uma análise da *Cité por Projetos* de Boltanski e Chiapello ("*Projective City*", na tradução para o inglês), Joan Ockman eleva o debate sobre a precariedade no trabalho acadêmico:

[...] Como construção ideológica, a *Cité por Projetos* também naturaliza algumas das características mais opressivas dessas sociedades. O preço da liberdade da hierarquia burocrática no local de trabalho, por exemplo, é pago pela perda da segurança no emprego e pela precariedade de salários e benefícios (o declínio da titularidade e a expansão do status de adjunto são equivalentes no meio acadêmico), enquanto a consequência da retirada dos horários regulares de trabalho e das férias está no surgimento da jornada de

⁴⁹ Tradução livre do original: "[...] Nowadays the route to a professional scholarly career is far less flexible and more institutionalised. Graduate students are part of an increasingly regimented and sophisticated system. They quickly learn to master the variables of fellowship applications, travel stipends, job interviews and dissertation-to-book protocols, and to navigate the ever-expanding circuit of lectures and conferences. Such activities shape and punctuate their academic experience in many ways and have a formative influence on their careers." (OCKMAN, 2014, p. 79)

trabalho 24/7. (OCKMAN, 2013, p. 93, o grifo é nosso)⁵⁰

Assiste-se a uma grande valorização da dimensão prática na formação de arquitetos, urbanistas e planejadores. Os ateliês, estúdios e experiências pontuais de atividade em campo vão se confirmando como o lugar privilegiado da formação. A experimentação prática se confunde com a objetividade e passividade dos atores frente ao problema apresentado. Nota-se a importância, por parte das universidades globais e de suas unidades, em criar e recorrer a dispositivos que servem como o “bolsão de acumulação” de projetos. Assim, unidades semiautônomas como laboratórios, *think tanks*, ONGs e mesmo a criação de escritórios de prestação de serviço em arquitetura, urbanismo e planejamento, associam-se a formas tradicionais de atividades acadêmicas, como seminários e conferências, e são instrumentais a estes projetos de colaboração internacional, permitindo ainda entender a arquitetura institucional que se estabelece em grandes universidades estrangeiras em projetos de colaboração com outros países.

Destaca-se como esse conjunto de atividades internacionais são fundamentais para garantir o aporte de recursos financeiros para as universidades, aqui circunscrevendo a delicada condição atual dos trabalhadores nestas grandes universidades, de forma a possibilitar a empregabilidade efetiva de professores e pesquisadores. A defendida autonomia das universidades com relação ao Estado e as recomendações de agências internacionais para que as instituições diversificassem as fontes de recursos ecoam, atualmente, num cenário de grande precarização do trabalho acadêmico.

Em uma condição extrema, professores e pesquisadores atuam como prosélitos empreendedores acadêmicos, distribuem ideias feitas e chavões que garantem sua empregabilidade no próximo projeto, sacrificando mesmo a qualidade da reflexão e do engajamento com as realidades, dado a condição do curto prazo dos programas de colaboração, gerando insegurança, pois se encontram submetidos a contratos que variam entre um semestre ou dois anos de duração.

A excepcionalidade de manter no quadro das universidades brasileiras professores temporários ou substitutos mostra-se como a condição normal, na Europa e nos Estados Unidos. O trabalho acadêmico pode continuar gozando de autonomia relativa frente às movimentações de mercado, apenas para um estrato cada vez menor de professores e pesquisadores que podem contar com a segurança de recursos para suas atividades de pesquisa e mesmo de ensino. De forma geral, assiste-se ao que o crítico Markus

⁵⁰ Tradução livre do original: “[...] As an ideological construction, the projective city also naturalizes some of those societies’ most oppressive features. The price of freedom from bureaucratic hierarchy in the workplace, for example, is paid for in loss of job security and precarity of wages and benefits (the decline of tenure and expansion of adjunct status are equivalents in academia), while the consequence of discarding regular work schedules and vacation time is the emergence of the 24/7 workday.” (OCKMAN, 2013, p. 93)

Miessen aponta como problemático na relação entre universidades e o campo de forças do mercado. Ainda que, como indicado com Miessen, essa possa ser uma realidade mais estritamente das universidades dos Estados Unidos, merece ser apontada como tendência para as universidades europeias.

[...] Embora isso deva ser entendido, antes de tudo, como um fenômeno específico dos Estados Unidos, é preciso reconhecer que, em muitas universidades ao redor do mundo, a liberdade acadêmica e a noção de produção autônoma de conhecimento sucumbiram a uma prática na qual o professor acadêmico é cada vez mais entendido não como um intelectual público, mas um administrador e angariador de fundos que [...] se torna um gerador de renda para a universidade. Tal entendimento rompe fundamentalmente com a ideia da academia como um agente externo, que não pode ser interpelado pelas forças políticas e econômicas e que opera, portanto, como um autêntico centro de produção intelectual e de uma forte cultura pública democrática. Isto coloca a questão de como podemos nos relacionar e intervir em situações complexas, atualmente, quando na verdade a maior parte do tempo é gasta em fins administrativos e de captação de recursos. (MIESSSEN, 2011, p. 203-204)⁵¹

Miessen indica de forma direta uma questão delicada que diz respeito a muitos dos estudos de caso nesta pesquisa. Como ressaltado por Jorge Silveti (2011), o modelo dos ateliês opcionais patrocinados (*sponsored option studios*) se mostram como a forma mais comum de se estabelecer as colaborações internacionais, mesmo quando ela se dilui na forma de doações anônimas ou bolsas que são repassadas para centros como o DRCLAS ou o Columbia Global Center, ou ainda na forma de bolsas de pesquisa criadas por empresários locais. Entende-se que o risco está no fato de que, muitas vezes, o patrocinador ou financiador se confunde com a figura de um cliente a ser atendido e agradado, trazido para dentro da sala de aula, em algumas situações assumindo o posto de professores visitantes, ou especialistas-consultores, ou ainda como os avaliadores dos trabalhos produzidos pelos estudantes.

Casos como esse foram abundantes no levantamento da pesquisa e podem compor um panorama mais vasto ao se considerar as práticas de ensino nas próprias sedes dessas universidades. Permitem discutir como as instituições universitárias vêm assumindo a função de “bolsões de acumulação” de projetos, bem como de balcão de negócios para empresários e corporações com a finalidade de obtenção de

⁵¹ Tradução livre do original: “[...] Although this has to be understood mainly as a U.S.-specific phenomenon, it has to be acknowledged that, in many universities around the globe, academic freedom and the notion of autonomous knowledge production has succumbed to a practice in which the academic professor is increasingly understood as no longer being a public intellectual, but an administrator and fund-raiser, who [...] becomes an income-generator for the university. Such an understanding fundamentally breaks from the idea of the academy as an external agent, uninterrupted by political and economic forces, and hence operating as a genuine center for intellectual production and a robust democratic public culture. It poses the question of how can one relate and intervene in complex situations today, when actually most time is being spent on administrative and fundraising purposes.” (MIESSSEN, 2011, p. 203-204)

lucro. Os casos escolhidos como centrais para esta pesquisa foram selecionados por serem robustos o suficiente para garantirem não apenas volume de material, como também por darem a evidência de que a dimensão autônoma da universidade está sob risco.

Em todos os programas analisados como estudos de caso, ainda que com ênfase diferentes, encontramos como produtos de sua atividade não apenas os relatórios, projetos e planos, mas também o engajamento paralelo em outros projetos, às vezes sincronizados, que levam à produção de exposições, livros e revistas (acadêmicos ou não), participação em concursos de projetos em busca de alguma distinção, como no caso das menções, ou mesmo prêmios em dinheiro, e organização e participação em eventos de toda sorte, de uma mesa de debates a, de preferência, organização e participação em congressos internacionais, permitindo-lhes aumentar as chances de estabelecerem novos contatos. O encontro é o princípio que leva à construção de novos projetos. Tal dimensão dá a importância da pessoalidade e das capacidades de comunicação interpessoal para obter sucesso na Universidade por Projetos. Isto também dá ensejo a pensar o quão próxima esta moral se encontra dos valores das *cités* doméstica e da fama. Da doméstica, pela importância de se considerar os valores pessoais, ainda que, supostamente, sem o peso da hierarquia. E da fama, na medida com que os acadêmicos devem ser ciosos da impressão e da consideração que os outros terão sobre sua grandeza.

A noção de trajetória acadêmica aparece subsumida de forma dependente, ou mesmo obliterada pela necessidade de se construir um portfólio de atividades, tanto mais rico e representativo da legitimidade moral dos acadêmicos quanto seja mais variado. Em vez de um projeto de vida, construído longamente com uma perspectiva de aprofundamento contínuo, que atravessa o conjunto de atividades às quais os acadêmicos se envolveram, vale, antes de mais nada, demonstrar a capacidade de adaptação, a flexibilidade e a capacidade de encerrar projetos sem deixar de ter uma próxima atividade em vista.

3.3 Formação de Novos Projetos e Suspensão da Crítica

As categorias que ensejam a análise do item anterior estabelecem o projeto como o princípio de equivalência – o envolvimento em projetos e a capacidade de ampliar as redes –, servindo de referência para qualificar os indivíduos e definir seus estados de grandeza. O terceiro grupo de categorias das *cités* foi reunido em “O Novo Espírito do Capitalismo” como o estágio da “Formas de justiça da cidade por Projetos”, compreendendo quatro ou cinco categorias do modelo analítico (Quadro 11). Como indicado no quadro, a relação de grandeza evidencia a justa ordenação entre grandes e pequenos, sendo indicativa de uma relação harmoniosa, onde os que se elevam ao Estado de Grande não excluem e representam os pequenos, em respeito à confiança que eles lhes atribuem. Muito antes, pelo contrário,

a justa relação de grandeza já pressupõe que as ações dos grandes são a garantia da preservação de outra categoria do modelo analítico, da dignidade humana. Como indicado anteriormente, esta condição do Estado de Grande é uma figura idealizada, quase inalcançável, que pressupõe algum tipo de sacrifício, em geral associado à negação de uma satisfação pessoal em nome do bem comum. As outras categorias dizem respeito a como se dá a demonstração da grandeza dos indivíduos, bem como indicam as provas que marcam a sanção e conferem legitimidade moral às pessoas. As provas-modelo devem ser conhecidas por todos, mas para as quais o resultado, a princípio, não pode ser pré-determinado, seja num processo de eleição democrática (caso da *Cité* cívica) ou no processo de uma transação de negócios (caso da *Cité* mercantil). (BOLTANSKI e THÉVENOT, 1991, p. 179-181; 2006, p. 142-144; BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 154-160).

Quadro 11

Categorias do estágio “Formas de justiça da cidade por projetos”.

categoria	definição (Boltanski e Thévenot)	na <i>Cité</i> por Projetos
Relação de grandeza	Ordena os estados de grandeza; Evidencia porque o Estado de Grande, ao contribuir com o bem comum, inclui o Estado de Pequeno.	Redistribuição das conexões <Relação de grandeza> Pôr em contato, Redistribuir a informação, Inserir em redes, Dar empregabilidade.
Fórmula de Investimento	Sacrifício necessário para alcançar o Estado de Grande.	Adaptabilidade <Fórmula de investimento> Leveza, Flexibilidade, Tolerância, Locação.
Prova-modelo	Situações em que se dá a incerteza.	Fim de um projeto e começo de outro <Prova-modelo>.
Expressão do julgamento e Formas da evidência	Ratifica a prova; Caracteriza como se manifesta o Princípio Superior Comum; e Modalidade de conhecimento adequada para o mundo em questão.	Ser chamado a participar <Expressão do julgamento e formas da evidência> Inserir, Fazer participar, Falar de, Evitar, manter a distância, Ignorar, Rejeitar, Excluir.

Fonte: Elaboração própria, a partir de “De la Justification” e “O Novo Espírito do Capitalismo”. Fontes: Boltanski e Thévenot (1991, p. 179-181; 2006, p. 142-144) e Boltanski e Chiapello (2009, p. 154-160).

A determinação da grandeza de um indivíduo no mundo por projetos não se deve apenas por ele ou ela ser polivalente, ativo e engajado, mas também por sua capacidade de permitir que outros membros ligados a eles se beneficiem de sua grandeza. O sacrifício que o grande deve cumprir consiste em abdicar de qualquer traço que leve à sua fixidez ou imobilidade, para que transite levemente entre os pontos da rede. No mundo por projetos isto implica, entre outras coisas, em não estabelecer compromissos de qualquer ordem, da constituição de família à busca por um emprego formal. Ademais, espera-se do Grande na *Cité* por Projetos a tolerância e a neutralidade para manter-se adaptável e acessível a todos, o que implica numa abdicção de um projeto de vida próprio ou, no que nos interessa nesta pesquisa, de sua capacidade crítica. A demonstração de sua grandeza, no mundo por projetos, se dá quando os indivíduos passam de um projeto para o outro, quando se demonstra, publicamente, a atração que pode

causar, o que o leva a ser chamado a participar de diferentes projetos ou a conseguir agenciar diferentes pontos da rede para constituir novos projetos. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 154-160)

No contexto das colaborações internacionais, na Universidade por Projetos, esta qualidade está diretamente ligada ao modo como os grandes distribuem igualmente os bens raros entre seus pares e subordinados – como garantem acesso livre às informações e às redes de contato de que dispõem, como todos os envolvidos podem, independentemente de seu capital acumulado, aspirar ao estado de grande. A inserção das atividades práticas na formação acadêmica, como o estímulo ou mesmo a criação de dispositivos que permitem ampliar as redes de contatos e de realização de projetos de pesquisa, para além do que se definiu anteriormente como Empreendedorismo Acadêmico, pode ser também um dispositivo de justiça da Universidade por Projetos. Isto porque, nesta chave identifica-se não somente a preocupação com o financiamento institucional, mas também como uma forma de demonstrar a preocupação com a empregabilidade dos futuros profissionais. Na moral da *Cité* por Projetos, de acordo com Boltanski e Chiapello: “[...] Terminar um projeto sem preocupação com o que será daqueles que dele participaram não é digno de um grande. [...]” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 155).

O desenvolvimento de atividades no SAP é bastante significativo, neste sentido, pode ser usado como referência para analisar a grandeza dos seus integrantes. Como indicado anteriormente, Felipe Correa demonstra grande habilidade de formar elos, levando-o a manter uma alta produtividade ao longo dos últimos anos, quase sempre ligado ao projeto inicial conduzido em Harvard. Desde 2013, ano previsto para finalização das atividades do SAP, quando se realiza um segundo simpósio na Bienal de Buenos Aires, com os resultados dos ateliês e oficinas envolvendo as instituições integrantes e parceiras, Correa seguiu abrindo novas parcerias, levando-o a novos projetos, com o mesmo “selo” SAP, incluindo membros da formação original do SAP.

Uma breve descrição das atividades permite entender melhor essa formação de novos projetos e a inclusão dos “pequenos”. Logo no começo das atividades do SAP, o projeto se integra ao “*The Petropolis of Tomorrow*”, coordenado por pesquisadores da Rice University, cujo interesse era elaborar propostas alternativas para as cidades latino-americanas que emergiam como potentes, dada a descoberta de novas fontes de petróleo. Integra-se diretamente a este projeto a PUC-Rio, como instituição colaboradora local, além de outros membros do SAP, como Mason White e Luis Callejas, autores de artigos no livro-documento da pesquisa (BHATIA e CASPER, 2013). Considere-se também que um dos membros conselheiros do SAP, Ramiro Almeida, ao ser selecionado para receber uma bolsa da *Loeb Fellowship*, foi integrado a outro projeto de pesquisa liderado por Correa, sobre a construção de uma linha de metrô em Quito, no Equador, sendo Ramiro coautor do livro “*Una Línea en Los Andes*” (CORREA e ALMEIDA, 2014). Para este mesmo livro contribuíram com textos crítico e historiográficos outros

membros do SAP, como Graciela Silvestri e Ana María Durán Calisto. Com a rubrica do SAP, Correa realizou uma última pesquisa, mais recente, sobre a forma urbana da cidade de São Paulo, uma de suas últimas atividades na Harvard GSD, antes de assumir o cargo de professor efetivo da escola de arquitetura na University of Virginia. Para este projeto, Correa reintegra Alexandre Delijaicov, da FAU-USP, que também contribui com um artigo para o livro mencionado. Destaque-se, ainda, outro salto realizado por Correa no projeto sobre São Paulo, ao integrar a arquiteta mexicana Sol Camacho, sua ex-aluna e assistente de ensino, quando cursou o *Master* da GSD, e residente e atuante em São Paulo, tendo por cargo a direção do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi.

A inserção em dinâmicas de colaboração internacional também permite, nas melhores condições, a mobilização de outras redes, locais ou mesmo internacionais. Assim, os professores da PUC-Rio publicaram um livro, em 2013, documentando os ateliês internacionais da PUC-Rio com instituições do Uruguai e Argentina, para o qual Correa e Calisto contribuíram com textos introdutórios. É notável capacidade de mobilização e de impulso que essas atividades de colaboração incentivam, ao inserir pesquisadores e profissionais locais na dinâmica de exposições, publicações e debates públicos, em parte porque esta é a dinâmica instituída nesses contextos dos Estados Unidos e da Inglaterra – vale lembrar o que Jorge Silveti comenta sobre Harvard “abrir portas”. Já em outros casos, a inserção em redes acadêmicas mais amplas intensifica a atuação de membros que já contam com grande visibilidade internacional, como se deu com Bucci e Delijaicov. Aqui, trata-se de um caso em que a alta capacidade de formar elos, da parte desses professores, não lhes coloca em condição de dependência aos coordenadores do SAP. Por volta de 2013, inserem-se em outro programa de colaboração, de maior alcance, entre a USP e a Princeton University, que resultou no livro “Fluvial Metropolis”, publicado em 2018, com previsão de novas publicações.

O mesmo se pode dizer da relação entre o grupo de pesquisa Lugar Comum e a DPU. Ao mesmo tempo em que se realizavam as atividades do Intercâmbio Cidade Comum, outra parceria acadêmica se desenvolveu no âmbito, também coordenada por Ana Fernandes, neste caso junto a outra pesquisadora brasileira, vinculada à *École Polytechnique Fédérale de Lausanne* (EPFL). Numa primeira visada, estes dois casos parecem confirmar a ordem harmoniosa da justiça que se alcança no mundo da pesquisa em rede. No entanto, deve-se lembrar que os professores mencionados já se encontram numa condição de carreira acadêmica e de posição intelectual privilegiadas, já tem vínculos fortes estabelecidos com outras instituições, não apenas no Brasil, e se encontram no contexto de universidades públicas federais brasileiras que, em princípio, dispõe dos melhores recursos humanos e de prática em construção de colaborações acadêmicas internacionais.

Na lógica apresentada em “O Novo Espírito do Capitalismo”, a importância de passar de um projeto a

outro é grande a ponto de incentivar os indivíduos a não cultivarem o *status*, não alimentarem grandes ambições de vida, compreendendo a constituição de família ou interesses profissionais muito enraizados. A estabilidade não é desejada, porque pressupõe a imobilidade e o enraizamento dos indivíduos em seus postos de trabalho. A rigidez da vinculação empregatícia seria vista como um indicativo de injustiça, caso alguém ascendesse numa empresa sem ter passado por situações de adaptação a mudanças, como indício de que ele ou ela não tivesse sido posto à prova de passar de um projeto para outro. A mesma consideração pode ser estendida às redes, quando formadas em círculos muito fechados, podendo ser consideradas como redes de privilégios e da reprodução de vícios, não assentadas na transparência e na visibilidade para todos de como os elos foram realizados.

Ao contrário do fechamento, Harvard, Columbia e outras grandes universidades, de porte global, costumam destacar a diversidade de seu quadro de professores e pesquisadores, com origens em várias partes do mundo, como uma demonstração de uma política de diversidade, incluindo-se aí importantes cargos de direção. Manter bom contato com professores e graduados estrangeiros torna-se extremamente relevante, pois eles se configuram como potenciais “colaboradores locais”, que poderão estabelecer novos vínculos. Ser chamado a participar de uma rede é o que dá a medida das grandezas dos indivíduos. Trocar de projetos, assumir cargos, trocar de endereço e incorporar novos elementos em seu portfólio de atividades aparece como sinal de grandeza. A separação é o “[...] prelúdio para a instauração de novos elos, para a formação de novos projetos [...]” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, p. 173). Assim, as reprovações consistem, basicamente, de processos de rejeição dentro das redes, de exclusão ou da criação de dispositivos de impedimento para que certos indivíduos ou grupos não participem da colaboração global.

A atividade tem em vista gerar projetos ou integrar-se em projetos iniciados por outros. Mas, como o projeto não tem existência fora do encontro [...], a atividade por excelência consiste em inserir-se em redes e em explorá-las para romper o isolamento e ter chances de encontrar pessoas ou de relacionar-se com coisas cuja proximidade é capaz de gerar um projeto. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 141)

Toda ascensão ao estado de “grande” presume, em algum nível, a realização de um sacrifício. Abdica-se de qualquer forma de relação com o mundo em função de uma missão divina, como é o caso da *Cité* inspirada. No mundo por projetos, em contraposição ao mundo industrial, abdica-se da segurança do trabalho formal em função da possibilidade de se engajar, de forma mais autônoma, em diferentes agenciamentos que, substituem, de forma precária, os antigos postos de trabalho. Esta talvez seja a categoria mais flagrantemente ideológica da *Cité* por Projetos. Em última instância, o grande da Universidade por Projetos, por declinar de levantar suspeita sobre a realidade socialmente construída e, ao contrário, por assumir uma suposta posição de realismo, em que acolhe os valores da ambivalência

que lhe faz contornar a construção de uma posição frontalmente crítica, torna-se um medíocre, que precisa se valer da neutralidade mais por receio de perder as próximas oportunidades de trabalho do que por espírito científico, ou por autonomia intelectual.

É preciso, no entanto, dar contornos mais sutis a esta crítica que relaciona o “estado de grande” à neutralidade e à mediocridade. A questão passa a ser como encontrar o tom correto da avaliação sem permanecer apenas em uma postura paranoide do “homem ressentido”, do “intelectual fracassado” (BOLTANSKI, 2014) ou, dentro do marco que se estabelece nesta pesquisa, interessa ter clareza de que a crítica não está sendo feita apenas de um posto de vista do desprivilegiado que busca, a todo custo, centrar sua atenção nas fragilidades daqueles que se mostram em vantagem. Um primeiro passo está em reconhecer a grandeza de quem ocupa estes postos, consegue estabelecer vínculos e realizar os projetos que resultam, ao menos nas experiências escolhidas como estudos de caso, em atividades que sempre trazem alguma contribuição e conseguem levar a algum avanço ao campo do Urbanismo ou à formação de redes que mobilizam outros agentes locais. Não se está cogitando a qualificação de medíocre em sentido mais largamente empregado, que desconfia das qualidades individuais nem das possibilidades dos redeiros que circulam leve e velozmente em colaborações acadêmicas. Trata-se mais de uma situação em que, para garantir a presença nas redes e alguma garantia de empregabilidade, para ingressar em uma rede que lhe permite navegar leve e rapidamente entre instituições e territórios, professores e pesquisadores na Universidade por Projetos precisam suspender a crítica, ou abdicar da própria capacidade crítica.

O "grande" da cidade por projetos também é leve porque está liberto do peso de suas próprias paixões e de seus valores; aberto às diferenças (ao contrário das personalidades rígidas, absolutistas, apegadas à defesa de valores universais). Pelas mesmas razões, ele não é crítico (salvo para defender a tolerância e a diferença). Nada deve sobrepor-se ao imperativo de ajustamento nem enleiar seus movimentos. Não há outra determinação, senão as que advêm da situação e das conexões nas quais ele está e que o definem inteiramente (Burt, 1980). A tolerância necessária para ajustar-se aos outros pode também ser expressa na linguagem da emancipação em relação à "moral burguesa". O homem leve aprendeu com a psicanálise e, de modo mais geral, com a difusão das "interpretações da suspeita" (Ricoeur, 1965, pp. 40-4) que é preciso saber libertar-se do moralismo, lançando a suspeição sobre os motivos ocultos dos esforços de moralização e reconhecendo a validade da ambivalência. [...] (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 157)

Preocupa, no entanto, que a suspensão da capacidade crítica se encontra mesmo em propostas de atuação, no campo do Urbanismo, pretensamente radicais, especialmente aquelas alardeadas como uma descoberta da cidade informal nos últimos anos. Utiliza-se o termo suspensão da crítica, ainda, como uma referência a uma das experiências de atividade de campo mais paradigmáticas desde o final

do século XX, que originou o livro “Aprendendo com Las Vegas” (VENTURI, SCOTT BROWN, IZENOUR, 2003; 2017), na passagem entre os anos 1960-1970, a partir de um ateliê de estudos envolvendo professores e estudantes de Yale. O que se pretende questionar, nesta avaliação, é a baixa qualidade do que se produz como resultado dos processos de colaboração. O tempo da academia não acompanha o ritmo acelerado – e cada vez mais acelerando – do mercado e dos circuitos de exposições, construção de políticas públicas e realização de projetos urbanísticos. Vive-se um momento em que, apesar do incentivo e das reais possibilidades de levantar material e realizar viagens de exploração transcontinental, o tempo se mantém como um condicionante fundamental. Qualquer reflexão crítica precisa de tempo para seu amadurecimento. Desconfia-se, aqui, das supostas inovações conceituais e técnicas realizadas a partir de investigações de seis meses ou mesmo de alguns poucos anos.

O recorte temático desta pesquisa se insere em uma dinâmica mais ampla, desde a passagem entre os anos 1990 e 2000, em que a produção arquitetônica e urbanística na América Latina ganhou ampla difusão, não apenas em situações que envolviam o mundo acadêmico, mas, também, no circuito de exposições, concursos e premiações de projetos. Ganhou ampla visibilidade o que foi assumido como uma nova geração de arquitetos e urbanistas socialmente engajados, comprometidos em encontrar respostas para os problemas urgentes das urbanizações precárias, que havia ficado à sombra, durante os anos 1990, pela euforia em torno dos “arquitetos-estrela” e a produção de edifícios-ícone. Em suma, é como se o “efeito Bilbao” tivesse chegado a um limite e não mais interessassem as “joias” arquitetônicas de escritórios celebrados, abrindo espaço, no campo da arquitetura e do urbanismo, para uma retomada da missão social atribuída aos arquitetos modernos do começo do século XX. Não raramente esses grupos, que incluem alguns dos autores estudados nesta pesquisa, atribuíram a si mesmos ou foram reconhecidos como praticantes “radicais” ou agenciadores de transformações sociais, mesmo atuando em uma escala pequena de intervenção física.

Grupos como U-TT e Elemental passaram a dominar as páginas das revistas especializadas e chegaram ao topo do que se pode considerar uma trajetória promissora, ganhando os mesmos prêmios e circulando nos mesmos espaços, antes ocupados quase exclusivamente pelos “star-system” da arquitetura e do urbanismo contemporâneos. O prêmio Pritzker concedido a Alejandro Aravena, em 2016, e o Leão de Ouro da Bienal de Arquitetura de Veneza de 2012 à instalação “Gran Horizonte”, este último como uma parceria entre U-TT e o jornalista inglês Justin McGuirk, deram prova deste reconhecimento e geraram um acalorado debate.

Na verdade, os termos dessa crítica ao que ganha visibilidade com a exploração da miséria já foi dado por Massad e Liernur. Boa parte do que se apresenta como propostas alternativas, críticas, ou mesmo radicais nas propostas de urbanização de áreas precárias, não vai muito além de um “[...] discurso social

superficial e facilitador, [que] tenta revestir com uma aura social que simule seu distanciamento ideológico [...]” à arquitetura do espetáculo (MASSAD, 2012). A ambiguidade deve deixar de ser apenas contemplada e merece ser submetida a uma apreciação crítica, como aquela empreendida por Freddy Massad, que entende o discurso em torno do político e da ação em arquitetura como um “amálgama muito ambíguo”, com certa nostalgia e repetição de clichês, sem abertura para uma prática no presente, e que “[...] [p]roclama a presença da ação política na arquitetura apenas por acumulação referencial, sem examinar criticamente o sentido e o alcance dessas manifestações.” (MASSAD, 2012)⁵². Assiste-se, no campo dos estudos urbanos e da produção contemporânea do urbanismo, uma virada pragmática como a observada no debate arquitetônico do mesmo período (CRUZ, 2013).

Pode-se falar em termos de uma suspensão da crítica como uma deliberada amnésia da complexidade da atuação profissional ou do papel dos intelectuais na vida pública. Esses seguem desenvolvendo suas práticas sem causar qualquer fricção com a realidade socialmente construída, ecoando aqui, novamente, a discussão lançada por Joan Ockman e dirigida, especialmente, aos representantes do chamado debate pós-crítico, que advogam em favor de uma posição teórica estritamente operativa, aberta às movimentações do mercado (OCKMAN, 2013, 2017). A mesma suspensão da crítica também está presente, por exemplo, na atualização do debate sobre “Landscape Urbanism” por parte de Charles Waldheim, quando o projeto da paisagem na escala do território é cultuado sem uma reflexão mais aprofundada, como a boia de salvação e o instrumento em disputa para a ação no presente, pela sua capacidade sintética e propositiva (WALDHEIM, 2016).

Dos coordenadores do projeto SAP, nota-se grande interesse pela capacidade propositiva dos projetos a serem desenvolvidos por equipes de professores e estudantes, em colaborações institucionais, como uma proposta alternativa a ser apresentada, inclusive, aos membros da IIRSA, o que, na verdade, não aconteceu. Os projetos arquitetônicos e urbanísticos viriam como uma contraproposta crítica que buscaria uma forma de desenvolvimento alternativo, de modo a ampliar os benefícios da dotação de infraestruturas e intensificação dos processos de urbanização na hinterlândia do continente sul-americano.

[...] Um vasto território rural caracterizado pela figura cultural do gaúcho, rotineiramente percorrido por cavalgadas, encontra-se, hoje, fragmentado por fronteiras geopolíticas artificiais que definem os limites entre Brasil, Uruguai e Argentina. É este conflito espacial específico entre o cultural, o econômico e as ecologias naturais, e sua resistência aos limites fronteiriços de cada nação que é confrontado nesta pesquisa. [...] (CORREA, 2016b, p. 8)

⁵² No original: “[...] Proclama la presencia de la acción política en la arquitectura únicamente por acumulación referencial, sin examinar críticamente el sentido y calado de esas manifestaciones.”

Assim tão auspiciosa, as colaborações acadêmicas e – ainda mais forte – as relações entre as universidades e Estados jamais poderiam ser consideradas como uma rede ideal da *Cité* por projetos, visto que dificilmente tudo estará tão exposto à luz para todos. Quanto mais genérico e menos polêmico, mais fácil de conseguir dar os saltos na passagem entre projetos, mais fácil garantir a empregabilidade em uma própria empreitada, destacando sempre, como sugere Reinier de Graaf, o caráter único daquela cidade que agora está no alvo.

Ana María Durán Calisto e Felipe Correa estão em um campo bastante delicado, ao explorar a urbanização do território sul-americano com atenção à extração de recursos. Durante o simpósio de lançamento da rede de pesquisa e nos textos que acompanharam esta fase inicial, nota-se a séria e justificada preocupação com os rumos e as consequências que poderiam resultar de uma urbanização acelerada tendo como motivação principal a extração de recursos, sendo a IIRSA o impulsor destes processos:

[...] Sin embargo, muchos sudamericanos temen que IIRSA solo contribuya a reproducir un patrón histórico de instalación de infraestructuras monofuncionales orientadas hacia la apertura de recursos naturales no explotados para su extracción y exportación, bajo la presión del mercado internacional y los gobiernos nacionales o corporaciones que se benefician de esas transacciones, incluso cuando los costos ambientales y sociales de los boom y las quiebras extractivas son incalculables en el largo plazo. [...] (CORREA e CALISTO, 2012, p. 203)

[...] Actualmente los miembros del SAP se están embarcando en una iniciativa de investigación que centra sus esfuerzos en comprender e investigar las relaciones entre las infraestructuras de IIRSA, el territorio sudamericano, sus culturas, y las proyecciones de futuros factibles que puedan conducirnos más allá de un rol servil inmerso en las fuerzas transnacionales del mercado global. Sudamérica tiene la inteligencia y la capacidad para elevarse por encima de la extracción y el monocultivo, deseamos contribuir a que eso aflore. (CORREA e CALISTO, 2012, p. 203)

Novamente, retoma-se a crítica de Fredy Massad, lançando-a às investidas como a do projeto SAP, em que se apresenta como o elemento virtuoso, com capacidade de sintetizar as contribuições de diferentes campos, considerar os elementos que costumam estar fora das grandes operações públicas, como a preocupação com as esferas ambiental e social e a possibilidade de contribuir positivamente com a construção e alternativas que diminuam o impacto negativo, colaborando para a distribuição melhor dos recursos sobre o território. Em geral a capacidade crítica dos membros do SAP interrompe-se tão logo o problema a ser enfrentado foi identificado, sem deixar nenhuma clareza sobre como esses projetos podem contribuir com qualquer transformação substantiva, nem quais seriam os passos para esta transformação, mesmo em termos pedagógicos.

The deployment of expensive heavy infrastructure has significantly altered the rural landscapes of South America. The large staging grounds required for the extraction, processing, and global distribution of natural materials has produced a large series of projects – airports, roads, basic utilities, and telecommunication networks, among others – conceived in direct relation to extraction industries but in total inattentiveness to the need of the settlements they traverse. (CORREA 2011, p. 179)

As atividades analisadas permitem entender que, mesmo dentro da universidade, as propostas mais promissoras, avançam pouco, contribuindo apenas para inserir as instituições em um circuito de visibilidade e, com consequências mais graves, pois terminam por justificar a manutenção de situações que mereceriam radicalização. Ainda mais pernicioso é não evidenciar que as universidades distribuem um grande capital social para empreitadas como as que se desenvolveram no programa SAP e seus outros projetos correlatos. Um projeto paralelo, “Divining Providencia”, foi desenvolvido na UCLA como pesquisa acadêmica, envolvendo membros do South America Project, e efetivado como política pública e projeto urbanístico para uma faixa do território compreendido entre os portos de Manta, no Equador, e Manaus, no Brasil. O relato dos seus desdobramentos, no entanto, é preocupante, sobre as reviravoltas possíveis em propostas auspiciosamente utópicas (WILSON, 2018a; 2018b). Assim, o programa SAP falha em não considerar as implicações políticas e naturalizar as atividades dos estudantes em ateliês como especulações virtuosas que podem levar à melhoria das infraestruturas locais.

No caso da Cidade Comum, a relação próxima e constante com as lideranças comunitárias sempre levou em questão a forma como as informações seriam tratadas. Da experiência do grupo de pesquisa com o desenvolvimento de Planos de Bairro para Saramandaia e Dois de Julho, aprendeu-se que as informações devem ser estrategicamente reunidas e selecionadas antes de serem divulgadas, para não reverter em processos excludentes. Durante o intercâmbio, as equipes buscaram entender as lutas das sete comunidades com relação ao direito à cidade, o que incluía situações de enfrentamento direto das comunidades com a legalidade, como no caso da ocupação de um imóvel e de um terreno na cidade de Salvador. Como resultado dos trabalhos do intercâmbio, os textos publicados, assim como imagens e mapeamentos sempre passavam por uma aprovação das lideranças de modo a contemplar às necessidades da pesquisa e do apoio prestado às comunidades, sem comprometer suas causas nem gerar justificações, por parte do governo ou de particulares, em criminalizar as lideranças e suas comunidades.

Muito antes, pelo contrário, ao final do intercâmbio decidiu-se, conjuntamente, em organizar uma série de quatro Rodas de Diálogo, em que as equipes das universidades assumiam o papel de coordenadores e facilitadores, mas ganham protagonismo as lideranças comunitárias, reunindo autoridades públicas e

representantes de agências de governo. As rodas foram realizadas em espaços e equipamentos públicos. A expectativa é a de distribuição do poder, evidenciar a legitimidade das lideranças como agentes políticos fortes e, eventualmente, permitir que os encontros gerem a formação de novos projetos. Merece atenção o quanto a formação dessas novas redes ainda continua muito dependente dos agentes da universidade, sobretudo com relação à UFBA, e se não estaria sendo reforçado certo paternalismo e dependência das lideranças com relação à própria universidade.

3.4 Diferencial de Mobilidade e Assimetrias

Viu-se que os dispositivos da *Cité* por projetos, bem como o funcionamento mesmo das atividades de colaboração internacional nas universidades, favorecem o surgimento de um tipo de oportunismo. Fazendo-se valer das qualidades do grande, quais sejam a fluidez, a leveza, a capacidade de formar elos, o sujeito oportunista, ou o redeiro, constrói relações estratégicas em buracos estruturais, “[...] estabelecendo relações com pontos ou nós que não estejam ligados aos outros pontos com os quais nos relacionamos [...]” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 365). Dessa forma, tecem elos imprevistos, com sujeitos e instituições que estão distantes ou fora da rede. Seriam, inclusive, considerados grandes se estes saltos fossem compartilhados com todos e se fossem revertidos em ampliação de contatos e das próprias redes. Os redeiros oportunistas, no entanto, fazem uso das assimetrias de informações, para obter vantagens e privilégios e acumular capital:

[...] [O] redeiro procura explorar ao máximo as assimetrias de informações. Ele extrai de sua experiência uma representação dos elos úteis, mas guarda essa representação para si e (ao inverso do integrador de redes) faz tudo o que pode para que aqueles que lhe estão próximos não possam construir uma topologia eficaz da rede. [...] (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 366)

Para realizar sua dupla exploração (das instituições e das pessoas menos móveis), o redeiro tira proveito de um diferencial de mobilidade em relação a atores que, por diferentes razões (morais, familiares, institucionais, patrimoniais etc.), permanecem ligados a um lugar, atores cuja confiança ele conseguiu granjear (quer se trate de colaboradores próximos, de mandantes dos quais ele dependa institucionalmente, quer de pessoas afastadas, com as quais ele consiga conectar-se). Nesse sentido, as vantagens de que goza são da ordem do abuso de confiança. [...] (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 389)

Boltanski e Chiapello buscam entender a ordem de exploração que pode ocorrer num mundo em rede, considerando que, para sua ocorrência, deve haver uma relação entre a felicidade dos grandes e a miséria dos pequenos: “[...] [A] contribuição específica dos pequenos para o enriquecimento num mundo conexcionista e a fonte de sua exploração pelos grandes residem precisamente no que constitui sua

fraqueza no contexto, ou seja, em sua imobilidade.” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 370). Vale, assim, questionar quantos moradores das comunidades periféricas foram, de fato, beneficiados pela realização de oficinas de projetos nos territórios que estes moradores constroem. A denúncia da exploração, no mundo conexcionista, “[...] [p]oderá consistir na demonstração de que alguns seres que contribuem para a formação do lucro foram esquecidos ou deixados à própria sorte, ou que suas contribuições foram incompletamente identificadas ou subestimadas. [...]” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 384), chegando, assim, ao conceito de “diferencial de mobilidade”⁵³.

Se é verdade que a imobilidade de uns é condição para os lucros que outros auferem de sua aptidão de deslocar-se, e se a mobilidade propicia lucros sem termo de comparação com o que pode ser esperado pelos que ficam parados, então se pode dizer que os que são imóveis são explorados em relação aos que são móveis, no sentido de que o papel por eles desempenhado como fator de produção não é reconhecido como mereceria, e sua contribuição para a formação do valor agregado não é remunerada no nível em que deveria ser para que a divisão possa ser considerada equitativa. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 372)

É possível pensar em termos de um processo de exclusão, que pode se dar em meio a um programa de colaboração internacional, nos casos em que apenas os grandes conseguem manter ou criar os elos mais lucrativos, aproveitando-se do fato de deterem maior capital social e acadêmico nos circuitos das colaborações internacionais. Seguindo o que foi esboçado por Boltanski e Chiapello, os grandes precisam, inclusive, que os pequenos permaneçam onde estão, para que sirvam como seus “dublês” e mantenham seu capital social se perpetuando, mesmo após sua desvinculação para assumir novos projetos. O oportunismo apresenta-se no não reconhecimento de uma dívida contraída com outras pessoas, algo difícil de ser enquadrado pois, no mundo conexcionista, ainda que o redeiro oportunista se beneficie das relações pessoais, está liberado da constituição de dívidas, justamente pela absorção das qualidades da autonomia e da leveza das instituições.

[...] [A] exigência de autonomia e o ideal individualista de autoengendramento, autorrealização como forma superior de sucesso, que constituem valores dominantes do mundo conexcionista, contribuem para tornar o homem das redes pouco atento à dívida como fonte legítima de elos sociais. Portanto, os redeiros conseguem explorar os outros estabelecendo com estes relações interpretáveis na lógica de um mundo doméstico (a confiança), mas em contextos em que possam libertar-se das formas de controle nas quais se

⁵³ Ver, a esse respeito, o trabalho de Laura Gherardi, desenvolvido sob orientação de Luc Boltanski. A socióloga analisou como a posição de executivos de multinacionais, artistas e professores de renome internacional pode ou não lhes atribuir o poder de determinar a mobilidade e o ritmo dos seus subordinados e deles mesmos (GHERARDI 2013; 2018; ARAÚJO 2014). O “diferencial de mobilidade” também vem sendo empregado exemplarmente por Henri Acselrad como elemento de análise e crítica das assimetrias e explorações de grandes empresas sobre populações vulneráveis, em casos de disputas ambientais e sociais (ACSELRAD 2002; 2010).

baseava a estabilidade daquele mundo. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 391)

Para a manutenção de sua ligeireza, é mais interessante para o redeiro não estar na função de coordenação geral dos projetos. É mais proveitoso ativar, fomentar as conexões, influenciando na tomada de decisão sem, contudo, engajar-se na execução dos projetos. Assim, o risco fica atribuído aos protagonistas locais ou às instituições envolvidas, normalmente os seres mais imóveis desta relação em rede. Com isto, pode-se dar outra perspectiva à atuação dos consultores urbanos ou das colaborações que deixam como contribuição as mesmas “caixas de ferramentas”, recomendações gerais e mera reprodução acrítica das “boas práticas”. Cabe repensar a responsabilidade e a postura ética frente ao grande mercado de consultorias no campo do urbanismo que se constitui desde os anos 1980 e que se mantém como objeto de disputa na gestão pública das grandes cidades.

[...] O redeiro oportunista esforça-se mais por fazer que os outros – empresários ou responsáveis por instituições – corram os riscos implicados nas operações que ele realiza, ao mesmo tempo que procura prioritariamente juntar lucros. A melhor posição de partida para desenvolver uma atividade de redeiro, portanto, parece ser aquela que dá acesso ao nível mais elevado de recursos compatível com o nível mais fraco de controle, de tal modo que seja possível pôr *bens sociais* a serviço de uma atividade pessoal de *networker*. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 367, grifos dos autores)

Em uma escala mais próxima, quando se analisa de perto trocas acadêmicas como os estudos de caso desta pesquisa, é difícil contabilizar os danos e a mais-valia da exploração. Não seria o caso de afirmar, a partir dos casos centrais para esta pesquisa, que se está lidando com uma flagrante exploração das universidades e pesquisadores estrangeiros com relação aos professores e instituições brasileiras e as populações envolvidas. Acredita-se poder tratar em termos de que existe uma clara desvantagem de inserir-se e seguir circulando no mundo em rede para a maior parte dos indivíduos e instituições no Brasil, assim como esses projetos não modificam significativamente esta relação de forças. Em vez de falar de exploração, pode ser o caso de discutir como estas atividades de colaboração reproduzem processos de dominação:

[...] Num quadro gestor, os processos de dominação estão associados com a manutenção duradoura de uma ou várias assimetrias profundas, no sentido em que *os mesmos* se beneficiam de todas as provas (ou quase), enquanto para outros – sempre também *os mesmos* – as provas sempre têm resultados adversos (ou quase). (BOLTANSKI, 2013, grifos do autor)

Os acordos de colaboração internacional poderiam levar a esforços de maior mobilidade dos envolvidos, não somente dos professores, que em sua maioria já gozam de maior mobilidade, como também e especialmente dos estudantes e lideranças comunitárias, inserindo-os em redes de colaboração global

ou criando as condições para acessar “buracos estruturais” dentro da própria localidade. A título de exemplo desta articulação, reporta-se a situação em que as atividades de oficinas promovem não apenas o contato entre poder público e comunidades, mas também geram o compromisso em atender suas demandas ou inserem populações vulneráveis nos espaços de decisão de políticas públicas. Se a denúncia da exploração revela uma inversão de valores da *Cité*, expondo as desigualdades e as fontes de injustiça, ela também pode ser um caminho possível de construção de uma forma de regulação do mundo para diminuir as assimetrias, garantir a defesa da dignidade humana e de remunerações ou retribuições equivalentes às necessidades de todos os envolvidos.

Uma primeira assimetria, apenas parcialmente resolvida durante as atividades analisadas, está no idioma. O inglês como língua franca das colaborações entre Norte e Sul Globais impede ou ao menos dificulta a inserção ou maior participação e autonomia dos brasileiros. Em atividades de oficinas entre estudantes e professores este problema se atenua, a depender do prazo da atividade, por conta das aproximações e auxílios que surgem durante o processo de ensino-atividade. Aqui reporta-se mais ao caso do intercâmbio entre UFBA e UCL, buscou-se contar sempre com traduções para os dois idiomas, lembrando da dificuldade ainda maior de dominar o português por parte dos estudantes internacionais da UCL. Nota-se uma assimetria entre ambas as instituições e a baixa disposição de recursos para remunerar tradutores para as atividades que, em alguns casos, foi feita com o apoio de estudantes voluntários.

Por conta disso, ao final do terceiro ano do intercâmbio, dois colaboradores de Salvador – Cícero Mello e Gleide Santos – apresentaram como demanda a importância de que eles tivessem cursos de inglês para poder acompanhar melhor os debates. Lamentavelmente, não foi possível atender a esta demanda, de modo que no último ano do intercâmbio manteve-se a rotina das traduções consecutivas com tradutores remunerados e voluntários. Isto indica um desequilíbrio entre o que as instituições exigem como inserção internacional e a falta de apoio e de recursos para garantir a realização justa destas atividades⁵⁴. Em outros contextos, parece ponto pacífico que as atividades realizadas no Brasil sejam completamente em inglês, em alguns casos sem disponibilidade de tradução para quem não domina o idioma. Este foi o caso da conferência *Landscape as Urbanism in the Americas* realizada em Brasília, em que só houve disponibilidade de tradução do português para o inglês, dado que alguns dos conferencistas não quiseram ou não puderam fazer sua comunicação em inglês. Neste caso, a tradução atendia apenas à necessidade dos professores e estudantes de Harvard. As gravações das outras conferências do programa LAUA mostram a mesma situação para todas as cidades latino-americanas

⁵⁴ A mesma atenção se deu no módulo em que a equipe da UFBA se deslocou para uma atividade do intercâmbio em Londres.

em que foram realizadas. Com a justificativa de que todas as sessões seriam disponibilizadas para ter um alcance maior, decidiu-se solicitar a todos os convidados que fizessem suas comunicações em inglês. Causa constrangimento, em algumas situações, a insistência em realizar todas as falas durante as conferências LAUA seguindo esta norma, produzindo pequenos conflitos durante sua realização. Mesmo a justificativa de que as gravações seriam disponibilizadas ao grande público – e de fato o foram – parece pouco plausível, quando o recurso das legendas poderia garantir maior acesso ao que foi discutido. Nas edições da conferência em Brasília e em Buenos Aires, alguns palestrantes fizeram sua exposição, deliberadamente, em português ou espanhol, como manifestação de uma posição frente ao evento. Em algumas situações de debate, para cumprir o tempo necessário, entendeu-se que seria melhor realizá-los na língua predominante entre os participantes.

A centralidade que figuras como Angelo Bucci e Delijaicov, ambos professores da FAU-USP e com carreiras consolidadas no âmbito da prática profissional, mostra que as assimetrias não são tão claras entre as instituições, nem se pode falar de um processo de dominação como um fenômeno homogêneo ou ubíquo. Membros efetivos do SAP e, de acordo com a fala de Ana María Durán Calisto, figuras atentas há mais tempo no esforço de dar respostas projetuais aos interesses do IIRSA, na esteira do que Paulo Mendes da Rocha chama de “Civilização América”, Bucci e Delijaicov gozam de prestígio e do apoio institucional que lhes permite maior mobilidade no contexto da internacionalização. Ao final do primeiro período de realização do SAP, entre 2011-2013, o grupo “Metrópole Fluvial” deixa a atividade junto ao SAP e desenvolve outro projeto de colaboração, ainda em andamento, com a Princeton University, em uma ação estratégica que lhes garante mais autonomia, dado que o centro dos interesses desta colaboração lida justamente com os trabalhos já desenvolvidos pelo grupo da FAU-USP.

Note-se, ainda, que causa estranhamento a forma como os projetos South America Project e Landscape as Urbanism in the Americas demonstraram pouco esforço na criação de um nome em espanhol e/ou em português para o programa de colaboração. Eventualmente, em publicações como na revista argentina *PLOT*, refere-se aos projetos como “El Proyecto Sudamericano” ou “Paisaje como Urbanismo”, respectivamente, mas os endereços eletrônicos e toda documentação mais relevante reforça apenas a “marca” no idioma inglês, o que diz muito sobre o público restrito que se espera atingir. A depender do público-alvo, como aconteceu em outro projeto da Harvard GSD realizado com o apoio da DRCLAS, a instituição agiu de forma mais estratégica. Trata-se do projeto que resultou na publicação de “Urbanismo Ecológico”, livro-manual traduzido para o espanhol e para o português, cujas edições esgotaram-se rapidamente e levaram à pesquisa e produção de outro livro, dedicado a explorar, especificamente, o Urbanismo Ecológico na América Latina, a ser publicado em 2019, neste último caso em uma edição bilíngue espanhol-português.

As edições bilíngues também compensam outra assimetria das diferentes capacidades de comunicação e de fazer circular os resultados das colaborações. O imperativo das publicações e exposições aparece como uma necessidade de divulgar de forma rápida os resultados alcançados com as atividades, assim como complementar os portfólios e currículos dos envolvidos. As três universidades analisadas contam com intensa atividade editorial de publicações de livros, manuais e periódicos; sua agilidade e a capacidade de recursos para a publicação sistemática de tudo que é produzido dentro das colaborações acadêmicas é bastante distinta, se comparadas às universidades brasileiras. Deve-se contar como exceção o caso das ações dentro da Prefeitura de São Paulo, claramente por conta da atuação de Elisabete França como coordenadora. Independentemente da fonte de recursos, as publicações bilíngues fazem circular a produção de profissionais e pesquisadores brasileiros, assim como suas ideias e a cultura específica de seus campos.

Embora não seja o caso dos estudos centrais desta pesquisa, cabe mencionar que algumas colaborações entre universidades dos Estados Unidos e o Brasil foram realizadas com recursos privados, no modelo de ateliê optativo. Os trabalhos desenvolvidos ao longo do componente curricular, ou ao menos suas imagens, foram cedidas aos financiadores, donde também se pode questionar o lucro que as empresas conseguem auferir do trabalho desenvolvido por estudantes sem qualquer remuneração por este serviço.

O assunto das formas de exploração é de grande complexidade e não constitui o único objetivo desta pesquisa. Mesmo quando envolvem comunidades vulneráveis, questiona-se boa parte do que é produzido e como a exigência tácita do domínio de idiomas estrangeiros dá menos autonomia aos participantes. Uma vez finalizada a atividade, somente os elos que revertem algum benefício são retomados, afinal não se contrai dívida entre os envolvidos no mundo em rede. A exclusão resulta “[...] como uma sequência de fenômenos, ou seja, como um processo não intencional, que não pressupõe a atribuição a alguns seres humanos da vontade de excluir outros de seu círculo”. Este processo é passível de ocorrer mesmo dentro de colaborações locais, entre universidade e comunidades vulneráveis. Isto explica muito do desgaste e da desconfiança de lideranças e moradores de bairros pobres, quando procurados a se engajar em alguma atividade de colaboração acadêmica. “Num mundo em rede, cada um vive na angústia permanente de ser desconectado, ficar entregue à própria sorte, abandonado no local por aqueles que se deslocam. [...]” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 371; 373).

Para Boltanski e Chiapello, se a grandeza na *Cité* por Projetos está na capacidade de se mover e promover elos, a força de mobilidade dos grandes advém justamente da imobilidade dos pequenos. Se as condições fossem exatamente as mesmas e a autonomia garantida a todos, ou aumentaria a competitividade entre os agentes, ou se poderia falar em termos de uma balança mais equilibrada, em

que todos teriam voz. Num cenário utópico/ distópico, se todos pudessem circular livremente pelo mundo, a balança perderia sentido. A particularidade e singularidade do Sul Global se perderia, assim como a importância da chegada dos estrangeiros. A desterritorialização só faz sentido para uma elite de profissionais e acadêmicos.

Do ponto de vista das universidades ou dos departamentos que promovem as atividades internacionais, elas devem ser tão móveis, fluidas e leves quanto a disponibilidade de financiamento. Parece pesar cada vez menos a reputação e o capital intelectual investido na formação de uma noção de “escola” ou “grupo”, formadas historicamente, dentro de uma temporalidade longa e que dão a identidade da instituição, mesmo quando associada à sua capacidade de internacionalização. Os cursos de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento se movimentam de acordo com uma busca por “mercado” no campo da educação superior. Aos clientes é prometida a “empregabilidade” e isto implica em dar aos estudantes a capacidade de atuar globalmente, conseguir se comunicar e promover projetos em outros países, com a rapidez necessária aos futuros contratos para projetos ou consultorias. Criam-se e encerram-se programas – sobretudo no modelo dos *Master* – com uma rapidez cada vez maior. A insegurança dos programas existentes se acentua, sem a garantia de permanência do próprio corpo docente, pois depende da flutuação dos interesses de mercado numa disputa entre instituições. Mesmo os objetivos das atividades de pesquisa e seus objetos de estudo parecem cada vez mais ditados pelas oportunidades do mercado. Assim, sucedem-se ateliês de pesquisa aplicada no mundo todo, da Amazônia ao Ártico.

[...] A natureza passageira e fluida das atividades do redeiro o incita a extrair o máximo de proveito pessoal de cada operação, sem se preocupar muito com as consequências para a instituição da qual ele extrai seus recursos. [...] (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 368, grifos dos autores)

Na escala mais ampla, considerando a geopolítica que ordena universidades e outras instituições brasileiras e o grande poder de universidades do Norte Global, o acúmulo de projetos será mais intenso para os grandes, pela capacidade muito maior de circular e de atrair os investimentos altos que lhe permitirão seguir atuando. Não impede pensar a importância de sua realização, contanto que sejam potentes o suficiente para que outros laços, sejam eles locais ou internacionais, sejam criados, mantidos ou retomados. Esta foi a posição no intercâmbio entre UFBA e UCL, que apenas ao final começou a ser tratado como “Cidade Comum”. Seja na organização do último ano do intercâmbio, em que foram realizadas as “Rodas de Diálogo”, para a qual foram convidados representantes do poder público de diferentes instâncias. Uma colaboração realmente transformadora e emancipadora deve entender as trocas acadêmicas como lugar de capacitação e de conquista de autonomia, inclusive sem a necessária passagem obrigatória pelos agentes que promovem os encontros. Os esforços para a realização do

módulo do intercâmbio realizado em Londres atestam, de ambas as partes, a valorização do princípio da dignidade humana.

[...] [Q]uem é pequeno sob certo aspecto deve continuar tendo todas as probabilidades de ser grande sob outro aspecto. Diminuir uma pessoa humana de tal modo que ela deixe de ter condições de manifestar sua grandeza em qualquer campo é atacar aquilo que constitui sua dignidade de ser humano. [...] (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 374).

As condições para isto poderiam estar na formação dos novos movimentos sociais, que poderiam ser o embrião de uma crítica “tenaz, ameaçadora e inventiva”, e a participação de altos funcionários, políticos e dirigentes de empresas, unidos contra a figura do redeiro, que explora as duas extremidades – as instituições e os pequenos. Isto parece um horizonte distante, dada a condição de dependência a que se submetem as elites no país. As elites financeiras e políticas parecem buscar mais o retorno rápido da associação às marcas das universidades estrangeiras, assim como das empresas de consultoria internacional, do que investimentos intelectuais e políticos de longo prazo, com contribuições mais duradouras aos estudos urbanos e à prática urbanística. Aqui não se desconsidera que estas contribuições de longo prazo também pudessem ser realizadas com a colaboração internacional, ou em práticas transnacionais de pesquisas. Como apontado por Vainer: “[...] A desconstrução da colonialidade do conhecimento deve evitar todas as formas de nacionalismo epistemológico ou chauvinismo.” (VAINER, 2014, p. 53)⁵⁵.

As universidades globais têm grande poder no jogo da geopolítica do conhecimento e podem circular, livremente, sem pôr em risco sua própria grandeza, atribuindo a si mesmas o título de universidades globais e gozando desta autoproclamação e da validade concedida aos ranqueamentos para conseguir financiamento externo e legitimidade para estudar o mundo. Este capital simbólico se acumula e pode vir a aprofundar a distância abissal entre instituições centrais e periféricas, algo que se expressa em diferentes categorias – Universidades de Porte Mundial, Universidades de Pesquisa – e restringe o entendimento sobre o que venha a ser um padrão de “excelência”. Novas formas de sociabilidade e de postura ética frente às condições dadas pelo que se entende como a Universidade por Projetos podem alterar esse quadro, como sinalizadas por alguns dos estudos de caso, ecoando de algum modo o texto-manifesto de Boltanski:

Medidas concretas devem e podem ser aplicadas para pôr um fim à tirania da excelência. Elas são múltiplas. Entre as primeiras a serem implementadas, podemos mencionar a eliminação dos sistemas de premiação individuais e da administração por metas; a preferência pelo longo prazo em vez do curto

⁵⁵ Tradução livre do original: “[...] The deconstruction of the coloniality of knowledge must avoid all kinds of epistemological nationalism or chauvinism.”. (VAINER, 2014, p. 53)

prazo, tendo como efeito adiar o momento de prova. A relativização da avaliação, levando em consideração a incerteza, que é sempre o quinhão comum. E também o reconhecimento da pluralidade dos modos de estar no mundo e de viver a vida. Não existe vida bem-sucedida, nem vida fracassada. Ninguém é inútil, ninguém é sobra. Abaixo a excelência! (BOLTANSKI, 2013 *apud* NOTRE MONDE..., 2013)⁵⁶

⁵⁶ Tradução livre do original : "Des mesures concrètes doivent et peuvent être appliquées pour mettre fin à la tyrannie de l'excellence. Elles sont multiples. Parmi les premières à mettre en œuvre, on peut mentionner la suppression des systèmes de primes individuelles et de la gestion par objectifs, la préférence donnée au long terme sur le court terme, qui a pour effet d'ajourner le moment de l'épreuve. La relativisation de l'évaluation par la prise en compte de l'incertitude, qui est toujours le lot commun. Et aussi par la reconnaissance de la pluralité des manières d'être au monde et d'y jouer sa vie. Il n'y a pas de vie réussie ni de vie ratée. Personne n'est inutile, personne n'est de trop. A bas l'excellence !". Transcrição adaptada, para corresponder à fala registrada por Luc Boltanski, a partir do texto publicado no endereço eletrônico que documenta o filme "Notre Monde" (NOTRE, 2013). Disponível em: <<http://www.notremonde-lefilm.com/webdoc.html#fiche/4>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

[4] CAPÍTULO III
A PESQUISA APLICADA EM URBANISMO COMO DISPOSITIVO DA
GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL



Bandeira Ocidental na entrada da *The Bartlett School Development Planning Unit* (DPU). Praça Tavistock, Londres, Inglaterra.

[...] Qual é o lugar da universidade como um nó de produção de conhecimento nestes circuitos de capital orientado por dados? Até onde consigo ver, eu diria que nunca a ligação entre o conhecimento e a economia do conhecimento esteve tão tênue. Tudo que a universidade talvez possa oferecer, atualmente, seja algo como uma localização territorial, uma espécie de endereço de prestígio, de modo que o capital, que na verdade está localizado alhures, possa fingir estar dentro de casa. [...].⁵⁷

Arindam Dutta

The Political Economy of Theory (for Mark Wigley), 2015.

Entende-se presenciar um momento de grande impasse e de verdadeiro embaraço intelectual para a atividade crítica, dada a dificuldade ou mesmo impossibilidade de se distinguir, de forma precisa, as fontes de dominação e de exploração que sustentam as assimetrias sociais. (BOLTANSKI, 2011; 2013; BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009) O laborioso esforço de estabelecimento de uma crítica de ordem social, ou mesmo de uma crítica de Arquitetura e Urbanismo, pode resultar por vê-la comprometida ou sendo apropriada pelas mesmas fontes de dominação que busca elucidar. Acredita-se que este problema pode ser identificado nos departamentos das três universidades analisadas, reverberando, em certa medida, nos projetos de colaboração celebrados com instituições no Brasil.

Neste capítulo, ao analisar como se dão as relações entre financiadores e patrocinadores públicos e privados e as universidades que acolhem os projetos de colaboração internacional, lida-se com questões de poder: como ele se distribui, como se reproduz e como opera resultando, quase sempre, na manutenção de assimetrias sociais. Por mais que estejam engajadas em uma perspectiva declaradamente crítica, por mais que se façam valer de seu capital acumulado para sustentar uma autonomia intelectual frente a seus financiadores e patrocinadores, pode-se afirmar que as universidades vêm sendo ocupadas e utilizadas – de forma bem-sucedida – como um lugar privilegiado para conferir legitimidade a grandes empresas e ao Estado, que assim levam adiante suas estratégias de produção do território.

No contexto da disputa por melhorar ou manter posição nos ranqueamentos globais, em paralelo a uma diminuição sensível da participação do Estado na estabilidade financeira de grandes universidades, o

⁵⁷ No original: “[...] What is the place of the university as a node of knowledge production in these circuits of data-driven capital? From what I can discern, I would argue that never has this connection between knowledge and the knowledge economy been quite so tenuous. All the university perhaps offers today is perhaps something like a territorial locale, a kind of prestigious address so that capital that is in fact located elsewhere can claim to play at domesticity. [...]”. (DUTTA, 2015, p. 86)

financiamento externo mostrou-se oportuno e, hoje, indispensável para a chamada “boa governança” das instituições. Tal aporte de recursos financeiros não responde apenas pela manutenção das universidades, mas também conta como um indicador de seu *status* junto à comunidade internacional, em sentido amplo, como uma mostra de sua capacidade de atrair agentes econômicos poderosos e como oportunidade de se realizar ações de alcance – ou “impacto” como se costuma divulgar – global. As atividades de pesquisa, especialmente aquelas ligadas à pesquisa aplicada, estão no foco das atenções de corporações transnacionais e de gestores acadêmicos, sob o pretexto de servirem como aproximação entre o mundo da Academia, a prática profissional e a sociedade civil como um todo.

Não se acredita ser o caso de afirmar que a aproximação da Academia com o setor privado implicou necessariamente, em uma transformação completa das universidades em corporações. No entanto, tudo leva a crer que as instituições que gozam de maior prestígio e contam com os orçamentos mais vultosos tendem a se tornar “virtualmente idênticas” às corporações transnacionais, como apontado por Stanley Aronowitz. Para este autor, as universidades passaram não apenas por reformas em sua estrutura e currículos, como também assumiram para si um objetivo típico do mundo corporativo que, embora seja de difícil precisão, conta com forte apelo midiático, orientando-se em função de uma prometida “excelência”. (ARONOWITZ, 2000, p. 6) Sua análise incide, especialmente, sobre a situação nos Estados Unidos, onde observa a redução do papel de muitas universidades à formação técnica e profissionalizante, a redução de cargos efetivos e de salários dos professores e pesquisadores, acompanhadas de um aumento substancial de funcionários de apoio administrativo que ajudam a manter uma máquina de arrecadação de fundos em funcionamento.

A nova “governança”, que se viu indicada nas propostas do Banco Mundial e da OCDE para a educação superior, não poderia ter sido mais bem assimilada do que nas universidades de elite, mesmo que elas continuem dependendo de financiamentos públicos, onde abriu-se grande espaço para entrada de recursos do setor privado, especialmente do capital global e corporativo. À semelhança do que se vê em grandes museus, cada vez mais os nomes de famílias ricas ligadas à filantropia e de grandes empresas passam a nomear centros e laboratórios de pesquisa, ou mesmo espaços de galerias e áreas comuns em edifícios universitários.

O aporte externo de recursos e as implicações sobre os rumos a serem dados para a pesquisa desenvolvida em grandes universidades, no contexto do Modelo Global Emergente (MGE), mostra-se como um caminho difícil de ser contornado, sobretudo no que se refere às pesquisas “de ponta” em tecnologia e nas áreas médicas, e resulta no aprofundamento do abismo entre as universidades de elite e as demais que se inserem na disputa no sistema transnacional. A corrida em busca de posições nos ranqueamentos e do reconhecimento como Universidade de Classe Mundial vem levando, cada vez

mais, ao aprofundamento entre as universidades de elite e as demais, praticamente impossibilitadas de disputar por um lugar no sistema transnacional. Assim parecem indicar Kathryn Mohrman, Wanhua Ma e David Baker:

[...] Com relação a pesquisa, David Ward (2005) estima que é necessário um orçamento operacional de US\$ 1,5 bilhão anual para manter uma universidade de pesquisa com um centro médico. Nos Estados Unidos, essas instituições recebem cerca de 20% desse valor das receitas tributárias estaduais e outros 30-40% de editais de fomento à pesquisa. Aproximadamente 30 universidades dos Estados Unidos têm orçamentos desse porte, enquanto nenhuma instituição europeia pode se equiparar a esses recursos (Ward, 2005). São estas as universidades do MGE que lideram a maioria dos sistemas de ranqueamento de educação superior em todo o mundo; o tamanho de seus fluxos de financiamento determina, em grande parte, seu sucesso na produção de pesquisas e na reputação global. Embora a competição por apoio externo seja intensa, as instituições mais reconhecidas dentro do MGE conseguem mais flexibilidade, por estarem livres da possível mão de ferro do controle central de uma única fonte de financiamento. (MOHRMAN, MA e BAKER, 2008, p. 11-12)⁵⁸

Ocorre uma transformação bastante assentada no âmbito universitário, nas “mentes, corações e almas” (BALL, 2016) de professores, pesquisadores e gestores. É sobre esta transformação de que trata Christian Laval, quando identifica a introdução dos valores de mercado na universidade contemporânea, que desde os anos 1990 vem assimilando a racionalidade neoliberal, pautada pelos princípios da competitividade e da cultura empresarial. (LAVAL, 2019) Os “valores de mercado” estão presentes em muitas das atividades destas grandes universidades, seja na sua expansão interna e externa, com os *campi* fora do país sede e com a disponibilidade de criação de cursos *on-line*, na projeção de carreira dos docentes e pesquisadores, muitas vezes direcionadas mais em função do retorno financeiro do que na estabilidade de trajetórias de pesquisa e de ensino e na identidade mesma de muitas unidades acadêmicas, que transformam-se segundo as demandas de seus principais financiadores. Assim difundiu-se e intensificou-se, especialmente na experiência das universidades dos Estados Unidos, as campanhas de doações com incentivos fiscais a empresas, corporações e fundações, e a criação de novos edifícios, laboratórios e cátedras nomeados a partir das famílias ou empresas responsáveis por

⁵⁸ Tradução livre do original: “[...] On the research side, David Ward (2005) estimates that it takes an annual operating budget of US\$1.5 billion to support a comprehensive research university with a medical center. In the United States, such institutions receive about 20% of this amount from state tax revenues and another 30-40% from competitive research grants. Approximately 30 American universities have budgets of this size, while no European institutions can match such resources (Ward, 2005). These are the EGM universities that top most of the ranking systems of higher education worldwide; the size of their funding streams determines in large part their success in research output and global reputation. While the competition for outside support is intense, successful EGM institutions have greater flexibility as they free themselves from the potential heavy hand of centralized control from a single funding source.” (MOHRMAN, MA e BAKER, 2008, p. 11-12)

essas doações. Em situações experimentadas por universidades estudadas nesta pesquisa,

[...] Os centros universitários servem de cobertura aos interesses privados, dando caução e certificação “científica” às operações comerciais e ao *lobby*. Professores e pesquisadores atuam como porta-vozes desses interesses, inclusive nas mais prestigiosas revistas científicas. Em alguns casos, os fundos doados pelo setor privado limitam claramente a liberdade de pensamento e a reflexão crítica. [...]. (LAVAL, 2019, p. 60, grifo do autor)

Alain Deneault vai mais longe na crítica:

[...] A universidade é um componente do aparato industrial, financeiro e ideológico de hoje; esse é o sentido no qual pode reivindicar um lugar na “economia do conhecimento”. As empresas veem a universidade como uma fornecedora, financiada pelo poder público, dos recursos humanos e conhecimento de ponta de que necessitam. Por 500 milhões de dólares, o Energy Biosciences Institute da UC Berkeley põe à disposição da British Petroleum seus equipamentos e trabalho de pesquisadores. [...] Nos Estados Unidos e no Canadá – em breve, a ideia com certeza ganhará força na Europa – as universidades recebem o nome de Rockefeller, prédios do *campus* exibem o nome da Monsanto, cátedras de pesquisa levam o nome da Texas Instruments, as salas de aula, antes identificadas por um número, agora são conhecidas como sala da PricewaterhouseCoopers e bolsas de estudos são conhecidas pelo imortal nome de seu patrocinador, a Bosch.⁵⁹ (DENEULT, 2018)

Esta situação é tanto mais perniciosa quanto mais estiver ligada às áreas de tecnologia e saúde, mas não é em nada estranha ao que se percebe no campo da Arquitetura e dos estudos urbanos como um todo. Busca-se mostrar a importância que os recursos advindos de doações adquiriram e seguem tendo no orçamento geral das universidades analisadas, ainda que em diferentes proporções, assim como as atividades de pesquisa constituem um grande alvo desta nova governança das instituições. Somadas à importância que os resultados de pesquisa e seu impacto global adquirem sobre as avaliações dos ranqueamentos, nota-se, ainda, nos departamentos analisados, um grande esforço em formalizar o que se desenvolvia como pesquisa nessas unidades, para ganhar o status e permitir a contabilidade de suas realizações dentro da comunidade científica.

⁵⁹ Tradução livre do original: “[...] The university is a component of today’s industrial, financial, and ideological apparatus; this is the sense in which it can lay claim to a place in the “knowledge economy.” Corporations see the university as a publicly funded provider of the personnel and advanced knowledge they need. For \$500 million, the Energy Biosciences Institute at UC Berkeley provides British Petroleum with equipment and researchers’ work. [...] In the United States and Canada – undoubtedly the idea will soon gain favour in Europe – universities are named after Rockefeller, campus buildings display the name of Monsanto, research chairs bear the name of Texas Instruments, classrooms once identified by a number are now known as the PricewaterhouseCoopers room, and scholarships are known by the imperishable name of their sponsor, Bosch.” (DENEULT, 2018, o grifo é nosso). Livro eletrônico, não paginado.

4.1 A Governamentalidade Neoliberal nos Centros e Laboratórios de Pesquisa

Dardot e Laval recuperam de Michel Foucault o conceito de governamentalidade, entendido como uma racionalidade que “[...] tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. [...]”. (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 16) A governamentalidade diz respeito a uma forma de “governo” não enquanto instituição, mas, antes, como uma atividade, que conduz “[...] a conduta dos homens, desde que especifique que essa conduta é tanto aquela que se tem *para consigo mesmo* quanto aquela que se tem para com os outros. [...]”. (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 17, grifo dos autores)

A governamentalidade neoliberal, por sua vez, representa um “[...] modo de governo das economias e das sociedades baseado na generalização do mercado e da concorrência. [...]”. (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 27) A relação para consigo mesmo se expressa na concepção do indivíduo como “empresa”, reforçada pela noção de “capital humano” e que a torna a vida – não somente a profissional, mas também no plano existencial – como um processo quase ininterrupto de investimento em busca de maximização do lucro, não necessariamente o financeiro. A relação com os outros, por sua vez, é dominada pela lógica da concorrência, diminuindo abertura para a construção de novas formas de sociabilidade e de solidariedade. Estas duas relações têm centralidade para esta forma de conduta dominante na racionalidade neoliberal na visão dos autores, que está anunciada em obra anterior de Laval sobre o ataque do neoliberalismo ao ensino público. (DARDOT e LAVAL, 2016; LAVAL, 2019)

Ao passo em que o debate em torno das “Universidades de Pesquisa” e as “Universidades de Classe Mundial” ganha maior evidência, desde o começo dos anos 2000, percebe-se uma significativa movimentação, nos departamentos onde foram desenvolvidos os estudos de caso, para formalizar o que vinham desenvolvendo como pesquisa.

Esta exposição sobre a governamentalidade, no quadro de uma racionalidade neoliberal, faz pensar que o caminho para as mentes, corações e almas de professores, pesquisadores e gestores acadêmicos está pavimentado há bastante tempo, pela construção e assimilação da concorrência e do modelo empresarial como um “modo geral de governo”, (BALL, 2016, p. 1047; DARDOT e LAVAL, 2016, p. 26)⁶⁰ antes mesmo de sua formulação mais cristalizada por políticas públicas de agências multilaterais como o Banco Mundial ou a OCDE. Traduz-se, a partir da leitura dos departamentos e unidades envolvidos com os estudos de caso, na *concorrência* que subjaz às buscas por posição nos ranqueamentos e,

⁶⁰ No caso das escolas e universidades americanas, este modelo já vem sendo esboçado desde, pelo menos, os anos 1950. (LAVAL, 2019)

sobretudo, por inovação em técnicas, metodologias e mesmo construções teóricas e críticas sobre o campo do Urbanismo; e o *modelo empresarial* que alimenta tanto a aproximação da formação com a prática profissional quanto, de forma mais evidente, a organização dos laboratórios e centros de pesquisa, com suas diretoras e diretores acumulando funções de pesquisador e de operador acadêmico.

Uma leitura dos orçamentos das três universidades analisadas confirma que o Estado não deixa de ser relevante para seu funcionamento, posto que continua sendo indispensável fonte de recursos. Bem na verdade, considerando o prestígio acumulado por estas três instituições, era de se esperar que o Estado continuasse como um importante agente financiador, fazendo-se valer da capacidade e da qualidade de pesquisadores, centros e laboratórios das universidades de elite. O que se nota, para ser mais preciso, é uma leve diminuição de sua presença, em paralelo à entrada significativa de novas fontes de financiamento, especialmente vinda de fundações e do setor privado através, de diferentes formas de doação. É como se a fórmula anterior do “complexo militar-industrial-acadêmico”, que orientou a expansão das universidades e o desenvolvimento de pesquisas no pós-Segunda Guerra Mundial, tanto nos Estados Unidos como no Reino Unido, (MARTIN, 2003; SCOTT, 2016; SMART, 2016) abrisse espaço para a entrada dos componentes filantrópico e corporativo.

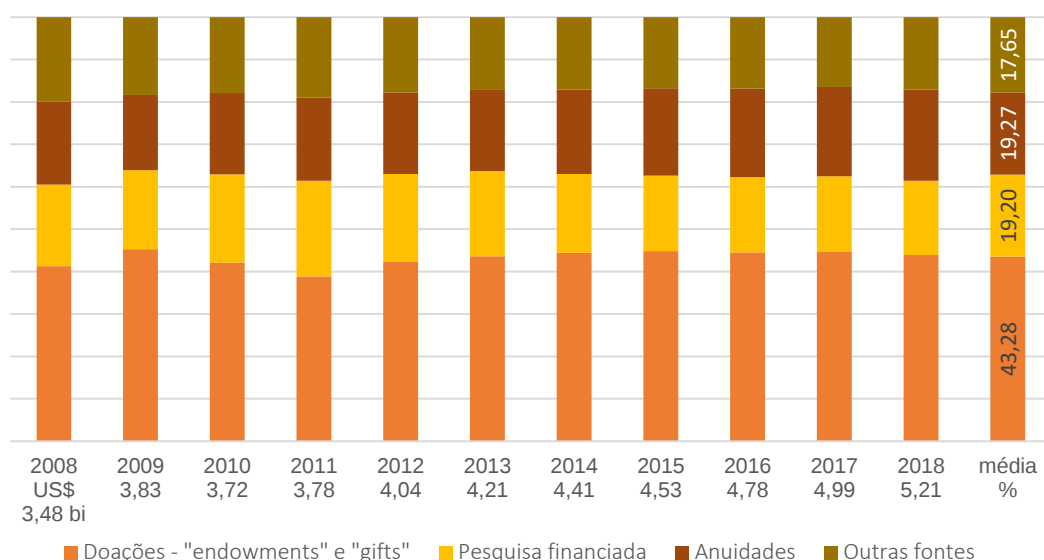
Do ponto de vista financeiro, o orçamento da *Harvard University* demonstra a grande estabilidade da instituição nos últimos dez anos, registrando queda apenas na passagem entre 2009-2010, como efeito da crise financeira mundial. Conta a favor de sua estabilidade, inclusive para a recuperação rápida da mencionada queda, a importância que os fundos patrimoniais (“*endowments*”) adquiriram ao longo dos últimos quarenta anos. Sua importância percentual para o orçamento da universidade, que se manteve abaixo de 20%, durante os anos 1980, passa para algo em torno de 35% nos últimos dez anos. (Harvard Fact Book de 2001-2012, p. 33)

Com relação a *Harvard University*, a sistematização de dados dos relatórios financeiros para o período entre 2008-2018 (Gráfico 2) mostra que os fundos patrimoniais e as doações para uso corrente respondem, juntos, por uma média de 43,28% do orçamento da Universidade. As pesquisas financiadas, seja através de recursos do governo federal dos Estados Unidos como de outras fontes, correspondem a 19,20%. Somadas, estas rubricas chegam a mais da metade do orçamento da instituição, numa média de 62,48% para o período indicado. A fonte obtida através do pagamento de anuidades também representa valor expressivo (19,27% como média), complementada por outras fontes, não detalhadas

(17,65%)⁶¹.

Gráfico 2

Orçamento consolidado da Harvard University – distribuição das fontes.



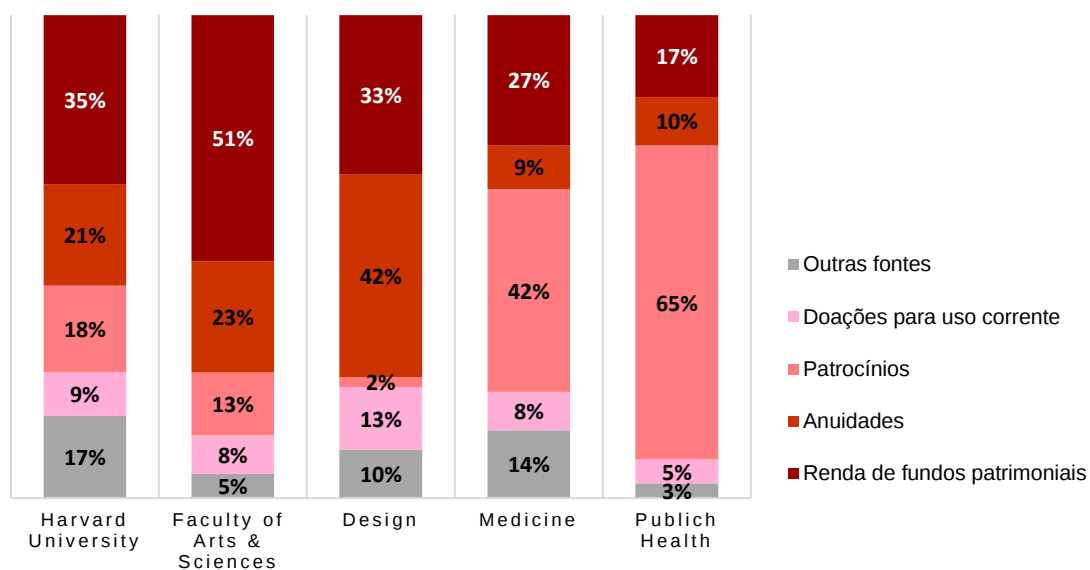
Fonte: Elaboração própria, a partir dos relatórios financeiros (*Financial Reports*) da Harvard University para o período entre 2008-2018.

Os recursos obtidos com os fundos patrimoniais e com outras doações é distribuído entre as unidades acadêmicas onde, muitas vezes, são revertidos em financiamento das atividades de pesquisa, incluindo remuneração de pesquisadores e equipe de apoio. Esta distribuição pode variar muito a depender da unidade e da finalidade de pesquisa nela desenvolvida. Tomando como exemplo a distribuição do orçamento para o ano de 2018 (Gráfico 3), vê-se que os orçamentos da *Graduate School of Design* (GSD) e da *Faculty of Arts & Science* (FAS), dependem mais da distribuição dos fundos patrimoniais (33% e 51%, respectivamente) e das anuidades e taxas dos estudantes (42% e 23%) do que de patrocínio para programas de pesquisa. A ordem de importância das fontes muda consideravelmente quando se analisam as unidades vinculadas à área de saúde. Os orçamentos da *Harvard T.H. Chan School of Public Health* (Chan) e a *Harvard Medical School* (HMS) se apoiam mais em recursos de pesquisa financiada (65% e 42%, respectivamente) do que na soma de fundos e doações (22% e 35%), e mais ainda do que a renda obtida através dos estudantes (10% e 9%).

⁶¹ Ainda com relação a este gráfico, merece ser apontado que o relatório financeiro fornece mais detalhes, apontando que o montante de pesquisas financiadas com recursos do governo federal dos Estados Unidos é três vezes maior do que as financiadas por outras fontes.

Gráfico 3

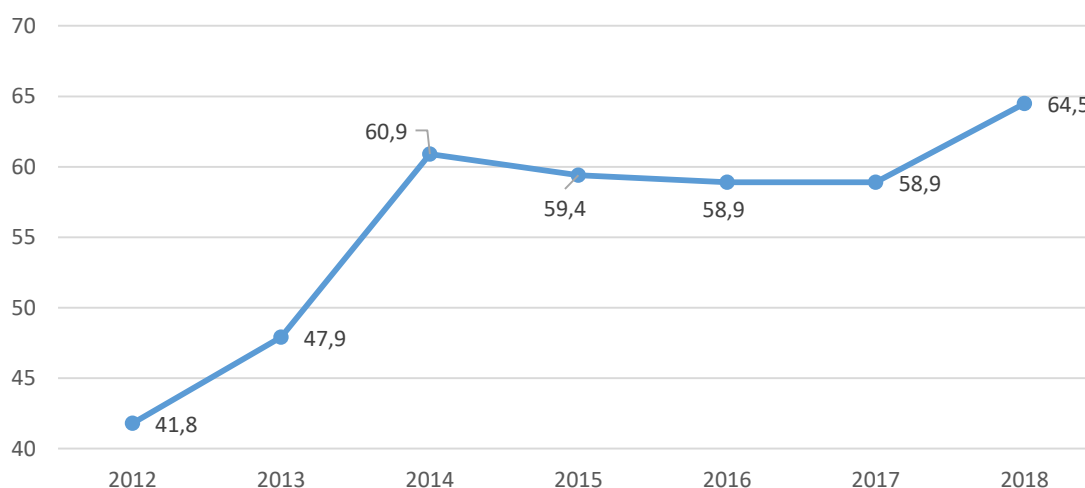
Distribuição das fontes de orçamento na Harvard University e em quatro unidades acadêmicas (2018).

Fonte: Elaboração própria, a partir de dados do *Financial Report* de 2018.

Durante o mesmo período, a Harvard GSD passou por importantes transformações, especialmente no que se refere à prática de pesquisa, que passou a ter mais relevância na identidade da instituição. Antes, uma leitura a partir dos relatórios anuais e dos “*Factbook*” da GSD, disponíveis para o período entre 2012-2018, mostram que a Escola conseguiu um aumento de 50% em sua receita anual, passando da ordem de 40 milhões de dólares, em 2012, para uma faixa que gira em torno de 60 milhões de dólares, entre 2014-2018 (Gráfico 4).

Gráfico 4

Variação no orçamento geral da Harvard GSD, entre 2012-2018 (eixo vertical em milhões de dólares).

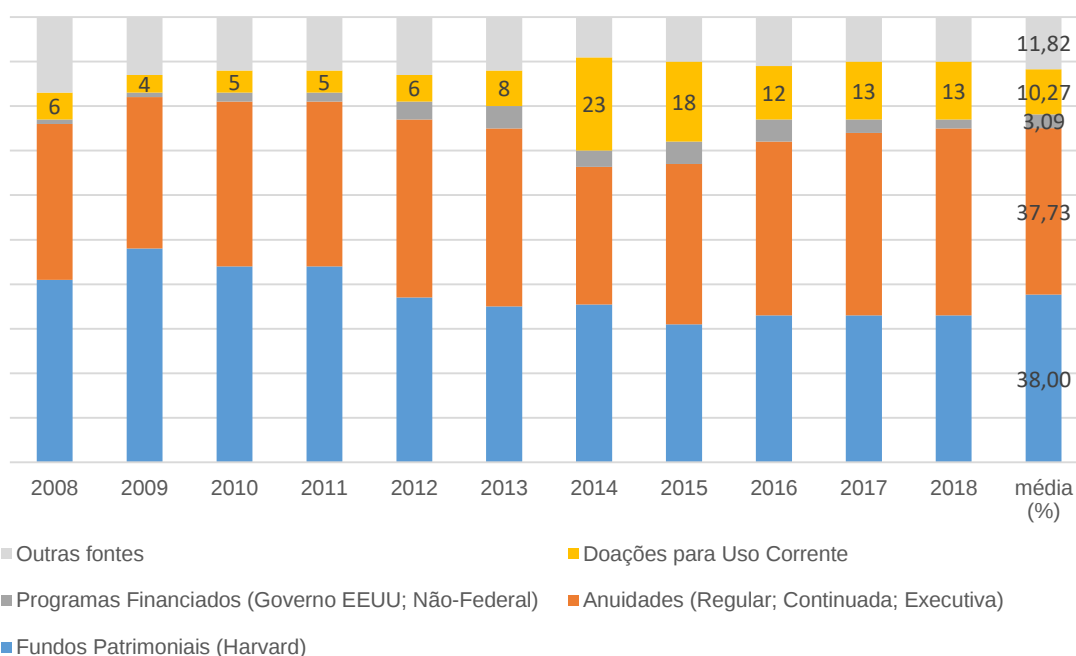


Fonte: Relatórios Anuais e Factbook de Harvard GSD.

Uma análise da distribuição das fontes do orçamento da Escola, através de seus relatórios anuais somados aos da Universidade, mostra que o financiamento direto para pesquisa na GSD, de fato, teve algum aumento nos últimos dez anos, especialmente entre 2012-2016, mas não chega a ter grande expressão numa visão mais geral, respondendo por uma média de 3,09% para o período entre 2008-2018 (Gráfico 5).

Gráfico 5

Distribuição percentual das fontes que compõem o orçamento da Harvard GSD, entre 2008-2018.



Fonte: Relatórios Anuais da Harvard University (2008-2018) e da Harvard GSD (2013-2018).

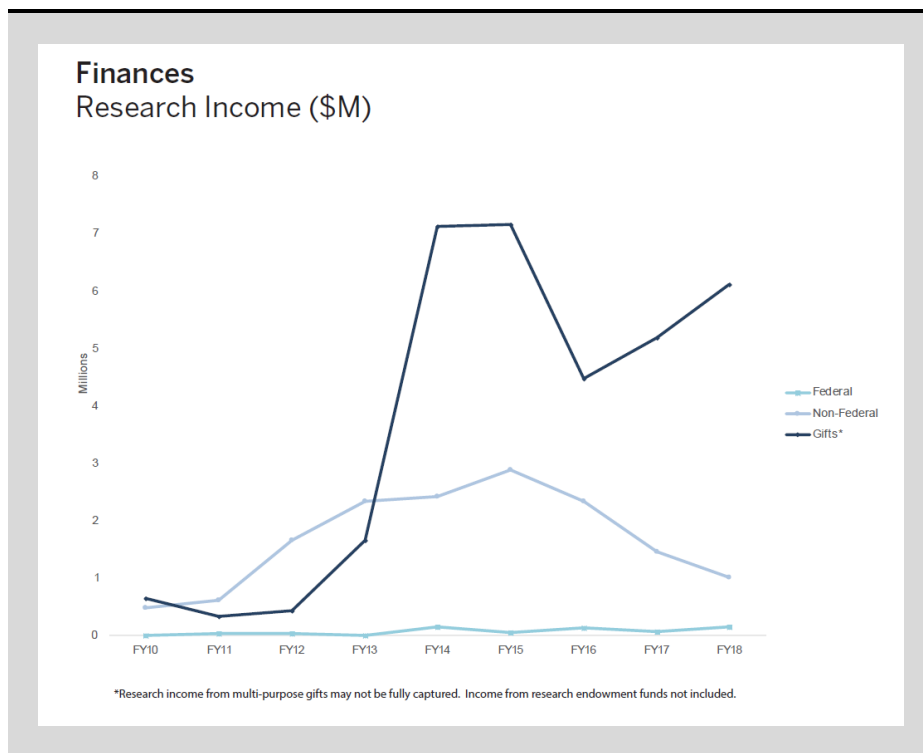
Os relatórios anuais da GSD permitem, ainda, tecer considerações que não se encontram no gráfico anterior. Identificou-se, por exemplo, que ao contrário do que se vê na Universidade como um todo, a participação do governo federal dos Estados Unidos nas pesquisas financiadas na GSD é quase quatro vezes menor do que a participação de outras fontes, que incluem fundações, setor privado, e outros governos. A mudança mais significativa, para o período, veio da captação de doações para uso corrente, cujo valor quase triplicou de 2013 para 2014 (passando de US\$ 3,7 para US\$ 14,4 milhões)⁶² e manteve-se acima de dez milhões de dólares nos anos seguintes. Um gráfico apresentado em edição do *Factbook* comprova que esta fonte de recurso é a principal responsável pelo custeio das atividades de pesquisa (Figura 12). Como estas doações tendem a estar associadas a um curto prazo para sua utilização, não é raro encontrar, nos relatórios anuais da GSD, a identificação de flutuações em seu orçamento, por conta

⁶² Provavelmente, por conta de uma grande doação do grupo Evergrande, empresa chinesa do ramo imobiliário. Como acontece em diversos dos casos analisados, o montante da doação não foi divulgado, aparecendo sob a rubrica do “undisclosed”.

de fontes de recursos “menos previsíveis” como as doações para uso corrente e patrocínios. (Annual Report GSD, 2016, p. 44)

Figura 12

Receita destinada à pesquisa na GSD, no período entre 2010-2018.



Fonte: Harvard GSD Factbook 2017-2018, p. 24.

Independentemente do que se produz como pesquisa na GSD, os dados permitem entender que a unidade se faz valer muito mais de doações com finalidade mais ou menos aberta, os “*gifts*”, do que como um centro de pesquisa de referência, nos padrões das ciências duras ou da área de saúde. Este caso ilustra as dificuldades das humanidades e das ciências sociais aplicadas em inserir-se na disputa por financiamento externo, mesmo tratando-se de uma Escola do porte e da visibilidade da GSD. Permite entender, ainda, as motivações por trás do esforço considerável do corpo docente em validar o que se desenvolve como pesquisa na Escola, a exemplo do que se vê em uma fala de Charles Waldheim, na conferência *Landscape as Urbanism in the Americas* realizada em Buenos Aires. Em referência ao livro “As Ciências do Artificial”, do economista Herbert Simon, Waldheim marca uma distinção entre as ciências e o *design*. Enquanto as ciências, de forma geral, investigam como as coisas “são”, o campo do design investiga como as coisas “devem ser”. E conclui:

Uma parte do projeto de Simon era legitimar o *design* no contexto da Universidade de Pesquisa, onde o *design*, historicamente, nem sempre foi reconhecido como sendo tão comprobativo quanto as ciências. [...] Sob esse aspecto, no Office for Urbanization nós tentamos compreender a distinção entre o conhecimento científico e o *design* e, através da pesquisa em *design*,

buscamos argumentar que esta é a nossa maneira de fazer pesquisa: ela é sintética [...] e nós não conseguimos esperar até termos todos os dados.⁶³

A fim de obter mais visibilidade no cenário global e mesmo dentro da própria *Harvard University*, a GSD precisou revisar sua estrutura com relação à prática de pesquisa, passando por grandes transformações desde 2008, quando se inicia a gestão de Mohsen Mostafavi na direção da Escola. Embora já contasse em suas instalações com um centro de pesquisa consolidado, o *Joint Center for Housing Studies* (JCHS), as pesquisas na GSD eram entendidas estritamente a partir do cotidiano dos estúdios de projeto e dos trabalhos finais dos estudantes, sobretudo as *Master Thesis*.

Um extenso levantamento das atividades de pesquisa dentro da GSD levou à elaboração de uma cronologia das transformações no âmbito de pesquisa na Escola, de onde se vê que entre 2008-2018 foram criados 34 grupos de pesquisa, numa estrutura que compreende Laboratórios, Centros e Iniciativas, dos quais 23 encontram-se em funcionamento (Gráfico 6). Fica evidenciado que a mudança deste cenário se inicia por volta de 2010, momento em que foi criada, com o apoio do gabinete do Diretor, a *Research Advancement Initiative* (RAI), coordenada pelos professores Hashim Sarkis e Antoine Picon, com o objetivo de formalizar centros e laboratórios de pesquisa na GSD, adequados às realidades de outras unidades em Harvard e em outras universidades no mundo. Em uma das edições do anuário *Platform*, Picon comenta sobre os avanços na iniciativa, relacionando-se aos ranqueamentos e à captação de recursos externos.

O rápido crescimento nos ranqueamentos [é] uma das evoluções recentes mais marcantes da *Graduate School of Design*. Em menos de cinco anos, a renda destinada à pesquisa na escola aumentou de algo em torno de meio milhão de dólares para mais de US\$ 8 milhões. Em resposta a esse contexto em transformação, várias estruturas foram criadas, somando-se a programas e centros estabelecidos como o *Aga Khan Program for Islamic Architecture* e o *Harvard Joint Center for Housing Studies*. [...].⁶⁴ (PICON, 2014, p. 342, os grifos são nossos)

Como parte das comemorações dos 75 anos da Harvard GSD, publicou-se o monumental volume

⁶³ Transcrição e tradução livres de trecho da conferência de Charles Waldheim em Buenos Aires, realizada em 28 de maio de 2018: “A part of Simons’ project was to legitimate the design in the context of the Research University, where design has not always been historically understood as probative as the sciences. [...] In this regard, at the Office for Urbanization we try to understand the distinction between scientific knowledge and design, and through design research we try to argue that this is our way to do research: it is synthetic, [...] and we cannot wait until we have all the data.” Disponível em: <<http://landscapeurbanismamericas.net/buenosaires/>>. Acesso em: 15 set. 2018.

⁶⁴ Tradução livre do original: “The rapid development of research ranks [is] among the most striking recent evolutions of the Graduate School of Design. In less than five years, the research income of the school has increased from approximately half a million dollars to more than \$8 million. In response to this changing context, various structures have been added to established programs and centers such as the Aga Khan Program for Islamic Architecture and the Harvard Joint Center for Housing Studies. [...]” (PICON, 2014, p. 342)

“Instigations; Engaging Architecture, Landscape, and the City”. (MOSTAFAVI e CHRISTENSEN, 2012) A apresentação de Mostafavi demonstra o interesse em investir nas atividades de pesquisa como uma forma de reformular a missão pedagógica da instituição e conseguir impacto. Esta reformulação passava por entender os interesses de professores e estudantes, relacionando-os às suas “clientelas” local, dentro da própria Escola e da Universidade, e externa, isto é, global. (MOSTAFAVI, 2012, p. 17) Ao comentar sobre a *Research Advancement Initiative*, apresenta como contribuições o fato de uma nova visão para os projetos de pesquisa, agora mais colaborativos e integrados à outros departamentos em Harvard, a experimentação através de “novas formas de pesquisa, específica e especulativa”, e a possibilidade de colaborar com importantes projetos de outros membros da comunidade universitária, não somente em Harvard. Complementa, ainda: “[...] Isto também ajuda a suplementar as pesquisas individuais dos professores com oportunidades de financiamento de pesquisa de maior porte. [...]”⁶⁵ (MOSTAFAVI, 2012, p. 24-25)

No mesmo volume comemorativo dos 75 anos da GSD, Hashim Sarkis comenta sobre a pesquisa em Arquitetura no contexto das Universidades de Pesquisa e destaca, na criação de sete novos laboratórios na GSD, o interesse em “[...] expandir os métodos de pesquisa em design em um trabalho colaborativo e de longo prazo, que se aproxime de questões sociais emergentes. [...]”⁶⁶. (SARKIS, 2012, p. 144) Dos sete laboratórios apresentados por Sarkis em 2012, apenas dois seguiam em funcionamento em 2019.

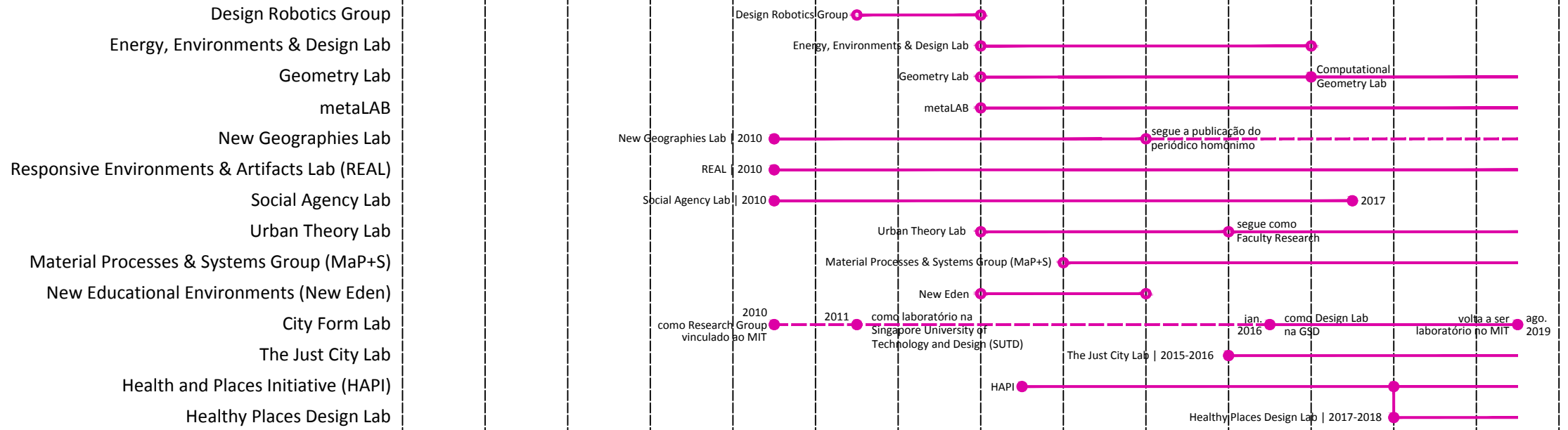
⁶⁵ Tradução livre do original: “[...] It also helps to supplement research by individual faculty with larger-scale funded research opportunities. [...]”. (MOSTAFAVI, 2012, p. 24-25)

⁶⁶ Tradução livre do original: “[...] to extend the research methods of design into longer-term, collaborative work that bears on emerging societal issues. [...]”. (SARKIS, 2012, p. 144)

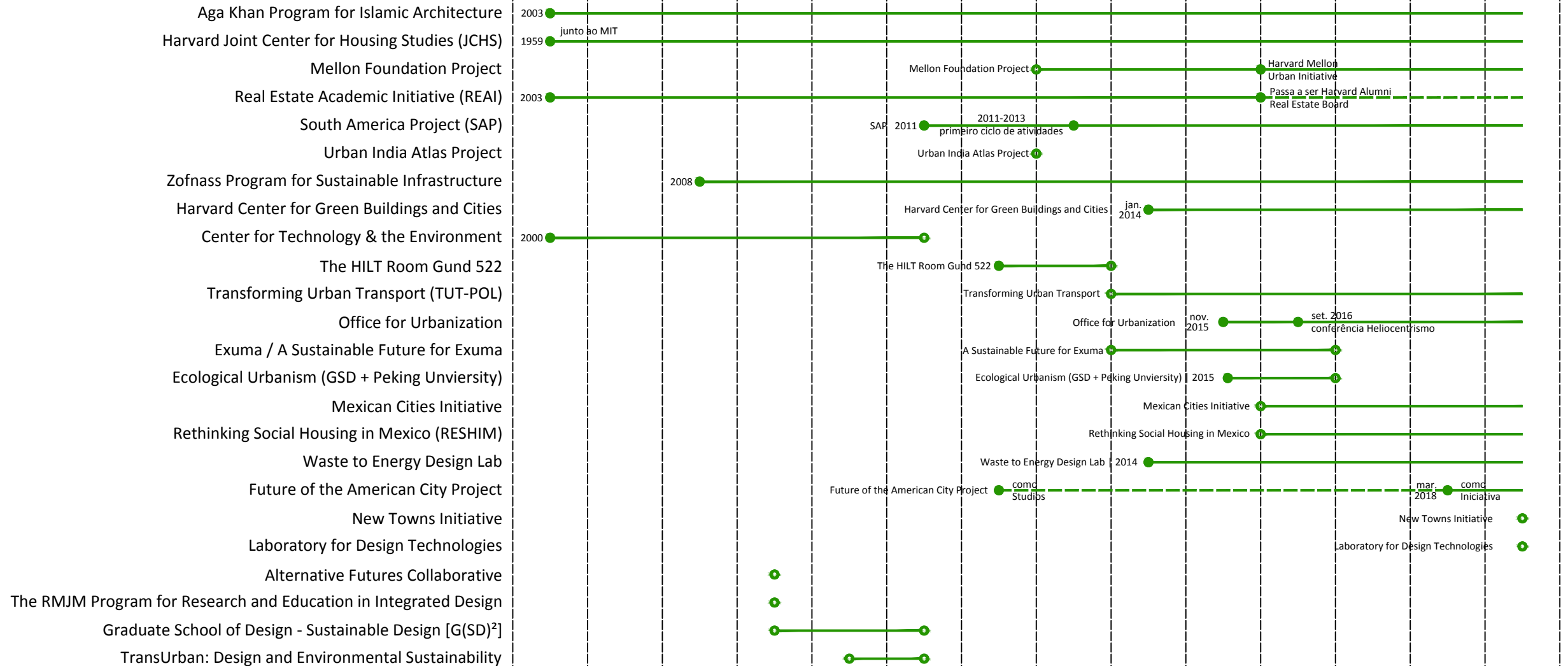
HARVARD GSD

- ocorrência documental
- data precisa de abertura/encerramento

LABORATÓRIOS DE PESQUISA



CENTROS/ PROJETOS/ INICIATIVAS



As premissas de Mostafavi e Sarkis são, de fato, bastante alvissareiras e comprometidas com a qualidade do debate sobre pesquisa em projeto, com a perspectiva de promover melhorias no ambiente construído e engajamento com questões sociais, entre outros aspectos. A proximidade temporal com este processo de ampliação e formalização das atividades de pesquisa na GSD dificulta uma avaliação mais precisa sobre suas contribuições, embora deva-se destacar que a imprecisão sobre o que constituíam as atividades de pesquisa na Escola, registradas nas primeiras edições dos anuários *Platform*, foram substituídas por uma visão muito mais estruturada, que associa a pesquisa às atividades de ensino e valoriza aspectos como inovação e a melhoria da experiência humana.

Em comum a todos os discursos produzidos pelos professores das universidades, encontra-se um forte otimismo, quase sempre se apoiando nas propriedades prescritivas do projeto de Arquitetura e Urbanismo como mote para a questão do impacto social ou global das suas ações, com pouca ou quase nenhuma reflexão crítica sobre as suas próprias atividades, muito menos sobre possíveis impactos negativos ou indesejados de sua presença sobre os territórios onde atuam.

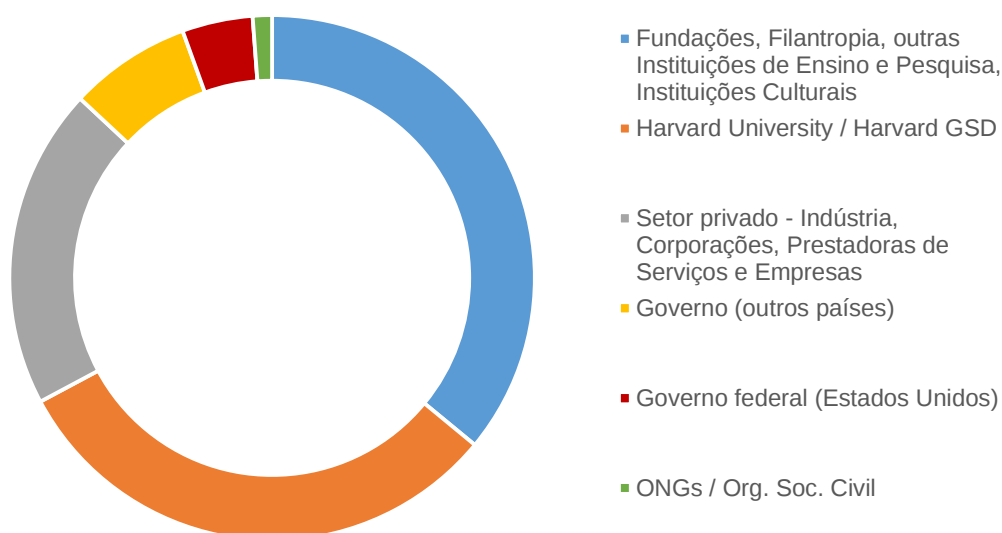
Interessa ainda ter uma ideia da origem do financiamento para pesquisa nas unidades – se vêm de recursos próprios, de fundações, de empresas do setor privado, etc. Como a GSD não disponibiliza uma plataforma aberta para que fosse possível construir uma totalidade com dados seguros, limitou-se a fazer um levantamento dos principais agentes financiadores do “portfólio de atividades” de pesquisa na GSD, através do que se encontra registrado nas edições do anuário *Platform*, nos Relatórios Anuais e nos Factbook da GSD, além de relatórios internos e endereços eletrônicos dos núcleos de pesquisa. Os dados obtidos não são conclusivos, mas permitem identificar grandes grupos de entidades responsáveis pelo financiamento de pesquisa na Escola (Gráfico 7).

As três fontes mais recorrentes do que se divulga como atividades de pesquisa compreendem: (1) fundações e outras instituições de filantropia, de ensino e pesquisa e culturais; (2) a própria Harvard University e/ou a Harvard GSD; e (3) o setor privado, representado por setores da indústria, corporações, prestadoras de serviços e outras empresas. Do primeiro grupo indicado estão presentes fundações criadas por empresas ou famílias ligadas à filantropia, fundos de caridade ou de bolsas de estudo, como a Andrew Mellon Foundation, responsável pela criação de um conjunto de pesquisas sobre o “Futuro das Cidades Americanas”, a tradicional Graham Foundation para projetos de pesquisa e atividades no campo da produção cultural, ou mesmo doações individuais, como a do empresário mexicano e ex-aluno da GSD Rolando Uziel, responsável pela criação de uma iniciativa com a finalidade de “guiar as transformações das complexas paisagens urbanas do México nas próximas décadas”. As outras fontes vêm de recursos alocados nos centros e institutos de pesquisa na própria GSD ou de outras

unidades em Harvard, a exemplo do *Centro Aga Khan de Estudos da Arquitetura Islâmica* ou do JCHS⁶⁷, e de recursos da própria GSD, a exemplo de bolsas concedidas pelo diretor da GSD, Mohsen Mostafavi para a instalação e consolidação dos laboratórios, entre 2010-2015. Um terceiro grupo é composto pelo setor privado, incluindo setores da indústria e corporações da construção civil, empresas do ramo imobiliário, escritórios de Arquitetura, Engenharia e Consultoria Urbana, entre outras entidades.

Gráfico 7

Principais entidades financiadoras das pesquisas desenvolvidas na GSD (ca.2000-2018).



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados publicados nas edições de “Platform”, “Harvard GSD Fact Book”, “Annual Reports”, além de publicações e relatórios internos dos grupos e projetos de pesquisa.

Com relação à *Columbia University*, a composição de seu orçamento apresenta algumas particularidades, se comparada com Harvard, mas não se distingue tanto no que se refere a sua principal fonte de receita. Sistematizando os relatórios do período entre 2008-2018 (Gráfico 8), vê-se que a principal fonte vem de doações, bolsas (“*grants*”) e contratos (média de 33,08% no período), realizados tanto com o governo quanto com o setor privado. Outras duas importantes fontes, relativamente equivalentes ao longo do período, vêm da renda obtida através de assistência de saúde e atendimento médico⁶⁸ (23,85%) realizados no centro médico da universidade, o *Columbia University Irving Medical*

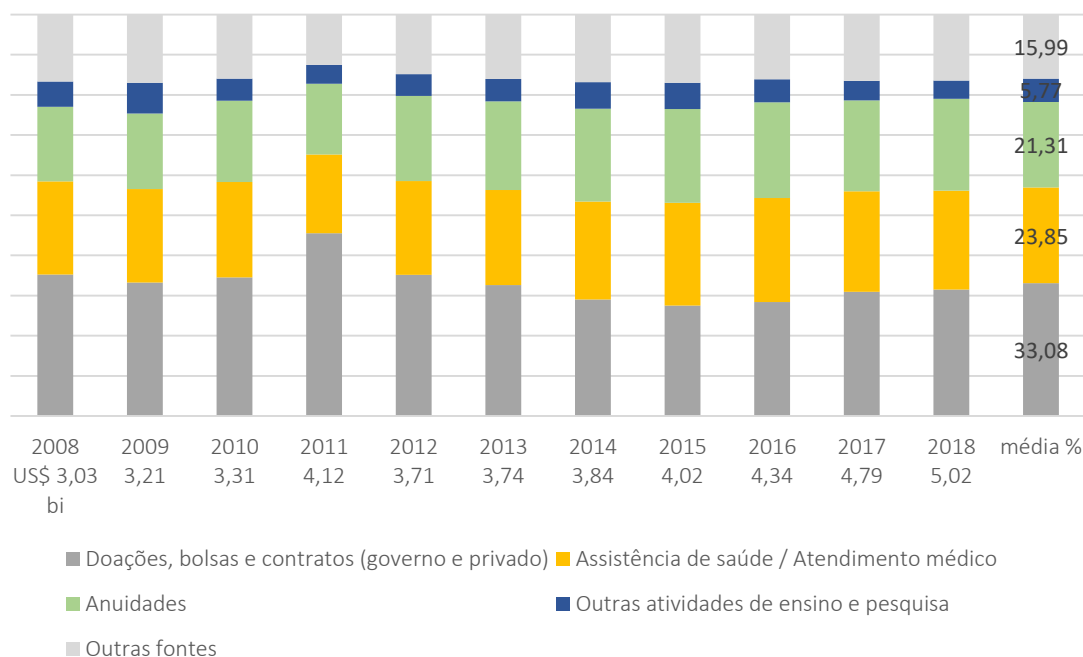
⁶⁷ As entidades financiadoras do JCHS, por sua vez, não puderam ser identificadas, por não se dispor de qualquer sistematização de suas atividades nos últimos anos. Este quadro certamente seria distinto, a considerar pela composição do Comitê Consultivo responsável por direcionar as políticas de pesquisa dentro do centro e, em grande parte, pelo financiamento de suas atividades, composto majoritariamente por representantes da indústria da construção civil e do mercado imobiliário nos Estados Unidos (49 dentre os 60 membros do Comitê Consultivo).

⁶⁸ Esta fonte de renda é inscrita como “Medical faculty practice plan income” no relatório de 2006 e como “Patient care” nos demais relatórios. Na descrição do relatório de 2018, assim está descrita a atividade, em tradução livre: “Patient care activities include patient visits performed by Columbia full-time faculty through its medical faculty

Center (CUIMC), e das anuidades dos estudantes (21,31%).

Gráfico 8

Orçamento consolidado da Columbia University – distribuição das fontes.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos relatórios financeiros (Consolidated Financial Statements) da Columbia University, entre 2008-2018.

Os relatórios da Columbia não permitem detalhar o quanto deste percentual vem de financiamento diretamente vinculado a atividades de pesquisa, nem entender a distribuição destas fontes em cada unidade dentro da Columbia University, como foi possível fazer no caso de Harvard. Também não foi possível, nem através dos Anuários da GSAPP – os *Abstracts* – nem mesmos dos boletins anuais, entender a disposição orçamentária ou suas fontes. As observações sobre o desenvolvimento das atividades de pesquisa na GSAPP, portanto, se dão apenas a partir de uma leitura qualitativa.

O ingresso de Mark Wigley na direção da GSAPP, entre 2004-2005, foi marcado pelo investimento na criação de “laboratórios experimentais”, centros de pesquisa e parcerias com instituições externas. Considerando-se apenas os últimos dez anos, a GSAPP manteve cerca de 33 laboratórios de projeto (os *Design Labs*) e outros 25 centros ou iniciativas de pesquisa, compreendendo, entre estas últimas, 10 sedes do Studio-X (Gráficos 9 e 10). Boa parte dos laboratórios foi criado a partir de recursos próprios da GSAPP, como uma estratégia de incubação de iniciativas, apoiadas em ampla divulgação das suas atividades nos “Abstracts” e nos eventos da escola. Semelhante ao que se viu na GSD, os diretores e

practice plan, as well as clinical, educational and administration services provided to hospitals and other health care institutions through contractual agreements for services.”

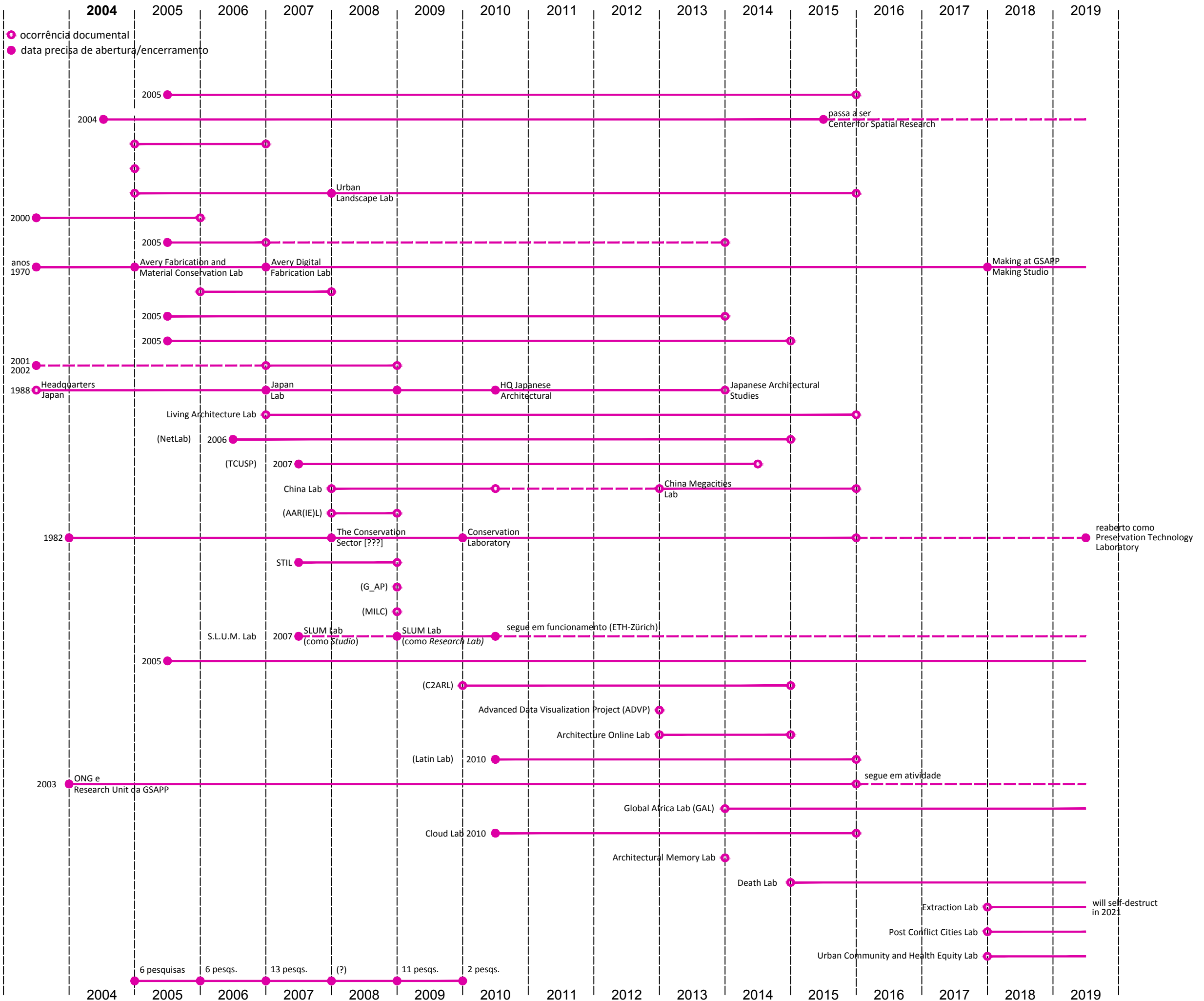
diretoras destes centros tinham como tarefa manter uma programação de atividades constantes, produzir material e, evidentemente, buscar fundos para sua manutenção, confundindo-se aí as funções de pesquisador, animador cultural e gestor financeiro e de recursos humanos. Cada centro, laboratório ou mesmo as sedes do Studio-X se constituem como um “projeto” que dá oportunidade para a criação de novos projetos, sem qualquer garantia de sua permanência. Esta situação não poderia ter sido melhor descrita do que por Arindam Dutta:

Na medida em que as universidades usam os laboratórios como representações que ampliam seu acesso a esses vários tipos de clientelismo, pode-se ter uma ideia da extensão do perigo em que o modelo mais antigo de humanismo se encontra. Cada proposta de financiamento pretende redesenhar um mundo. O resultado disso tem sido uma completa desintegração do que quer que fosse entendido em nome do pensamento disciplinar, em um incansável empreendedorismo que agora infecta administrações, professores e estudantes. Todo mundo aspira a um laboratório todo seu. É uma espécie de Virginia Woolf na era do capital de risco, na qual não se busca a liberdade subsidiada, a herança da tia, para escrever como se deveria, mas sim uma plataforma de lançamento para arrecadar fundos que te sustente até que você se lance para a próxima parcela de fundos. [...] ⁶⁹ (DUTTA, 2015, p. 84)

⁶⁹ Tradução livre do original: “To the extent that universities use labs as proxies to maximize their amenability to these multiple kinds of patronage, one can garner the extent to which the older model of humanism is now in peril. Each funding pitch claims to redesign a world. The result has been a complete disintegration of whatever went in the name of disciplinary thinking, in the direction of a relentless entrepreneurialism that now infects administrations, faculty, and students alike. Everybody aspires to a lab of one’s own. It’s like Virginia Woolf in the era of venture capital, in which one seeks not the subsidized freedom, the aunt’s bequest, to write as one ought, but rather a launchpad to pitch for funds that will tide you over till you pitch for the next tranche of funds. [...]” (DUTTA, 2015, p. 84)

COLUMBIA GSAPP (1/2)

LABORATÓRIOS DE PESQUISA



COLUMBIA GSAPP (2/2)

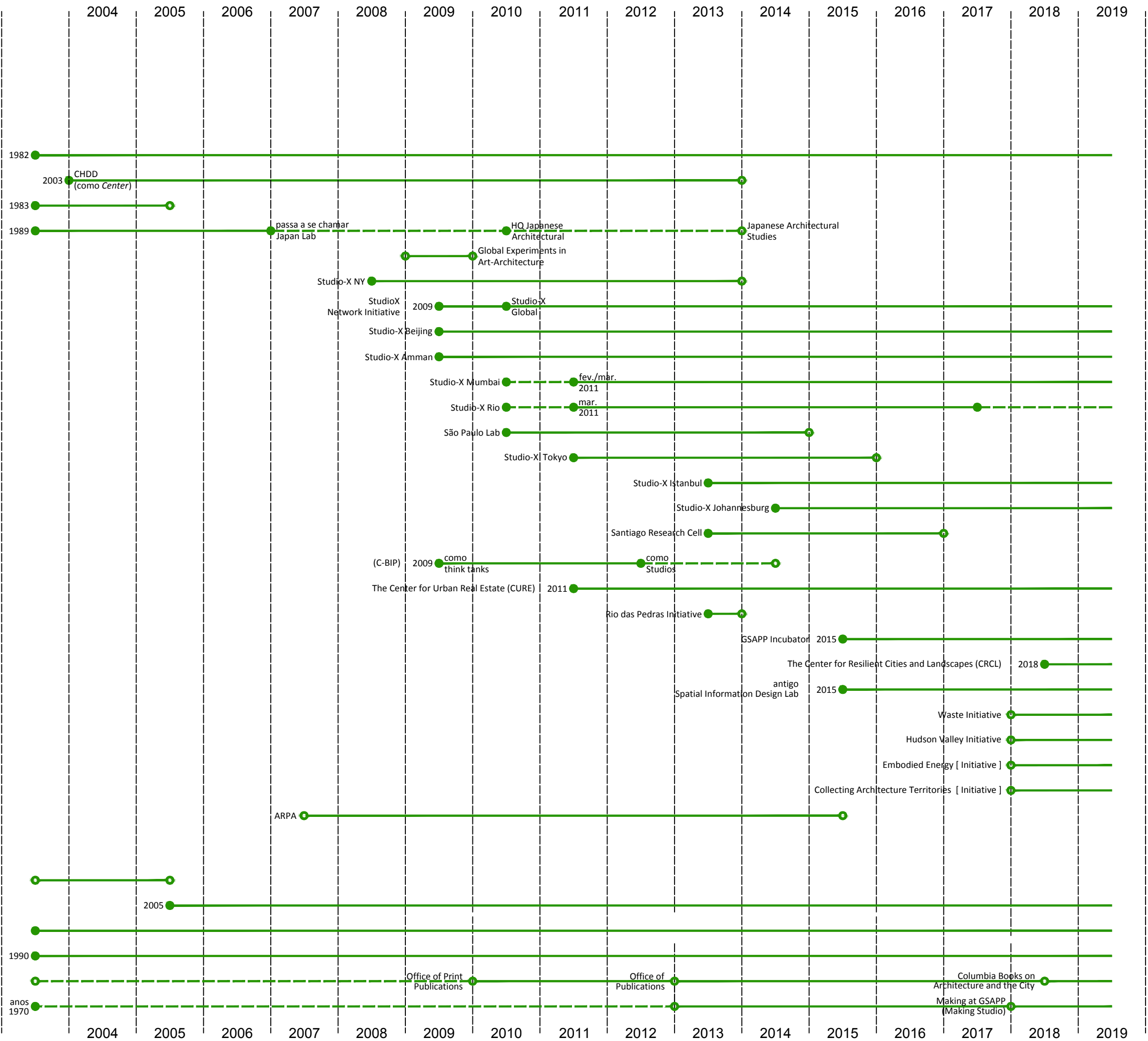
- ocorrência documental
- data precisa de abertura/encerramento

CENTROS/ PROJETOS/ INICIATIVAS

- The Temple Hoyne Buell Center for the Study of American Architecture (Buell Center)
- The Center for High Density Development (CHDD)
- The Center for Preservation Research
- Columbia Headquarters for Japanese Architectural Studies and Advanced Research
- Global Initiative for Art-Architecture Experiments
- Studio-X New York
- Studio-X Global
- Studio-X Beijing
- Studio-X Amman / Amman Lab
- Studio-X Mumbai
- Studio-X Rio
- Studio-X São Paulo Lab
- Studio-X Tokyo Lab
- Studio-X Istanbul
- Studio-X Johannesburg
- Santiago Research Cell
- Columbia Building Intelligence Project (C-BIP)
- The Center for Urban Real Estate (CURE)
- Rio das Pedras Initiative
- GSAPP Incubator
- The Center for Resilient Cities and Landscapes (CRCL)
- The Center for Spatial Research (CSR)
- Waste Initiative
- Hudson Valley Initiative
- Embodied Energy [Initiative]
- Collecting Architecture Territories [Initiative]
- Applied Research Practices in Architecture (ARPA)

INSTALAÇÕES

- [The Center for] Computing Activities
- Office of Development and Alumni Relations
- The Avery Architectural and Fine Arts Library
- Arthur Ross Architecture Gallery
- Office of Publications / GSAPP Books / Columbia Books
- Fabrication Shop / Making at GSAPP (Making Studio)



O aumento de laboratórios e centros, na sede em Nova Iorque, somado às atividades globais da Escola, formaram uma estratégia de expansão da GSAPP no mundo, mantendo a identidade da Universidade de Pesquisa, assim descrita em uma das edições do *Abstract*:

[...] A relação entre o núcleo hiper-denso da experimentação no Avery Hall e essa rede global hiper-expandida tornou-se uma dinâmica pedagógica fundamental. A tradicional missão da Escola, de operar como um laboratório para o pensamento mais experimental e global, agora pulsa, ritmicamente e continuamente, entre o coração da universidade de pesquisa em Nova Iorque e as regiões do mundo onde a vida urbana está evoluindo a uma velocidade sem precedentes.⁷⁰ (WIGLEY e ŁYŚ-DOBRODIN, 2013)

A variedade de parcerias e colaborações institucionais realizadas desde 2009, quando se inicia a rede global Studio-X, vão desde uma investigação sobre o futuro das cidades com o financiamento da companhia Audi, da indústria automotiva, até a experimentação sobre formas de comunicação e de realização de projetos de arquitetura e urbanismo em escala global, em redes, através do *Columbia Laboratory for Architectural Broadcasting* (C-LAB).

Outras duas investidas em que Wigley teve papel decisivo merecem ao menos ser mencionadas, para mostrar o alcance de sua ambição e os interesses que ele consegue capturar, enquanto gestor de uma unidade acadêmica. Uma primeira envolve a capacidade de atrair grandes empresas do setor privado. Entre 2009-2014, foram realizadas quatro edições da iniciativa *Columbia Building Intelligence Project* (C-BIP), através de estúdios de projeto e debates públicos sediados em Nova Iorque, Londres, Tóquio e Stuttgart, financiada por representantes da indústria dos materiais de construção, culminando em um grande evento no *Museu de Arte Moderna de Nova Iorque* (MoMA) sobre o “Futuro da Energia”. Ao ser questionado sobre a relação entre corporações e eventos acadêmicos, Wigley responde:

[Mark Wigley] As corporações mais interessantes começaram a pensar sobre as mesmas coisas que os jovens arquitetos. A Oldcastle tornou-se um parceiro de pesquisa natural da CBIP há alguns anos. Começamos a trabalhar com eles quando estávamos investigando a relação entre arquitetura, engenharia [com o Departamento de Engenharia Civil e Mecânica de Engenharia da Columbia] e materiais. Enquanto a Oldcastle se envolvia em nossa conferência sobre vidro (2007), a LaFarge se envolveu com a conferência sobre concreto (2008); o *Steel Institute* de Nova Iorque deu apoio a nossa conferência sobre metais (2009) e o *Vinyl Institute* patrocinou outras sobre plásticos (2011). Todos esses materiais passaram por revoluções de alto-desempenho nos últimos 10 anos. Não há

⁷⁰ Tradução livre do original: “[...] The relationship between the hyper-dense core of experimentation in Avery Hall and this hyper-expanded global network has become a crucial pedagogical dynamic. The traditional mission of the school to operate as a laboratory for the most experimental and global thinking now pulsates rhythmically and continuously between the heart of the research university in New York, and the regions of the world where urban life is evolving at unprecedented speed.” (WIGLEY e ŁYŚ-DOBRODIN, 2013)

mais nada de básico no básico.⁷¹ (WIGLEY e STEPHENS, 2013)

Outra demonstração de grande entusiasmo de Wigley veio das oportunidades de trabalhar em ações de melhoria do ambiente urbano com diferentes disciplinas e instituições, tanto dentro da própria Columbia University quanto de outras universidades e centros de pesquisa, envolvendo ainda agentes do poder público local e de agências multilaterais, ONGs e membros das comunidades locais. Uma das iniciativas de grande investimento da *Columbia University* no Brasil, numa conjunção entre Studio-X Rio, Columbia Global Center Rio, outras unidades da Columbia University e a FIOCRUZ, estava na construção de uma iniciativa para a região do Rio das Pedras, no Rio de Janeiro, desenvolvida apenas parcialmente, e sem a participação duradoura da GSAPP:

[Mark Wigley] Ontem mesmo, por exemplo, passamos um dia no Studio X no Centro [em Nova York], com metade dos palestrantes vindos da Arquitetura, outra metade da Saúde Pública e com o líder da Organização Mundial de Saúde, discutindo sobre todas as iniciativas globais para cidades saudáveis. Todos nós trabalhando juntos, tentando imaginar como poderíamos contribuir para essa conquista. Isso, por um lado. Ou então estamos juntos na favela do Rio das Pedras, tentando descobrir como uma combinação de arquitetura, engenharia e saúde pública poderia levar a uma contribuição sólida para a evolução desse bairro vibrante. O sentimento que emerge agora é: como é possível falar de uma questão séria sobre as cidades sem tratar de saúde pública?⁷² (WIGLEY e TAYLOR-HOCHBERG, 2014)

As retóricas de Wigley e Mostafavi, sobre a universidade enquanto um grande laboratório, em que ensino, pesquisa e prática estão completamente imbricadas umas nas outras, merece, no entanto, uma consideração mais atenta. Trata-se de uma grande vulgata, tão pernicioso e fácil de ser difundida quanto a da internacionalização da educação superior. Afinal, quem poderia colocar-se em posição contrária à de abrir as portas da Academia para o mundo real, libertando a universidade de sua “torre de marfim”, ou contestar qualquer esforço em nome da inovação, da modernização ou da experimentação?

⁷¹ Tradução livre do original: “[Mark Wigley] The most interesting corporations have started to think about the same things as young architects. Oldcastle became a natural research partner with CBIP a few years ago. We started working with them when we were investigating the relationship between architecture, engineering [with Columbia’s Department of Civil Engineering and Engineering Mechanics], and materials. While Oldcastle was involved in our conference on glass (2007), LaFarge got involved with the conference on concrete (2008); the Steel Institute of New York backed our conference on metals (2009), and the Vinyl Institute sponsored the one on plastics (2011). All these materials have gone through high-performance revolutions in the last 10 years. There is nothing basic about the basics anymore. (WIGLEY e STEPHENS, 2013)”

⁷² Tradução livre do original: “[Mark Wigley] Just yesterday for example we spent a day in Studio X downtown [in New York], with half of the speakers coming from Architecture and half coming from Public Health, with the leader of the World Health Organization on all the global initiatives towards healthy cities. All of us working together trying to imagine how we could contribute to that effort. Let’s say on the one side. Or we are together in the favela of Rio das Pedras, trying to see how a combination of architecture, engineering and public health could make a substantial contribution to the evolution of that vibrant neighborhood. The feeling that’s emerging now is, how can you possibly talk about a serious question about cities without talking about public health?” (WIGLEY e TAYLOR-HOCHBERG, 2014)

Somente um estudo mais aprofundado sobre cada uma destas atividades poderia avaliar com precisão suas contribuições efetivas para o avanço do debate no campo da Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano, assim como pôr à prova o seu real caráter experimental e inovador ou mesmo, para outros termos correntes e banalizados, “radical” ou “revolucionário”.

[Mark Wigley] Não podemos permanecer nos limites das paredes de nosso *campus*. E como você poderia ter uma escola de arquitetura em apenas um lugar? Para inventar e proteger ideias, você precisa compartilhar. Compartilhar é o verdadeiro mecanismo de inovação. Novos pensamentos, brilhantes, surgem da estranha colisão entre pessoas e culturas. As próprias cidades incubam a imaginação. Esta é uma nova fase na evolução da universidade. É o oposto dos *campi* de filiais – que acabam se tornando uma ocupação neocolonial ao redor do mundo. Por exemplo, queremos aprender no e com o Rio. Não estamos lá para ensinar ao Rio. A rede Studio-X não é uma extensão exótica nem o posto avançado da universidade clássica. É o coração mesmo da universidade, o núcleo central da aprendizagem através do compartilhamento.⁷³ (WIGLEY e STEPHENS, 2013)

Ecoando um problema apontado por Christian Laval (2009), a ênfase ora na profissionalização, ora na remoção de limites entre teoria e prática elimina uma importante ruptura, que marcava a descontinuidade entre o estágio de formação e a vida profissional. Além disso, e na medida em que o financiamento vindo de empresas e da indústria se torna indispensável para garantir o *status* de excelência e para atrair o interesse de novos estudantes, a identidade institucional e os rumos que podem ser dados à sua pesquisa são cada vez mais ditados por estas mesmas entidades financiadoras.

Por um lado, nota-se maior variação na oferta de cursos em Escolas de Arquitetura, Urbanismo e Planejamento, o que leva a uma necessária maior variedade no corpo docente e no currículo, ou a uma maior integração a pesquisadores de outras localidades, para citar apenas dois exemplos, posto que as possibilidades de comparação e de estabelecimento de um panorama mais geral, a partir desta pesquisa, é bastante limitado. Por outro, nota-se uma correspondência entre Harvard GSD e Columbia GSAPP no que se refere às parcerias estabelecidas com a indústria da construção civil para a investigação de novos materiais e técnicas construtivas; empresas do mercado imobiliário, avaliando e estabelecendo as tendências de sua expansão; e a indústria automobilística, na investigação sobre o futuro das cidades. Outra correspondência pode ser apontada na agenda interdisciplinar que investiga

⁷³ Tradução livre do original: “[Mark Wigley] We can’t stay within our own campus walls. And how could you have an architecture school be only in one place? To invent and protect ideas, you need to share. Sharing is the real engine of innovation. Brilliant new thoughts come through the strange collision of people and cultures. Cities themselves incubate imagination. This is a new phase in the evolution of the university. It is opposite of branch campuses—which usually become a neo-colonial occupation across the globe. For example, we want to learn in and with Rio. We are not there to teach Rio. The Studio-X network is not an exotic extension or outpost of the classical university. It is the very heart of the university, the core space of learning through sharing.” (WIGLEY e STEPHENS, 2013)

as relações entre processos de urbanização e questões de saúde pública. Assim, não é de se estranhar que, num mundo cada vez aberto às possibilidades, encontrem-se departamentos de grandes universidades investigando os mesmos “problemas” e criando projetos de pesquisa praticamente idênticos em torno dos processos de urbanização.

O que se mostra mais desafiador, a partir do que se vê nesta pesquisa, não é a simples convergência dos interesses de pesquisa das universidades, seus departamentos e respectivos corpos docentes, afinal uma lógica em rede poderia ser justamente a condição para que o compartilhamento das ideias e o aprendizado mútuo levassem à construção de soluções visando ao bem comum. Algo que, se não escapa, ao menos foi tratado sem a ênfase necessária em “O Novo Espírito do Capitalismo”, está na formação de uma cultura de concorrência entre indivíduos e instituições, fechando horizontes para a construção de solidariedades. Não é exagero propor que escolas de porte semelhante ou aspirantes ao porte da GSD e da GSAPP estejam competindo pelos mesmos financiadores e novos estudantes, para os quais elas precisam dar provas de sua excelência na capacidade de ser “multitarefa” e na garantia de empregabilidade para os futuros egressos. As lógicas empresarial e da concorrência já estão presentes nestes departamentos, competindo com os valores da inovação, liderança, das práticas colaborativas e, claro, da excelência.

A situação encontrada no estudo de caso que está vinculado à University College London poderia ser mais parecida às anteriores, fosse o caso ter sido desenvolvido junto a alguma Unidade ou Escola da *The Bartlett School* que não a *Development Planning Unit*. O que não implica, no entanto, que seja um caso radicalmente oposto. Antes, como se procedeu com as outras universidades, uma visão mais geral.

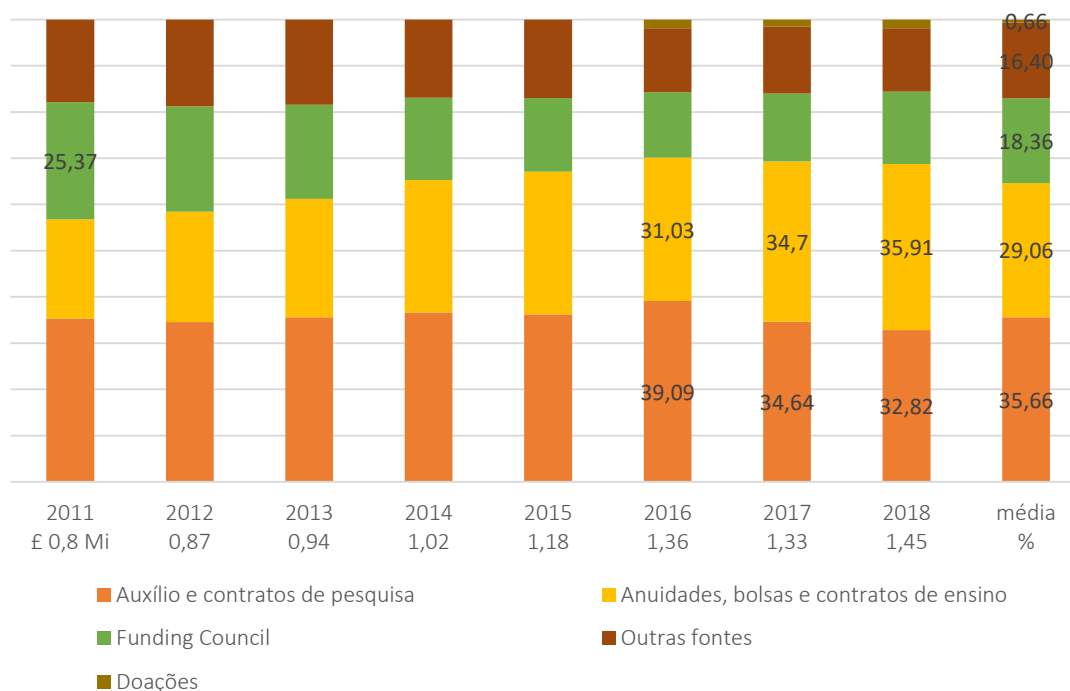
Os relatórios anuais e financeiros disponibilizados pela *University College London (UCL)*, cobrindo o período entre 2011-2018, apontam que suas principais fontes de recurso vêm de bolsas e contratos de pesquisa (média de 35,66%) e do pagamento de anuidades, uma rubrica que passa a registrar, desde 2016, a ocorrência de “bolsas e contratos de ensino” (29,06%). Diferentemente do que se viu nos casos de Harvard e Columbia, de relativa estabilidade na distribuição orçamentária na última década, na UCL nota-se uma virada na ordem de importância destas fontes, um fenômeno recente, em que as anuidades se equiparam à renda obtida para pesquisa e, em 2018, chega a ultrapassá-la (Gráfico 11).

Trata-se de uma mudança pequena, do ponto de vista financeiro, além de ser bastante recente, mas confirma leituras mais gerais sobre o ensino superior no Reino Unido, que empreendeu uma grande campanha para arregimentar um número cada vez maior de estudantes internacionais, que pagam

anuidades consideravelmente maiores do que as dos estudantes britânicos⁷⁴.

Gráfico 11

Orçamento consolidado da University College London – distribuição das fontes.



Fonte: Elaboração própria, a partir dos relatórios anuais e financeiros (Annual Report and Financial Statements) da University College London, entre 2011-2018.

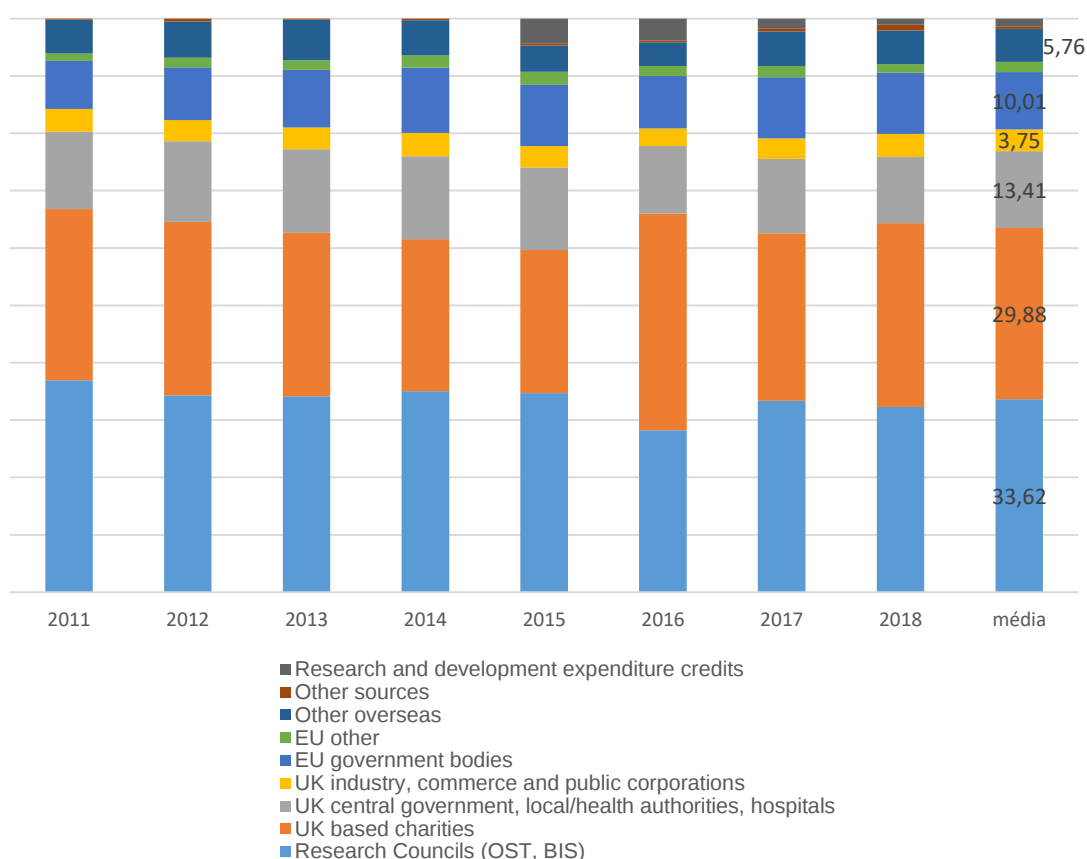
Assim, para além de uma disputa no campo do financiamento de pesquisas, a UCL também entrou na disputa por novas matrículas de estudantes estrangeiros, o que levou não somente essa, mas outras grandes universidades britânicas, a assumirem débitos com consultorias especializadas para atingir este objetivo. Uma terceira importante fonte de recurso da UCL vem da destinação direta do governo britânico, através do *Funding Council*⁷⁵, ainda que, neste caso sua participação tenha diminuído sensivelmente entre os anos de 2011 (25,37%) e 2018 (15,66%), apontando para a redução da presença do Estado como financiador de grandes universidades britânicas, ao menos a partir de uma visão mais geral sobre o orçamento da universidade em questão.

⁷⁴ Para o ano acadêmico 2020-2021, a anuidade no programa MScSDP, da The Bartlett-DPU, custa £24.000 para estudantes estrangeiros oriundos de fora da União Europeia, um valor cerca de 59% mais alto do que o custo da anuidade para estudantes do Reino Unido e de países membros da União Europeia, no valor de £15.050. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/prospective-students/graduate/taught-degrees/social-development-practice-msc>>. Acesso em: 17 nov. 2019.

⁷⁵ Os *Higher Education Funding Councils* (HEFCs) são responsáveis pela destinação de recursos financeiros do governo britânico para as universidades de seu território, tendo como principal critério o desempenho anual em pesquisa de cada instituição.

Os relatórios financeiros da UCL permitem uma leitura detalhada do financiamento para pesquisa (Gráfico 12), âmbito no qual a participação do Estado mantém-se bastante relevante, sobretudo através do *Funding Council* (média de 33,62 para o período), mas também através do financiamento direto do governo britânico, autoridades locais e de saúde e hospitais (29,88%. Em seguida, na ordem de importância, estão as instituições de caridade. Além dos recursos do *Funding Council*, o Estado também se faz presente através do governo britânico, agências locais e de saúde e hospitais. Também vem deste período a produção de um anuário da The Bartlett, onde destaca-se o crescimento no financiamento de pesquisa, assim como nos espaços dedicados a estas atividades, quando foram criados três novos institutos na Escola.

Gráfico 12
Entidades financiadoras de pesquisa na UCL



Fonte: Elaboração própria, a partir dos relatórios anuais e financeiros (Annual Report and Financial Statements) da University College London, entre 2011-2018.

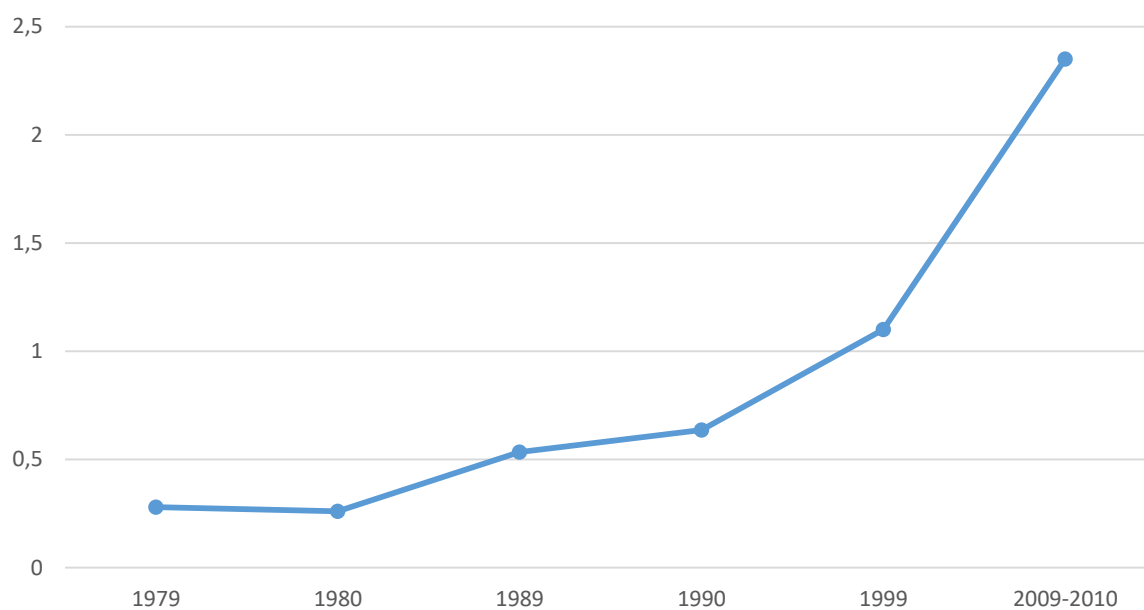
As atividades de treinamento e consultoria, os chamados *Training & Advisory Services* (TAS), foram e ainda são uma importante fonte de financiamento para a DPU. Foram estabelecidos assim que a unidade foi rebatizada, quando migrou da *Architectural Association School of Architecture* (AA) para a

UCL. O serviço de treinamento e consultoria foi chamado inicialmente de *DPU Extension Service*, em 1972, para depois ser renomeada como TAS, como ainda hoje é chamado. Remete, ainda, às atividades do *Tropical Advisory Service* (mesma sigla, TAS)⁷⁶, quando da criação do departamento que deu origem à unidade atual, servindo de apoio à atuação do governo britânico em países pobres (BAWEJA, 2008; WAKELY, LEVY e YAP, 2014).

Mesmo com a diminuição da participação direta do governo britânico no financiamento da DPU, ao final dos anos 1990, os recursos seguiram aumentando, em boa proporção, em função da liberação que a unidade teve para captar recursos externos (Gráfico 13).

Gráfico 13

Aumento no orçamento da DPU entre 1979-2010 (eixo vertical em £ milhões).



Fonte: Elaboração própria, a partir de Wakely, Levy e Yap (2014).

A história da DPU, enquanto unidade acadêmica e de pesquisa, esteve sempre relacionada a atividades de prestação de serviços de consultoria. As atividades mais ligadas ao ensino foram, inicialmente restritas a treinamentos realizados tanto em Londres quanto nos países atendidos pelos programas. Somente nos anos 1980 iniciam-se as primeiras turmas de *Master*, conferindo títulos acadêmicos, algumas delas como turmas especiais, fora da Inglaterra, e apenas nos anos 1990 estiveram mais integradas à estrutura dos *Master* na The Bartlett School.

As consultorias, em algumas situações, inviabilizaram a realização de pesquisas coletivas, como

⁷⁶ Entre as atividades dos primeiros anos, inclui-se a consultoria prestada ao casal de arquitetos ingleses Alison e Peter Smithson, quando do desenvolvimento de dois projetos não realizados: a *Embaixada Britânica* em Brasília e um edifício público no Kuwait (BAWEJA, 2008, p. 158).

reportado nos anos 1970. Esta mesma avaliação parece ter perdurado, uma vez que, a partir do levantamento na Plataforma UCL IRIS, a maior parte dos projetos de pesquisa registrados foram desenvolvidos por apenas uma pesquisadora ou pesquisador da DPU. Ocasionalmente há outros pesquisadores de outras unidades da UCL, ou de outras universidades, mas uma caracterização geral não pode se furtar de perceber que as atividades de pesquisa na DPU consistem, mesmo nos últimos anos, à execução de pesquisas pontuais, de curta duração, que envolvem a consultoria, capacitação de pessoal e elaboração de relatórios de avaliação que envolvem poucos pesquisadores⁷⁷.

Isto tende a sofrer alguma alteração, considerando-se transformações recentes na Unidade. Por um lado, porque a produção em pesquisa dentro da DPU passa por uma formalização maior, assim como vimos acontecer em Harvard e na Columbia nos últimos dez anos. No caso da DPU, desde 2011 foram definidos quatro núcleos de investigação, os *DPU Research Clusters*, tendo como temas gerais: Justiça Ambiental, urbanização e resiliência; Transformações urbanas; Diversidade, complexidade social e intervenção planejada; e Estado e mercado: atores e papéis do desenvolvimento⁷⁸, que dão certa coerência para a heterogeneidade de atividades desenvolvidas, com a finalidade de consolidar e facilitar a integração entre pesquisa e as atividades de consultoria e treinamento.

Nos últimos 10 anos, expandimos bastante nossa pesquisa, o que reflete não apenas o aumento do número de funcionários, mas também um número crescente de programas inovadores que elas e eles iniciaram. Isto é mais do que evidente na formalização de nossas atividades de produção de conhecimento em quatro grupos de pesquisa, em 2011, que galvanizaram e inspiraram uma série de novas iniciativas de pesquisa, dentro e entre os núcleos de pesquisa. O tema do nosso 60º aniversário, “Pensando além das Fronteiras”, é um exemplo de um programa conjunto que atravessa toda a Unidade.⁷⁹ (LEVY, 2014)

Uma leitura mais apropriada das atividades de pesquisa no departamento que interessa a esta pesquisa tem duas fontes. Uma primeira, do endereço eletrônico da DPU, que informa os principais projetos de

⁷⁷ Entre as 150 pesquisas listadas na plataforma UCL IRIS, 106 delas foram desenvolvidas apenas por um pesquisador membro da DPU. Mesmo considerando que em dezessete das pesquisas dentro deste último recorte também houve participação de outros pesquisadores, continua sendo um valor alto, que mostra a difícil integração das atividades de pesquisa em um projeto coletivo dentro da DPU.

⁷⁸ Em tradução livre dos grandes temas dos *DPU Research Clusters*: “Environmental justice, urbanisation and resilience”; “Urban transformations”; “Diversity, social complexity & planned intervention”; e “State and market: Development actors and roles”. Ver em: DPU Research Clusters. Disponível em: <<https://www.ucl.ac.uk/bartlett/development/research>>. Acesso em: 9 dez. 2019.

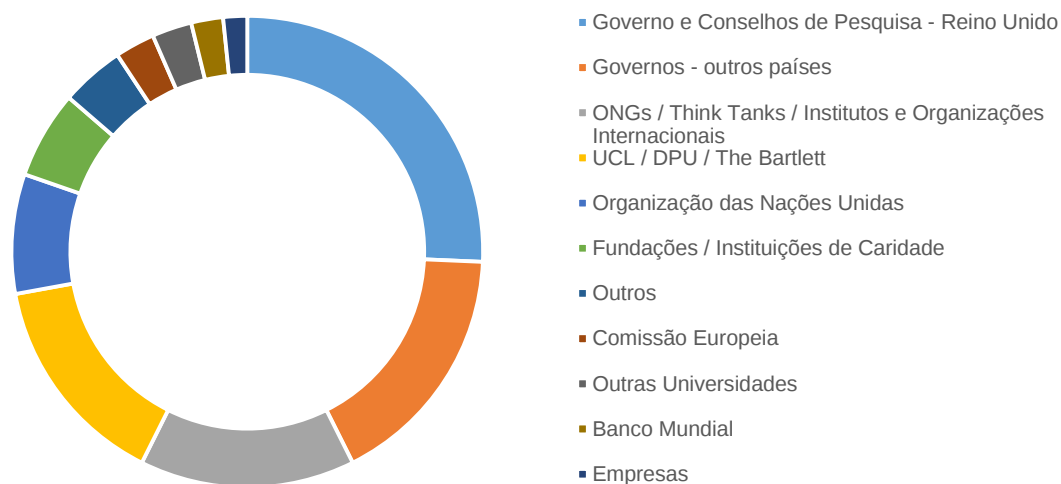
⁷⁹ Tradução livre do original: “Over the last 10 years we have greatly expanded our research, which is a reflection not only of increased staff numbers but also of a growing number of innovative programmes initiated by the staff. This is nowhere more evident in the formalisation of our knowledge production activities in four research clusters in 2011, which has galvanised and inspired a range of new research initiatives, both within and between research clusters. The theme of our 60th anniversary year, ‘Thinking Across Boundaries’ is an example of such a joint programme across the Unit.” (LEVY, 2014)

pesquisa em andamento ou finalizadas, desde meados dos anos 1990. As descrições são muito sucintas e não permitem traçar leituras comparativas ou sistemáticas da produção. Por isso, utilizou-se também da base dos dados de pesquisa da *UCL Institutional Research Information Service* (UCL IRIS).

Destacam-se, na amostra, o financiamento do governo do Reino Unido e de outros países, através de agências e órgãos públicos. Entre as principais fontes, destaca-se a prevalência do *Department for International Development* (DFID), responsável pela maior parte dos financiamentos registrados na amostra. Órgão do governo do Reino Unido destinado a ajuda internacional, com a finalidade de redução da pobreza, o DFID consta como fonte de financiamento em 29 dos 31 projetos de pesquisa financiados diretamente pelo governo do Reino Unido, desconsiderados, portanto, outros 14 que foram financiados por diferentes conselhos de pesquisa (Gráfico 14).

Gráfico 14

Entidades financiadoras das atividades de pesquisa na The Bartlett-DPU desde meados dos anos 1990.



Fonte: Elaboração própria, a partir de dados da plataforma UCL IRIS e da The Bartlett-DPU.

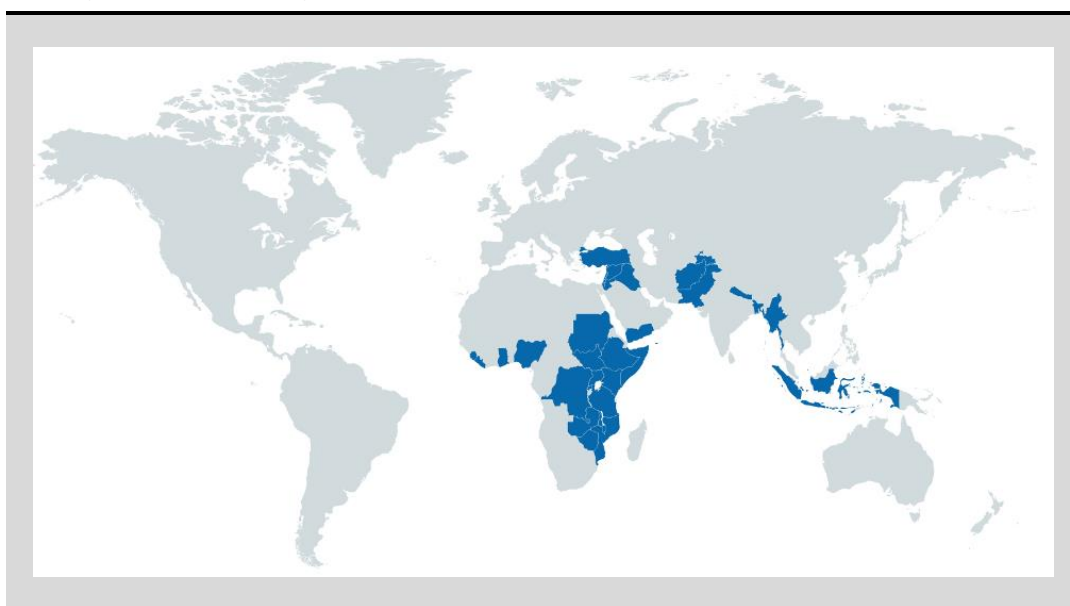
Os países envolvidos diretamente com as pesquisas realizadas pela DPU e financiadas pelo DFID⁸⁰ (seja através de parcerias institucionais que incluem atividades no local, seja apenas como objeto de estudo, através de relatórios e análises de políticas públicas e experiências) não corresponde exatamente à área prioritária de atuação do departamento do governo britânico (Figura 13), mas aproxima-se o suficiente para entender que a DPU se mostra como uma importante parceira do governo britânico na realização dos programas de redução da pobreza no mundo.

⁸⁰ Os países diretamente relacionados às pesquisas realizadas na DPU com financiamento do DFID foram, em ordem decrescente de ocorrência: Índia, Colômbia, Nigéria, Tanzânia, China, Gana, Egito, Indonésia, México, Venezuela, África do Sul, Brasil, Cuba, Malawi, Moçambique, Nepal, Níger, Peru, Quênia, Senegal, Somália e Sri Lanka.

Para além disso, estes dados também apontam para outra perspectiva reveladora da atuação da DPU, em meio à sua proposta de atuação global. Destaque-se, de antemão, a amplitude da atuação nas pesquisas desenvolvidas pela unidade. Considerando os projetos de pesquisa indicadas nas bases consultadas, as investigações envolveram 84 países ou territórios do globo, cobrindo todos os continentes e subcontinentes americanos. Dentre eles, 22 são antigas colônias do império britânico, sendo Índia e África do Sul aqueles países com o maior número de projetos de pesquisa desenvolvidos pela DPU, mas também tiveram forte presença outras antigas colônias como Tanzânia, Nigéria, Gana e Uganda, entre outras.

Figura 13

Principais áreas de atuação do DFID.



Fonte: DFID, 2017. Disponível em: <<https://www.gov.uk/guidance/where-we-work>>. Acesso em: 21 nov. 2019.

Também merece ênfase a presença da Colômbia entre os países com os quais a DPU desenvolveu projetos de pesquisa, somada a outros países latino-americanos como Peru, Brasil e Cuba, o que indica a construção de uma atuação, de fato, com aspiração global e, mais especificamente, de atuação no Sul Global, em concordância com a construção histórica da agenda institucional e política da unidade. O caso da Colômbia se mostra interessante para indicar a variedade de fontes de financiamento das quais lança mão. Para as diferentes pesquisas sobre a urbanização na Colômbia – que, ademais, mostra como as atividades na DPU também se orientaram para o mesmo contexto em que Harvard e Columbia se interessaram – foram utilizados financiamentos do governo do Reino Unido e de outros países, ONGs e instituições internacionais.

Uma segunda importante fonte de financiamento é composta por agências ou órgãos de governos locais ou nacionais de outros países. Em sua maioria, composta por entidades de pesquisa e de cooperação

internacional de países centrais, voltadas a atividades de pesquisa nos países em que a DPU atua. A *Swiss Agency for Development Cooperation* (SCD) foi a mais recorrente, em um conjunto de atividades de curta duração, produzindo relatórios de avaliação sobre a atuação da agência em países e regiões como Tanzânia, Cáucaso Sul (Armênia, Azerbaijão e Geórgia), Tadjiquistão, Quirguistão, Bósnia e Herzegovina e África do Sul, além da própria Suíça. No caso das agências e órgãos da África do Sul que foram identificados como fonte de financiamento, as pesquisas a ela relacionadas se encontravam no próprio território. A DPU firma-se, assim, como lugar importante de mediação da ajuda e cooperação internacional também para outros países, assim como uma reconhecida unidade acadêmica e prestadora de consultorias internacionais para avaliação de políticas públicas (áreas de planejamento e saúde, principalmente) e avaliação de impacto de grandes projetos de infraestrutura.

Outra importante fonte de financiamento se dá através de ONGs, *Think Tanks* ou Institutos e Organizações Internacionais independentes (em alguns casos, com fundo obtido através de repasses de orçamento do governo britânico ou de outros países), além do financiamento da própria universidade, seja de forma direta, através da The Bartlett ou mesmo da própria unidade DPU. O financiamento de atividades de pesquisa através do orçamento da DPU poderia ser ainda maior, considerando que, para muitas atividades de pesquisa da amostra, não foi identificada a fonte do financiamento. De acordo com relato de um professor ligado à unidade, muitas vezes a receita obtida com prestação de consultorias é revertida em financiamento de pesquisa e treinamento de pessoal. A Comissão Europeia e outras universidades têm papel inferior numa visão geral sobre as atividades de pesquisa, assim como mostra ser o caso do Banco Mundial e de empresas do setor privado. Um último destaque merece ser feito à presença de financiamento de agências da Organização das Nações Unidas, especialmente da UN-Habitat⁸¹.

A DPU não pode ser tratada como uma situação completamente à parte do processo que se desenha neste capítulo, da inserção da governamentalidade neoliberal no âmbito das universidades. Ainda que a sua ênfase não esteja na aproximação da instituição com empresas do setor privado, também assimila os valores de mercado e da concorrência quanto se utiliza das “inovações metodológicas” e de pesquisa como instrumento de distinção, assim como precisa assumir o imperativo da empregabilidade e reforçar a dimensão instrumentalizadora da formação como forma de inserir-se no mercado competitivo da educação superior.

⁸¹ Se agências como a UN-HABITAT têm peso relativamente pequeno do ponto de vista do financiamento das pesquisas, isto não impede de considerar que sejam relevantes do ponto de vista ideológico, na construção de uma agenda de pesquisa da DPU.

4.2 Pesquisa Aplicada, Condutas e Contracondutas na Produção do Território

Em todos os projetos de colaboração analisados nesta Tese está presente, com ênfases variadas, a figura da pesquisa aplicada. Em documentos de referência do Banco Mundial sobre o estado da educação superior no mundo globalizado, autores apontam para a importância que ela vinha adquirindo, como forma de integração entre pesquisadores e, acima de tudo, entre a universidade e potenciais financiadores. Como costuma repetir-se nestes documentos, poucos são os que apontam problemas derivados dos conflitos de interesse entre patrocinadores das pesquisas e a autonomia universitária.

Os departamentos e seus prosélitos operadores acadêmicos se fazem valer do seu capital acumulado e da posição de que gozam no cenário global para estabelecer programas de colaboração internacional com instituições de outros países. Como se viu no capítulo anterior, o funcionamento e a moral das redes estrutura e orienta as práticas cotidianas nos processos de colaboração. O “impacto” global a que aspiram, e que utilizam como forma de sensibilizar outros agentes, ganha força através da relação que estabelecem com as virtudes da pesquisa aplicada. Tratando-se de um campo de reflexão crítica e propositiva, o Urbanismo mostra-se fértil para a inserção de professores, pesquisadores e estudantes interessados em adquirir experiência em atividades fora de seu país, acrescentando-as a seu portfólio de atividades, numa perspectiva promissora de enfrentar desafios urgentes sobre a urbanização em áreas precárias, com a perspectiva de transformação da realidade e melhorias não apenas no ambiente construído, como também na relação entre moradores e poder público.

Não sem excluem, a priori, nem as virtudes nem o potencial transformador dos projetos em análise. As atividades são elementos de uma ação estratégica, dispositivos da mesma governamentalidade neoliberal que precisa pôr em atividade os agentes envolvidos nos projetos de colaboração, incluindo-se aí os moradores que se associam a eles. Mesmo em uma posição declaradamente crítica, as universidades e a expertise dos pesquisadores correm o risco de fornecer a justificativa para a atuação do setor privado e do Estado, legitimando e conferindo autoridade à presença e ao poder dessas entidades em projetar e transformar o território. Esta mesma ação estratégica pode ser apropriada, no entanto, para a construção de *contracondutas*, não sob a forma tradicional de uma resistência, que se afirma pela negação e pelo afastamento, mas, antes, pela inserção nas estruturas de poder, compreendendo seu funcionamento para tentar reduzir as assimetrias.

Cumprido, agora, ajustar a leitura para o que foi desenvolvido nas colaborações que compõem os estudos de caso. Para cada um dos departamentos faz-se uma breve introdução, apresentando como a pesquisa aplicada se inseriu em suas atividades nos últimos dez anos, quais foram ou ainda são as premissas, para então passar a uma exposição sobre os casos que envolveram atividades no Brasil.

A *Harvard GSD* se faz valer de seu histórico institucional, para se apresentar como uma liderança na

pesquisa em projeto, com forte apelo para inovação e para a atuação em escala global. De fato, a unidade sempre contou, desde sua fundação, com a presença de arquitetos estrangeiros engajados em uma atuação que ia além dos limites territoriais dos Estados Unidos. Esta atuação não se fez sentir apenas em sentido acadêmico, mas também na realização, em suas dependências, de projetos para grandes equipamentos públicos, cidades novas, projetos de habitação e de melhorias urbanísticas, quase sempre apresentados, de forma vaga, como indícios de sua prática de realização de pesquisa em projeto. Para citar alguns dos exemplos mais conhecidos, destaque-se: nos anos 1950, a proposta do Plano Diretor para o *campus* da *Universidade de Bagdá*, no Iraque, coordenado por Walter Gropius desenvolvida no âmbito do escritório *The Architects Collaborative* (TAC); no começo dos anos 1960, a proposta executada para *Ciudad Guayana*, na Venezuela, coordenada por Josep Lluís Sert e outros arquitetos no âmbito do *MIT-Harvard for Joint Center for Urban Studies*; e no começo dos anos 2000, a *Quinta Monroy* em Iquique, no Chile, fruto da parceria da GSD com agências públicas de habitação chilenas e o coletivo Elemental, em projeto coordenado por Alejandro Aravena e Andrés Jacobelli. Note-se que todos os casos mencionados foram coordenados por professores estrangeiros que atuaram na GSD mesmo que, no caso de Aravena, em condição de professor visitante.

Na edição de 2013 do anuário *Platform*, encontra-se uma declaração de compromisso da instituição com o “imperativo planetário” da atuação de arquitetos e urbanistas. Os estúdios de projeto na GSD são considerados os “novos laboratórios” e discute-se bastante em termos da necessária interdisciplinaridade entre os departamentos da própria GSD e com outras disciplinas. Nesta mesma edição, um pequeno texto do professor Pierre Bélanger aponta para os desafios do ponto de vista pedagógico e da construção de novos conhecimentos. Os estúdios onde se dão as aulas de projeto são o lugar de construção de sínteses de trabalho e, pelo seu caráter aberto (numa referência ao espaço arquitetônico da GSD), serve como metáfora para o futuro desenvolvimento de uma “escola de urbanismo”:

O rompimento com a planta-baixa das instituições vai gerar, inevitavelmente, oficinas onde antes havia escritórios, cozinhas em salas de aula, laboratórios em bibliotecas, clubes em cafeterias e *think tanks* em escolas, nas quais as oficinas de ideias terão, como base, uma geração de novos modelos e o desaprendizado dos antigos, onde o campo se torna um lugar de experimentação de conceitos e aplicações, no sistema de aprendizagem aberta que é a nova escola de urbanismo do futuro.⁸² (BÉLANGER, 2013, p. XI)

⁸² Tradução livre do original: “The disruption of the floor plan of institutions will necessarily create workshops out of offices, kitchens out of classrooms, laboratories out of libraries, clubs out of cafeterias, and think tanks out of schools, where the workshoping of ideas will rely on a generation of new models and the unlearning of the old ones, where the field becomes a proving ground for concepts and applications, in the open-learning system that is the new school of urbanism of the future.” (BÉLANGER, 2013, p. XI)

Acompanha o contexto de criação da *Research Advancement Initiative*, na GSD, uma discussão em torno da importância da pesquisa aplicada, como uma atividade que permite estabelecer contato entre o conhecimento produzido na universidade e a realidade social. Ao menos nos casos analisados, esta leitura sobre a pesquisa aplicada vem associada à noção de “projeto como síntese”, como sendo capaz de articular diferentes disciplinas e agentes em torno de uma solução projetual.

O programa *The South America Project* foi criado como uma pesquisa aplicada transcontinental, reunindo pesquisadores de quase todos os países sul-americanos, reforçando o projeto – da escala da arquitetura ao território – como o elemento que levaria à síntese crítica das propostas alternativas ao IIRSA. Na mesa redonda que encerrava o Simpósio “Hinterland Urbanisms”, em 2011, quando foi lançado o programa de colaboração, os participantes foram questionados por Jorge Silveti sobre qual seria a metodologia do SAP, apontando para a falta de clareza com relação ao desenvolvimento das propostas coletivas e como seriam apresentadas aos representantes institucionais do IIRSA. Os projetos desenvolvidos em seu primeiro ciclo, entre 2011-2013, se configuraram como atividades quase estritamente acadêmicas, realizadas como oficinas de projeto envolvendo professores e estudantes de países diferentes, tendo como objeto alguma área que fizesse parte de grandes planos de infraestrutura para o subcontinente. A ver pelas postagens no *blog* que documenta os primeiros anos de trabalho, assim como nos principais livros resultantes das colaborações, a pesquisa aplicada é apenas mencionada como o caminho desenvolvido para os trabalhos. A premissa de sistematizar essas atividades de oficinas em um portfólio de *contraprojetos* a serem apresentadas ao IIRSA não se cumpriu e as formas de exposição dos resultados ao público se deram, basicamente, através de exposições, seminários acadêmicos e publicações.

Um dos subprojetos ainda dentro deste primeiro ciclo do SAP, no entanto, mereceu a atenção do cientista político Japhy Wilson, que acompanhou o processo delicado de um dos itens do portfólio do SAP, em que um dos participantes da rede, Santiago del Hierro, reuniu interesses em torno de uma proposta para a criação de um complexo logístico de rodovias e hidrovias que ligasse o porto de Manta, no Equador, a Manaus, no Brasil (WILSON, 2018a, 2018b). Em resumo, a proposta conseguiu congrega acadêmicos, políticos e empresários na viabilização das obras encontrando resistência de populações indígenas na região, tratadas sem o mesmo cuidado e interesse do que a perspectiva de trocas comerciais entre os dois países. Chegou-se a constituir uma força política entre os membros da população afetada, buscando a garantia de seus direitos, para um projeto que, por fim, foi abandonado.

O posicionamento de seus participantes com relação aos efeitos negativos de grandes projetos de infraestrutura sobre o território não é acompanhado, pelo que se pode ver nos produtos apresentados, de uma crítica sobre o projeto de Arquitetura e Urbanismo como um todo. Com uma perspectiva fortemente apoiada na autonomia disciplinar, as propostas são feitas a partir de uma visão distanciada,

sem interação direta com o território, muito menos com seus moradores e populações que poderiam ser afetadas. Critica-se, aqui, certa posição autocomplacente frente ao desafio do projeto, como se a simples participação dos acadêmicos fosse necessária para influenciar gestores e políticas numa condução mais justa, do ponto de vista ambiental e urbano, dos projetos de infraestrutura territorial. Nota-se, na verdade, muito mais disposição para o engajamento com possíveis financiadores dos projetos de pesquisa, sejam eles empresas, órgãos públicos e fundações.

Durante o período em que atuou como professor e pesquisador na GSD, Felipe Correa desenvolveu atividades no Brasil, Equador, México e Indonésia, sempre tratando de forma vaga e autoevidente a pesquisa aplicada. Deve-se destacar, no entanto, a construção de uma impressionante capacidade de Correa e dos estudantes em sintetizar, com muita rapidez, dados geográficos, econômicos e ambientais em cartografias com grande complexidade, na escala do território sul-americano. Esta pode ser apontada como uma das principais contribuições destas pesquisas, muito bem explorada. Entretanto, mesmo em uma leitura apressada dos livros produzidos por Correa, centrados em grandes cidades latino-americanas, fica evidente o forte desequilíbrio entre a abordagem histórica e crítica sobre os processos de urbanização destas cidades e a capacidade da equipes de professores e estudantes em produzir cartografias, gráficos e diagramas. Em síntese, dispõe-se de muitos dados e imagens para pouca análise.

Retomando o debate da “projetificação” da pesquisa e do ritmo acelerado entre desenvolvimento do projeto e divulgação dos resultados, os prejuízos são evidentes. A alta qualidade dos gráficos produzidos não compensa a falta de aprofundamento sobre os processos de urbanização das cidades analisadas. Mesmo o recurso utilizado frequentemente por Correa, de convidar outros especialistas, sejam eles membros ou não da equipe do projeto, para dar peso e legitimidade aos livros, não disfarça o limitado domínio sobre os casos analisados. Retomando o que foi apontado por Markus Miessen, em sua reflexão sobre as atividades de pesquisa no Berlage Institute, os livros de Correa que resultaram das atividades em São Paulo, na Cidade do México e em Quito são mais um produto bem embalado, a ser entregue no prazo estimado pelo contratante. Questiona-se a partir deste caso, mas poderia, certamente, ser válido para outros casos, o comprometimento do “desinteresse” da pesquisa pela demanda colocada pelo seu patrocinador⁸³.

Alguns dos livros publicados como resultado da rede SAP, entre 2013 e 2018, são representativos de uma atuação complacente entre universidade, Estado e potenciais investidores no desenvolvimento

⁸³ Esta aceleração que leva à publicação quase imediatamente a finalização dos estudos de pesquisa em projeto também leva a constrangedores problemas de falta de revisão e de tradução dos livros, ainda que se deva mencionar o cuidado em publicá-los em edições bilíngues.

urbano. Obras como “Una Línea en los Andes” e “São Paulo: Uma Biografia Gráfica” trazem, como contribuição, experimentações relevantes no que se refere à representação do projeto e na utilização de ferramentas gráficas para leitura do território, mas oferecem muito pouco dentro do repertório que já vem sendo construído pelas consultorias do planejamento estratégico. Ambos os livros mencionados foram desenvolvidos em estúdios optativos, com patrocínio externo, e em seminários de pesquisa na Harvard GSD. O estudo que levou à elaboração de uma proposta para uma linha de metrô na cidade de Quito demonstra ter sido desenvolvido com mais profundidade, chegando a apresentar propostas, ainda que esquemáticas, mais adequadas à realidade da cidade. A pesquisa sobre a cidade de São Paulo⁸⁴, financiada pela The Haddad Foundation, merece uma leitura mais atenta, a partir do livro que sintetiza a pesquisa. Neste caso, é flagrante a superficialidade da abordagem oferecida sobre a cidade de São Paulo, embora a pesquisa tenha sido ambiciosa em propor o livro como uma “primeira obra” sobre sua forma urbana. O subtítulo do livro – “uma biografia gráfica” – se cumpre apenas pelas qualidades visuais de alguns mapas e esquemas, pois a obra resulta em pouco mais do que um manual bem apresentado sobre como conduzir grandes obras de infraestrutura na capital paulista ou, o que parece mais complicado, um instrumento para o futuro da produção imobiliária deste território pelas construtoras, poder público e grandes empresários – aqueles que parecem ser o público-alvo do livro, pois estamos frente à mercantilização do trabalho acadêmico. A “biografia” que o livro supõe apresentar deixa de fora, sem muitas explicações, todo o histórico de ocupações informais, favelas, assim como planos e projetos de intervenção nessas áreas, que deveriam compor o repertório de qualquer especialista minimamente interessado na cidade. É de estranhar, portanto, como este livro, o seminário que marcou seu lançamento e a exposição subsequente tenham ganhado tantas avaliações positivas, mesmo de um crítico atento à produção contemporânea como Francesco Perrota-Bosch.

Uma leitura, por mais apressada, não pode se furtar de perceber que “São Paulo: uma biografia crítica” tem ao menos dois grandes problemas, recorrentes em muitos produtos que resultam de oficinas de projeto similares, com a participação de universidades estrangeiras, realizadas no *timing* da lógica de mercado, por agentes que não podem se envolver por muito tempo com o próprio objeto, à custa de não conseguir dar provas de sua leveza e capacidade de continuar movendo-se na rede. Um primeiro está na apresentação acrítica da coleta de dados – geográficos, históricos, sociais e mesmo da historiografia do campo urbanístico – e das soluções projetuais que são apontadas, quase todas bastante questionáveis. Como costuma acontecer em trabalhos de consultoria, as soluções apresentadas são mais ou menos as mesmas dos escritórios de consultoria urbana que trabalham com o Planejamento Estratégico, sem uma apreciação crítica nem ponderações sobre sua adequação à

⁸⁴ A última desenvolvida por Correa em Harvard, antes de assumir o posto de professor na The University of Virginia.

cidade em questão. No caso da pesquisa sobre São Paulo, as recomendações compreendem, entre outras, a liberação de áreas públicas para criação de espaços livres, a realização de estudos sobre o potencial construtivo na região central para exploração pelo mercado imobiliário e o incentivo às Parcerias Público Privadas (PPPs). Outro problema, tanto mais sério, está na negação da Habitação de Interesse Social, tratada apenas como habitação “acessível” ou de “baixo custo”, ou seja, como uma tradução improvisada para o termo “*affordable housing*”, instrumento de política urbana e habitacional bastante difundido nos países centrais, que diminui ou isenta completamente o Estado de responder pela provisão habitacional para as populações pobres.

O SAP foi lançado antes da criação do *Office for Urbanization* (OFU), estrutura da Harvard GSD que abriga um conjunto de atividades de “pesquisa aplicada” financiadas por grandes empresas e governos, incluindo-se aí o programa *Landscape as Urbanism in the Americas*. Uma das edições foi realizada em Brasília, em março de 2016. A conferência consistiu de apresentações de comunicações, conferências e mesas redondas, com a equipe de professores e pesquisadores da GSD e convidados nacionais, incluindo acadêmicos, gestores e profissionais. A ocasião da visita a Brasília também foi a oportunidade de pesquisadores em tentar firmar um acordo de cooperação entre a GSD, através do OFU, e o *Governo do Distrito Federal* (GDF) para que se desenvolvesse, junto à *Companhia de Planejamento do Distrito Federal* (Codeplan), uma cooperação técnica na área de “desenvolvimento urbano e design” (ARAÚJO, 2016). Vê-se aqui a dimensão da pesquisa aplicada como veículo para a captação de recursos, de construção de parcerias institucionais e financeiras, de ampliação da área de atuação de Harvard no globo (elemento-chave em um contexto de disputa no mercado do ensino superior) e a manutenção das colaborações entre Harvard e o subcontinente sul-americano (SILVETTI, 2011). A cooperação técnica buscada com o GDF estaria ligada ao grande tema *Data, Design and Decision* (Dados, Projeto e Decisão, em tradução livre) do OFU, e foi apresentada, como proposta, no dia 26 de março, mesma semana de realização da conferência, em uma reunião oficial com representantes do poder público do Distrito Federal. A cobertura da assessoria de imprensa permite entender o interesse de ambas as partes em firmar o acordo:

O planejamento territorial e o ordenamento do uso do solo foram temas de debate nesta sexta-feira (26) na *Residência Oficial de Águas Claras*. Um workshop reuniu representantes do governo de Brasília e especialistas em arquitetura e urbanismo da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. O encontro fortaleceu a ideia de uma proposta de cooperação técnica para desenvolvimento urbano e design no Distrito Federal.

Encarregada de produzir estudos sociais, econômicos, demográficos, cartográficos e ambientais, além de avaliar políticas públicas, a *Companhia de Planejamento do Distrito Federal* (Codeplan) entra com papel fundamental. “O projeto será baseado no uso de dados coletados por nossas equipes, somados

a tecnologias extremamente avançadas de desenho urbano”, destaca o presidente do órgão, Lucio Rennó. “O próximo passo é sedimentar essa ideia e buscar parcerias.”

De acordo com o professor Charles Waldheim, da universidade estadunidense, os dados existentes em relação a ordenamento territorial e ocupação do solo no DF são fundamentais para embasar o projeto. “Nosso objetivo é processar essas informações para serem usadas de maneira prática”, explica o acadêmico. (ARAUJO, 2016, grifos do autor)

A cooperação técnica, no entanto, acabou não sendo firmada por falta de recursos do GDF em financiar o projeto. Pode-se lamentar a perda de uma *oportunidade* – para usar um termo corrente – de compartilhar ideias e capacitar acadêmicos e funcionários públicos na área de planejamento, tendo como apoio a equipe e expertise na área de uma Escola conceituada e com a capacidade da GSD. Entretanto, cabe também questionar, por um lado, qual o sentido que o Estado encontra em disponibilizar dados sobre sua população e território a agentes externos, quais seriam os termos deste acordo, os direitos e restrições de utilização e divulgação das informações. Por outro lado, cabe também questionar a autoridade de que as universidades estrangeiras se investem para projetar a paisagem e participar da ordenação do território em todo o mundo⁸⁵.

Outro ponto a ser considerado é o necessário escrutínio sobre a qualidade e os interesses do que vem desenvolvendo o *Office for Urbanization*. Até o momento, o OFU finalizou projetos como: “A Sustainable Future for Exuma”, sobre desenvolvimento local e do turismo em uma região das Bahamas; duas edições de “Airfield Manual”, com uma abordagem mais geral sobre o reuso de aeroportos abandonados em todo o mundo e uma proposta para a cidade de Mendoza, na Argentina; e duas atividades na cidade de Miami, uma sobre o futuro da orla marítima em função das mudanças climáticas e outra sobre a construção de uma linha de metrô elevada. Estas pesquisas aplicadas em projeto são desenvolvidas e apresentadas como atividades de consultoria na área de desenvolvimento urbano. As atividades finalizadas até o momento resultaram em manuais, uma “caixa-de-ferramentas” e em relatórios consolidados de pesquisa que se estruturam, em sua maioria, em recomendações gerais para o desenvolvimento local, além da apresentação de prospecções futuras e de “cenários” com projetos urbanísticos e planos de massas para os locais estudados.

Com a melhor das intenções e os melhores recursos tecnológicos e humanos, a OFU parece ter realizado pouco mais além de, primeiro, formar potenciais consultores de Urbanismo e de Planejamento Urbano e Regional, ajustados às restrições conceituais e de tempo para o desenvolvimento das atividades; e,

⁸⁵ A realização de cursos, exposições, conferências e publicações sobre determinada área, por exemplo, permite que Harvard GSD se autodeclare como um “[...] centro global de conhecimento e inovação sobre o tema das paisagens de aeroportos. [...]” (OFFICE FOR URBANIZATION, 2017a).

segundo, acumular experiência em prospecção e abertura de mercados para estas consultorias. O “design” da “pesquisa aplicada em projeto” aparece como o instrumento com capacidade de dar síntese a diferentes áreas do conhecimento e de pacificação, muitas vezes através da formação de consenso, portanto, da suspensão de potenciais conflitos de ordem política. Duas experiências de pesquisa aplicada, desenvolvidas entre 2011-2013, costumam ser apontadas como marcos que definiram a criação do Escritório. Uma delas com propostas de cidades novas para a China, financiadas pela empresa de consultoria AECOM; e outra para o balneário conhecido como Exuma, nas Bahamas, já mencionado. Sobre a experiência nas Bahamas, Waldheim afirmou:

[...] De certa forma, é uma espécie de planejamento estratégico. [...] Entre outras coisas, produziu uma série de recomendações ao governo das Bahamas e uma série de fóruns públicos, portanto, toda uma variedade de engajamentos com a comunidade, comunicando-se com diferentes públicos, em alguns casos no formato de uma conferência tradicional ou em publicações. Em outros, produziu uma série de folhetos em formato de painel e uma série de instalações em centros comunitários para se comunicar com populações que, de outra forma, não estariam consumindo produtos de pesquisa da GSD.⁸⁶ (WALDHEIM e INGALLS, 2016)

Os últimos quinze anos também foram acompanhados por mudanças significativas na forma como a Columbia GSAPP estrutura suas atividades de pesquisa. Até final dos anos 1990, a pesquisa estava vinculada ao que se desenvolvia pelos professores permanentes, como se vê em uma edição do anuário *Abstract* de 1996-1997, quando a Escola contava apenas com dois centros de pesquisa: o *Buell Center*, dedicado a pesquisas sobre a arquitetura dos Estados Unidos, e um centro de estudos sobre arquitetura japonesa. Este quadro se altera significativamente a partir da década seguinte. Numa edição do *Abstract* de 2004-2005, havia 8 laboratórios ou unidades de pesquisa, metade do que registrou mais adiante, no *Abstract* de 2008-2009, quando se registraram 16 laboratórios, sem considerar, aqui, as sedes do Studio-X em Pequim e Amã, que tinham acabado de ser inauguradas. Entre 2013 e 2014, já ao final da gestão de Wigley, a Escola contava com 14 laboratórios, centros e iniciativas de pesquisa, somados a oito sedes do Studio-X em grandes metrópoles globais, período em que o programa teve sua maior expansão. Parte do projeto acadêmico de Wigley tinha como perspectiva diminuir a centralidade da sede da GSAPP em Nova Iorque e incentivar uma maior prática colaborativa a partir dos Studio-X, com o apoio dos *Columbia Global Centers*.

⁸⁶ Tradução livre do original: “[...] This is in a way a kind of strategic planning. [...] Among other things, it produced a series of recommendations to the Bahamian government and a series of public fora, so a whole variety of community engagements communicating with different audiences, in some cases the traditional conference format or publication. In other contexts, it produced a series of broad page leaflets, and a series of installations in community centers, to communicate to populations that might not otherwise be consuming research products of the GSD.” (WALDHEIM e INGALLS, 2016)

Se com Wigley a GSAPP tendeu a “explodir” a centralidade da sede em Nova Iorque, impulsionando a atuação global da instituição, desde a gestão de Amale Andraos, a postura tende a ser de retomar um pouco mais a centralidade. Andraos entende o Studio-X como uma “infraestrutura” que permite a realização das pesquisas e a difusão do conhecimento, (ANDRAOS e STUDEBAKER, 2014) e não demonstrava grande interesse em continuar expandindo as sedes globais, a ver por uma entrevista concedida pouco antes de assumir a direção da GSAPP:

AA [Amale Andraos]: Sabe, expansão é a doença do nosso tempo. Eu quero pôr foco às coisas. [...] Eu penso nele como um Studio-X versão 2.0. É interessante porque Mark, nos primeiros cinco anos, estava realmente focado em melhorar o Avery Hall, já nos últimos cinco anos ele entendeu que todos estávamos abordando o contexto global como turistas, que deveríamos questionar e explodir o centro, então ele construiu uma infraestrutura para fazer isso. As pessoas esquecem os primeiros cinco anos. O que foi algo ótimo, porque agora eu posso dar foco, novamente, às coisas e integrar o que aprendemos. [...].⁸⁷ (ANDRAOS apud ANDRAOS e STUDEBRAK, 2014, p. 106)

O Studio-X se mantém ainda hoje, na estrutura da GSAPP, como um local que dá apoio às atividades da Columbia fora do país sede. Apesar de não terem se consolidado como centros de desenvolvimento de pesquisa, impulsionaram a atuação de alguns de seus membros e levaram, por exemplo, à criação de núcleos de pesquisa na própria sede da GSAPP, a exemplo do Africa Lab. Perde um pouco de sua ênfase, quando deixa de ser o grande elemento de atuação global e passa a constar como uma dentre as atividades em que a escola se faz presente no globo. Isto não significa, portanto, que a nova gestão tenha diminuído sua perspectiva de atuação global.

Também não foi diminuída a ênfase em tratar da pesquisa aplicada como forma de gerar produtos e técnicas novos, associada a parcerias com empresas e indústria. Em sua maioria, estas atividades que associam pesquisa a inovação tecnológica estão sediadas em Nova Iorque, o que reforça o interesse apontado por Andraos, de recuperar um pouco a centralidade da sede da GSAPP nos Estados Unidos. Ganham, no entanto, desde 2015, um caráter mais empresarial e voltado ao empreendedorismo se comparadas às experimentações teóricas e metodológicas da gestão anterior. Durante a gestão de Andraos foi criada a *GSAPP Incubator* (Incubadora GSAPP, em tradução livre), instalada no centro de Manhattan, em parceria com o *New Museum*, de Nova Iorque. Foi criada como um centro de aproximação entre a academia e a prática profissional, como incentivo a realização de atividades

⁸⁷ Tradução livre do original: “AA [Amale Andraos]: You know, expansion is the sickness of our time. I want to focus things. [...] I think of it as Studio-X version 2.0. It’s interesting because Mark, in his first five years, really focused on improving Avery Hall, and in his last five years he decided that we were all approaching the global context like tourists and that we should question and explode the center, so he built an infrastructure to do that. People forget the first five years. Which is great, because now I can refocus things a little bit and integrate what we have learned. [...]” (ANDRAOS apud ANDRAOS e STUDEBRAK, 2014, p. 106)

colaborativas, ligadas à economia criativa e que estimulam o empreendedorismo dos estudantes e recém-formados. A leitura que se delineia com esta pesquisa não poderia estar mais bem representada do que na proposta desta Incubadora, quando se vê a assimilação plena da lógica da Universidade por Projetos como modo de funcionamento do mundo conexionsita:

[...] [A Incubadora] combina um ambiente profissional e uma cultura de empreendedorismo com a energia criativa comum e o discurso rigoroso com os quais os estudantes convivem durante seu período no GSAPP. O programa expande o território entre a academia e a profissão e permite que seus membros compartilhem experiências e habilidades enquanto constroem suas redes profissionais e se conectam a questões críticas de Nova York e de outros lugares.⁸⁸ (COLUMBIA UNIVERSITY GSAPP, 2019, p. 3)

Dando atenção ao caso do Studio-X Rio, qualquer leitura mais geral encontra dificuldades em tentar sistematizar o que foi realizado ao longo de sete anos de funcionamento do centro cultural, com algumas centenas de atividades as mais distintas, predominando aquelas ligadas ao circuito de eventos com exposições, palestras, debates, mesas redondas, lançamentos de livros e outras mídias, além de ter sediado algumas oficinas de projeto. Algumas oficinas e parcerias com estúdios de projeto da GSAPP estiveram relacionadas à pesquisa aplicada, mas sem a mesma ênfase que se viu nos casos de Harvard ou mesmo nos laboratórios da Escola em Nova Iorque. Não deixam ser importantes para se avaliar a dimensão da “conduta” na produção do território, uma vez que estiveram diretamente vinculadas a grandes empresas e órgãos públicos, sobretudo nos primeiros anos de funcionamento do Studio-X Rio até a realização da Copa do Mundo (2014) e das Olimpíadas no Rio de Janeiro (2016). A maior “parceria” se deu com a Prefeitura do Rio de Janeiro, responsável pela instalação e manutenção do Centro Cultural e por um ano e meio de aluguel do *Columbia Global Center* no Rio de Janeiro, na região do Centro, o que mostra seu interesse (e o de Eduardo Paes, então prefeito) em investir no capital cultural e social das universidades estrangeiras como forma de ganhar legitimidade junto à comunidade internacional.

Colaboraram ainda, nos primeiros anos de atividades do Studio-X Rio, a Fundação Roberto Marinho e o instituto EBX, do empresário Eike Batista, na realização de debates, exposições, e em uma das edições do *Studio Sangue Bom*, estúdio de projeto da GSAPP, coordenado pelos professores Raul Corrêa-Smith e Keith Kasemann. Em seis anos de funcionamento, uma das parcerias mais duradouras se deu com a ONG *Instituto de Políticas de Transporte & Desenvolvimento* (ITDP), com a qual foi desenvolvido um plano de ciclovias para a cidade do Rio de Janeiro. Outros apoios vieram de universidades e instituições

⁸⁸ Tradução livre do original: “[...] [The Incubator] blends a professional setting and a culture of entrepreneurship with the communal creative energy and rigorous discourse experienced by students during their time at GSAPP. The program expands the territory between academia and the profession, and it allows members to share experiences and skills while building their professional networks and connecting to critical issues in New York and beyond.”. (COLUMBIA UNIVERSITY GSAPP, 2019, p. 3)

culturais locais, que participaram da programação de atividades do centro, sob a coordenação de Pedro Rivera e Priscila Coli.

O Studio-X Rio seguiu, bem de perto, a estratégia ambiciosa e bem articulada dada por Wigley ao longo de sua gestão como diretor da GSAPP, abrindo-se tanto para o capital privado quanto para o poder público, conseguindo assim manter a sede no Rio de Janeiro, ao longo de seu funcionamento, como um lugar aberto a “novas formas de diálogo”, que incluíram, entre palestrantes e expositores, representantes dos movimentos sociais de luta por moradia, ONGs, estudantes, pesquisadores e professores de outras universidades. Se, por um lado, o Studio-X Rio serviu como lugar de apresentação das obras e projetos do poder público para a cidade do Rio de Janeiro, em meio a dois grandes eventos esportivos e mediante a hipervalorização do mercado imobiliário, também foi, eventualmente, espaço de reflexão crítica e aberto à voz das populações diretamente afetadas por estas grandes obras. Representa um pouco da conhecida pretensão “diplomática” da GSAPP.

Esta diplomacia, no entanto, não chegou a ter qualquer efeito sobre os desdobramentos políticos no campo urbano da capital fluminense. No encontro que marcou a inauguração do *Columbia Global Center Rio* em 2013, portanto dois anos depois de iniciadas oficialmente as atividades do Studio-X na cidade, reuniram-se membros da Prefeitura do Rio e da *Columbia University* para rodas de conversa sob o título “Columbia Global Debates”. Uma delas mostra-se importante para refletir sobre estas limitações. Com o título “Generosity by Design” (Generosidade através do Projeto, em tradução livre), Wigley apresenta os desafios do planejamento urbano para o futuro das próximas gerações, reforçando a importância das cidades como “máquinas de generosidade”, lugares de trocas, de memórias e do inesperado, centrando sua fala em alguns momentos sobre a região do Porto do Rio de Janeiro. A centralidade que a cidade adquire naquele momento, para Wigley, não deveria implicar um novo ciclo de colonização. Ao contrário, seu discurso parece ser bastante dirigido para o então Prefeito do Rio, Eduardo Paes, sobretudo quando Wigley repete o receituário do planejamento estratégico destacando que, hoje em dia, os prefeitos chegam a ser mais importantes do que os presidentes e são os responsáveis, portanto, em coordenar este futuro das cidades, baseados nos valores indicados no começo de sua exposição. Logo na sequência, Paes também fez uma exposição, apresentando os desafios do planejamento do Rio de Janeiro, centrado nas obras do Porto Maravilha. O debate entre os dois palestrantes, pelo relato de um dos correspondentes do *blog RioOnWatch*, não foi dos mais construtivos:

A crítica central de Wigley a Paes é que ele não está priorizando a habitação acessível [*sic*] em seus planos de renovação da cidade. “Moradia acessível é a chave para reduzir a linha óbvia entre aqueles que têm e aqueles que não têm”, afirmou Wigley, que disse também ter imaginado uma zona portuária integrada

com habitação mista que ligasse a primeira favela do Brasil, a Providência, com o porto. Durante sua apresentação, o prefeito foi enfático em dizer que nenhum dinheiro público seria gasto com a reforma do porto, e que o projeto seria totalmente financiado pelo setor privado. Wigley sugeriu que o prefeito reconsiderasse esta abordagem e gaste o dinheiro público especificamente para implementação de um projeto de habitação acessível. (CAMERON, 2013)

Com relação às atividades desenvolvidas no intercâmbio entre UFBA e UCL, essas se assemelham ao que a própria *University College London* e outras universidades desenvolvem tradicionalmente como cursos de verão (*Summer Schools*), um modelo de atuação especialmente caro à The Bartlett⁸⁹ e que se incorpora às atividades da DPU desde 2011. Em geral, as atividades não precisam de apoio financeiro complementar, como é o caso do estudo de caso apresentado, por se tratar de um componente cujo custo está incluído nas inscrições ou anuidades dos estudantes nos programas de *Master*.

As atividades de intercâmbio, da parte da equipe da UCL, acontecem como atividade de campo de um módulo prático da disciplina *Social Development in Practice* (Desenvolvimento Social na Prática, em tradução livre), instituída desde 2005, como componente obrigatório de todos os programas de *Master* da DPU (LEVY, 2014). Embora não seja algo claramente definido, também se desenvolve como atividade aplicada do conjunto de teorias sobre a prática do desenvolvimento social no campo do Planejamento, compreendidas nos primeiros meses da disciplina. Na introdução do relatório do primeiro ano de atividades, estabelece-se um marco teórico mais amplo, de discussões em torno do direito à cidade, em que as atividades do grupo de pesquisa *Lugar Comum* são apresentadas como “pesquisa-ação”:

Neste contexto mais amplo, a nossa pesquisa-ação foi construída a partir de problematizações e pesquisas já desenvolvidas pelo Lugar Comum, as quais centraram-se e tiveram como ponto de partida a reutilização e reabilitação de edifícios desocupados, com o objetivo de reforçar formas coletivas e solidárias de produção econômica de algumas áreas pobres em Salvador, na busca de uma cidade mais justa e democrática. [...]

Algum afastamento talvez ainda seja necessário, dado que esta foi a única experiência analisada com a qual o autor da Tese se envolveu diretamente. Por ora, as reflexões da pesquisa levam a considerar que a experiência do *Intercâmbio Cidade Comum* se mostrou relevante por garantir espaço mais livre para o enfretamento crítico, para a constituição de pautas mais abertas, menos instrumentalizadas por

⁸⁹ Credita-se à Bartlett as primeiras experiências com *Summer Schools* voltadas tanto para cursos de Arquitetura, no começo dos anos 1970 (em parceria com a Architectural Association, então dirigida por Alvin Boyarsky), quanto para os estudos urbanos e do ambiente construído, na organização das 17 edições da *Bartlett International Summer School* (BISS), iniciadas em 1979 (MARICATO, 2011). Tanto a Bartlett quanto a AA aspiravam a um alcance internacional e se fazem valer ainda hoje desse marco histórico para marcar sua distinção. O interesse de ambas as instituições pela “Arquitetura Tropical” e pelo então chamado “Terceiro Mundo” está na origem do que viria a se tornar, mais tarde, o Development Planning Unit (DPU) da Bartlett School (WAKELY, 1983; WAKELY, LEVY e YEP, 2014).

agentes financiadores e mais aberta a uma construção, de fato, coletiva, onde os moradores e outros agentes mais vulneráveis não fossem tratados como “objeto de estudo” ou de investigação. Este, provavelmente, um dos motivos que mais geraram conflito na integração das equipes mistas de estudantes da UFBA e da UCL. Com a tarefa de regressar à capital inglesa e produzir relatórios e apresentações dos resultados em um prazo de duas semanas, alguns dos estudantes da UCL deixavam entrever uma ansiedade pela confirmação das hipóteses que traziam desde a preparação da viagem, especialmente quando pareciam direcionar as entrevistas com os moradores para que se tratasse apenas dos temas que lhes dessem “evidências” para seus trabalhos finais.

Talvez o maior esforço em desfazer assimetrias tenha sido o da construção, no último ano, das *Rodas de Conversa* entre lideranças comunitárias e representantes do poder público, com a mediação de professores, pesquisadores e estudantes da UFBA e da UCL. Consideram-se, aqui, ao menos três aspectos: a decisão por realizar as Rodas nos territórios das próprias comunidades, o protagonismo que assumem na elaboração e na condução dos debates e das negociações; e um terceiro, como consequência dos anteriores, estas lideranças se afirmam e requisitam às instituições públicas que as vejam como sujeitos de direito, forçando ainda os representantes a reconhecê-las organizadas coletivamente, e não no papel ao qual as autoridades costumam atribuí-las, marginalizadas e fragmentadas no tecido social da cidade.

4.3 Pesquisa como Atividade e Pesquisa-Ação

Como apontado por Carlos Vainer, grandes universidades estrangeiras e conferências internacionais tornaram-se lugar de seleção e disseminação das “boas práticas”, entendidas como guias gerais do planejamento, assim como o lugar da formação dos consultores internacionais, que vêm ganhando papel ainda mais forte nas localidades onde se concentram grandes recursos.

Today, this is the context and framework in which most university researchers and urban planners design and carry out their research and organize projects in the south. North American universities, for example, dedicated to training planners have developed ‘international studies’ that prepare consultants who will be the bearers of ‘development aid’, the peddlers of models and ‘best practices’ from the north. (VAINER, 2014, p. 51)

As reflexões deste capítulo permitem discutir uma distinção entre “atividade” e “ação”, a partir da obra de Ana Clara Torres Ribeiro. De acordo com a autora, atualmente, pesam sobre os estudos urbanos, como um todo, o apelo aos consensos, à produção de imagens impactantes, assim como o poder do pensamento operacional e pragmático, “[...] que desaconselha investimentos intelectuais de maior

duração”. (RIBEIRO, 2012, p. 58) Mesmo as propostas mais progressistas nos estudos urbanos não resistiriam a uma análise mais minuciosa, que mostraria, facilmente, como elas também se enquadram nas estruturas da formação atual do capitalismo. Ainda segundo Ribeiro, tais propostas, supostamente críticas, não fazem mais do que manter os processos de exploração em seu lugar, mesmo – ou principalmente – quando os desloca fragilmente – tornando-se, neste caso, instrumentais à “nova forma do capital”:

A nova forma do capital é informacional e cognitiva. Este capitalismo apóia-se em pesquisa focada, informação estratégica e raciocínio especulativo e, em síntese, nas condições gerais da produção que correspondem à hegemonia do capital financeiro. Os desígnios desta fração do capital atravessam muros físicos e simbólicos e, ainda, ambientes favoráveis ou adversos, descobrindo renovadas fontes de lucro e propiciando a concentração da riqueza. [...] (RIBEIRO, 2009, p. 61)

A crítica de Ribeiro soma-se, de algum modo, ao debate lançado por Bourdieu e Wacquant, no ensaio sobre as “artimanhas da razão imperialista”, que impelem a uma tomada de posição com relação à circulação internacional de ideias e serve a esta pesquisa como forma de abordar, criticamente, os projetos de colaboração internacional no campo do Urbanismo. Uma primeira visada, sem as sutilezas de cada situação, dá a entender que a “cidade informal”, as transformações em megacidades por conta de Grandes Projetos Urbanos e os projetos na escala do território foram objeto de investigação das colaborações analisadas e resultam, em alguns casos, na proposição teórica e prática de urbanismos alternativos ou mesmo “radicais”. Como resultado do processo de aprendizagem e de trocas culturais, estas propostas funcionam, em larga medida, como uma oferta de medicina paliativa em cenário de dominação cultural que aprendeu, em seu estágio mais recente, a acomodar a diferença do Sul Global para, logo em seguida, devolvê-las a este mesmo território sob a forma de pesquisa aplicada, consultoria, exposições e muitas oficinas de projeto. Para Bourdieu e Wacquant:

[...] Com efeito, o imperialismo cultural (americano ou outro), há de se impor sempre melhor quando é servido por intelectuais progressistas (ou “de cor”, no caso da desigualdade racial), pouco suspeitos, aparentemente, de promover os interesses hegemônicos de um país contra o qual esgrimem com a arma da crítica social. [...] (BOURDIEU e WACQUANT, 1998, p. 30)

A atenção ao contexto em que as ideias foram discutidas, no entanto, deve fazer sobressair as sutilezas da realidade empírica. Esta tarefa não se mostra nada fácil, pelo que se deixou entrever ao longo desta exposição, dada a corrente sobrecarga de imagens e, pelo que se viu no capítulo anterior, pela imposição de leveza – na prática e no pensamento – para não se ver excluído das redes de pesquisa e atuação na vida profissional. Retomando Ana Clara Torres Ribeiro, a complexidade da atuação nos estudos urbanos contemporâneos dificulta até mesmo reconhecer a diferença entre um conceito

teoricamente consistente de outro, que não passa de um termo operacional. (RIBEIRO, 2009, p. 62)

[...] [R]etornando ao diálogo entre sociologia e urbanismo, destaca-se, pelas características do presente a diferença entre atividade e ação. A atividade reitera o que já existe, a percepção funcionalista do mundo, enquanto a ação descobre o que ainda não existe. Só há potencial libertário na ação e, não, na atividade. Frequentemente, essa diferença, que é sutil na vida cotidiana, não é reconhecida, fazendo com que o simples fato de se estar envolvido em múltiplas atividades seja tomado como sinônimo de autonomia do sujeito social. No entanto, a ativação da sociedade, possibilitada pelas novas tecnologias, cria um afã cego por mais atividade e mais consumo, que pode adiar a conquista de formas realmente libertárias de concepção do espaço urbano (RIBEIRO, 2009, p. 62)

Aproxima-se, assim, de uma possível constituição da crítica, a partir de Boltanski e Chiapello, que passaria por questionar a autenticidade das relações estabelecidas nos ambientes de trabalho. Não se pretende, com isso, lançar qualquer tipo de suspeita sobre agentes como os professores e pesquisadores internacionais, mas, antes, sobre o que se produz, coletivamente, como projeto de colaboração; sobre as reais possibilidades de transformação social a partir do que se vem desenvolvendo como pesquisa aplicada; e sobre os acordos firmados, que devem considerar a formação de compromissos mais duradouros e prever a continuidade das atividades. Na Universidade por Projetos, sob o regime do capitalismo acadêmico, a descontinuidade das atividades de pesquisa torna cada vez mais difícil incentivar a “[...] construção de uma comunidade no seio da qual possam coordenar-se ações diversas de modo harmonioso.” (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 433) Não chega a espantar, neste ponto da reflexão, que foi difícil encontrar, nos diferentes programas de colaboração, uma perspectiva de contribuição efetiva para a diminuição das assimetrias sociais, nem mesmo das assimetrias dentro do campo acadêmico, que possa ser construída na longa duração.

CONCLUSÕES



Bandeira Ocidental na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia (FAUUFBA). Rua Caetano Moura, Salvador, Brasil.

O edifício é obra do arquiteto Diógenes Rebouças, construído para sediar a FAUFBA em 1969

[...] O conhecimento de outros lugares, mesmo superficial e incompleto, aguça a curiosidade. Ele é certamente um subproduto de uma informação geral enviesada, mas, se for ajudado por um conhecimento sistêmico do acontecer global, autoriza a visão da história como uma situação e um processo, ambos críticos. Depois, o problema crucial é: como passar de uma situação crítica a uma visão crítica – e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência. Para isso, é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para subsistir e resistir para poder pensar o futuro. Então a existência é produtora de sua própria pedagogia.

Milton Santos

Por uma Outra Globalização: do Pensamento Único à Consciência Universal, 2006 [2000].

A reflexão de Milton Santos convida a considerar as potencialidades que a globalização oferece, mesmo quando elas se mostram superficiais e incompletas, dada a aceleração do fluxo de imagens e do tempo. Não se trata de uma proposição a viver as possibilidades de interação com o mundo como um fim em si mesma, mas auxiliadas pela construção de uma visão crítica que potencializa esta mesma experiência. Sugerem a promoção de um encontro entre razão e emoção como forma de produção do conhecimento. A mesma relação pode ser encontrada em Boltanski e Chiapello, quando consideram que toda formulação crítica, num primeiro momento, dá-se pela indignação ou queixa, gerada por uma experiência desagradável, vivida pelo próprio sujeito ou por sua capacidade de se comover pela sorte de outrem. Para que não se limite a ser um “espetáculo do sofrimento”, essa relação precisa vir articulada a um respaldo teórico e expressar-se por meio de uma retórica argumentativa que lhe deem sentido, passando-se assim da experiência vivida individualmente para os termos de um questionamento para uma comunidade maior de interlocutores, aspirando ao bem comum. (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009, p. 72) Isto não significa adiar o momento da crítica, afinal sua condição de existência está dada pela urgência do presente. (SORKIN, 2014)

As questões postas por esta pesquisa partiram da observação de que muitas universidades estrangeiras, que costumam figurar entre as mais prestigiadas no campo da Arquitetura e do Urbanismo, haviam aumentado a frequência de sua participação no Brasil através de diferentes formas de colaboração acadêmica, realizando um número expressivo de oficinas de projeto pontuais, atividades de projeto dentro de componentes curriculares, consultorias, pesquisas e exposições. Impressionava, naquele primeiro momento, como uma presença expressiva destas instituições em lugares de grande visibilidade não tivesse gerado um debate mais amplo sobre esta atuação, permanecendo toda repercussão limitada a comentários, sem uma reflexão sobre suas potencialidades.

Estas atividades assinalavam para um renovado interesse, ao final dos anos 2000, sobre as formas de urbanização de países periféricos e os desafios por eles impostos em sua compreensão, crítica, elaboração de estratégias de projeto urbanístico e de planos urbanos e de ordenamento territorial. O desenvolvimento da pesquisa mostrou-se tratar de uma complexa rede de pesquisadores, profissionais e acadêmicos que desenvolvem projetos de pesquisa no campo dos estudos urbanos em escala transnacional. Surpreendem não somente o volume de atividades desenvolvidas, mas, sobretudo, sua transitoriedade e a intensa mobilidade acadêmica a elas associadas, assim como a labilidade de instituições e setores produtivos envolvidos.

Assim, construiu-se o problema de pesquisa sobre o qual esta tese se debruçou, questionando o modo em que eram realizadas essas colaborações, do ponto de vista de sua organização institucional, e as razões atribuídas aos agentes a se envolverem nelas. Desta forma, acredita-se, seria possível avaliar quais seriam as contribuições apresentadas ao campo do Urbanismo e ao debate mais amplo sobre a formação acadêmica e profissional. As reflexões de Luc Boltanski junto a Ève Chiapello (2009; 2011) e a Laurent Thévenot (1991; 2006) se mostraram importantes para entendê-las como parte de um processo mais vasto, de profundas alterações na esfera do trabalho e da formação das subjetividades, como uma nova regulação da ação social em situações de disputa. A uma condição de como se dão as relações no mundo acadêmico, especialmente no que se refere às atividades de pesquisa, criou-se a expressão “Universidade por Projetos”, numa referência à “*Cité por Projetos*” esboçada no livro “*O Novo Espírito do Capitalismo*”, obra que também ajudou a estabelecer elementos para uma crítica às transformações, observadas nos estudos de caso. Sem qualquer pretensão de dar o debate por encerrado, acreditamos que as conclusões a que se chega, com esta pesquisa, poderão ser expandidas, levadas como referência para entender atividades semelhantes, ao menos dentro dos campos da Arquitetura, Urbanismo e Planejamento Urbano e Regional.

No primeiro capítulo, “A Universidade em Trânsito”, compreendeu-se como estes projetos de colaboração se inserem num contexto mais amplo da internacionalização da educação superior. Muito embora não se esteja tratando de situações de oferta de ensino em solo estrangeiro, mas, antes, processos de colaboração institucional com instituições universitárias, entende-se que elas ocorrem em função de contexto favorável ao maior e mais facilitado fluxo de pessoas, investimentos e mesmo das universidades de grande porte em escala transnacional. No âmbito da educação superior, significou: maior intensificação de trocas acadêmicas e aumento também, substancial, de um mercado consumidor. A diminuição do Estado como principal fomentador da educação superior, mesmo em grandes universidades privadas dos Estados Unidos, levou a uma maior aproximação entre financiamento externo e as atividades de pesquisa e de ensino das universidades.

Viu-se que os debates sobre processos de internacionalização podem ser recuperados desde, pelo menos, os anos 1990, e que, desde as duas últimas décadas, vêm acompanhados por um processo cada vez maior de exploração de mercados estrangeiros: seja com finalidades estritamente lucrativas, seja, como foi o caso desta pesquisa, de busca por fontes de financiamento, de disputa por posições favoráveis em ranqueamentos e por distinção acadêmica. A internacionalização da educação superior implicou, em alguns casos, uma maior presença física das universidades estrangeiras a partir da criação de *campi* como filiais em solo estrangeiro. Este não foi o caso do Brasil, onde a presença delas seguiu o caminho mais tradicional das parceiras acadêmicas, como no caso da University College London com a Universidade Federal da Bahia. Outra estratégia, vista no caso de Harvard University e da Columbia University, levou à criação de escritórios locais que dão apoio às pesquisas desenvolvidas e servem como meio de captação de apoio institucional e recursos financeiros de empresas e do poder público. No caso da Columbia University acrescentou-se, ainda, a criação de um centro cultural no Rio de Janeiro, nos moldes de um *think tank*, como ativador de debates sobre a cidade.

Em “Colaborações Acadêmicas na Universidade por Projetos” foi possível estabelecer, através das categorias das *Cités* – tanto as elaboradas por Boltanski e Laurent Thévenot em “De la Justification” quanto os acréscimos de Boltanski e Chiapello – alguns dos principais elementos que permitem caracterizar as atividades de colaboração, suas premissas, bem como apontar para questões críticas que permanecem como desafios a serem enfrentados. As colaborações são entendidas como projetos, dispositivos transitórios que dão ensejo a novos projetos, em um círculo virtuoso e vicioso que favorece a ampla participação e inserção em redes de pesquisa, à medida em que impede maiores investimentos intelectuais e a consolidação de redes de solidariedade. As atividades são desenvolvidas com um tempo acelerado e marcado pelos financiamentos de curto prazo, não devendo gerar o compromisso entre os envolvidos: Professores e pesquisadores como consultores e empreendedores.

No último capítulo, intitulado “A Pesquisa Acadêmica em Urbanismo como Dispositivo da Governamentalidade Neoliberal”, voltou-se a atenção para os departamentos que acolheram o desenvolvimento das atividades de colaboração. A partir do debate lançado por Pierre Dardot e Christian Laval sobre a governamentalidade, isto é: a emergência de uma nova racionalidade típica do neoliberalismo, que implica a incorporação empreendedorismo como atributo do “capital humano”, sendo essa racionalidade assimilada pelas universidades. Estas componentes puderam ser percebidas com mais clareza na forma como os departamentos relacionados aos estudos de caso – GSD (Harvard), GSAPP (Columbia) e DPU (UCL) – reestruturaram, nos últimos anos, sua lógica de financiamento das pesquisas. As questões da “inovação” e do “impacto social” ou global dissimulam a forma como as unidades assimilaram a governamentalidade neoliberal, observada no estímulo ao desenvolvimento de

pesquisa aplicada. A avaliação dos estudos de caso levou ainda ao questionamento, considerando as contribuições de Ana Clara Torres Ribeiro, sobre o que se desenvolve como pesquisa nas universidades estrangeiras, que se apresentam mais como “atividades”, sem poder de alterar as condições sociais nem muito menos, de empreender uma “ação” transformadora.

Não se percebeu, ainda, uma diminuição significativa no fluxo de pesquisadores e instituições no Brasil, mesmo depois da crise provocada pela diminuição da euforia em relação às *commodities* e findos os grandes eventos esportivos. Para além disso, e talvez ainda mais importante, mudanças estruturantes em curso para as universidades públicas brasileiras, sinalizadas pelo programa *Future-se*, indicam a necessidade de seguir o debate, buscando maior aproximação com outros campos disciplinares. A pesquisa mostra a urgência de aprofundar investigação sobre colaborações acadêmicas, sugerindo a ampliação do universo empírico, mais precisão com relação ao escrutínio dos agentes envolvidos, além de um posicionamento mais combativo frente ao modo como a condição de instituição pública da universidade vem sendo ameaçada.

O tempo exíguo para a realização das atividades de campo foi dos questionamentos mais recorrentes ao longo dos quatro anos de atividades no *Intercâmbio Cidade Comum*. Levantava-se a suspeita sobre que aprendizados efetivos poderiam ser construídos, na perspectiva da formação dos estudantes que participaram da experiência, dado que as atividades integradoras entre as equipes se realizavam apenas ao longo de duas semanas. O curto período foi apontado, regularmente, como um elemento que impossibilitaria a imersão qualificada junto às lideranças, a outros moradores e à complexidade da organização territorial nas localidades estudadas em Salvador, o que ainda incluiria, certamente, estudar sua legislação e cultura urbanísticas.

Na epígrafe desta seção da Tese, o texto de Milton Santos oferece uma perspectiva que ajuda a entender a potencialidade de atividades como as estudadas, mesmo em sua aparente superficialidade. Mesmo atividades pontuais “aguçam” a curiosidade sobre o tema da urbanização, em territórios marcados pela invisibilidade e pela marginalização para, então, em contato com os praticantes dessa cidade, conhecer a produção desses urbanismos dito “informais” realizados no viver a cidade que são silenciados na historiografia e para os quais não se costuma reservar o espaço justo nas políticas urbanas. Esta é uma primeira consideração sobre os benefícios das colaborações, que se desdobra, ainda, no argumento com o qual professores da DPU costumavam responder ao referido questionamento. As atividades sensibilizam estudantes que, diferentemente dos pesquisadores envolvidos, estão tendo um primeiro contato com o tema, algumas vezes como parte das obrigações curriculares e que, mais adiante, poderão assumir cargos de decisão e prosseguir neste campo de

atuação.

Outros aspectos relevantes ainda podem ser mencionados. A experiência do deslocamento geográfico, muitas vezes, é o componente necessário para se entenda melhor a própria realidade no país de origem. Retomando a exposição de Bourdieu sobre as condições sociais da circulação internacional de ideias, é muitas vezes por estar fora de seu contexto original, distanciado dos constrangimentos de determinada cultura local, que se podem fazer críticas mais livres a um autor ou obra, impossíveis em seu lugar de produção, dado o capital simbólico acumulado. À conclusão semelhante chega Joan Ockman (2005; 2014) e Stan Allen (2012), ao refletirem sobre as motivações que estimulam estudantes de todo o mundo a estudar nos Estados Unidos: nem tanto para interagir com a cultura local ou com as instalações e programas de eventos das universidades, e mais pela experiência do distanciamento crítico e a ampliação de circulação por outros territórios.

Destaca-se também que a realização das atividades internacionais intensifica o trânsito de ideias. Por mais que as comunicações permitam o conhecimento quase imediato da produção acadêmica e profissional, atividades de colaboração como intercâmbios, conferências ou qualquer tipo de atividade promotora do encontro dos diferentes fazem os “textos” circularem com seus “contextos”. Outro aspecto relevante, observado nos estudos de caso, está na publicação de obras bilíngues, que permitem o trânsito de ideias a um público mais amplo.

Um último aspecto, mencionado por muitos interlocutores, é o adensamento e a expansão das redes de pesquisadores, nem sempre perceptível ao fim de cada atividade. Por isso mesmo, reforça uma das propriedades do mundo em rede, quando os projetos levam a saltos qualitativos, promovendo elos difíceis de serem previstos ou quando reativam relações que haviam sido perdidas. Também podem trazer como efeito a constituição de redes sem qualquer um dos membros anteriores, quando não for possível esta retomada ou continuidade, porque dá as bases para o estabelecimento de redes inéditas.

A análise dos estudos de caso também aponta para problemas sérios que merecem escrutínio. Falta maior integração entre a capacidade crítica e o refinamento teórico de grandes departamentos como GSD e GSAPP, com a relação entre teoria e prática do projeto, ao risco de manter intocada uma tenaz assimetria na formação em Arquitetura e Urbanismo. Caberia assim, não apenas o exercício de convencimento para que arquitetos e urbanistas “da prática” façam maiores “investimentos” intelectuais, como também, por parte dos pesquisadores em teoria, maior abertura ao domínio do projeto como campo de investigação e de formulação crítica e propositiva. A ênfase na profissionalização, na preparação para uma prática e nas garantias da empregabilidade pode ocasionar

alguns dos aspectos menos desejáveis do exercício profissional para o ambiente acadêmico, tais como o atendimento ao cliente como principal objetivo, o fechamento a uma pequena comunidade de interessados e a atomização dos projetos, sem uma perspectiva de longo prazo para seu amadurecimento.

Nota-se também um flagrante descompasso entre a obrigação e a promessa de dar respostas inovadoras, que não se fazem perceber na repetição exaustiva de experiências-modelo sem considerar suas condições de sua recepção. Arriscando certa simplificação, repetem-se extremos tendo, de um lado, a solução “incremental” para os pobres, no modelo das “meias casas” que são entregues para que os moradores sejam responsáveis pelos custos e pelo trabalho de ampliação e, do outro, as Parcerias Público-Privadas para as áreas de terrenos mais valorizados nas cidades, neste último caso, sem dar a atenção devida às potenciais consequências excludentes. Outro exemplo pode ser mencionado na insistente reprodução do “empreendedorismo social” como forma de alavancar economias locais em situações de vulnerabilidade social e urbana, sem refletir como esta saída é parte de um repertório de políticas neoliberais que tendem a responsabilizar as populações pobres pela situação de precariedade vivida.

Tratadas deste modo, corre-se o risco de reduzir os territórios pobres a lugares para “estudos de caso”, realização de atividades de campo, de “evidências” que comprovam teorias e servem de laboratório das políticas neoliberais. A interlocução com os moradores, por sua vez, pode resultar em pouco mais do que uma experiência exótica e paternalista, não os reconhecendo como interlocutores com os quais se deve estabelecer uma realização de aprendizado, sem lhes dar os créditos do conhecimento produzido a partir das atividades de colaboração. Sem o necessário enfrentamento das condições em que se dão o trânsito de ideias, práticas e profissionais em escala transnacional, as pesquisas aplicadas que se dão em contextos de colaboração internacional podem terminar servindo como dispositivos instrumentais para a legitimação da atuação do Estado e dos interesses privados, com seu grande poder sobre a produção do território. Sem desmecerer o que foi apontado, nesta pesquisa, como construção potencial de *contradonduas*, as trocas acadêmicas no campo do urbanismo podem acabar reproduzindo o que Ianni (2013) identifica como uma explosão dos estudos comparativos, no contexto da globalização, sem o acompanhamento de uma reflexão crítica⁹⁰. Entendida a pesquisa aplicada como caminho de integração entre teoria e prática, ela deve se submeter a critérios rigorosos de pesquisa que passam,

⁹⁰ Mesmo as propostas ditas mais avançadas no campo do “urbanismo comparativo” começam a ser debatidas, questionando-se a imposição de modelos no sentido Norte-Sul, sem uma pretendida colaboração aberta e crítica. (CLARKE, 2012)

antes de tudo, pela autocrítica e pela avaliação de outros pares.

Isto posto, a experiência no *Intercâmbio Cidade Comum* e algumas atividades desenvolvidas no Studio-X serviram como referência de como as assimetrias podem vir a ser corrigidas. Notável foi o esforço, ao longo dos quatro anos de atividade do intercâmbio entre UFBA e UCL, de fazer valer a presença das comunidades envolvidas como agentes plenamente integrados ao processo. Os moradores e lideranças se fizeram presentes na preparação de cada atividade anual e, em diversas ocasiões, foram os principais responsáveis por mudanças expressivas na condução das atividades. Para além da validação de metodologias e dos relatos sobre suas experiências cotidianas de experiência e produção da cidade, incentivou-se que integrassem a produção e acompanhassem a revisão dos textos que analisavam as atividades, sendo assim coautores da produção intelectual do intercâmbio. Ademais, as atividades também foram a ocasião em que estes moradores se afirmam como sujeitos portadores de direitos e se punham em evidência frente ao poder público e à própria universidade. Poucos espaços além do universitário podem ser mais favoráveis à manifestação desta aparência pública, em que se disputa, antes de tudo, um lugar no campo da política.

Ainda com relação ao *Cidade Comum*, um importante avanço foi dado nas relações entre as universidades, quando se propôs e fez-se realizar o módulo do intercâmbio em Londres. A mobilidade de estudantes, professores e lideranças comunitárias de Salvador para a capital inglesa foi bastante reduzida – o que, neste caso, acentua o evidente e difícil equilíbrio nas relações acadêmicas Norte-Sul – mas não menos relevante para as reflexões desta tese. Sinalizou para uma abertura maior das universidades globais em receberem, como visitantes, não apenas pesquisadores em situações excepcionais, mas grupos de trabalho que visam a formar colaborações e trocas de conhecimento de ordem mais coletiva. Destaque-se, ainda, que a ocasião também fez com que os integrantes das DPU mobilizassem vínculos até então inexistentes ou enfraquecidos historicamente, dentro da própria UCL e junto aos movimentos sociais em Londres e sua região metropolitana, permitindo aos pesquisadores da Unidade repensar o seu papel como agente local nos principais encontros da cidade.

Com relação à rede global Studio-X deve-se destacar, entre as ocasiões onde se deu maior integração entre seus nós, ou centros locais, a realização do evento “Housing the Majority”, na sede da GSAPP em Nova Iorque, durante a gestão de Amale Andraos. Para além de outras ocasiões regulares em que os curadores se reuniram para trocar experiências, esta foi a ocasião em que eles puderam construir, coletivamente, uma pauta reunisse interesses comuns a todas as sedes e levar, para um conjunto de mesas de discussão sobre o tema da habitação, acadêmicos, políticos e lideranças comunitárias. Estas se mostraram como importantes experiências de valorização dos diferentes conhecimentos, assim

como de correção das assimetrias na mobilidade acadêmica e profissional, considerando o que foi exposto no capítulo 2 desta tese sobre o “diferencial de mobilidade” e as remunerações adequadas aos membros das redes de colaboração acadêmica.

Promover a circulação destes múltiplos agentes – estudantes, professores e lideranças, com suas formações diversas – mostra-se como uma ação importante para fazer frente à grande indiferença estrangeira com relação à produção intelectual no campo do Urbanismo no Brasil, em geral negligenciada nos intercâmbios e parcerias acadêmicas, precisando de filtros de pesquisadores estrangeiros que pesquisaram o Brasil ou da presença de pesquisadores brasileiros em universidades globais com obras consolidadas sobre o tema. Dito de outra forma, e sem desmerecer a qualidade e importância de sua produção, é como se todo debate sobre urbanização no Brasil, na visão externa, tivesse obrigatoriamente de ser lidos a partir de James Holston, Teresa Caldeira e Edésio Fernandes. Mesmo as experiências paradigmáticas do urbanismo brasileiro, consideradas como exemplares de atuação na área da Mobilidade Urbana e da Intervenção em Favelas, são apropriadas como meros “estudos de caso”, quase sempre em uma leitura superficial sem consideração para as especificidades dos seus contextos de elaboração nem de sua própria historicidade.

Retomando uma indignação que mobilizou a pesquisa, questiona-se como é possível, mesmo sob as (supostas) melhores condições, mediadas por universidades e outras instituições comprometidas com o objetivo de ter “impacto” global, contribuir um bem comum representado pela melhoria do ambiente construído e pela produção do conhecimento, que as atividades de colaboração não tenham se mostrado como uma oportunidade potencial de construir relações mais duradoras, trocas acadêmicas mais densas, convergências de ações mais transformadoras sobre a urbanização no território brasileiro e, permitindo-se alguma elasticidade, latino-americano. Não se acredita tratar de uma forma de dominação em que os atores estejam sendo “enganados”, nem que estejam agindo de forma quase inconsciente. Também não parece suficiente acreditar que a moral de uma atuação em rede, na Universidade por Projetos, garanta por si só uma condução harmoniosa dos processos de colaboração.

Resta entender as razões que levam certas assimetrias a seguirem mantidas, mesmo quando as atividades envolvem atores dotados – todas e todos – de capacidade crítica, comprometidos com uma finalidade maior do que a satisfação pessoal de preencher currículos e diagramar portfólios de projetos que serão publicados em redes de divulgação de seus trabalhos. Diz-se isto considerando a reflexão de Robin Celikates (2012) sobre o papel da Teoria Crítica, no esforço de fazer convergir as contribuições de Pierre Bourdieu e Luc Boltanski a uma espécie de “nível meso”, entre a crítica à reprodução de grandes estruturas de dominação e a pragmática das negociações em situações de disputa. Para o autor, a

manutenção das assimetrias, que impedem o avanço da crítica, se configuram como “patologias de segunda ordem”, para as quais deve-se investir no esforço de identificar quais são os principais obstáculos *materiais* e *simbólicos* que impedem a emancipação dos atores envolvidos.

As condições de participação nas atividades de colaboração, como nos casos estudados, são bastante assimétricas. Faltam investimentos sólidos e constantes para que as colaborações também se originem das universidades brasileiras, tirando-as de uma condição passiva de inserção na internacionalização, mantendo intocado o desequilíbrio entre os “homens caseiros” das universidades periféricas e os “homens de negócios” das universidades globais, para usar uma metáfora de Bourdieu (2008) em “Modos de Dominação”.

Um obstáculo simbólico, talvez, mais definidor, está na difícil superação de uma situação de dependência de brasileiros e latino-americanos do reconhecimento através do olhar do colonizador que legitima sua própria existência, por meio dos quais eles se certificam que são capazes de ingressar em uma comunidade internacional ou global. Como apontado por Jorge Liernur (2008; 2011) em relação à crítica de arquitetura latino-americana, cabe prescindir deste filtro legitimador para se colocar ativamente junto à comunidade internacional, dotados de uma experiência de vida que os autoriza não apenas a relatar sua condição, como também a lançar, a partir deste ponto de vista, suas reflexões sobre o mundo. Esta condição tende a não ser alterada, também, se persistirem os “cosmopolitismos de andar em casa” (TENÓRIO, 2014, p. 43) com que intelectuais e pesquisadores europeus e do subcontinente norte-americanos se autorizam, apenas por estarem na Europa e nos Estados Unidos, a serem os leitores soberanos do mundo.

Há, ainda um obstáculo a ser superado que permite considerar a integração de todas as lutas. O tempo é um dos recursos mais preciosos na Universidade por Projetos, o que leva a entender que sua lógica apresenta, entre os aspectos mais traiçoeiros, a aceitação do momento de prova como sendo a passagem constante e tão rápida quanto possível entre projetos, levando ao desinteresse por maiores investimentos intelectuais, a pouca reflexão crítica e a uma corrida em torno de marcar presença ao redor do globo sem estabelecer o compromisso com as localidades visitadas nem com os atores do território. A aceitação do imperativo da mudança como uma necessidade inquestionável – de objetos, parceiros intelectuais, instituições, critérios de avaliação, projetos de vida – representa a internalização de um dispositivo gestionário, nos termos de Boltanski, que tende a manter as coisas como estão, inalteradas. Adotar a visão do longo prazo, mesmo que ele seja composto por projetos menores, mas articulados em uma perspectiva ampla, solidária e que estabeleça compromissos sólidos entre os agentes, pode ser um caminho para promover certos deslocamentos.

Como não ceder ao desencanto e concluir que a expansão do ensino superior, nas últimas décadas, reproduz certa condição da globalização, como um momento histórico em que as elites de todo o mundo se uniram, à custa da maior fragmentação e da imposição aos homens lentos da necessidade de correr muito mais para continuar no mesmo lugar? A crítica não é para incentivar a imobilidade, nem o fechamento às propostas de colaboração internacional. Ao contrário, parece importante não apenas manter os vínculos existentes como também valorizar ou explorar mais aqueles vínculos que são muitas vezes, escamoteados. Manter as vinculações Sul-Norte, ou Norte-Sul, Sul-Sul sem perder de vista a importância de buscar esclarecer onde estão as assimetrias e como se devem estabelecer dispositivos que as reduzam, sempre que isto puder ser revertido em maior inclusão e na ampliação da universidade em direção ao território das cidades.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri (org.). 2018. **Políticas territoriais, empresas e comunidades: o neoextrativismo e a gestão empresarial do “social”**. Rio de Janeiro: Garamond.
- ADDIE, Jean-Paul. 2017a. From the urban university to universities in urban society. **Regional Studies**, Londres, v. 51, n. 7, p. 1-11, 2017.
- ADDIE, Jean-Paul. 2017b. Seven ways universities benefit society. **The Conversation**. [S.l.], August 11th, 2017. Disponível em: <<https://theconversation.com/seven-ways-universities-benefit-society-81072>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- ADDIE, Jean-Paul. 2018. Urban(izing) university strategic planning: an analysis of London and New York City. **Urban Affairs Review**, Chicago, January 19th, 2018. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1078087417753080>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- AGAMBEN, Giorgio. 2009 [2006]. O que é um dispositivo?. In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos.
- AKLILU, Habte; PSACHAROPOULUS, George; HEYNEMAN, Stephen P.. 1983. **Education and development: views from the World Bank**. Washington: The World Bank. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/en/949421468780623878/Education-and-development-views-from-the-World-Bank>>. Acesso em: 24 jan. 2019.
- ALLEN, Stan. 2012. The future that is now, 1990-2012. In: OCKMAN, Joan; WILLIAMSON, Rebecca (ed.). **Architecture school: three centuries of educating architects in North America**. Cambridge; Londres: The MIT Press. p. 202-229.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de. 2007. **Universidade Nova: textos críticos e esperançosos**. Brasília: Editora UnB; Salvador: EDUFBA.
- ALMEIDA-FILHO, Naomar de. 2012. *Rankings, Vikings, Master & Colleges: dilemas da universidade brasileira no contexto de internacionalização*. In: VILLAR, José Luiz; CASTIONI, Remi (org.). **Diálogos entre Anísio e Darcy: o projeto da UnB e a educação brasileira**. Brasília: Verbena. p. 218-244.
- ALTBACH, Philip. 2004. The costs and benefits of World-Class Universities. **Academe**, v. 90, n. 1, p. 20-23, Jan.-Feb. 2004.
- ALTBACH, Philip. 2013. **The international imperative in higher education**. Roterdã; Boston; Taipei: Sense Publishers, 2013. (Série Global Perspectives in Higher Education, 27).
- ALTBACH, Philip; SALMI, Jamil (ed.). 2011. **The road to academic excellence: the making of World-Class Research Universities**. Washington: The International Bank for Reconstruction and Development; The World Bank.
- ALVIM, Angélica Tanus Benatti. 2016. Projeto, pesquisa e inovação em Arquitetura e Urbanismo: contexto e desafios para a pós-graduação. **Revista Projetar: Projeto e Percepção do Ambiente**, Natal, v. 1, n. 1, p. 59-66, abr. 2016.
- AMBASZ, Emilio. 1971. I: The university of design and development. II: Manhattan: capital of the twentieth century. III: The designs of freedom. **Perspecta**, New Haven, v. 13-14, p. 359-365.
- AMBASZ, Emilio (ed.). 2006. **The Universitas Project: solutions for a post-technological society**. Conceived and directed by Emilio Ambasz. Nova Iorque: The Museum of Modern Art.
- ANDERSON, Charles. 1993. **Prescribing the life of the mind: an essay on the purpose of the university, the aims of liberal education, the competence of citizens, and the cultivation of practical reason**. Madison: The University of Wisconsin Press.
- ANDRAOS, Amale; STUDEBAKER, Luke. 2014. A conversation with Amale Andraos. **Log**, Nova Iorque, n.

- 32, p. 103-107, Fall 2014.
- ANGÉLIL, Marc; HEHL, Rainer; SOMETHING FANTASTIC (ed.). 2011. **Building Brazil!:** the proactive urban renewal of informal settlements. Berlim: Ruby Press.
- ANGÉLIL, Marc; HEHL, Rainer; SOMETHING FANTASTIC (ed.). 2013. **Cidade de Deus! City of God!:** working with informalized mass housing in Brazil. Berlim: Ruby Press.
- ANGÉLIL, Marc; HEHL, Rainer; SOMETHING FANTASTIC (ed.). 2014. **Minha Casa – Nossa Cidade!:** innovating mass housing for social change in Brazil. Berlim: Ruby Press.
- APPLE, Michael W.; BALL, Stephen J.; GANDIN, Luis Armando (ed.). 2010. **The Routledge international handbook of the Sociology of Education.** Londres; Nova Iorque: Routledge.
- ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Erminia. 2002 [2000]. **A cidade do pensamento único:** desmanchando consensos. 3. ed. Petrópolis: Vozes.
- ARANTES, Pedro Fiori. 2019 [2012]. **The rent of form:** architecture and labor in the digital age. Mineápolis: University of Minnesota Press. (Série Buell Center Books in the History and Theory of American Architecture).
- ARBOLEDA, Martín. 2015. **Resource extraction and the planetary extension of the urban form:** understanding sociospatial transformation in the Huasco Valley, Chile. 2015. 228 f. Thesis (Doctor of Philosophy)-School of Social Sciences; Faculty of Humanities, The University of Manchester, Manchester.
- ARBOLEDA, Martín. 2016. Spaces of extraction, metropolitan explosions: planetary urbanization and the commodity boom in Latin America. **IJUUR:** International Journal of Urban and Regional Research. v. 40, n. 1, p. 96-112, January 2016.
- ARBOLEDA, Martín. 2017. On the alienated violence of money: finance capital, value, and the making of monstrous territories. **New Geographies**, Cambridge, n. 9, p. 94-101.
- ARCHDAILY BRASIL. 2017. "Landscape as Urbanism in the Americas" publica arquivo digital sobre paisagem e urbanismo. **ArchDaily Brasil**, 22 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/867538/landscape-as-urbanism-in-the-americas-publica-arquivo-digital-sobre-paisagem-e-urbanismo>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- ARCHITECTURAL ASSOCIATION SCHOOL OF ARCHITECTURE; UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. 2014. **Housing as Urbanism – Minha Casa Minha Vida:** habitação social e intervenção urbana. III Urban Design International Workshop AA/UFPE. Londres: AA; Recife: MDU-UFPE.
- ARONOWITZ, Stanley. 2000. **The knowledge factory:** dismantling the corporate university and creating true higher learning. Boston: Beacon.
- ASCHER, François. 2010 [2001]. **Os novos princípios do Urbanismo.** São Paulo: Romano Guerra. (Coleção RG bolso, 4).
- AURELI, Pier Vittorio; TATTARA, Martino. 2011. A Simple Heart: architecture on the ruins of the post-fordist city. **Architectural Design**, Londres, v. 81, n. 1, p. 100-119, January-February 2011. AD Profile n. 209.
- AWAN, Nishat; SCHNEIDER, Tatiana; TILL, Jeremy. 2011. **Spatial agency:** other ways of doing architecture. Londres; Nova Iorque: Routledge.
- AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. 2015a. Internacionalização ou transnacionalização da educação superior: entre a formação de um campo social global e um mercado de ensino mundializado. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 1, n. 1, p. 56-79, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/24/47>>. Acessado

em: 8 mar. 2019.

- AZEVEDO, Mário Luiz Neves de. 2015b. Transnacionalização e mercadorização da educação superior: examinando alguns efeitos colaterais do capitalismo acadêmico (sem riscos) no Brasil – a expansão privado-mercantil. **RIESUp**: Revista Internacional de Educação Superior, Campinas, v. 1, n. 1, p. 86-102, jul./set. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650522>>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- AZEVEDO, Mário Luiz Neves de; CATANI, Afrânio Mendes. 2013. Educação superior, internacionalização e circulação de ideias: ajustando os termos e desfazendo mitos. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 38, n. 2, p. 273-291, mar. 2013. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/26103>>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- AZEVEDO, Mário Luiz Neves de; CATANI, Afrânio Mendes; HEY, Ana Paula. 2017. Circulação das ideias e internacionalização da Educação Superior: inferências a partir da teoria dos campos de Pierre Bourdieu. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 296-304, set./dez. 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/28980>>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- AZOULAY, Ariella Aïsha. 2019. **Potential history**: unlearning imperialism. Londres; Nova Iorque: Verso.
- BAIRD, George. 2004. 'Criticality' and its discontents. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 21, p. 16-21, Fall/Winter 2004.
- BALL, Stephen J. 2015. Living the neo-liberal university. **European Journal of Education**, v. 50, n. 3, p. 258-261.
- BALL, Stephen J. 2016. Neoliberal education?: confronting the slouching beast. **Policy Futures in Education**, v. 14, n. 8, p. 1.046-1.059.
- BANHAM, Reyner. 2013 [1971]. **Los Angeles**: a arquitetura de quatro ecologias. São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Cidades, 1).
- BASAR, Shumon; CARVER, Antonia; MIESSEN, Markus (ed.). 2007. **With / without**: spatial products, practices and politics in the Middle East. Nova Iorque: Bidoun; Dubai: Mountamarat.
- BASSETT, Roberta Malee. 2006. **The WTO and the university**: globalization, GATS, and American higher education. Nova Iorque: Routledge.
- BAWEJA, Vandana. 2008. **A pre-history of green architecture**: Otto Koenigsberger and tropical architecture, from Princely Mysore to Post-colonial London. 2008. 214 f. Dissertation (Doctor of Philosophy)-Horace H. Rackham School of Graduate Studies; University of Michigan, Ann Arbor, 2008.
- BÉLANGER, Pierre. 2013. The multimedia language of models. In: ELKIN, Rosetta Sarah (ed.). **Plataform 6**. Cambridge: Harvard GSD; Nova Iorque: Actar D. p. V-XII.
- BERNHEIM, Carlos Tünnerman; CHAUI, Marilena de Souza. 2008. **Desafios da universidade na sociedade do conhecimento**. Brasília: UNESCO. (Série Documentos Opcionais de Fórum da UNESCO). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001344/134422por.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- BHATIA, Neeraj; CASPER, Mary (ed.). 2013. **The Petropolis of tomorrow**. Nova Iorque: Actar D; Houston: Rice School of Architecture.
- BIRMAN, Rafael; BALD, Sunil. 2017. **Paranoazinho**: city-making beyond Brasilia. Yale School of Architecture. The Edward P. Bass Distinguished Visiting Architecture Fellowship. New Haven: YSoA.
- BLAU, Eve. 2014. The common ground of urban praxis. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 37,

p. 4-5.

- BOLTANSKI, Luc. 1981. America, America: le Plan Marshall et l'importation du "management". **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 38, p. 19-41, mai 1981.
- BOLTANSKI, Luc. 1984. Os executivos autodidatas. **RAE: Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 5-25, jan./mar. 1984.
- BOLTANSKI, Luc. 1987 [1982]. **The making of a class: cadres in French society**. Cambridge: Cambridge University Press; Paris: Maison des Sciences de l'Homme.
- BOLTANSKI, Luc. 2001. A moral da rede?: críticas e justificações nas recentes evoluções do capitalismo. **Fórum Sociológico**, Lisboa, n. 5-6, 2001, p. 13-35. Disponível em: <<http://forumsociologico.fcsh.unl.pt/PDF/Artigo1.pdf>>. Acesso em: 7 jul. 2018.
- BOLTANSKI, Luc. 2005 [2003]. Usos fracos e usos intensos do *habitus*. In: ENCREVÉ, Pierre; LAGRAVE, Rose-Marie (coord.). **Trabalhar com Bourdieu**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 155-163.
- BOLTANSKI, Luc. 2011 [2009]. **On critique: a sociology of emancipation**. Cambridge; Malden: Polity.
- BOLTANSKI, Luc. 2013. Sociologia da crítica, instituições e o novo modo de dominação gestonária. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 441-463, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v3n6/2238-3875-sant-03-06-0441.pdf>>. Acesso em: 27 jan. 2018.
- BOLTANSKI, Luc. 2014 [2012]. **Mysteries and conspiracies: detective stories, spy novels and the making of modern sciences**. Cambridge; Malden: Polity Press.
- BOLTANSKI, Luc. 2016 [1990]. Sociologia crítica ou sociologia da crítica. In: VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François (org.). **Além do habitus: teoria social pós-bourdieuiana**. Rio de Janeiro: 7Letras. p. 129-154.
- BOLTANSKI, Luc; BASAURE, Mauro. 2011. An interview with Luc Boltanski: criticism and the expansion of knowledge. **European Journal of Social Theory**, Falmer, v. 14, n. 3, p. 361-381, August 2011.
- BOLTANSKI, Luc; BOURMEAU, Sylvain; VÉCRIN, Anastasia. 2013 [2013]. "Ser dominado é ser posto permanentemente à prova". Entrevista com Luc Boltanski. **Revista IHU On-line**, São Leopoldo, 1 out. 2013. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/524246-ser-dominado-e-ser-posto-permanentemente-a-prova-entrevista-com-luc-boltanski%20>>. Acesso em: 3 abr. 2019.
- BOLTANSKI, Luc; BROWNE, Craig. 2014. 'Experience is a mixture of violence and justification': Luc Boltanski in conversation with Craig Browne. **Thesis Eleven: Critical Theory and Historical Sociology**, Melbourne, v. 124, n. 1, p. 7-19, October 2014. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0725513614549434>>. Acesso em: 7 abr. 2019.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. 2005. The new spirit of capitalism. **International Journal of Politics, Culture, and Society**, Berlim, v. 18, n. 3-4, The New Sociological Imagination, p. 161-188, Spring/Summer 2005.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. 2009 [1999]. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. 2011 [1999]. **Le nouvel esprit du capitalisme**. 2. ed. Paris: Gallimard.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. 2017 [1999]. **The new spirit of capitalism**. 2. ed. Londres; Nova Iorque: Verso.
- BOLTANSKI, Luc; ROSATTI, Camila Gui; BONALDI, Eduardo Vilar; FERREIRA, Mariana Toledo Ferreira. 2014. "Uma crítica para o presente": entrevista com Luc Boltanski. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 217-229, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/83629/86559>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

- BOLTANSKI, Luc; RUSSEL, Alexandra. 1983. Visions of American management in post-war France. **Theory and Society**, v. 12, n. 3, p. 375-403, May 1983.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. 1991. **De la justification**: les économies de la grandeur. Paris: Gallimard.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. 1999. The sociology of critical capacity. **European Journal of Social Theory**, Londres, v. 2, n. 3, p. 359-377, August 1999.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. 2006 [1991]. **On justification**: economies of worth. Princeton; Oxford: Princeton University Press.
- BOTTO, Mercedes. 2011. Think Tanks en América Latina: radiografía comparada de un nuevo actor político. In: ASTE, Norma Correa; MENDIZABAL, Enrique (ed.). **Vínculos entre conocimiento y política**: el rol de la investigación en el debate público en América Latina. Lima: Consorcio de Investigación Económica y Social (CIES); Universidad del Pacífico. p. 83-111. (Serie Diagnóstico y Propuesta, 51).
- BOURDIEU, Pierre. 1975. The specificity of the scientific field and social conditions of the progress of reason. **Social Science Information**, Paris; Londres, v. 14, n. 6, p. 19-47.
- BOURDIEU, Pierre. 1983 [1976]. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática. p. 122-155. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 39).
- BOURDIEU, Pierre. 1996 [1989]. **The state nobility**: elite schools in the field of power. Cambridge; Oxford: Polity Press.
- BOURDIEU, Pierre. 1998 [1998]. **Contrafogos**: táticas para enfrentar a invasão neoliberal. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BOURDIEU, Pierre. 1999. Scattered remarks. **European Journal of Social Theory**, Londres, v. 2, n. 3, p. 334-340, August 1999.
- BOURDIEU, Pierre. 2002 [1990]. As condições sociais da circulação internacional de idéias. **Enfoques**: Revista Eletrônica, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. IV-XV, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. 2003 [1998]. **Escritos de educação**. Seleção, organização, introdução e notas [de] Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 5. ed. Petrópolis: Vozes.
- BOURDIEU, Pierre. 2004 [1997]. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP.
- BOURDIEU, Pierre. 2007 [1979]. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk.
- BOURDIEU, Pierre. 2008 [1976]. Modos de dominação. In: BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. Porto Alegre: Zouk. p. 191-219.
- BOURDIEU, Pierre. 2013. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a10.pdf>>. Acesso em: 8 jun. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. 2014 [2012]. **Sobre o Estado**: cursos no *Collège de France* (1989-92). São Paulo: Companhia das Letras.
- BOURDIEU Pierre; BOLTANSKI Luc. 1976. La production de l'idéologie dominante. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 2, n. 2-3, p. 3-73, juin 1976. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/ars_0335-5322_1976_num_2_2_3443>. Acesso em: 4 abr. 2019.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. 2003 [1998]. Prefácio: sobre as artimanhas da razão imperialista. In: BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Seleção, organização, introdução e notas [de] Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 5. ed. Petrópolis: Vozes.

- BOUSQUET, Marc. 2008. **How the university works:** higher education and the low-wage nation. Nova Iorque; Londres: New York University Press.
- BRANDÃO, Zeca; AMORIM, Luiz; BRASILEIRO, Carolina. 2016. Workshops de Arquitetura e Urbanismo e as novas perspectivas do ateliê de projeto: a experiência do III Workshop Internacional de Desenho Urbano UFPE/AA. *In:* SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO. 4., 2016, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: UPM, 2016. Disponível em: <https://www.anparq.org.br/htm/Artigos/BRANDAO_AMORIM_BRASILEIRO.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- BRENNER, Neil. 2004. **New state spaces:** urban governance and the rescaling of the statehood. Oxford: Oxford University Press.
- BRENNER, Neil. 2018. **Espaços da urbanização:** o urbano a partir da Teoria Crítica. Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrôpoles.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. 2018 [2012]. A construção da cidade e do urbanismo: ideias têm lugar?. *In:* BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Da cidade e do urbano:** experiências, sensibilidades, projetos. São Paulo: Alameda. p. 493-511.
- BRILLEMBOURG, Alfredo; FRANÇA, Elisabete; ZACARIAS, Elton Santa Fé; KLUMPNER, Hubert (org.). 2010. **São Paulo Projetos de Urbanização de Favelas = São Paulo Architecture Experiment.** São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular/ Secretaria Municipal de Habitação.
- BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert. 2008a. Slum Lifting = Melhorando a favela. *In:* BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert; COLLINS, Mark; HASEGAWA, Toru; FRANÇA, Elisabete; DINIZ, Maria Teresa (ed.). **Oficina de idéias:** urbanização de favela = **Informal toolbox:** SLUM Lab Paraisópolis. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo. p. 52-55.
- BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert. 2008b. The nature of cities in the Global South. **SLUM LAB**, Nova Iorque, n. 1, p. 3, May 2008.
- BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert. 2010a. Rules of engagement: Caracas and the informal city. *In:* HERNÁNDEZ, Felipe; KELLETT, Peter; ALLEN, Lea (ed.). **Rethinking the informal city:** critical perspectives from Latin America. Nova Iorque; Oxford: Berghahn. p. 119-136
- BRILLEMBOURG, Alfredo; KLUMPNER, Hubert. 2010b. The São Paulo Architecture Experiment = Experiências arquitetônicas em São Paulo. *In:* BRILLEMBOURG, Alfredo; FRANÇA, Elisabete; ZACARIAS, Elton Santa Fé; KLUMPNER, Hubert (org.). **São Paulo Projetos de Urbanização de Favelas = São Paulo Architecture Experiment.** São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular/ Secretaria Municipal de Habitação. p. 6-8.
- BROWNING, Gavin (ed.). 2010. **The Studio-X NY guide to liberating new forms of conversation.** Nova Iorque: GSAPP Books.
- BROWNING, Gavin; FORNABAI, Michelle. 2010. Ink. **Places Journal**, [S.l.], January 2010. Disponível em: <<https://placesjournal.org/article/ink/>>. Acesso em: 6 dez. 2019.
- BUCHHOLZ, Larissa. 2016. What is a global field?: theorizing fields beyond the nation-state. **The Sociological Review Monographs**, Chichester, v. 64, n. 2, p. 31-60, July 2016.
- BUCKLEY, Craig; RHEE, Pollyanna (ed.). 2011. **Architects' journeys:** building, travelling, thinking = **Los viajes de los arquitectos:** construir, viajar, pensar. Nova Iorque: GSAPP Books; Pamplona: T6 Ediciones.
- BUROCCO, Laura. 2017. Designing Politics – Designing Respect: poder e alteridades dentro de parcerias culturais internacionais. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 53, n. 3, p. 400-412, set./dez. 2017.
- BUROCCO, Laura. 2018. **Pólos criativos de colonialidad no Sul.** 2018. 255 f. Tese (Doutorado em

- Tecnologia e Estética)-Escola de Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.
- BURT, Ronald S. 1980. Models of network structure. **Annual Review of Sociology**, Palo Alto, v. 6, p. 79-141.
- CALISTO, Ana María Durán; LADINO, Paola; PARIKH, Mala. 2012. Extraction economy. [Entrevista com Ana M. D. Calisto]. **Catalyst: Strategic Design Review**, Nova Iorque, n. 11, p. 30-37, Winter 2012. Disponível em: <https://www.catalystreview.net/wp-content/uploads/2013/09/CATALYST_11_Designing_a_New_Economy1.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2019.
- CAMERON, 2013. RloOnWatch
- CAMPOS, Luiz Augusto. 2016. Qual capacidade crítica?: relendo Luc Boltanski à luz de Margaret Archer. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 719-740. set./dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v31n3/0102-6992-se-31-03-00719.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- CASTELLS, Manuel. 1994. The university system: engine of development in the new world economy. *In*: RANSON, Angela; KHOO, Siew-Mun; SELVARATNAM, Viswanathan. **Improving higher education in developing countries**. Washington: The World Bank. p. 65-80.
- CASTELLS, Manuel. 2011 [1996]. **A Era da informação: economia, sociedade e cultura, 1: a sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra.
- CELIKATES, Robin. 2012. O não reconhecimento sistemático e a prática da crítica: Bourdieu, Boltanski e o papel da Teoria Crítica. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 93, p. 29-42, jul. 2012.
- CHAUÍ, Marilena. 1999. A universidade operacional. **Folha de São Paulo**, São Paulo, caderno Mais, 9 mai. 1999. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs09059903.htm>>. Acesso em: 6 abr. 2019.
- CHAUÍ, Marilena. 2018 [2001]. Contra a universidade operacional. *In*: CHAUÍ, Marilena. **Em defesa da educação pública, gratuita e democrática**. Org. Homero Santiago. Belo Horizonte: Autêntica. (Coleção Escritos de Marilena Chauí, 6)
- CHIRIKOV, Igor. 2016. How global competition is changing universities: three theoretical perspectives. **ROPS: Research and Occasional Papers Series**, Berkeley, 1 June 2016. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/50g3t797>>. Acesso em: 12 fev. 2018.
- CLARKE, Nick. 2012. Actually existing Comparative Urbanism: imitation and cosmopolitanism in North-South interurban partnerships. **Urban Geography**, v. 33, n. 6, p. 796-815.
- COLLIER, Stephen J. 2011. Topologias de poder: a análise de Foucault sobre o governo político para além da “governamentalidade”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 5, p. 245-284, janeiro-julho de 2011.
- COLOMINA, Beatriz. 2011. Toward a global architect = Hacia un arquitecto global. *In*: BUCKLEY, Craig; RHEE, Pollyanna (ed.). **Architects' journeys: building, travelling, thinking = Los viajes de los arquitectos: construir, viajar, pensar**. Nova Iorque: GSAPP Books; Pamplona: T6) Ediciones. p. 20-49.
- COLOMINA, Beatriz; CHOI, Esther; GALAN, Ignacio Gonzalez; MEISTER, Anna-Maria. 2012. Radical pedagogies. **The Architectural Review**, Londres, v. CCXXXII, n. 1.388, p. 79-82, October 2012.
- COLUMBIA UNIVERSITY; COLUMBIA GLOBAL CENTER RIO. 2018. **Retrospect and prospect: five years of the Columbia Global Centers | Rio de Janeiro, 2013-2018**. Nova Iorque: Columbia University.
- COONEY, Samantha. 2013. Grad schools to get global research. **Columbia Daily Spectator**, Nova Iorque, v. CXXXVII, n. 77, p. 1; 3, 11 September 2013.

- CORNER, James. 2006. Terra Fluxus. *In*: WALDHEIM, Charles (ed.). **The Landscape Urbanism reader**. Nova Iorque: Princeton Architectural Press. p. 21-33.
- CORRÊA, Diogo Silva; DIAS, Rodrigo de Castro. 2016. Crítica e os momentos críticos: *De la Justification* e a guinada pragmática na sociologia francesa. **Mana: Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 67-99, abr. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v22n1/1678-4944-mana-22-01-00067.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2019.
- CORRÊA, Elyane Lis. 2011. As últimas ruínas. *In*: GOMES, Marco Aurélio A. Filgueiras; CORRÊA, Elyane Lis (org.). **Reconceituações contemporâneas do patrimônio**. Salvador: EDUFBA. p. 67-100. (Coleção Arquimemória, 1).
- CORREA, Felipe. 2011. A projective space for the South American Hinterland: resource-extraction urbanism. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 34, p. 174-185.
- CORREA, Felipe. 2014a. South America Project: a synthesis of scales. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 37, p. 92-97, 2014.
- CORREA, Felipe. 2014b. Appendix – Water Urbanisms: a visual illustration. *In*: SCHNEIER-MADANES, Graciela (ed.). **Globalized water: a question of governance**. Dordrecht: Springer. p. 278-289.
- CORREA, Felipe. 2016a. **Beyond the city: resource extraction urbanism in South America**. Austin: University of Texas Press.
- CORREA, Felipe. 2016b. A instrumentalidade do projeto através das escalas. *In*: FAVERO, Marcos; DUARTE, Gabriel (org.). 2016. **Linhas expandidas – urbanismos de fronteira: Brasil, Uruguai e Argentina = Expanded lines – borderland urbanisms: Brazil, Uruguay and Argentina = Líneas expandidas – urbanismos de frontera: Brasil, Uruguay y Argentina**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. p. 8-10.
- CORREA, Felipe. 2018. **São Paulo: a graphic biography = São Paulo: uma biografia crítica**. Austin: University of Texas Press.
- CORREA, Felipe; CALISTO, Ana María Duran. 2012. El proyecto sudamericano: una razón de ser (su raison d'être?). **Plot**, Buenos Aires, n. 7, p. 202-203, mar. 2012.
- CORREA, Felipe; RAMIRO, Almeida (ed.). 2012. **A line in the Andes = Una línea en los Andes [2012]**. Cambridge: Harvard University Graduate School of Design; Harvard College.
- COSTANZO, Denise. 2012. Travel, trips, study abroad. *In*: OCKMAN, Joan; WILLIAMSON, Rebecca (ed.). **Architecture school: three centuries of educating architects in North America**. Cambridge; Londres: The MIT Press. p. 402-408.
- COUTINHO, L. 1995. O desenvolvimento urbano no contexto da mudança tecnológica. *In*: GONÇALVES, Maria Flora (org.). **O novo Brasil urbano: impasses, dilemas, perspectivas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, p. 41-62. (Coleção Novas Perspectivas, 40)
- CRUZ, Leandro de Sousa. 2013. **Utopia e pragmatismo em cinco propostas de Habitação de Interesse Social no Brasil (1992-2012)**. 2013. 220 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, Salvador.
- CUPERS, Kenny. 2014. The studio and the city: notes on architectural pedagogy. *In*: JONES, Victor (ed.). **(In)formal L.A.: the space of politics**. Barcelona: Actar. p. 53-56.
- CYTED – Ciudad y Territorio Estudios Territoriales. 2017. Madri, v. XLIX, n. 192, verano 2017. [edição temática] Urbanismo y Universidad: la experiencia urbana y territorial de los campus españoles.
- DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. 2016 [2009]. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo.

- DÁVILA, Julio D. 2005. A new structure for DPU's MSc courses. **DPU News**, Londres, n. 48, p. 13, April 2005.
- DE GRAAF, Reinier. 2017. **Four walls and a roof: the complex nature of a simple profession**. Cambridge; Londres: Harvard University Press.
- DE WIT, Hans. 2013. Repensando o conceito de internacionalização. **International Higher Education**, Boston; Campinas, n. 70, p. 69-71, Winter 2013.
- DENAULT, Alain. 2018a [2016]. **Mediocracy: the politics of the extreme center**. Toronto: Between the Lines. [e-book]
- DENAULT, Alain. 2018b. As empresas multinacionais: um novo poder inscrito na ordem das coisas. In: ACSELRAD, Henri (org.). **Políticas territoriais, empresas e comunidades: o neoextrativismo e a gestão empresarial do "social"**. Rio de Janeiro: Garamond. p. 13-32.
- DIAS, Marco Antonio Rodrigues. 2003. Comercialização no ensino superior: é possível manter a idéia de bem público?. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 84, p. 817-838, set. 2003.
- DIAS, Marco Antonio Rodrigues. 2004. Dez anos de antagonismo nas políticas sobre ensino superior em nível internacional. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 88, p. 893-914, out. 2004.
- D'LACOSTE, Matías Pintó; D'LACOSTE, Mateo Pintó. 2012. **León de choro**. La Torre de David [blog]. 13 de septiembre de 2012. Disponível em: <<http://latorrededavid.blogspot.com/2012/09/leon-de-choro.html>>. Acesso em: 8 jul. 2019.
- DOHERTY, Gareth. 2016. Design Anthropology. In: MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (ed.). 2016. **Ecological Urbanism**. 2. ed. Zurique: Lars Müller; Harvard College. p.188-189.
- DORBY, Sylvia Adriana; LAMFRI, Nora Zoila. 2017. Ateliê Total, um olhar desde o século 21. **Arquitextos**, São Paulo, ano 18, n. 210.00, nov. 2017. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.210/6790>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- DORBY-PRONSATO, Sylvia Adriana. 2012. O *Taller Total*: uma experiência de ensino de Arquitetura e Urbanismo. **Pós-**: Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP, São Paulo, v. 19, n. 31, p. 178-199, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/48198/52034>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- DRUCKER, Peter; LESNER, Robert; JOHNSON, Stephen S. 1997. Seeing things as they really are. [Peter Drucker em depoimento a Robert Lezner e Stephen S. Johnson]. **Forbes**, March 10, 1997. Disponível em: <<https://www.forbes.com/forbes/1997/0310/5905122a.html#40c0f0b224b9>>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- DU GAY, Paul; MORGAN, Glenn (ed.). 2013. **New spirits of capitalism?: crises, justifications, and dynamics**. Oxford: Oxford University Press.
- DUTTA, Arindam. 2013. Linguistics, not Grammatology: Architecture's *a priori*s and Architecture's priorities. In: DUTTA, Arindam; TUERK, Stephanie Marie; KUBO, Michael; CHUONG, Jennifer Yeesue; CHERNYAKOVA, Irina (ed.). **A second Modernism: MIT, Architecture, and the 'techno-social' moment**. Cambridge; Londres: SA+P Press; The MIT Press. p. 1-69.
- DUTTA, Arindam. 2015. The political economy of theory [(for Mark Wigley)]. In: GRAHAM, James (ed.). **2000+:** the urgencies of architectural theory. Nova Iorque: Columbia Books on Architecture and the City. p. 70-87. (Série GSAPP Transcripts).
- DUTTA, Arindam. 2019. Architects "getting real": on present-day professional fictions. In: CHATTOPADHYAY, Swati; WHITE, Jeremy (ed.). **The Routledge companion to critical approaches to contemporary architecture**. Nova Iorque; Abingdon: Routledge. p. 439-453.
- DUTTA, Arindam; KIM, Janette. 2014. Task environment: an interview with Arindam Dutta –

- architecture and the 'creative economy'. **A.R.P.A. Journal**, [S.l.], n. 1, May 15, 2014. Disponível em: <<http://www.arpajournal.net/task-environment/>>. Acesso em: 27 out. 2019.
- EASTERLING, Keller. 2014. **Extrastatecraft: the power of infrastructure**. Londres: Verso.
- FAJARDO, Washington. 2014. A revitalização da Praça Tiradentes. *In*: SHLUGER, Ephim; DANOWSKI, Miriam (org.). **Cidades em transformação: Rio de Janeiro, Buenos Aires, Cidade do Cabo, Nova York, Londres, Havana**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro. p. 90-97.
- FARLEY, Katherine; BERKE, Deborah. 2011. **Urban intersections: Sao Paulo**. Yale School of Architecture. The Edward P. Bass Distinguished Visiting Architecture Fellowship. New Haven: YSoA.
- FAVERO, Marcos; DUARTE, Gabriel (org.). 2016. **Linhas expandidas – urbanismos de fronteira: Brasil, Uruguaí e Argentina = Expanded lines – borderland urbanisms: Brazil, Uruguay and Argentina = Líneas expandidas – urbanismos de frontera: Brasil, Uruguay y Argentina**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio. Disponível em: <http://www.editora.puc-rio.br/media/Linhas_expandidas_e-book.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- FERNANDES, Ana. 2013. Decifra-me ou te devoro: urbanismo corporativo, cidade fragmento e dilemas da prática do Urbanismo no Brasil. *In*: GONZALES, Suely; FRANCISCONI, Jorge; PAVIANI, Aldo (org.). **Planejamento & Urbanismo na atualidade brasileira: objeto, teoria, prática**. São Paulo; Rio de Janeiro: Expressão. p. 83-107.
- FERNANDES, Ana; FIGUEIREDO, Glória Cecília. 2016. Cidade corporativa, ações internacionais e a luta pelo direito à cidade: desafios colocados à Habitat III. *In*: BALBIM, Renato (org.). **Geopolítica das cidades: velhos desafios, novos problemas**. Brasília: IPEA. p. 171-193.
- FERNANDES, Ana; FIGUEIREDO, Glória Cecília dos Santos; ESPINOZA, José Carlos Huapaya (ed.). 2016. **Práticas coletivas e o Direito à Cidade em Salvador, Bahia**. Salvador: UFBA; PPGAU-FAUFBA.
- FERNANDES, Ana; FREDIANI, Alexandre Apsan; VERMEHERN, Ignacia Ossul; MENDOZA, Milimer Morgado; RISI, Federica (ed.). 2018. **Collective practices, instruments for collective action and the Right to the City in Salvador, Bahia = Práticas coletivas, instrumentos para a ação [coletiva] e o Direito à Cidade em Salvador, Bahia**. Londres: UCL; The Bartlett-DPU; Salvador: UFBA; PPGAU-FAUFBA.
- FERNANDES, Ana; FREDIANI, Alexandre Apsan; RISI, Federica (ed.). 2019. **Bridging local collective practices towards a platform for the Right to the City in Salvador, Bahia = Unindo práticas coletivas locais em direção a uma plataforma pelo Direito à Cidade em Salvador, Bahia**. Londres: UCL; The Bartlett-DPU; Salvador: UFBA; PPGAU-FAUFBA, mai. 2019.
- FIGUEIREDO, Glória Cecília. 2011. O CAU e a farsa corporativa da vinculação exclusiva do Urbanismo com a Arquitetura. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 128.00, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.128/3694>>. Acesso em: 23 mai. 2018.
- FIGUEIREDO, Glória Cecília dos Santos. 2013. Formação em Urbanismo no Brasil: de tema residual a campo autônomo e transdisciplinar do saber. *In*: GONZALES, Suely; FRANCISCONI, Jorge; PAVIANI, Aldo (org.). **Planejamento & Urbanismo na atualidade brasileira: objeto, teoria, prática**. São Paulo; Rio de Janeiro: Expressão. p. 409-476.
- FISCHER, Ole W. 2017. Architecture in/out of the boudoir: the autonomy of architecture and the architecture of autonomy. *In*: STOPPANI, Teresa; PONZO, Giorgio; THEMISTOKLEOUS, George (ed.). **This thing called theory**. Abingdon: Routledge. p. 33-44
- FLORES, Paulo. 2017. O que são think tanks. E como eles influenciam a política. **Nexo Jornal**, 1 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/01/O-que-são-think-tanks.-E-como-eles-influenciam-a-política>>. Acesso em: 19 fev. 2018.
- FOUCAULT, Michel. 2008a [2004]. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de**

- France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Tópicos).
- FOUCAULT, Michel. 2008b [2004]. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Tópicos).
- FRANÇA, Elisabete. 2012. O urbanismo das ideias no lugar = The urbanism of the in-place ideas. *In*: FRANÇA, Elisabete; COSTA, Keila Prado (org.). **O Urbanismo nas preexistências territoriais e o compartilhamento de ideias = Urbanism within pre-existent territories and the sharing of ideas**. São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular. p. 19-29.
- FRANÇA, Elisabete; COSTA, Keila Prado (org.). 2012. **O Urbanismo nas preexistências territoriais e o compartilhamento de ideias = Urbanism within pre-existent territories and the sharing of ideas**. São Paulo: HABI – Superintendência de Habitação Popular.
- FREDIANI, Alexandre Apsan Frediani; MONSON, Tamlyn; VERMEHREN, Ignacia Ossul (ed.). 2016. **Collective practices and the Right to the City in Salvador, Brazil**. Londres: Development Planning Unit; The Bartlett; University College London.
- GADINGER, Frank. 2016. On justification and critique: Luc Boltanski's pragmatic sociology and international relations. **International Political Sociology**, Oxford, v. 10, n. 3, p. 187-205 (1-19), September 2016.
- GANDELSONAS, Mario; DELIJAICOV, Alexandre. 2018. **Fluvial Metropolis, 1**: past visions/ future imaginaries. Princeton: Princeton Environmental Institute; Princeton University School of Architecture; Hong Kong: Oscar Riera Ojeda Publishers.
- GAUDILLIÈRE, Jean-Paul. 2015. Une manière industrielle de savoir. *In*: BONNEUIL, Christophe; PESTRE, Dominique (ed.). **Histoire des sciences et des savoir, 3**: le siècle des technosciences. Paris: Seuil. p. 85-105.
- GAUTIER, Claude. 2001. La sociologie de l'accord: justification contre déterminisme et domination. **Politix**: Revue des Sciences Sociales du Politique, Paris, v. 14, n. 54, p. 197-220, Deuxième trimestre 2001.
- GIBBS, Paul; YLIJOKI, Oili-Helena; GUZMÁN-VALENZUELA, Carolina; BARNETT, Ronald (ed.). 2015. **Universities in the flux of time**: an exploration of time and temporality in university life. Londres; Nova Iorque; Routledge.
- GRADUATE SCHOOL OF ARCHITECTURE, PLANNING, AND PRESERVATION (GSAPP). 2008. **Abstract 07/08**. Nova Iorque: Columbia GSAPP.
- GRADUATE SCHOOL OF ARCHITECTURE, PLANNING, AND PRESERVATION (GSAPP). 2012. **Rio de Janeiro & São Paulo comparative informalities**. Rio de Janeiro: Rio Books. Spring 2012.
- GRENFELL, Michael (ed.). 2018. **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais [2008]. Petrópolis: Vozes.
- HARVARD BUSINESS SCHOOL. **The Global Initiative in 2018**. Cambridge: Harvard Business School. Disponível em: <https://www.alumni.hbs.edu/Documents/events/2018/Global_Initiative_case_study.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.
- HARVARD GRADUATE SCHOOL OF DESIGN. 2013. **Annual report**. Cambridge: Harvard GSD.
- HARVARD GRADUATE SCHOOL OF DESIGN. 2014. **Annual report**. Cambridge: Harvard GSD.
- HARVARD GRADUATE SCHOOL OF DESIGN. 2019. **Visionary work in progress**: Harvard GSD campaign impact report. Cambridge: Harvard GSD.
- HARVARD UNIVERSITY. 2019. **One Harvard one world**. Harvard University's global engagement: an overview. [S.l.]: Harvard University. Disponível em: <<https://worldwide.harvard.edu/sites/default/files/One%20Harvard%20One%20World%20brochur>>

- e%202019_final.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2019.
- HEY, Ana Paula, CATANI, Afrânio Mendes; MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. 2018. A Sociologia da Educação de Bourdieu na revista *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. **Tempo Social**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 171-195. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/122400>>. Acesso em: 9 mar. 2019.
- HOCHMAN, Gilberto. 1994. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, Vera (org.). **Filosofia, História e Sociologia das ciências I**: abordagens contemporâneas. Rio de Janeiro: FIOCRUZ. p. 199-231; 256-257. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rnn6q/pdf/portocarrero-9788575414095.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2018.
- IANNI, Octavio. 2006 [1995]. **Teorias da globalização**. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- IANNI, Octavio. 2013 [1992]. **A sociedade global**. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- IDRIS, Rola; ROQUERO, Pablo. 2012. **Research research**: the case of Harvard GSD Design Lab. [Relatório interno de pesquisa]. Cambridge: Harvard GSD, Fall 2012.
- INABA, Jeffrey. 2010. Giving. In: INABA, Jeffrey; C-LAB. **World of giving**. Nova Iorque: Columbia GSAPP; New Museum; Zurique: Lars Müller. p. 32-39.
- IRAZÁBAL, Clara. 2012. Transnational Planning: reconfiguring spaces and institutions. In: KRÄTKE, Stefan; WILDNER, Kathrin; LANZ, Stephan (ed.). **Transnationalism and Urbanism**. Nova Iorque; Abingdon: Routledge. p. 72-90. (Série Routledge Research in Transnationalism, 25).
- IZQUIERDO, A. Javier. 2002. Crítica y consultoría: para leer *El Nuevo Espíritu del Capitalismo*. **Empiria**: Revista de Metodología de Ciencias Sociales, Madri, n. 5, p. 145-172, 2002.
- KAMINER, Tahl. 2014. The contradictions of participatory architecture and Empire. **Architectural Research Quarterly**, [Londres], v 18, n. 1, p 31-37, March 2014.
- KERR, Clark. 2005 [1963; 2001]. **Os usos da universidade**. 15. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília. (Série Universidade em Questão, 3).
- KLINK, Jeroen Johan; MOMM, Sandra; ZIONI, Silvana; FAVARETO, Arilson; MENCIO, Mariana. 2016. O campo e a práxis transformadora do Planejamento: reflexões para uma agenda brasileira. **RBEUR**: Revista de Estudos Urbanos e Regionais (Online), Recife, v. 18, n. 3, p. 381-392, set./dez. 2016. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5346>>. Acesso em: 30 mar. 2018.
- KNIGHT, Jane. 2003. Updated internationalization definition / Updating the definition of internationalization. **International Higher Education**, Boston, n. 33, p. 2-3, Fall 2003.
- KNIGHT, Jane. 2004. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**, Thousand Oaks, v. 8, n. 1, p. 5-31, Spring 2004.
- KNIGHT, Jane (ed.). 2014. **International education hubs**: student, talent, knowledge-innovation models. Dordrecht: Springer.
- KOEHN, Peter H.; OBAMA, Milton O. 2014. **The transnationally partnered university**: insights from research and sustainable development collaborations in Africa. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- KOOLHAAS, Rem. 2008. **Nova York delirante**: um manifesto retroativo para Manhattan [1978; 1994]. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- KREIMER, Pablo. 2006. ¿Dependientes o integrados?: la ciencia latinoamericana y la nueva división internacional del trabajo. **Nómadas**, Bogotá, n. 24, p. 199-212. abr. 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1051/105116598017.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2018.
- KREMAKOVA, Milena Ivanova. 2016. The “New Spirit of Academic Capitalism”: can scientists create generative critique from within?. **Teorie vědy / Theory of Science**, Praga, v. 38, n. 1, 2016.

- Disponível em: <<http://teorievedy.flu.cas.cz/index.php/tv/article/view/332/355>>. Acesso em: 18 fev. 2019.
- LANDSCAPE AS URBANISM IN THE AMERICAS. [2016]. Landscape as Urbanism in the Americas. Endereço eletrônico que registra as atividades do programa, coordenado por equipe da *Harvard University Graduate School of Design*. Disponível em: <<http://landscapeurbanismamericas.net/>>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- LAPOUJADE, David. 2017. **William James, a construção da experiência**. São Paulo: n-1, 2017.
- LARA, Fernando; MARQUES, Sônia (org.). 2003. **Projetar: desafios e conquistas da pesquisa e do ensino de projeto**. Rio de Janeiro: EVC; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.
- LARA, Fernando; MARQUES, Sônia (ed.). 2015. **Quid novi?: dilemas do ensino de arquitetura no século 21**. Austin: nhamericapress.
- LARSEN, Lars Bang (ed.). 2014. **Networks**. Londres: Whitechapel Gallery; Cambridge: The MIT Press. (Coleção Documents of Contemporary Art).
- LARSEN, Marianne. 2016. **Internationalization of higher education: an analysis through spatial, network, and mobility theories**. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- LARSON, Magali Sarfatti. 2015. Formação e prática na arquitetura do século XXI: uma perspectiva sociológica. In: LARA, Fernando; MARQUES, Sonia (ed.). **Quid novi?: dilemas do ensino de arquitetura no século 21**. Austin: nhamericapress. p. 53-91.
- LATEEF, Sawar. 2016. **Evolution of The World Bank 's thinking on governance**. Background paper for 2017 World Development Report. January 2016. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/26197/112916-WP-PUBLIC-WDR17BPEvolutionofWBThinkingonGovernance.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 7 ago. 2108.
- LAVAL, Christian. 2019 [2003]. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. São Paulo: Boitempo.
- LEPETIT, Bernard. 2011 [1995]. O presente da história. In: LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. Seleção de textos, revisão crítica e apresentação [de] Heliana Angotti Salgueiro. São Paulo: Edusp. p. 155-190.
- LEVI, Scott. 2009. Defining 'Global University'. **Columbia Daily Spectator**, Nova Iorque, March 24, 2009. Disponível em: <<http://spectatorarchive.library.columbia.edu/cgi-bin/imageserver.pl?oid=cs20090324-01&getpdf=true>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- LEVY, Daniel. 1996. **Building the third sector: Latin America's private research centers and non-profit development**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press.
- LIERNUR, Jorge Francisco. 2008. It's the viewpoint, stupid!: nine points on positions. **Positions**, Mineápolis; Roterdã, n. 0, p. 62-71, Fall 2008.
- LIERNUR, Jorge Francisco. 2011. For a Latin American criticism of contemporary architecture. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 34, p. 14-15.
- LIMA, Licínio C.; AZEVEDO, Mário Luiz Neves de; CATANI, Afrânio Mendes. 2008. O Processo de Bolonha, a avaliação da educação superior e algumas considerações sobre a *Universidade Nova*. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas; Sorocaba, v. 13, n. 1, p. 7-36, mar. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v13n1/a02v13n1.pdf>>. Acesso em: 27 mar. 2019.
- LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fabio Betioli. 2011. **Internacionalização da educação superior:**

- nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento. São Paulo: Alameda.
- LIMA JUNIOR, Pedro de Novais. 2010. **Uma estratégia chamada “planejamento estratégico”:** deslocamentos espaciais e a atribuição de sentidos na teoria do planejamento urbano. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. 2013. **L'esthétisation du monde:** vivre à l'âge du capitalisme artiste. Paris: Gallimard.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. 2015 [2013]. **A estetização do mundo:** viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras.
- LIPTON, Eric; CONFESSORE, Nicholas; WILLIAMS, Brooke. 2016. Think tank scholar or corporate consultant?: it depends on the day. **The New York Times**, Nova Iorque, August 8th, 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/09/us/politics/think-tank-scholars-corporate-consultants.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.
- LIPTON, Eric; WILLIAMS, Brooke. 2016. How Think Tanks amplify corporate America's influence. **The New York Times**, Nova Iorque, August 8th, 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/08/us/politics/think-tanks-research-and-corporate-lobbying.html>>. Acesso em: 16 fev. 2018.
- LOEB FELLOWSHIP. 2010. **Workbook 1970-2010:** celebrating 40 years of the Loeb Fellowship.
- MACHADO, Vinicius Costa Cavalheiro. 2016. **A produção social do espaço urbano e da arquitetura no contexto dos megaeventos no Rio de Janeiro:** notas sobre o concurso “Porto Olímpico” (2010). 2016. 174 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)-Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- MACIEL, Fabrício. 2018. A generalização da precariedade: trabalho e classes no capitalismo contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 33, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v33n3/0102-6992-se-33-03-00755.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- MARCUSE, Peter; POTTER, Cuz. 2005. Columbia University's Heights: an ivory tower and its communities. In: PERRY, David; WIEWEL, Wim (ed.). **The university as urban developer:** case studies and analysis. Abingdon; Nova Iorque: Routledge. p. 45-64.
- MARGINSON, Simon. 2006. Dynamics of national and global competition in higher education. **Higher Education**, Berlim, v. 52, p. 1-39.
- MARGINSON, Simon. 2007. The new higher education landscape: public and private goods, in global/national/local settings. In: MARGINSON, Simon (ed.). **Prospects of higher education:** globalization, market competition, public goods and the future of the university. Roterdã; Taipé: Sense Publishers. p. 29-78. Disponível em: <<https://minerva-access.unimelb.edu.au/handle/11343/28474>>. Acesso em: 8 mar. 2017.
- MARGINSON, Simon. 2011. Imagining the global. In: KING, Roger; MARGINSON, Simon; NAIDOO, Rajani (ed.). **Handbook on globalization and higher education**. Cheltenham; Northampton: Edward Elgar. p. 10-39.
- MARICATO, Erminia. 2011. Formação e impasse do pensamento crítico sobre a cidade periférica. In: MARICATO, Erminia. **O impasse da política urbana no Brasil**. Petrópolis: Vozes. p. 99-169.
- MARTIN, Reinhold. 2003. **The organizational complex:** architecture, media, and corporate space. Cambridge; Londres: The MIT Press.
- MARTIN, Reinhold. 2014. **Mediators:** aesthetics, politics, and the city. Mineápolis: University of Minnesota Press.
- MARTINS, Carlos Benedito. 2015. Notas sobre a formação de um sistema transnacional de Ensino

- Superior. **Caderno CRH**, Salvador, v. 28, n. 74, p. 291-308, mai./ago. 2015.
- MARTINS, Carlos Benedito. 2018a. A sociologia e suas interfaces com contextos local, nacional e global. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 337-347, mai./ago. 2018.
- MARTINS, Carlos Benedito. 2018b. Adeus, Humboldt?. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Ilustríssima, p. 4-5, 19 ago. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/08/universidade-nao-pode- virar-refem-de-pautas-politicas-diz-sociologo.shtml>>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- MARTINS, Guilherme Paiva de Carvalho; AMARAL, Marcela Carvalho Martins. 2009. O *habitus* em Bourdieu e a teoria da justificação de Boltanski e Thévenot. **Latitude**, Maceió, v. 3, n. 2, p. 94-106, 2009. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/535>>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- MASSAD, Freddy. 2016. Aravena, la autoconstrucción de una infamia. **BSAU: Boletín de la Sociedade de Arquitectos del Uruguay**, Montevideo, p. 88-92, enero/agosto 2016.
- MASSAD, Freddy. 2017. **The stardom of demagogy**: another wrong move. TRANSF—ER: Global Architecture Platform. 24 Jan. 2017. Disponível em: <<https://www.transfer-arch.com/stardom-demagogy/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.
- MASSAD, Freddy. 2018. **Crítica de choque**. Barcelona: QUT Ediciones.
- MAUÉS, Olgaíses Cabral. 2018. Ensino superior na ótica dos organismos internacionais. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 75, p. 13-30, mai./jun. 2019.
- MAUÉS, Olgaíses Cabral; SOUZA, Michele Borges de. 2018. A transnacionalização e a expansão da educação superior. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 56, n. 47, p. 151-173, jan./mar. 2018.
- McGUIRK, Justin. 2014. **Radical cities**: across Latin America in search of a new architecture. Londres: Verso.
- MEISTERLING, Leah. 2014. The city is not a lab. **A.R.P.A. Journal**, Nova Iorque, n. 1, May 2014. Disponível em: <<http://www.arpajournal.net/the-city-is-not-a-lab/>>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- MELHUIS, Clare. 2015. **Case studies in university-led urban regeneration**. Londres: urbanlab; UCL Estates; UCL, September 2015.
- MELLO, Alex Fiúza de. 2011. **Globalização, sociedade do conhecimento e educação superior**: os sinais de Bolonha e os desafios do Brasil e da América Latina. Brasília: Editora UnB.
- MELLO, Alex Fiúza; DIAS, Marco Antonio Rodrigues. 2011. Os reflexos de Bolonha e a América Latina: problemas e desafios. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 115, p. 413-435, abr.-jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v32n115/v32n115a10.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2018.
- MERTON, Robert. 1973 [1942]. The normative structure of science. In: MERTON, Robert; STORER, Norman (ed.). **The sociology of science**: theoretical and empirical investigations. Chicago: University of Chicago Press. p. 267-278.
- MIESSEN, Markus. 2011. **The nightmare of participation**: (crossbench praxis as a mode of criticality) [2010]. Berlim: Sternberg Press.
- MIESSEN, Markus. 2016. **Crossbenching**: towards a proactive mode of participation as a Critical Spatial Practice. 2016. 305 f. Thesis (PhD in Research Architecture)-Centre for Research Architecture; Goldsmiths College, University of London, Londres.
- MIESSEN, Markus; BUETI, Federica. 2013. Crossbenching: interview with Markus Miessen. **Common Journal für Kunst & Öffentlichkeit**, n. 2, 18 jul. 2013. Disponível em:

- <<http://commonthejournal.com/journal/konjunktur-und-krise-no-2/crossbenching-interview-with-markus-miessen/>>. Acesso em: 4 jan. 2019.
- MIESSEN, Markus; DI CARLO, Tina. When economies become form: micro-economic models as spatial prescriptions in Northeast Brazil. *In*: FRAUSTO, Salomon; DECLERCK, Joachim (ed.). **Berlage Institute – Prospectus 2010-2011**. Roterdã: Berlage Institute, 2011. p. 28-29.
- MILLS, Nicolaus. 2012. The corporatization of higher education. **Dissent Magazine**, Nova Iorque, Fall 2012. Disponível em: <<https://www.dissentmagazine.org/article/the-corporatization-of-higher-education>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- MOHRMAN, Kathryn; MA, Wanhua; BAKER, David. 2008. The Research University in transition: the Emerging Global Model. **Higher Education Policy**, Basingstoke, v. 21, n. 1, p. 5-27, 2008.
- MONTE-MÓR, Roberto Luís. 2005. A questão urbana e o planejamento regional no Brasil contemporâneo. *In*: DINIZ, Clélio Campolina; LEMOS, Mauro Borges (org.). **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 429-446.
- MOSTAFAVI, Mohsen. 2012. Instigations: reimagining better futures. *In*: MOSTAFAVI, Mohsen; CHRISTENSEN, Peter (ed.). **Instigations: engaging architecture, landscape, and the city**. GSD075; Harvard University Graduate School of Design. Zurique; Lars Müller; Cambridge: Harvard College. p. 15-25.
- MOSTAFAVI, Mohsen. 2016. Why Ecological Urbanism? Why now?. *In*: MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (ed.). **Ecological Urbanism**. 2. ed. Zurique: Lars Müller; Cambridge: Harvard College. p. 12-51.
- MOSTAFAVI, Mohsen; CHRISTENSEN, Peter (ed.). 2012. **Instigations: engaging architecture, landscape, and the city**. GSD075; Harvard University Graduate School of Design. Zurique; Lars Müller; Cambridge: Harvard College.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (org.). 2014a [2010]. **Urbanismo Ecológico**. [edição em espanhol]. Barcelona: Gustavo Gili.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (org.). 2014b [2010]. **Urbanismo Ecológico**. [edição em português]. Barcelona: Gustavo Gili.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth (ed.). 2016a. **Ecological Urbanism** [2010]. 2. ed. Zurique: Lars Müller; Harvard College.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth. 2016b. Ecological Urbanism in Latin America. **urbe: Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)**, Curitiba, v. 8, n. 1, p. 7-11, jan./abr. 2016.
- MOSTAFAVI, Mohsen; DOHERTY, Gareth; CORREIA, Marina; CALISTO, Ana María Durán; VALENZUELA, Luis (ed.). 2019. **Urbanismo Ecológico en América Latina = Urbanismo Ecológico na América Latina**. Cambridge: Harvard GSD; Barcelona: Gustavo Gili.
- MUNICIPAL INSTITUTE OF LEARNING; ETHEKWINI MUNICIPALITY. 2014. **Mentoring on upgrading informal settlements**. eThekwini Municipality and City of Sao Paulo Mentorship Programme. Developing Integrated and Sustainable Human Settlements. Rethinking the Upgrading of Informal Settlements: The Case of Welbedagt East, Durban. Durban: eThekwini Municipality.
- NEALON, Jeffrey. 2012. **Post-postmodernism: or, the cultural logic of just-in-time capitalism**. Stanford: Stanford University Press.
- NEVES, Clarissa Eckert Baeta. 2011. Reforma e desafios da educação superior: o Processo de Bolonha dez anos depois. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 181–207, jun. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sant/v1n1/2238-3875-sant-01-01-0181.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2019.

- NOTRE Monde. 2013. Direção e roteiro de Thomas Lacoste. Paris: Agat Films & Cie; La Bande Passante; Centre National du Cinéma et de l'Image Animée; Maison des Métallos; Berson: Sister Productions; Marselha: Shellac. 119 min., son., color. Disponível em: <<http://www.notremonde-lefilm.com/>>. Acesso em 3 dez. 2019.
- OCKMAN, Joan. 2005. Bestride the world like a colossus: the architect as tourist. *In*: OCKMAN, Joan; FRAUSTO, Salomon (ed.). **Architourism**: authentic, escapist, exotic, spectacular. Munique: Prestel; Nova Iorque: Columbia University. p. 158-185.
- OCKMAN, Joan. 2012. Introduction. *In*: OCKMAN, Joan; WILLIAMSON, Rebecca (ed.). **Architecture school**: three centuries of educating architects in North America. Cambridge; Londres: The MIT Press. p. 10-32.
- OCKMAN, Joan. 2013. ¿Proyecto o Producto?: crítica de la ideología del proyecto arquitectónico = Project or product?: a critique of the ideology of architectural project. **Materia Arquitectura**, Santiago do Chile, n. 8, p. 58-65; 89-93, diciembre 2013. Disponível em: <<http://materiaarquitectura.com/index.php/MA/issue/view/8>>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- OCKMAN, Joan. 2014. Progressive learning. **The Architectural Review Academic Annual**, Londres, p. 77-79, 2014. Disponível em: <digitalissues.arplus.co.uk/2014/aracademicannual2014/html5/index.html#>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- OCKMAN, Joan. 2017. Slashed. *In*: AXEL, Nick; DELBEKE, Maarten; HEINZE-GREENBERG, Ita; HIRSCH, Nikolaus; STALDER, Laurent; URSPRUNG, Philip; VIDOKLE, Anton (ed.). **History/Theory**. [S.l.]: Institute for the History and Theory of Architecture (GTA); ETH Zürich; e-flux Architecture. October 27, 2017. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/architecture/history-theory/159236/slashed/>>. Acesso em: 8 mar. 2019.
- OCKMAN, Joan; WILLIAMSON, Rebecca (ed.). 2012. **Architecture school**: three centuries of educating architects in North America. Cambridge; Londres: The MIT Press.
- OFFICE FOR URBANIZATION. 2017a. **Airfield manual**: field guide to the transformation of abandoned airports. Cambridge: Harvard GSD.
- OFFICE FOR URBANIZATION. 2017b. **Airfield manual**: the case of the Mendoza Aeroparque. Cambridge: Harvard GSD.
- OFFICE FOR URBANIZATION. 2017b. **South Florida and sea level**: the case of Miami Beach. Cambridge: Harvard GSD. Disponível em: <>. Acesso em:
- O'HALLORAN, Sharyn, CHOW, Matthew; MILLER, Jenna; SUN, Richard. 2013. **Global initiatives at Columbia University**: report and recommendations of the University Senate task force on Global Initiatives. Nova Iorque: Columbia University; Columbia University Senate, January 28, 2013. Disponível em: <http://senate.columbia.edu/archives/reports_archive/12-13/20121204_global_centers_report.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- OLIVEIRA, Fabiana Luci de. 2015. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 51, n. 2, p. 133-143, mai./ago. 2015.
- OLMOS, Susana Acosta. 2004. **Ética e estética no ensino de projeto**. 2004. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUFBA, Salvador, 2004.
- ORTIZ, Renato. 2009. Globalização: notas sobre um debate. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr. 2009.
- PALUMBO, Antonino; SCOTT, Alan. 2018. **Remaking market society**: a critique of social theory and

political economy. Abingdon; Nova Iorque: Routledge.

- PANET, Amélia. 2013. **Permanências e perspectivas no ensino de projeto de arquitetura no Brasil**: uma análise a partir da produção científica dos Seminários UFRGS (1985) e Projetar (2003-2011). 2013. 407 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFRN, Natal.
- PANIZZI, Wrana. 2002. A universidade pública em debate no cenário internacional. **RBEUR**: Revista de Estudos Urbanos e Regionais, São Paulo, v. 4, n. 1-2, p. 17-23, mai./nov. 2002. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/71/55>>. Acesso em: 7 jul. 2018.
- PARNELL, Susan; OLDFIELD, Sophie (ed.). 2014. **The Routledge handbook on cities of the Global South**. Londres; Nova Iorque: Routledge.
- PAULI, Jandir; COSTA, Carlos. 2012. O poder dos vínculos fracos: as estratégias dos conectores na dinâmica do capitalismo em rede. **Análise**: Revista de Administração da PUCRS, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 91-98, jan./abr. 2012.
- PEDROTTI, Gabriel. 2017. **Studio-X Rio se despede do Rio de Janeiro**. Archdaily, 26 set. 2017. Disponível em <<https://www.archdaily.com.br/br/880361/studio-x-rio-se-despede-do-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- PENA-VEGA, Alfredo. 2012. Universidades em rede em um mundo globalizado: sem renunciar à emancipação. *In*: SOUSA JUNIOR, José Geraldo de (org.). **Da universidade necessária à universidade emancipatória**. Brasília: Editora UnB. p. 143-161.
- PERRY, David; WIEWEL, Wim (ed.). 2005. **The university as urban developer**: case studies and analysis. Abingdon; Nova Iorque: Routledge.
- PERRY, David; WIEWEL, Wim (ed.). 2015 [2005]. **The university as urban developer**: case studies and analysis. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policies; Londres; Nova Iorque: Routledge.
- PESTRE, Dominique. 2015. Les savoirs du social. *In*: BONNEUIL, Christophe; PESTRE, Dominique (ed.). **Histoire des sciences et des savoir, 3**: le siècle des technosciences. Paris: Seuil. p. 125-143.
- PICON, Antoine. 2014. A rapidly expanding field. *In*: VILLORIA, Leire Asensio (ed.). **Platform 7**. Cambridge: Harvard GSD; Nova Iorque: Actar D. p. 342.
- PRICE, Cedric. 1966. Potteries Thinkbelt. **New Society**, Londres, n. 192, p. 14-17, 2 June 1966.
- PRONKO, Marcela. 2015. O Banco Mundial no campo internacional da educação. *In*: PEREIRA, João Márcio Mendes; PRONKO, Marcela (org.). **A demolição de direitos**: um exame das políticas do Banco Mundial para a educação e a saúde (1980-2013). Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Fiocruz. p. 89-112.
- PSACHAROPOULOS, George. 1984. **The contribution of education to economic growth**: international comparisons. Washington: World Bank Group. (World Bank reprint series, 320). Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/en/843251487669376366/The-contribution-of-education-to-economic-growth-international-comparisons>>
- RAGIN, Charles. 1994. **Constructing social research**: the unity and diversity of method. Thousand Oaks: Pine Forge Press.
- RESMOVITS, Joy. 2008. Coatsworth outlines international goals in address. **Columbia Daily Spectator**, Nova Iorque, p. 1; 4. March 27, 2008. Disponível em: <<http://spectatorarchive.library.columbia.edu/cgi-bin/imageserver.pl?oid=cs20080327-01&getpdf=true>>. Acesso em: 20 mar. 2019.
- RESMOVITS, Joy; SCHNEIDER, Jacob. 2010. Finding Bollinger. **The Eye**: The Magazine of the Columbia Daily Spectator, Nova Iorque, p.8-14, v. 8, n. 12, 29 April 2010.

- RIBEIRO, Ana Clara Torres. 2009. Cartografia da ação social: região latino-americana e novo desenvolvimento urbano. *In*: POGGIESE, Héctor; EGLER, Tamara Tania Cohen (comp.). **Otro desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática**. Buenos Aires: CLACSO Libros. p. 147-156. (Coleção Campus Virtual)
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. 2012. Homens lentos, opacidades e rugosidades. **Redobra**, Salvador, ano 3, n. 9, p. 58-71, 2012.
- RIBEIRO, Gustavo Ferreira. 2006. Afinal, o que a organização mundial do comércio tem a ver com a educação superior?. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 49, n. 2, p. 137-156, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v49n2/a08v49n2.pdf>>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- RICOEUR, Paul. 1965. **De l'interprétation: essai sur Freud**. Paris: Seuil.
- RIZZO, Agatino. 2016. From petro-urbanism to knowledge megaprojects in the Persian Gulf: Qatar Foundation's Education City. *In*: DATTA, Ayona; SHABAN, Abdul (ed.). **Mega-urbanization in the Global South: fast cities and new urban utopias of the postcolonial state**. Londres: Routledge. p. 100-122.
- ROSS, Andrew. 2009. **Nice work if you can get it: life and labor in precarious times**. Nova Iorque; Londres: New York University Press.
- ROSS, Andrew. 2012. Universities and the urban growth machine. **Dissent Magazine**, Nova Iorque, October 4, 2012. Disponível em: <https://www.dissentmagazine.org/online_articles/universities-and-the-urban-growth-machine>. Acesso em: 5 jul. 2018.
- ROY, Ananya. 2014. Worlding the south: toward a post-colonial urban theory. *In*: PARNELL, Susan; OLDFIELD, Sophie (ed.). **The Routledge handbook on cities of the Global South**. Londres; Nova Iorque: Routledge. p. 9-20.
- ROY, Ananya. 2018 [2011]. Cidades faveladas: repensando o urbanismo subalterno. **e-metropolis: Revista Eletrônica de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 31, p. 6-21, jun. 2018. Disponível em: <<http://emetropolis.net/edicao/n31>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- ROY, Ananya; ONG, Aihwa (ed.). 2011. **Worlding cities: Asian experiments and the art of being global**. Chichester: Wiley-Blackwell.
- SABOIA, Luciana; DERNTL, Maria Fernanda (org.). 2014. **Brasília 50+50: cidade, história e projeto**. Brasília: Editora UnB.
- SALMI, Jamil. 1991. **The higher education crisis in developing countries**. Washington: The International Bank for Reconstruction and Development; The World Bank, May 1991.
- SALMI, Jamil. 2009. **The challenge of establishing World-Class Universities**. Washington: The International Bank for Reconstruction and Development; The World Bank.
- SAMIER, Eugenie. 2002. Weber on education and its administration prospects for leadership in a rationalized world. **Educational Management & Administration**, Londres, v. 30, n. 1, p. 27-45, jan./mar. 2002.
- SANTOS, Milton. 2006 [2000]. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 13. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record.
- SANTOS, Milton. 2009 [1990]. **Metrópole corporativa e fragmentada: o caso de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: Edusp. (Coleção Milton Santos, 17).
- SANTOS, Milton. 2017 [1996]. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 9. reimp. São Paulo: Edusp. (Coleção Milton Santos, 1).
- SARKIS, Hashim. 2012. Architecture and the (Research) University. *In*: MOSTAFAVI, Mohsen;

- CHRISTENSEN, Peter (ed.). 2012. **Instigations**: engaging architecture, landscape, and the city. GSD075; Harvard University Graduate School of Design. Zurique; Lars Müller; Cambridge: Harvard College. p. 142-145.
- SASSEN, Saskia. 1991. **The global city**: New York, London, Tokyo. Princeton; Oxford: Princeton University Press.
- SASSEN, Saskia. 1998 [1994]. **As cidades na economia mundial**. São Paulo: Studio Nobel.
- SASSEN, Saskia (ed.). 2002. **Global networks linked cities**. Nova Iorque; Londres; Routledge; The United Nations University.
- SASSEN, Saskia. 2006. **Territory, authority, rights**: from medieval to global arrangements. Princeton; Oxford: Princeton University Press.
- SASSEN, Saskia. 2007. **A sociology of globalization**. Nova Iorque; Londres: W. W. Norton & Company.
- SASSEN, Saskia. 2019 [2018]. Nas profundezas da cidade global. **Plot**, Buenos Aires, n. 47, p. 180-183, mar./abr. 2019.
- SAUNDERS, William (ed.). 2007. **The new architectural pragmatism**. Mineápolis: The University of Minnesota Press. (Série Harvard Design Magazine Reader, 5).
- SCHÖN, Donald. 1985. **The design studio**: an exploration of its traditions and potentials. Londres: RIBA Publications.
- SCHUMACHER, Patrik. 2016. **Where is the architecture?**: appraisal of the Venice Architecture Biennale 2016. Patrik Schumacher [endereço eletrônico]. June 2016. Disponível em: <https://www.patrikschumacher.com/Texts/Where%20is%20Architecture_Appraisal%20of%20the%20Venice%20Architecture%20Biennale%202016.html>. Acesso em: 8 jul. 2019.
- SCHWARTZ, Gilson. 2010. Arranjos Comunicativos Locais (ACLs) e Desenvolvimento Humano. In: DOWBOR, Ladislau; POCHMANN, Marcio (org.). Políticas para o desenvolvimento local [completar]
- SCHWARTZMAN, Simon. 2010. Changing universities and academic outreach.
- SCHWARZ, Emily. 2004. From down under to CU, Wigley aims high. **Columbia Daily Spectator**, Nova Iorque, v. CXXVIII, n. 86, p. 1; 5, 23 September 2004.
- SCHÖN, Donald. 2000 [1983]. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- SCOTT, Anthony Oliver. 2018 [2016]. Como estar errado. **Serrote**, São Paulo, n. 29, jul. 2018.
- SCOTT, Felicity D. 2004. On the “counter-design” of institutions: Emilio Ambasz’s Universitas Symposium at MoMA. **Grey Room**, Cambridge, n. 14, p. 46-77, Winter 2004.
- SCOTT, Felicity D. 2016. **Outlaw territories**: environments of insecurity/ architectures of counterinsurgency. Nova Iorque: Zero Books.
- SCOTT, Felicity D. 2017. Arquitetura como uma tecnologia política = Architecture as a political technology. In: TONETTI, Ana Carolina; NOBRE, Ligia V.; MARIOTTI, Gilberto; BAROSSO, Joana (ed.). **Contracondutas**: ação político-pedagógica = **Counter-conducts**: political-pedagogical action. São Paulo: Editora da Cidade. p. 47-87.
- SCOTT, Felicity D.; DÍAZ, Francisco. 2019. Advertencias desde la tierra de la libertad = Cautionary tales from the land of freedom. [Entrevista]. **ARQ**, Santiago do Chile, n. 101, p. 12-27, abr. 2019.
- SERAPIÃO, Fernando. 2012. A guerrilheira urbana = The urban guerrilla fighter. **Monolito**, São Paulo, n. 7, p. 18-37, fev./mar. 2012.
- SERAPIÃO, Fernando. 2016a. Linking the formal and the informal: favela urbanisation and social

- housing in São Paulo. **Architectural Design**, Londres, v. 86, n. 3, p. 70-79, May/June 2016.
- SERAPIÃO, Fernando. 2016b. Um balanço da produção arquitetônica no Brasil e no exterior em 2015. **Folha de São Paulo**, São Paulo, Ilustríssima, 17 jan. 2016. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/01/1729907-um-balanco-da-producao-arquitetonica-no-brasil-e-no-exterior-em-2015.shtml>>. Acesso em: 17 jun. 2019.
- SERRANO-VELARDE, Kathia. 2013. Benchmarking for the greater good?: the 'new investment paradigm' in European higher education. In: DU GAY, Paul; MORGAN, Glenn (Ed.). **New spirits of capitalism?: crises, justifications, and dynamics**. Oxford: Oxford University Press. p. 251-273.
- SHIN, Jung Cheol; KEHM, Barbara M. (ed.). 2013. **Institutionalization of World-Class University in global competition**. Dordrecht: Springer.
- SIGAHÍ, Tiago Fonseca Albuquerque Cavalcanti; SALTORATO, Patrícia. 2018. A emergência da universidade operacional: redes, liquidez e capitalismo acadêmico. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 39, n. 144, p. 522-546, jul./set. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v39n144/1678-4626-es-es0101-73302018187694.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2019.
- SILVESTRI, Gabriel; JAJAMOVICH, Guillermo (coord.). 2019. circulação de conhecimento e políticas urbanas na América Latina: um balanço da experiência recente e os caminhos frente à onda conservadora. In: **Anais do XVIII Encontro Nacional da ANPUR**, Natal, 2018. Disponível em: <<http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf-sl.php?reqid=47>>. Acesso em: 2 dez. 2019.
- SILVETTI, Jorge. 2011. Collaborations between a school and a continent. [Entrevista]. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 34, p. 200-209, Fall/Winter 2011.
- SILVETTI, Jorge; NAGINSKI, Erika. 2017. **Sounds, paths, ruins: imagining architecture in Candelaria**. Studio Report. Spring 2014/15/16. Cambridge: Harvard University Graduate School of Design. Disponível em: <https://issuu.com/gsdharvard/docs/pathssoundsruins_8e364d63de3184>. Acesso em: 27 jun. 2019.
- SLAUGHTER, Sheila; RHOADES, Gary. 2004. **Academic capitalism and the new economy: markets, state, and higher education**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- SMART, Barry. 2016. Military-industrial complexities, university research and neoliberal economy. **Journal of Sociology**, v. 52, n. 3, p. 455-481.
- SOJA, Edward. 2000. **Postmetropolis: critical studies of cities and regions**. Oxford; Malden: Blackwell.
- SORDI, Jeannete. 2017. **Más allá del Urbanismo: de Paisaje a Ecología – genealogía de una teoría**. Santiago do Chile: Sa Cabana; LISt Lab.
- SORKIN, Michael (ed.). 1992. **Variations on a theme park: the new American city and the end of public space**. Nova Iorque: Hill and Wang.
- SORKIN, Michael. 2014. Critical measure: why criticism matters. **The Architectural Review**, Londres, v. CCXXXV, n. 1.408, p. 91-99, June 2014.
- SORKIN, Michael; CALISTO, Ana María Durán; ATTWICKER, Matthias (ed.). 2015. **Beyond Petropolis: designing a practical utopia in Nueva Loja**. Hong Kong: Oscar Riera Ojeda Publishers.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. 2000 [1995]. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez.
- SOUSA SANTOS, Boaventura de. 2010 [2004]. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez. (Coleção Questões da Nossa Época, 11).
- SOUSA SANTOS, Boaventura de; ALMEIDA FILHO, Naomar de. 2008. **A universidade no século**

- XXI:** para uma Universidade Nova. Coimbra: Almedina.
- SPENCER, Douglas. 2011. Architectural deleuzism: neoliberal space, control and the 'univer-city'. **Radical Philosophy**, Londres, n. 168, p. 9-21, July/August 2011.
- SPENCER, Douglas. 2012. Investing in the ground: reflections on scarcity, remediation and obdurate form. **Architectural Design**, Londres, v. 82, n. 4, p. 82-87, July/August 2012. AD Profile 218.
- SPENCER, Douglas. 2014. The new phantasmagoria: transcoding the violence of financial capitalism. In: LAHIJI, Nadir (ed.). **The missed encounter of radical philosophy and architecture**. Londres: Bloomsbury. p. 79-93.
- SPENCER, Douglas. 2016. **The architecture of neoliberalism:** how contemporary architecture became an instrument of control and compliance. Londres; Nova Iorque: Bloomsbury.
- STALLIVIERI, Luciane. 2017. Compreendendo a internacionalização da educação superior. **Revista de Educação do Cogeime**, São Paulo, ano 26, n. 50, jan./jun. 2017.
- STANEK, Łukasz. 2008. Lessons from Nanterre. **Log**, Nova Iorque, n. 13-14, p. 59-67, Fall 2008.
- STANEK, Łukasz. 2011. **Henri Lefebvre on space:** architecture, urban research, and the production of theory. Mineápolis: The University of Minnesota Press.
- STEVENS, Garry. 2003 [1998]. **O círculo privilegiado:** fundamentos sociais da distinção arquitetônica. Brasília: Editora UnB.
- SUNWOO, Irene. 2009. Pedagogy's progress: Alvin Boyarsky's International Institute of Design. **Grey Room**, Cambridge, n. 3, p. 28-57, Winter 2009.
- SUNWOO, Irene. 2013. **Between the 'well-laid table' and the 'marketplace':** Alvin Boyarsky's experiments in architectural pedagogy. 2013. 543 f. Dissertation (Ph.D. Thesis)-School of Architecture; Princeton University, Princeton.
- SUSEN, Simon. 2016. Towards a critical sociology of dominant ideologies: an unexpected reunion between Pierre Bourdieu and Luc Boltanski. **Cultural Sociology**, Durham, v. 10, n. 2, p. 195-256, June 2016. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1749975515593098>>. Acesso em: 7 abr. 2019.
- SUSEN, Simon. 2017 [2014]. Reflexões sobre a ideologia: as lições de Pierre Bourdieu e Luc Boltanski. **Perspectivas:** Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 49, p. 101-137, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/10983/7119>>. Acesso em: 6 abr. 2019.
- SUSEN, Simon; TURNER, Bryan (ed.). 2014. **The spirit of Luc Boltanski:** essays on the 'Pragmatic Sociology of Critique'. Londres; Nova Iorque; Deli: Anthem.
- SZREDER, Kuba. 2016. How to radicalize a mouse?: notes on radical opportunism. In: DOCKX, Nicco; GIELEN, Pascal (ed.). **Mobile autonomy:** exercises in artists' self-organization. Amsterdã: Valiz.
- SZREDER, Kuba. 2016. In circulation: structural opportunism as a method of organizing work and life of the participants of artistic circulation. **CzasKultury**, Posnânia, n. 3, 2016. Disponível em: <http://czaskultury.pl/en/wp-content/uploads/2017/02/KSzreder_InCirculation_CzasKultury_3_2016.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2019.
- TALONE, Vittorio da Gamma. 2018. Archer, Boltanski e Lahire: partindo com a teoria social de Bourdieu. [Resenha]. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 33, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/22213/20275>>. Acesso em: 9 jan. 2019.
- TAVARES, Maria Cecília; PRATSCHKE, Anja. 2012. Internacionalização no ensino de Arquitetura e

- Urbanismo: uma proposta revolucionária. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO. 2., 2012, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: UFRN, 2012. 1 CD-ROM. Disponível em: <<https://www.anparq.org.br/dvd-enparq-2/pdf/C147%20TAVARES%20PRATSCHKE.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2018.
- TAVARES, Maria Cecília. 2015. **Formação em Arquitetura e Urbanismo para o século XXI:** uma revisão necessária. 2015. 327 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo do IAU-USP, São Carlos, 2015.
- TENORIO, Maurício. 2014. Como escrever hoje a história das ideias e dos intelectuais de uma perspectiva comparativa, transnacional?. In: MAIA, João Marcelo Ehlert; PINHEIRO, Claudia Costa; HOLLANDA, Bernardo Buarque; BOMENY, Helena (org.). *Ateliê do pensamento social: ideias em perspectiva global*. Rio de Janeiro: Editora FGV. p. 29-56.
- THE EDU-FACTORY COLLECTIVE. 2009. **Towards a global autonomous university**. Nova Iorque: Autonomedia.
- THE SOUTH AMERICA PROJECT. 2013. **The IIRSA Workshops**. Portfolio of Projects. Spring 2012-Fall 2013. [S.l.]: [s.n.]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/sapnetworkmaterial/portfolio>>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- THE WORLD BANK. 1992. **Governance and development**. Washington: The World Bank. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/pt/604951468739447676/pdf/multi-page.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2018.
- THE WORLD BANK. 1994. **Higher education: the lessons from experience**. Washington: The World Bank.
- THÉVENOT, Laurent; MOODY, Michael; LAFAYE, Claudette. 2000. Forms of valuing nature: arguments and modes of justification in French and American environmental disputes. In: LAMONT, Michèle; THÉVENOT, Laurent (ed.). **Rethinking comparative cultural sociology: repertoires of evaluation in France and the United States**. Cambridge: Cambridge University Press. p. 229–272.
- THIENGO, Lara Carlette; BIANCHETTI, Lucídio; DE MARI, Cezar Luiz. 2018. A obsessão pela excelência: Universidades de Classe Mundial no Brasil?. **RIESup: Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 4, n. 3, p. 716-745, set./dez. 2018.
- TOJO, José Fariña. 2018. Proemio: Las ciudades como mecanismos de control del territorio. In: CORREA, Felipe. **Asentamientos extractivos en América del Sur: un urbanismo más allá de la ciudad**. Barcelona: Reverté. p. 7-9. (Coleção Estudios Universitarios de Arquitectura, 31).
- TROUCHE, Dominique; COURBIÈRES, Caroline (ed.). 2014. La recherche sur projet en sciences humaines et sociales: lieux, stratégies et contenus. **Sciences de la Société**, Toulouse, n. 93, 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/sds/2280>>. Acesso em: 14 mai. 2019.
- TSCHUMI, Bernard; DAVIDSON, Cynthia. 2003. The exit interview. **Log**, Nova Iorque, n. 1, p. 141-147, Fall 2003.
- UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. 2012. **Rio de Janeiro Waterfront Development & Design**. Redesigning and Redeveloping the Northern Waterfront in Rio de Janeiro. Department of City Planning. Filadélfia: UPenn.
- UNIVERSITY OF PENNSYLVANIA. 2015. **São Paulo Innovation District**. São Paulo Studio Spring 2015. University of Pennsylvania School of Design. Department of City and Regional Planning. Filadélfia: UPenn.
- VAINER, Carlos. 2014. Disseminating ‘best practice’?: the coloniality of urban knowledge and city models. In: PARNELL, Susan; OLDFIELD, Sophie (ed.). **The Routledge handbook on cities of the Global South**. Londres; Nova Iorque: Routledge. p. 48-56.

- VALENZUELA-MONTE, Luis Miguel; SILVA, Juliana Carvalho-Cortes. (2015) Observatorios urbanos en América Latina: ¿observar o participar?. **Economía, Sociedad y Territorio**, v. XV, n. 49, p. 779-806, 2015.
- VANDENBERGHE, Frédéric. 2006. Construção e crítica na nova sociologia francesa. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 315-366. mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v21n2/a03v21n2.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018.
- VANDENBERGHE, Frédéric. 2016. Os pós-bourdieuianos: retrato de uma família disfuncional. *In*: VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François (org.). 2016. **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieuiana. Rio de Janeiro: 7Letras. p. 27-36.
- VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François (org.). 2016. **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieuiana. Rio de Janeiro: 7Letras.
- VARLEY, Ann. 2013. Postcolonising informality?. **Environment and Planning D: Society and Space**, Londres, v. 31, n. 1, p. 4-22, February 2013.
- VENTURI, SCOTT BROWN & ASSOCIATES (ed.). 1992. **Venturi, Scott Brown and Associates**: on houses and housing. Londres: Academy Editions; Nova Iorque: St. Martin's Press.
- VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. 2003 [1972; 1977]. **Aprendendo com Las Vegas**: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica. São Paulo: Cosac Naify.
- VENTURI, Robert; SCOTT BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. 2017 [1972]. **Learning from Las Vegas**. [Edição fac-similar]. Cambridge: The MIT Press.
- VÉRAN, Jean-François; CORRÊA, Diogo. 2016. A “justificação” como modelo político de regulação: reflexão a partir do contexto brasileiro. *In*: VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François (org.). **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieuiana. Rio de Janeiro: 7Letras. p. 193-211.
- VÉRAN, Jean-François; VANDENBERGHE, Frédéric. 2016. Novas sociologias: um exercício da teoria comparativa. *In*: VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François (org.). **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieuiana. Rio de Janeiro: 7Letras. p. 9-25.
- VIANNA, Rachel de Sousa; LARANJEIRA, Delzi Alves (org.). 2018. **Internacionalização do ensino superior**: concepções e experiências. Belo Horizonte: FAPEMIG; EdUEMG.
- VIDLER, Anthony. 2006. *Terres Inconnues*: cartographies of a landscape to be invented. **October**, Cambridge, n. 115, p. 13-30, Winter 2006.
- VIÑA, Gonzalo; GORDON, Sarah. 2016. £1.25bn expansion leaves UCL straining at the edges. **Financial Times**, Londres, June 10, 2016. Disponível em: <<https://www.ft.com/content/5c577d1e-2f17-11e6-a18d-a96ab29e3c95>>. Acesso em: 25 mar. 2019.
- VIOR, Susana; CERRUTI, María Betania Oreja. 2015. O Banco Mundial e a sua influência na definição de políticas educacionais na América Latina (1980-2012). *In*: PEREIRA, João Márcio Mendes; PRONKO, Marcela (org.). **A demolição de direitos**: um exame das políticas do Banco Mundial para a educação e a saúde (1980-2013). Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Fiocruz. p. 113-151.
- WALDHEIM, Charles (ed.). 2006a. **The Landscape Urbanism reader**. Nova Iorque: Princeton Architectural Press.
- WALDHEIM, Charles. 2006b. Landscape as Urbanism. *In*: WALDHEIM, Charles (ed.). **The Landscape Urbanism reader**. Nova Iorque: Princeton Architectural Press. p. 35-53.
- WALDHEIM, Charles. 2016. **Landscape as Urbanism**: a general theory. Princeton; Oxford: Princeton University Press.
- WALDHEIM, Charles; INGALLS, Julia. 2016. **Come rain or shine**: reviving collective urban form with

- the GSD's Office for Urbanization. Archinect. Features, September 16th, 2016. Disponível em: <<https://archinect.com/features/article/149964898/come-rain-or-shine-reviving-collective-urban-form-with-the-gsd-s-office-for-urbanization>>. Acesso em: 30 jun. 2018.
- WAKELY, Patrick. 1983. The development of a school: an account of the Department of Development and Tropical Studies of the Architectural Association. **Habitat International**, Oxford, v. 7, n. 5-6, p. 337-346, 1983.
- WAKELY, Patrick; LEVY, Caren; YEP, Christopher. 2014. **Sixty years of urban development: a short history of the Development Planning Unit**. Londres: UCL; The Bartlett-DPU.
- WARD, David. 2005. Universities as Global Institutions. Speech at the University of Manchester, 19 October.
- WATSON, Joseph M. 2012. Aid, capital, and the humanitarian trap. **Thresholds: Journal of the MIT Department of Architecture**, Cambridge, n. 40, 2012, p. 237-244.
- WEBER, Max. 2008. **Max Weber's complete writings on academic and political vocations**. Nova Iorque: Algora.
- WERNECK Alexandre. 2016. A força das circunstâncias: sobre a metapragmática das situações. In: VANDENBERGHE, Frédéric; VÉRAN, Jean-François (org.). **Além do habitus: teoria social pós-bourdieuiana**. Rio de Janeiro: 7Letras. p. 155-192.
- WIEWEL, Wim; PERRY, David (ed.). 2008. **Global universities and urban development: case studies and analysis**. Cambridge: Lincoln Institute of Land Policies; Armonk; Londres: M.E. Sharpe.
- WIGLEY, Mark. 1991. Prosthetic theory: the disciplining of Architecture. **Assemblage**, Cambridge, n. 15, p. 6-29, Aug. 1991.
- WIGLEY, Mark. 1998. Whatever happened to total design?. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 5, Summer 1998. Disponível em: <<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/5/whatever-happened-to-total-design>>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- WIGLEY, Mark. 2001. Network fever. **Grey Room**, Cambridge, n. 4, p. 82-122, Summer 2001.
- WIGLEY, Mark. 2007. The architectural brain. In: BURKE, Anthony; TIERNEY, Theresa (ed.). **Network practices: new strategies in architecture and design**. Nova Iorque: Princeton Architectural Press. p. 30- 52.
- WIGLEY, Mark. 2009. Studio-X. In: MARBLE, Scott (ed.). **Abstract 2008/2009**. Nova Iorque: Columbia GSAPP. p. 222-225.
- WIGLEY, Mark. 2010. Afterword. In: BROWNING, Gavin (ed.). **The Studio-X NY guide to liberating new forms of conversation**. Nova Iorque: GSAPP Books. p. 187-189.
- WIGLEY, Mark. 2014. The education of breathing. In: SPILLER, Neil; CLEAR, Nic (ed.). **Educating architects: how tomorrow's practitioners will learn today**. Londres; Nova Iorque: Thames and Hudson. p. 220-227.
- WIGLEY, Mark; CHEN, Michael. 2014. Mark Wigley. [Entrevista]. **Surface Magazine**, Nova Iorque, n. 108, p. 152-157, May 2014.
- WIGLEY, Mark; ŁYŚ-DOBRAĐIN, Malwina E. 2013. Studio-X Global introduction. In: MARBLE, Scott; GERSHON, Tanya (ed.). **Abstract 12/13**. Nova Iorque: Columbia GSAPP. Disponível em: <<http://abstract20122013.gsapp.org/studio-x-global-introduction-2/>>. Acesso em: 6 dez. 2019.
- WIGLEY, Mark; HARTOONIAN, Gevork. 2002. An interview with Mark Wigley. **Architectural Theory Review**, Sydney, v. 7, n. 1, p. 89-102, 2002.
- WILKINS, Stephen; HUISMAN, Jeroen. 2012. The international branch campus as transnational strategy in higher education. **Higher Education: The International Journal of Higher Education Research**,

- Holanda, v. 64, n. 5, p. 627–645, nov. 2012.
- WILSON, Japhy. 2018a. Amazon unbound: utopian dialectics of planetary urbanization. *In*: KNIERBIN, Sabine; VIDERMAN, Tihomir (ed.). **Public space unbound: urban emancipation and the post-political condition**. Londres; Nova Iorque: Routledge.
- WILSON, Japhy. 2018b. The eco-city that didn't exist. **Harvard Design Magazine**, Cambridge, n. 45, Spring/Summer 2018. Disponível em: <<http://www.harvarddesignmagazine.org/issues/45/the-eco-city-that-didnt-exist>>. Acesso em: 6 jul. 2019.
- WINLING, LaDale. 2017. **Building the ivory tower: universities and metropolitan development in the twentieth century**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.
- WISNIK, Guilherme. 2018. **Dentro do neoveiro: arquitetura, arte e tecnologia contemporâneas**. São Paulo: Ubu.
- YARINA, Elizabeth. 2017. How architecture became capitalism's handmaiden: architecture as alibi for the high line's neoliberal space of capital accumulation. **Architecture and Culture**, Londres, v. 5, n. 2, p. 241-263, July 2017. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/20507828.2017.1325263>>. Acesso em: 18 abr. 2018.
- YLIJOKI, Oili-Helena. 2015. Conquered by project time?: conflicting temporalities in university research. *In*: GIBBS, Paul; YLIJOKI, Oili-Helena; GUZMÁN-VALENZUELA, Carolina; BARNETT, Ronald (ed.). **Universities in the flux of time: an exploration of time and temporality in university life**. Londres; Nova Iorque: Routledge. p. 94-107.
- ZAMPAGLIONE, Giuseppe; KAPIL, Natasha; GYURIS, Vivien; HRKAC, Vladimir; GRAWE, Roger W. 2004. **Improving competitiveness through a knowledge-based economy**. Washington: World Bank. Disponível em: <<http://documents.worldbank.org/curated/en/416611468160507954/Improving-competitiveness-through-a-knowledge-based-economy>>. Acesso em:

APÊNDICES

Apêndice A

Painel Harvard GSD no Brasil e na América Latina / Brasil e América Latina na Harvard GSD

Apêndice B

Painel Columbia GSAPP no Brasil e na América Latina / Brasil e América Latina na Columbia GSAPP

Apêndice C

Painel The Bartlett DPU no Brasil e na América Latina / Brasil e América Latina na The Bartlett DPU

